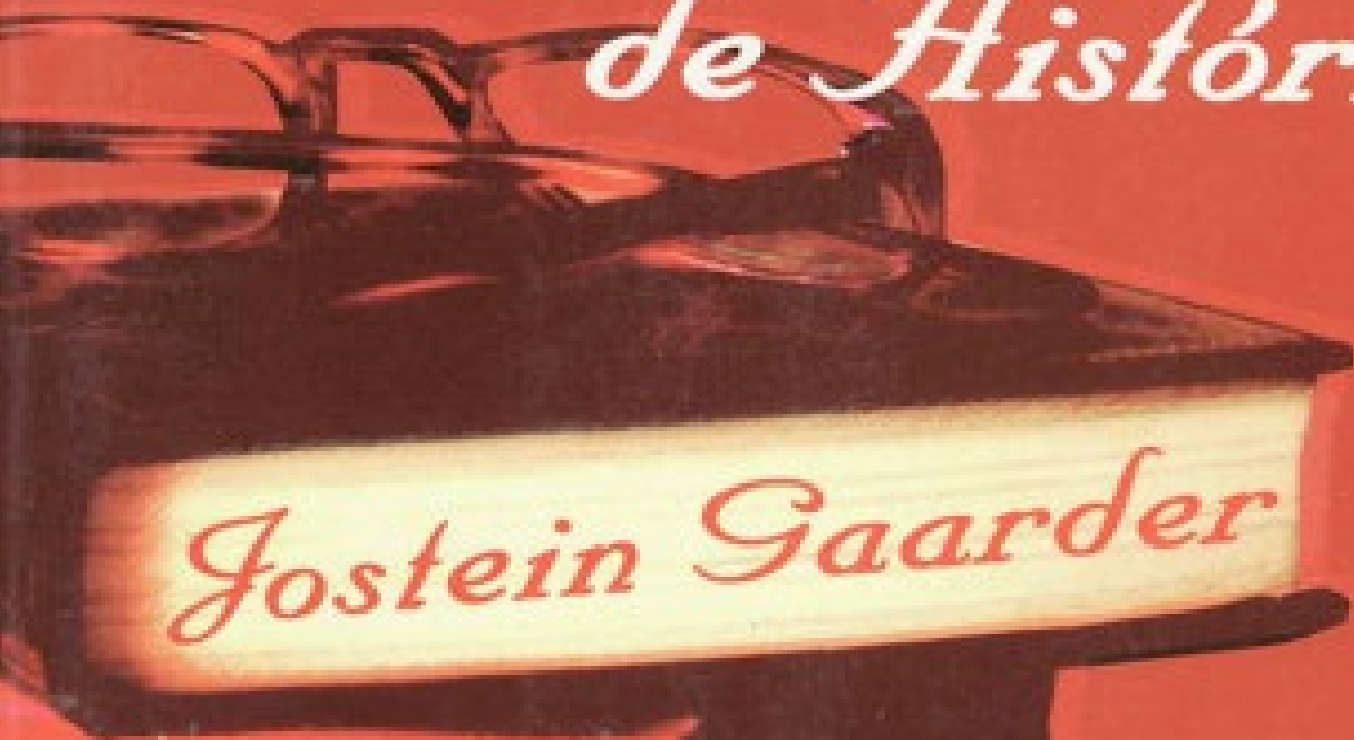


O Vendedor de Histórias



Jostein Gaarder



EDITORIAL  PRESENÇA

O Vendedor de Histórias



Jostein Gaarder

EDITORIAL  PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



GRANDES NARRATIVAS

Jostein Gaarder volta a surpreender os seu leitores, os mais de vinte e cinco milhões de leitores rendidos ao extraordinário *bestseller* que foi *O Mundo de Sofia*, com uma nova e encantadora criação literária – *O Vendedor de Histórias*. Numa reflexão satírica sobre aqueles que aspiram a tornar-se escritores sem que de facto tenham algo a dizer aos outros, Gaarder cria uma personagem fascinante, Petter, a *Aranha*, alguém que possui uma imaginação absolutamente genial, tão exuberante e prodigiosa que transborda para fora de si próprio: «Estava sempre a conceber ideias novas. Sopravam-me pela nuca, manifestavam-se como borboletas a revoltear no meu estômago, doíam-me como feridas abertas. Sangrava histórias e contos, o cérebro bullia de ideias novas, era como se uma lava vermelha saísse em rios ardentes de uma qualquer cratera do interior de mim.» Quando Petter descobre que pode viver exclusivamente da venda das centenas de enredos que foi inventando desde a adolescência a escritores com défice de imaginação, inicia um negócio que floresce, insuspeito, ao longo dos anos. Até ao dia em que, na Feira Internacional de Literatura Infantil e Juvenil de Bolonha, Petter é advertido de que a sua vida corre perigo. Tornara-se uma eminência parda do mundo literário e agora tinha sido descoberto. Num velho hotel à beira-mar, após uma fuga precipitada de Bolonha, aquele norueguês misterioso, para quem o mundo era um lugar onírico e enfeitado, sente-se apanhado na sua própria teia – a vida urdira para ele o mais improvável de todos os enredos.



EDITORIAL  PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

O VENDEDOR DE HISTÓRIAS

Tradução de Saul Barata

FICHA TÉCNICA

Título original: *Sirkusdirektorens Datter*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Saul Barata*

Capa: *Oficina da Imagem*

Fotocomposição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1ª edição, Lisboa, Março, 2003

«[...] creio que se chegou a um extremo — em sentido intelectual, entenda-se — em que poderíamos ser levados a decretar uma pequena pausa cultural para descansarmos sobre aquilo que já conseguimos, isto é, para ser digerido tudo o que fomos ingerindo.»

JOHAX E. MELLBYE, deputado ao Parlamento Norueguês pelo Partido Agrário, em 2 de Maio de 1927

«Desligarmo-nos do mundo dos meios de comunicação de massas e dos que orientam a cultura é como entrar num mundo mágico. É como retroceder para a realidade.»

HAVARD SIMENSEN, homem de leis e articulista do jornal *Aftenpost*, em 18 de Agosto de 2001

Sinto a cabeça fervendo. Estou cheio de centenas de idéias novas que emergem sem cessar do meu subconsciente.

Em certa medida, talvez seja possível controlar os pensamentos, mas dificilmente conseguiremos deixar de pensar. Tenho o espírito transbordante de idéias divertidas, embora não consiga conservá-las por estarem sempre a ser afastadas pelas novas idéias que vão surgindo. Nem consigo estabelecer a distinção entre uma idéia e a outra que se segue.

Raramente consigo recordar-me do que pensei. Antes de poder refletir sobre uma idéia, acontece quase sempre que ela se funde com uma outra, transformando-se numa idéia ainda melhor, mas também esta é tão fugaz que tenho de lutar para salvá-la da torrente vulcânica de pensamento que flui sem cessar...

A minha cabeça está, mais uma vez, saturada de vozes. Sinto-me perseguido por um enxame de almas excitadas que utilizam as células do meu cérebro para conversarem entre si. Não disponho de serenidade suficiente para alojar todas, de modo que sou obrigado a livrar-me de algumas. Tenho um excesso considerável de pensamentos, pelo que necessito de me sentir vazio de vez em quando. Necessito de, a intervalos regulares, me sentar, armado de papel e caneta, para despejar o baú das idéias...

Quando acordei, há algumas horas, tive a noção de que elaborara a frase mais adequada para explicar a existência. Agora já não tenho bem a certeza, mas, de qualquer forma, esse aforismo virginal conseguiu um lugar de destaque no meu bloco de anotações. Estou convencido de que o poderei trocar por um bom jantar. Se conseguir vendê-lo a alguém já famoso, talvez consiga entrar diretamente no próximo Livro de Frases do Ano.

Por fim, acabei por decidir o que quero ser. Continuarei a fazer aquilo que sempre fiz; contudo, a partir de agora vou viver disso. Não sinto a necessidade de ser famoso, o que é um ponto de partida interessante, mas poderei chegar a ser muito rico.

Sinto uma certa nostalgia ao folhear este velho diário. As citações anteriores estão

datadas de 10 e 12 de Dezembro de 1971, quando eu tinha dezenove anos. Grávida de três ou quatro semanas, Maria tinha partido pouco tempo antes para Estocolmo. Nos anos seguintes encontramos-nos algumas vezes, mas fazem agora vinte e seis anos que nos vimos pela última vez. Não sei onde mora, nem sequer sei se ainda é viva.

Ela deveria ver-me agora. Para fugir de tudo, tive de saltar para um avião que partiu logo pela manhã. No final, gerou-se um equilíbrio, pois a pressão exterior igualou a pressão interior. Estou a pensar com muito maior clareza. Se agir com prudência, é provável que possa viver aqui durante algumas semanas, antes que o cerco se feche à minha volta para sempre.

Sinto-me contente por ter conseguido escapar são e salvo da Feira do Livro. Seguiram-me até o aeroporto, mas creio que não conseguiram descobrir qual era o meu vôo. Fiquei com o primeiro lugar vago que me permitia sair de Bolonha.

— O senhor não sabe para onde quer ir? — perguntou a funcionária. Acenei que não.

— Só quero sair daqui no primeiro avião — disse. A jovem fez uma cara de espanto, antes de desatar às gargalhadas.

— Não nos aparecem muitos passageiros como o senhor, mas acho que teremos muitos mais no futuro — sentenciou. E, ao dar-me o bilhete, acrescentou: — Boas férias! Com certeza que as mereceu!

Se ela soubesse... Se soubesse aquilo que eu merecia...

Vinte minutos depois do meu avião ter levantado vôo, saiu outro, para Frankfurt. Eu não ia nesse avião. Convenci-me de que pensariam que eu iria direto para casa, que ia a caminho de Oslo, de rabo metido entre as pernas. Porém, para quem vai com o rabo entre as pernas nem sempre é sensato escolher o caminho mais curto para casa.

Encontrei alojamento num velho hotel situado junto à costa. Estou sentado a olhar para o mar. Mais abaixo, no promontório que entra pelas águas, vê-se uma velha torre mourisca. Observo os pescadores nas suas barcas pintadas de azul. Alguns ainda se encontram na baía, a recolher as redes, outros dirigem-se para o molhe, para descarregarem a captura do dia.

O chão é de mosaico. Sinto a cerâmica fria de encontro às plantas dos pés. Calcei três pares de meias mas nem assim consigo livrar-me do frio dos mosaicos gelados. Se a situação não melhorar rapidamente, tiro a colcha da cama, que é enorme, e dobro-a de maneira a usá-la como apoio para os pés.

Foi um puro acaso que me levou a ficar aqui. Aquele primeiro avião saído de Bolonha poderia ter Londres ou Paris como destino. Contudo, considero ainda mais significativo o fato de estar a escrever, sentado na mesma velha escrivaninha onde, há muito tempo, outro norueguês — também ele uma espécie de exilado — se sentou e escreveu. Encontro-me numa das primeiras localidades da Europa onde se começou a fabricar papel. As ruínas das velhas moendas ainda se vêem como pérolas ao longo do vale. Não deixarei de visitá-las, embora deva passar a maior parte do tempo no hotel. Escolhi o regime de pensão completa.

É pouco provável que por estas bandas haja quem tivesse ouvido falar da *Aranha*. Aqui gira tudo em volta do turismo e da produção de limões, mas, por sorte, estamos na época baixa. Vê-se um ou outro turista que passeia à beira-mar, mas a época de banhos ainda vem longe e os limões ainda vão precisar amadurecer durante mais umas semanas.

Disponho de telefone no quarto, embora não tenha amigos em quem confiar, pois não ficou nenhum depois que Maria partiu. Além do mais, não sou uma pessoa simpática, nem se poderá afirmar que sou um homem de bem, mas, mesmo assim, tenho um conhecido que não deseja a minha morte. Disse-me que tinha visto um artigo no *Corriere della Sera* e, depois disso, tudo pareceu começar a desmoronar. Foi então que decidi partir no dia seguinte, logo que amanhecesse. Enquanto o avião voava para o sul, tive tempo para rever os acontecimentos. Sou a única pessoa que conhece o verdadeiro alcance das minhas atividades.

Decidi-me a contar tudo. Escrevo para me entender a mim mesmo e escreverei com toda a honestidade de que for capaz. Tal não significa que eu seja pessoa em quem se possa confiar quando escrevo sobre a minha própria vida e sobre a minha obra, sobre a forma como naufraguei ainda antes de me fazer ao mar.

Enquanto estou sentado, a pensar, há um homenzinho que passeia pelo quarto. Não mede mais de um metro, embora se trate de um adulto. Veste um terno cinzento-escuro, sapatos pretos de pelica, chapéu de feltro verde, com bico, e agita uma pequena bengala de bambu. De vez em quando me aponta a bengala, a querer dizer-me que tenho de me apressar e de começar a narrativa da minha história.

Foi o homenzinho de chapéu de feltro quem me pressionou para que conte tudo aquilo que conseguir recordar.

Depois que minhas memórias estiverem publicadas, será certamente mais difícil matarem-me. O simples rumor de que as memórias estão a ser escritas será suficiente para desarmar o mais ousado. Vou encarregar-me pessoalmente da difusão de tais rumores.

Já tenho uns quantos cassetes guardados no cofre de um banco. Pronto, está dito, só não digo o nome do banco, mas mantenho os meus assuntos em ordem. Recolhi cerca de cem vozes nos cassetes, o que significa a existência de igual número de pessoas que têm razões para estarem dispostas a assassinar-me. Algumas me ameaçaram sem rodeios, está tudo registrado nos cassetes, numeradas de I a XXXVIII. Além disso, inventei um índice engenhoso que permite a rebobinagem do cassete para ouvir uma determinada voz. Fui prudente, alguns dirão astuto. Tenho a certeza de que foram os rumores acerca dos cassetes que me mantiveram vivo durante estes anos mais recentes. Acrescentadas com as presentes anotações, essas pequenas maravilhas terão ainda mais valor.

Não pretendo dizer que as minhas confissões me vão servir de salvo-conduto; os cassetes tampouco. Imagino que irei para a América do Sul ou para qualquer lugar do Oriente. No momento, limito-me a sonhar com uma ilha no Pacífico. De qualquer maneira, estou isolado, como sempre estive. Parece-me mais triste viver isolado no seio de uma grande cidade do que numa pequena ilha do Pacífico.

Transformei-me num homem abastado. Nada de surpreendente. É possível que eu seja o homem mais importante da história desta profissão, pelo menos com esta envergadura. O mercado tem sido ilimitado e nunca me faltou mercadoria para vender. Não se tratou de qualquer negócio ilegal, até consegui pagar impostos. Além do mais, a minha vida foi tão modesta que poderia, se houvesse necessidade disso, pagar uma soma considerável de impostos atrasados. As transações também não foram ilegais para os meus clientes, foram apenas vergonhosas.

Sei que, a partir de hoje, por ser um proscrito, serei mais pobre do que a maioria das pessoas. Porém, não trocaria a minha vida pela de um professor catedrático, nem tampouco pela de um escritor. Duvido de que tivesse sido capaz de viver uma só vida.

O homenzinho está a pôr-me nervoso. A única forma de esquecê-lo é apressar-me com

a escrita. Começarei com o fato mais longínquo de que consigo me recordar.

PETTER, *A ARANHA*

Creio que tive uma infância feliz. A minha mãe não pensava assim. Foi informada da conduta anti-social do seu Petter ainda antes dele entrar para a escola.

Ainda estava no jardim da infância quando a minha mãe foi convocada para tomar parte numa primeira conversa séria sobre o filho; ficava a manhã inteira a ver os outros a brincar, mas não estava triste nem mal disposto. Divertia-me observar a energia que os meus companheiros punham em tudo. Há muitas crianças que gostam de contemplar gatinhos, canários ou hamsters. Eu também gosto, embora me desse muito mais prazer observar meninos de verdade. Além do mais, era eu quem os dirigia, quem decidia o que deviam dizer ou fazer. Nem eles nem a professora sabiam. Por vezes tinha muita febre e ficava em casa, a escutar as cotações da Bolsa que a rádio transmitia. Nesses dias não acontecia nada no jardim de infância. As crianças limitavam-se a vestir e a despir os trajes de treino. Não as invejava. Creio que nem lanchavam.

Quanto ao meu pai, só o via aos domingos. Costumávamos ir ao circo. O circo não era nada mau, mas depois de regressar para casa, entretinha-me a planejar o meu próprio espetáculo de circo, que era muito melhor. Tudo isto antes de ter aprendido a escrever, pelo que todo o circo foi construído na minha própria cabeça. Nada de muito difícil. Também desenhei as instalações, não só a grande cúpula e as filas de cadeiras, mas também os animais e os artistas que compunham o espetáculo. Aqui, sim, tive algumas dificuldades. Não

desenhava bem. Deixei de desenhar muito antes de entrar para a escola.

Um dia, encontrava-me sentado no grande tapete, quase sem mover um músculo, e a minha mãe perguntou-me diversas vezes o que é que eu estava pensando. Respondi que estava brincando de circo, o que era verdade. Perguntou-me se queria que brincássemos de outra coisa qualquer.

— A garota do trapézio chama-se Panina Manina — disse eu. — É filha do diretor do circo. Mas nenhuma das pessoas que compõem o circo sabe disso, nem ela nem o próprio diretor.

A minha mãe ouviu-me com atenção, baixou o volume do rádio e eu prossegui: — Um dia, ela cai do trapézio e parte o pescoço. Foi o último espetáculo, pois deixou de haver pessoas a quererem ir ao circo. O diretor do circo debruça-se sobre a pobre garota e descobre o fio que ela usa ao pescoço. Do fio pende um amuleto de âmbar e dentro do amuleto há uma aranha com milhões de anos. Ao ver a aranha, o diretor percebe que a garota é sua filha, pois ele mesmo tinha comprado aquele amuleto raro no dia do nascimento da filha.

— Pelo menos ficou sabendo que tinha uma filha — observou a minha mãe.

— Ele, porém, julgava que a menina tinha se afogado — expliquei. — É que, quando tinha um ano e meio, a filha do diretor do circo caiu no rio Aker. Então chamava-se apenas Anne-Lise. O diretor do circo não sabia que a filha estava viva.

A minha mãe esbugalhou os olhos. Quis dar a entender que não conseguia acreditar na

minha história, pelo que acrescentei:

— Mas, por sorte, uma vidente que lia a sina, e vivia junto do rio numa caravana cor-de-rosa, retirou-a da água gelada. E, desde esse dia, a filha do diretor do circo passou a viver na caravana com a vidente que a salvou.

Entretanto, a minha mãe tinha acendido um cigarro. Estava no meio da sala, de pé, vestindo um traje muito justo.

— E viviam numa caravana, de verdade?

Assenti com a cabeça.

— Desde que nascera, a filha do diretor do circo tinha vivido sempre em caravanas do circo. Por isso, acharia muito estranho se tivesse de ir viver num apartamento de um prédio grande. Como a vidente não sabia o nome da menina, começou a chamar-lhe Panina Manina, o nome que ela manteve até hoje.

— E como é que voltou ao circo? — perguntou a minha mãe.

— Não me parece que seja muito difícil de perceber — respondi. — Quando cresceu,

foi para o circo pelo seus próprios pés, o que também não lhe foi nada difícil, pois tudo isso aconteceu antes de ficar inválida.

— Mas é impossível que conseguisse recordar-se de que o pai era o diretor do circo — protestou a minha mãe.

Senti-me desesperado. Não era a primeira vez que ficava decepcionado com a minha mãe; por vezes, mostrava-se muito pouco esperta.

— Já falamos disso — acentuei. — Já te disse que ela não sabia que era filha do diretor do circo, nem este sabia que era o pai da garota. É evidente que não podia reconhecer a própria filha, a quem não via desde a idade de dezoito meses.

Chegados a este ponto, a minha mãe pensou que eu teria de parar para inventar a continuação da história, mas tal não aconteceu. Continuei, sem me deter:

— No mesmo dia em que recolheu a filha do diretor do circo das águas do rio, a vidente fixou intensamente a sua bola de cristal e previu que a menina viria a ser uma famosa artista de circo; por isso, um dia a garota dirigiu-se ao circo, pelos seus próprios pés, porque sabe perfeitamente que tudo o que uma vidente vê na sua bola de cristal acaba por acontecer. Foi por essa razão que a adivinha lhe pôs um nome circense; e, para ajudá-la, ensinou-lhe alguns truques muito valiosos da arte dos trapezistas.

A minha mãe apagara o cigarro num cinzeiro que estava em cima do piano verde.

— Mas por que razão teve de ser ensinada pela vidente...?

Interrompi-a.

— Quando Panina Manina chegou ao circo e mostrou as suas habilidades, logo lhe deram trabalho e, dentro de pouco tempo, era mais famosa do que Abbott e Costello¹. Mas o diretor do circo continuava a não saber que ela era sua filha. Se soubesse, nunca lhe teria permitido executar todos aqueles exercícios perigosos no trapézio.

— Está bem, dou-me por vencida — rematou a minha mãe. — Vamos dar um passeio pelo parque?

Mas eu prossegui:

— Além disso, a vidente tinha visto na bola de cristal que Panina Manina partiria o pescoço devido a uma queda no circo e que ninguém poderia fazer nada para evitar que uma verdadeira profecia se cumprisse. Por isso, pegou nas suas coisas e mudou-se para a Suécia.

A minha mãe fora buscar qualquer coisa na cozinha. Estava agora junto ao piano, tendo na mão um repolho enorme. Não se podia dizer que fosse uma bola de cristal. Ficara estupefata.

— Mudou-se para a Suécia? Porquê?

Como já tinha refletido sobre esse ponto, não me foi difícil responder.

— Porque assim não teria de discutir com o diretor do circo a questão de saber com quem a Panina Manina iria viver depois de partir o pescoço, quando ficasse inválida.

— A vidente sabia que o diretor do circo era o pai da garota? — perguntou a minha mãe.

— Não. Só soube quando Panina Manina já ia a caminho do circo — expliquei. — Nesse momento, e não antes, vi que a menina se reuniria ao pai quando partisse o pescoço; por isso, achou que era melhor levar a caravana para a Suécia. Pareceu-lhe muito bem que Panina Manina acabasse por encontrar o pai, embora lhe parecesse menos bem que tivesse de partir o pescoço para que o pai a reconhecesse.

Chegado a este ponto, não sabia como prosseguir, não por ser difícil, mas exatamente pelo contrário: porque se apresentavam diversas opções. Por fim, decidi-me:

— Agora, Panina Manina desloca-se numa cadeira de rodas e vende algodão doce no circo, mas o seu algodão doce é tão especial que todos os que o comem não conseguem parar

de rir quando vêem os palhaços, a ponto de quase perderem o fôlego. E uma vez houve um menino que o perdeu. Pareceu-lhe muito divertido rir-se com os palhaços, mas não achou assim tanta graça no fato de perder o fôlego.

Na verdade, a história de Panina Manina acabou ali, pois dera início a outra história, a do menino que riu tanto que acabou por perder o fôlego. Além disso, o circo tinha muitos outros artistas e eu era responsável por todos eles.

Mas a minha mãe não sabia disso.

— Suponho que Panina Manina também tinha mãe, ou não? — inquiriu.

— Não — respondi, creio que gritando. — Já tinha morrido!

E desatei a chorar. Talvez tenha chorado durante uma hora.

Como sempre, a minha mãe não deixou de me animar. Não chorei por causa da história, por ser uma história triste. Chorei por ter medo da minha própria fantasia. Também receava o homenzinho da bengala de bambu. Enquanto eu contava a minha história, manteve-se sentado no *puff* persa a olhar para os discos da minha mãe, mas agora decidira andar pela sala. Só eu conseguia vê-lo.

A primeira vez que vi o homenzinho do chapéu de bico foi num sonho. Mas ele saiu do sonho e nunca mais deixou de me perseguir. Creio que toma todas as decisões por mim.

Imaginar coisas era muito fácil para mim, era como dançar sobre uma fina camada de gelo, como fazer piruetas em cima de uma prancha frágil que flutuasse num mar com milhares de metros de profundidade. Por baixo da superfície, havia algo de escuro e frio a ameaçar-me.

Nunca senti qualquer dificuldade em distinguir a fantasia da realidade. O problema, muito diferente, residiu sempre em conseguir estabelecer a distinção entre fantasia recordada e realidade recordada. Sempre soube ver a diferença entre o que havia inventado e aquilo que tinha realmente observado e vivido. No entanto, à medida que os anos vão avançando, torna-se mais complicada a distinção entre os fatos reais e os inventados. A memória não dispõe de compartimentos onde se armazene o que foi visto, o que foi ouvido e o que é a apenas fruto da nossa imaginação. Só disponho de uma memória, onde tive de armazenar tudo, tanto as impressões sensoriais do passado como a vida que imaginei. É a esta mistura que se dá o nome de memória. Apesar de tudo, sinto que a memória está a me pregar peças sempre que dou comigo a misturar dados de ambas as categorias. Esta é, na melhor das hipóteses, uma descrição imprecisa do que sinto. Quando recordo qualquer coisa como se ela tivesse realmente acontecido, embora a tivesse vivido apenas em sonho, isso quer dizer que a minha memória é muito eficiente. Sempre considerei um triunfo da memória o fato de ser capaz de recordar acontecimentos que só tiveram lugar na minha imaginação.

Em casa, passava muito tempo sozinho. A minha mãe trabalhava na Câmara Municipal até tarde e muitas vezes ia visitar algumas amigas. Jamais tive amigos; preferi não tê-los. Fazer coisas com amigos não era nada que se pudesse comparar a tudo o que podia inventar sozinho.

Sempre me senti melhor na companhia de mim mesmo. Segundo recordo, nas poucas ocasiões em que me senti aborrecido durante a infância estava acompanhado de crianças da minha idade. Recordo os seus jogos lentos e pesados. Às vezes dizia-lhes que tinha de ir para

casa, que estava à espera de visitas. Não era verdade.

Nunca me esquecerei da primeira vez em que umas crianças bateram à porta para me perguntarem se queria brincar com eles. Vestiam roupas sujas, um deles estava ranhoso e perguntaram-me se queria brincar de *cowboys* e índios. Tive de inventar uma dor de estômago ou talvez lhes tenha dado uma outra explicação mais rebuscada. Não via qual podia ser o prazer de brincar de *cowboys* e índios por entre filas de automóveis e cordas cheias de roupa para secar. Era uma brincadeira que saía muito melhor se imaginasse toda uma cena em que havia cavalos de verdade e machados de guerra, carabinas, arcos e flechas, vaqueiros, chefes índios e feiticeiros. Conseguia ficar sentado na cozinha ou na sala e, sem mexer um dedo, dar vida às mais fantásticas batalhas entre índios e caras pálidas. Tomava sempre partido dos índios. Nos nossos dias quase todas as pessoas pretendem tomar partido dos índios mas, na minha opinião, esta gente acordou muito tarde. Quando tinha os meus três ou quatro anos já oferecia uma firme resistência aos ianques. Sem os meus esforços constantes, talvez hoje não houvesse uma única reserva índia.

Os rapazes tentaram levar-me para sair em muitas outras ocasiões. Queriam que eu participasse em todos os tipos de brincadeiras: futebol, jogos de dados ou soprar sementes através de tubos de vidro. Depressa deixaram de me aborrecer. Já não subiam a escada para bater à porta. De fato, depois dos meus oito ou nove anos de idade, creio que ninguém voltou a bater à porta. Uma vez ou outra, deixava-me ficar sentado por trás da persiana da cozinha e espiava-os. Houve ocasiões em que me diverti, mas nunca senti necessidade de acompanhá-los.

Este esquema só foi posto em causa com a puberdade. A partir dos doze anos comecei a pensar numa série de coisas que gostaria de fazer com uma garota da minha idade ou, em caso de necessidade, com uma mulher mais velha. Andava inquieto por causa dos desejos que me assaltavam, mas nenhuma garota veio bater à minha porta para me perguntar se queria sair. Não me importaria nada de acompanhar alguma das garotas que me agradavam num passeio pelo bosque ou até ao charco das salamandras.

Enquanto os meus desejos não despertaram, nunca me senti só. A solidão e o desejo são as duas faces da mesma moeda.

Quando estava sozinho em casa, usava muito o telefone, quase sempre para o que eu denominava «telefonemas loucos». Num dos primeiros lugares da minha lista de telefonemas loucos estavam os pedidos de táxis. Houve um dia em que pedi seis táxis para o mesmo endereço: a casa em frente da minha. Sentado por trás da janela da cozinha, diverti-me muito vendo a chegada de todos aqueles táxis. Os motoristas saíram dos carros e começaram a conversar, certamente convencidos de que tinham sido chamados para transportar os convidados de uma grande festa. Finalmente, um deles foi até junto da porta e tocou no apartamento do térreo, mas ali não morava nenhuma senhora Nielsen. Uma novidade para eles, não para mim. Ficaram ali a gesticular, depois entraram nos carros e partiram, com buzinas sonoras. Um deles ficou para trás e olhou por toda a volta, como se estivesse num enorme palco, mas não conseguiu ver quaisquer espectadores. Talvez pensasse que só Deus o estaria vendo. Mas eu observa-o por entre as lâminas da persiana, sempre a sorrir. Fui beber uma golada de suco de laranja e o homem continuou no mesmo lugar. Podia, pelo menos, ter-se metido no carro para desligar o taxímetro. Também me diverti a chamar táxis para outros lugares. Divertia-me pensando nesses carros que se punham em marcha e percorriam as ruas.

Embora não pudesse vê-los com os olhos, via-os claramente com os olhos do espírito, o que era quase tão divertido como observá-los fisicamente. Outras vezes pedia a ambulância ou chamava os bombeiros. Uma vez telefonei para a Polícia e informei que havia um homem morto num quintal da vizinhança. Tive de dar o meu nome, o endereço e dizer a escola que freqüentava. Nenhuma dificuldade, inventei tudo. Os polícias levaram apenas oito minutos para aparecer e, dois minutos mais tarde, chegou uma ambulância. Eram os meus carros.

Não tenho dúvidas de que tudo isto faz parte da realidade recordada. O aparelho negro que estava sobre a mesinha no hall de entrada era uma tentação permanente. Quantas vezes me sentei na cadeira que estava junto da mesinha e marquei um número ao acaso. Antes das quatro da tarde as chamadas eram quase sempre atendidas por senhoras; alterava a voz para falar com alguma delas e perguntava a freqüência com que fornicava com o marido. Também perguntava se tinham ido para a cama com outros homens, ou apresentava-me como vendedora de uma conhecida marca de absorvetes higiênicos. Costumava tomar nota do tempo

que a mulher agüentava até desligar. Normalmente só precisavam de uns segundos, mas uma vez falei com uma durante mais de meia hora. Acabei por ficar farto e fiz-lhe uma pergunta tão impertinente que até ela teve de dar-se por vencida. «Nunca ouvi nada semelhante», exclamou. Não, claro que não, pensei ao ouvi-la desligar. E fiquei a refletir na sorte que ela tivera por ter estado a falar comigo durante mais de meia hora.

Por vezes inventava grandes histórias para entreter as mulheres com quem falava. Contava, por exemplo, que os meus pais tinham feito uma viagem a Londres, de barco, e que me haviam deixado sozinho em casa durante nove dias, embora eu fosse uma criança de sete anos. Às vezes acrescentava que já tínhamos freezer e que a minha mãe deixara lá dentro uma quantidade enorme de comida, mas eu não me atrevia a tirar nada para comer por ter medo das aguçadas facas de cozinha. Outras conversas começavam comigo a informar que o meu pai tinha ido à caça das perdizes e que a minha mãe estava de cama, tão doente que nem conseguia falar. Se dissesse o meu nome e o endereço, receberia inúmeras ofertas de auxílio.

Porém, como era óbvio, não podia fornecer uma informação tão sensível. Por isso, era melhor dizer que o homenzinho me obrigara a fazer a chamada só para se divertir.

— Não mede mais do que um metro, passeia pela casa toda e, se não faço o que ele manda, bate-me com a bengala.

Houve uma altura em que a minha mãe protestou ao receber a conta do telefone. Estava fora de si e confessei imediatamente o meu erro. Disse que fizera chamadas sucessivas para o serviço de informação horária por não ter mais nada com que me entreter. Logo em seguida, fingindo que não sabia que a «Menina do Relógio» não era uma mulher de verdade, disse que pretendia que ela me respondesse a outras perguntas e, por isso, fizera aquelas chamadas todas. Ouvida a explicação, como era de esperar, a minha mãe me perdoou. Concordamos que, a partir daquele momento, não haveria mais do que duas chamadas por dia. Cumprí a promessa, que nem sequer me pareceu um sacrifício, mas tive necessidade de pensar cuidadosamente nas pessoas a quem me interessava telefonar. Um esquema muito melhor! Planejar as chamadas que queria efetuar dava quase tanto prazer como as próprias conversas

telefônicas. E, assim, não voltou a haver exageros nas contas mensais de telefone.

Estou cinqüenta por cento convencido de que numa ocasião falei com o primeiro-ministro, Einar Gerhardsen. Pode, porém, tratar-se de fantasia recordada. No entanto, tenho certeza absoluta de que telefonei para a fábrica de refrigerantes *Nora* para me queixar de que um suco de laranja que comprara tinha gosto de vinagre. E tenho certeza porque uns dias depois recebemos em casa uma grade de garrafas de suco de laranja. Disse à minha mãe que a grade de sucos era o prêmio de um sorteio realizado pelo merceiro do nosso bairro. Fez-me muitas perguntas, o que foi bom, pois obrigou-me a inventar respostas para todas elas. Creio que a minha mãe também apreciava aquele gênero de conversas inteligentes. Não se dava por vencida até se convencer de que eu estava a contar-lhe a verdade.

Certa vez, mantive uma interessante conversa telefônica com o rei Olavo. Combinamos um grande passeio pelo campo, em esquis, pois nem ele nem eu conhecíamos pessoas com quem nos agradasse fazer um passeio desse gênero. Disse-me, pelo telefone, que ser rei era fastidioso, para em seguida me perguntar se me parecia infantil que ele comprasse um enorme trem elétrico para montar no salão de baile do palácio real. Respondi que a idéia me parecia excelente, desde que me autorizasse a ajudá-lo a montar o sistema ferroviário. Teve de prometer-me que seria um trem da marca *Màrklin*, pelo menos quatro vezes maior do que o do Museu da Tecnologia. Eu tinha uma locomotiva a vapor e um *Mecano*, mas não tinha um trem *Màrklin*.

Estou noventa e nove por cento convencido de que a conversa com o Rei é fantasia recordada. O que não significa que não seja verdade. O trem elétrico que eu e o Rei montamos no salão do palácio durante as semanas seguintes é tão verdadeiro como o Sol e a Lua. Recordo perfeitamente o aspecto das instalações, ainda que não consiga visualizar todos os túneis e as estações de montanha, todas as mudanças de agulhas e todas as linhas de desvio.

Uma vez, o príncipe herdeiro entrou no enorme salão, exigindo que desmontássemos tudo porque precisava dele para dar uma festa para jovens. O príncipe herdeiro era quinze

anos mais velho do que eu e tinha-lhe bastante respeito, mas não me pareceu razoável que, assim de repente, ele começasse a dar ordens ao Rei. Seria, no mínimo, uma ruptura com os costumes da corte. Como o Rei e eu nos negamos a guardar imediatamente o trem, o príncipe herdeiro foi buscar um grande batedor de iogurte e lançou-o sobre o trem. O batedor partiu-se e o iogurte, como não podia deixar de ser, espalhou-se sobre as instalações ferroviárias que ficaram mais parecidas com uma paisagem invernal, embora sem aquele cheiro característico dos dias dos saltos de esqui em Holmenkollen. Desde esse dia os trens não voltaram a circular pelo palácio.

Como a minha mãe trabalhava na Câmara Municipal, era freqüente darem-lhe bilhetes para cinemas e teatros. Davam-lhe sempre dois, e como os meus pais não podiam nem se ver, era eu quem a acompanhava. O que significava que a minha mãe não tinha de recorrer aos serviços de alguém que ficasse comigo, fazendo-me perder inúmeras oportunidades de levar alguns infelizes ao desespero.

Vestíamos-nos com cuidado sempre que íamos ao teatro e nessas ocasiões a minha mãe costumava fazer um pequeno desfile de modelos, só para mim, antes de decidir o que vestiria. Chamava-me de seu «pequeno acompanhante». Era eu quem levava no bolso do casaco os fósforos com que lhe acendia os cigarros e, nos intervalos, quando encontrava alguém conhecido e se entretinha a conversar, eu ocupava o meu lugar na fila para comprar bebidas. Num dia, pedi um refresco de laranja para mim e um *Cinzano* para a minha mãe. A empregada do bar negou-se a servir-me o copo de *Cinzano*, embora a minha mãe estivesse a poucos metros de distância, a acenar-lhe vigorosamente. A empregada argumentou que não era permitido servir bebidas alcoólicas a menores e que a minha mãe devia fazer o favor de se aproximar para receber pessoalmente o copo. Não eram muitas as crianças que iam ao teatro ver peças para adultos e a minha mãe sabia que a empregada já me conhecia de ocasiões anteriores.

Depois daquelas idas ao cinema ou ao teatro, nunca deixava de explicar à minha mãe as maneiras de melhorar significativamente o filme ou a peça de teatro. Por vezes, dizia que a obra era pura e simplesmente má. Nunca dizia que era enfadonha, pois uma ida ao teatro nunca era enfadonha. Uma obra de teatro, mesmo de má qualidade, acabava por ser divertida, pois era representada por pessoas vivas. Era maravilhoso quando a obra era especialmente má; nesse caso tínhamos um montão de coisas de que falar quando íamos a caminho de casa.

Ao regressarmos do cinema ou do teatro quase sempre nos sentávamos na cozinha para continuarmos a conversa. A minha mãe acendia velas e preparava uma ceia apetitosa. Podia ser qualquer coisa bastante simples, como fatias de pão com mortadela e pickles de pepino, mas a minha ceia preferida eram sanduíches de bife tártaro com gema de ovo e alcaparras. Conforme me dizia com frequência, a minha mãe achava que eu era muito pequeno para apreciar as alcaparras, mas creio que, no fundo, gostava que eu fosse assim. Só não gostava que eu dissesse que uma peça de teatro era má e que determinada pessoa era um péssimo encenador.

Lia sempre os programas com todo o cuidado — afinal, tinham sido escritos para mim — e, naturalmente, conhecia de nome os atores principais. À minha mãe parecia excessivo que eu soubesse os nomes de todas as pessoas constantes da ficha técnica, mas eu levava muito a sério o meu papel de seu acompanhante. Durante o espetáculo sussurrava-lhe ao ouvido o nome do diretor de cena, sobretudo quando notava uma falha qualquer no cenário.

De uma vez em que assistimos à representação de *A Casa das Bonecas*, caiu o vestido da Nora; só caiu, sem mais, diante do doutor Rank. Estavam os dois no salão e a última réplica do doutor Rank tornou ainda mais cômica a queda do vestido da Nora. «E que outras maravilhas tenho ainda para ver?», perguntou o doutor Rank. «Já não há mais nada porque o senhor é desobediente», respondeu Nora no preciso instante em que o vestido lhe caiu aos pés. Inclinei-me para a minha mãe e sussurrei-lhe ao ouvido o nome do encarregado do guarda-roupa.

Numa noite em que ficamos até muito tarde a discutir uma peça de teatro, confessei à minha mãe que a achava parecida com a Jacqueline Kennedy. Creio que a comparação lhe agradou. Não foi uma invenção do momento para a lisonjear. Para mim, a minha mãe era quase uma sócia de Jacqueline Kennedy.

Quando eu tinha onze anos, eu e a minha mãe fomos ver *Luzes da Ribalta*, de Chaplin. Tornei-me adulto ao ver esse filme. Depois de ver a atuação de Claire Bloom no papel da bailarina infeliz, compreendi que gostaria de fazer umas coisas com uma garota bem mais velha do que eu. Aconteceu-me o mesmo quando vi Audrey Hepburn no papel de Eliza, em *My Fair Lady*. Ofereceram à minha mãe dois bilhetes para a estréia da obra na Noruega.

Gostava sobretudo de Chaplin, principalmente da música dos seus filmes, em especial do tema bem conhecido de *Luzes da Ribalta*, embora os primeiros compassos não sejam mais do que uma imitação do Concerto para piano em si bemol menor, de Tchaikovsky. E a melodia «Smile», de *Tempos Modernos*, não era muito mais original, não passava de uma versão adocicada de uma canção popular russa. Também suspeitei de que Chaplin tinha furtado algumas idéias musicais de Puccini, ou que, pelo menos, ele era capaz de igualar o dramatismo do compositor italiano. No entanto, o fato de Chaplin se ter inspirado noutros compositores era para mim uma vantagem, pois eu adorava Tchaikovsky e Puccini, o que também acontecia com a minha mãe. Fomos à Ópera, ver *Madame Butterfly*. Tentei não chorar, uma tarefa que se revelou difícil. Não foi por Pinkerton ter abandonado Madame Butterfly, nem tampouco por ela se ter suicidado, pois, desde o princípio do segundo ato, sabia que a protagonista acabaria por fazê-lo. Foi a música que me fez esforçar para não chorar, desde aquele momento do primeiro ato em que Madame Butterfly aparece a subir a encosta, seguida do grande coro feminino. Eu tinha apenas doze anos, mas continuo a ter gravada na memória a imagem de todas aquelas mulheres, com as suas sombrinhas coloridas, que sobem pelo caminho que vem de Nagasaki.

Em casa púnhamos a tocar *La Bohème*, com Jussi Björling e Victoria de Los Angeles. A minha mãe nunca deixava de fungar no momento em que Musetta arrasta a Mimi, doente, no quarto ato. Era a altura em que eu fugia para outro quarto, mas deixando a porta aberta, não porque me desagradasse ouvir a minha mãe chorar, mas porque assim poderia ouvir melhor a música. E, por vezes, eu mesmo também derramava uma ou outra lágrima de contentamento.

Até ver *Luzes da Ribalta*, de Chaplin, Puccini e Tchaikovsky eram os únicos verdadeiros gênios que eu conhecia. Quando estava sozinho em casa, costumava ouvir o último andamento da *Sinfonia Patética*. Teria sido muito embaraçoso se a minha mãe tivesse

descoberto isso. Tinha idade suficiente para gostar de alcaparras, mas também tinha de admitir que era muito jovem para gostar tanto de música clássica. Sempre que ouvia a minha mãe subir a escada punha o volume no máximo. Por vezes, o homenzinho ficava de ouvido à escuta para que não lhe escapasse a abertura da porta da frente.

Tinha consultado a enciclopédia e lido alguma coisa sobre a vida de Tchaikovsky. Morreu com a cólera, poucos dias depois da estréia da *Sinfonia Patética*. Tinha completado a obra da sua vida. Desde a estréia da sinfonia não voltou a preocupar-se em desinfetar a água que bebia. Havia composto o seu próprio réquiem, sentia-se vazio de sons e de idéias. Completara a sua viagem por este mundo. Também eu me sentia a afastar-me deste mundo sempre que os últimos acordes da sinfonia se iam deixando de ouvir.

A minha mãe e eu nunca falávamos da morte. Também nunca lhe falei acerca de garotas. Esforçava-me tanto a esconder a *Play-boy* como a não lhe dar a saber que ouvia a *Sinfonia Patética*.

Tinha apenas sete anos quando vi o filme *A Leste do Paraíso*, com James Dean no papel de Cal. A minha mãe esteve prestes a desfazer-se em lágrimas na parte final da película, quando a namorada de Cal tem de suplicar ao pai dele que mostre que ama o filho. «Não se sentir amado dói muito», afirma. «Torna as pessoas más. Mostre-lhe que o ama. Tente! Por favor!»

O pai de Cal odiava o filho por pensar que o rapaz tinha tomado o partido da mãe, que havia abandonado o marido e os filhos para se tornar dona de um bordel, uma mulher dura como o aço. No entanto, antes de morrer conseguiu reconciliar-se com o filho. Pede-lhe que despeça a enfermeira. «Quero que seja você a me tratar», diz, o que equivalia a declarar que amava o filho.

Falar deste filme era muito penoso para a minha mãe. Compreendi que fora ela a exigir que o meu pai saísse de casa, o que não era freqüente naquela época. Não era normal que uma mãe expulsasse o pai do seu filho, ainda pequeno, do lar conjugal.

Naquela noite, quando eu estava para me deitar, a mãe sugeriu que convidássemos o meu pai para almoçar conosco no domingo seguinte. A sugestão pareceu-me razoável, mas não teve seguimento, nem eu estava interessado em lhe pedir que pegasse no telefone para convidá-lo.

Tinha algumas impressões vagas, quase oníricas, de fatos ocorridos antes do pai sair de casa. Podemos recordar a atmosfera de um sonho sem nos lembrarmos exatamente dos fatos sonhados. Sabia que se tratava de algo frio e duro que tentava esquecer; tanto me esforcei por fazê-lo desaparecer do espírito que já nem me recordo do que pretendia esquecer.

Só me recordava de que, por aquela altura, tive uns sonhos misteriosos sobre um homem que, não obstante ser exatamente da minha altura, era um adulto, com chapéu e bengala. E, de repente, apareceu em minha casa durante o dia. A sua chegada coincidiu mais ou menos com a saída do meu pai.

Imaginava que talvez houvesse alguém no país dos sonhos que sentisse a falta dele. Também era provável que o homenzinho tivesse deixado a mulher e os filhos, ou podia ser que tivesse sido corrido do conto por se ter portado mal. Mas também podia acontecer que andasse a viajar entre duas realidades. Perguntava a mim mesmo se, durante a noite, enquanto eu dormia, o homenzinho regressava ao país dos sonhos. Não seria nada de estranho, pois, enquanto dormia, eu próprio viajava até àquele país. O único pormenor verdadeiramente curioso era o homenzinho poder passear pela nossa casa em pleno dia.

Era o único da minha turma que tinha pais divorciados, mas o pai de uma das garotas era comunista e o pai do Hans Olav tinha estado preso.

Não me parecia mal que os meus estivessem divorciados. Preferia estar com um deles de cada vez. Além disso, creio que, chegado o Natal, os presentes que recebia dos meus pais eram melhores do que os que os meus colegas recebiam dos seus. Recebia presentes em dobro. Os meus pais nem conseguiam unir esforços para me comprarem os presentes; pelo contrário, creio que lutavam entre si para me oferecerem a melhor prenda. Nunca trocavam prendas entre eles.

O meu pai levava-me aos jogos de hóquei sobre o gelo e aos campeonatos de saltos de esqui. Era especialista em contagem de tempos e em pontuações desportivas. Não é culpado de eu ser como sou. Estivemos nos campeonatos de saltos de Holmenkollen e vimos saltar os três «Tês»: Toralf Engan, Torbjorn Yggeseth e Torgeir Brandtzaeg. Saltaram *à frente* do grande Wirkola. Foi fácil. Saltar *à frente* de Wirkola não representava qualquer problema.

Quando tinha oito anos, acompanhei o meu pai numa viagem de barco até Copenhagen. Só estivemos lá por uma tarde, passada inteiramente no Tivoli, o famoso parque de diversões. Creio que já estivera noutra Tivoli, pois também chamavam assim a parques bem mais modestos, como o de Ivar, no bairro de Toyen, mas o de Copenhagen é um caso à parte. Sentia-me como o turista vindo de um país subdesenvolvido e senti vergonha do que pensariam as crianças dinamarquesas ao visitarem o «Tivoli» de Ivar, no bairro de Toyen, em Oslo.

O pai estava de excelente humor e creio que se sentia orgulhoso por haver conseguido afastar-me da minha mãe. No barco, durante uma espécie de conversa de homem para homem, disse-me que também seria bom que a mãe pudesse dispor de uns dias para si mesma. Não era verdade, tinha a certeza de que ela teria querido levar-me a Copenhagen, uma questão que nem se punha porque foi ao meu pai que ocorreu a idéia de me levar lá. Creio que ele se deu conta de que eu teria gostado de visitar o Tivoli na companhia da mãe, pois nesse caso poderíamos,

ela e eu, comentar tudo o que víamos e pensávamos. Era freqüente eu pensar o mesmo que a minha mãe. E também poderíamos ficar sentados num café, apenas a conversar.

Os bolsos das calças do meu pai estavam a abarrotar de moedas dinamarquesas e quis que andássemos nos carrinhos de choques e no trem fantasma, nos carrosséis e nas montanhas russas, nas rodas gigantes e no túnel dos namorados. Ainda que tivesse apenas oito anos, tinha vergonha de andar no túnel dos namorados com o meu pai e, além do mais, ele tinha mau hálito. Era desagradável estar sentado junto dele numa barca minúscula, a escutar o chilrear artificial dos pássaros, dentro de um túnel cheio de flores artificiais e pintado em cores pastel. Creio que ele também se sentiu embaraçado porque não disse uma única palavra. Receei que de repente me pusesse um braço em volta dos ombros e murmurasse junto dos meus ouvidos algo como: «Que bonito, não é Petter?» O pior era eu estar convencido de que ele queria mesmo fazer isso; só não se atrevia a pôr-me o braço em volta dos ombros por saber que o gesto me desagradaria. Talvez por isso, nenhum de nós abriu o bico.

Ao subir em todos aqueles carros e vagões estava, antes de mais nada, a tentar ser agradável ao meu pai. Pessoalmente, estaria muito mais interessado em analisar tudo o que havia para ver no Tivoli. Decidi analisar tudo, até à tómbola mais insignificante ou ao menor dos quiosques que vendiam cachorros quentes. Decidi, desde o primeiro momento, que aquela visita me forneceria material para uma enorme quantidade de trabalho futuro e senti-me muito inspirado. Passeava pelas instalações a pensar que dentro de pouco tempo regressaria para casa, onde construiria o melhor parque do mundo. Como a visita aconteceu depois de ter deixado de desenhar, tive de fazer um grande esforço para guardar todos aqueles pormenores na memória. Consegui construir uma imagem muito pormenorizada do Tivoli de Copenhagen, mas fui obrigado a desenhar tudo na minha cabeça, a estudar tudo de memória. Nem sempre era fácil, porque de quando em vez tinha de olhar para o meu pai e dizer-lhe qualquer coisa, para ele não pensar que eu estava descontente. Pouco antes da saída tirei um tigre de pelúcia numa tómbola. Dei-o a uma menina que estava chorando. O meu pai pensou que se tratara de um gesto de bondade, não percebeu que o filho não estava minimamente interessado em possuir um tigre de pelúcia vermelha. Se a mãe me visse receber um prêmio daqueles não deixaria de ter um daqueles seus característicos ataques de riso.

Ainda antes de sair do Tivoli, eu já tinha construído um trem fantasma com todos os pormenores, desde esqueletos dançantes até duendes e monstros. Mas também lá colocava, no

meio do túnel, uma pessoa bem viva e serpenteante, um homem normal, comum, de chapéu e sobretudo, que poderia estar comendo uma cenoura, por exemplo. Imaginei que os ocupantes do trem soltariam os gritos mais lancinantes quando, de repente, topassem com uma pessoa de verdade a passear dentro do túnel.

O encontro com um ser humano pode, em certas circunstâncias, revelar-se tão aterrador como o encontro com um fantasma, pelo menos quando se viaja num trem fantasma de feira. Os fantasmas são fruto da imaginação e, quando alguma coisa verdadeira entra na fantasia, o resultado pode ser tão assustador como a aparição de uma figura de fantasia por entre a realidade.

Assustei-me de verdade na primeira vez que vi o homenzinho com bengala de bambu fora de um sonho, mas a visão não tardou a converter-se num hábito. Se, de repente, víssemos bandos de elfos e *trolls*² a sair de um bosque é certo que nos assustaríamos mas, mais cedo ou mais tarde, acabaríamos por nos acostumar a eles. Teríamos de nos habituar, não teríamos outro remédio.

Uma vez sonhei que tinha encontrado um porta-moedas que continha quatro dólares de prata. Ficaria extremamente assustado se, ao acordar, me visse com o porta-moedas na mão. Nesse caso, teria de me convencer a mim mesmo de que continuava a dormir e teria de fazer nova tentativa para despertar.

Creio que também estamos despertos enquanto sonhamos, mas *sabemos* que estamos despertos quando não estamos dormindo. Tinha uma teoria segundo a qual o homenzinho da bengala estava a dormir no país dos sonhos e só sonhava que se encontrava na vida real. Quando fui ao Tivoli não era mais alto do que ele. Como ele não media mais do que um metro, tinha começado a chamar-lhe de Metro.

Como não tinha intenção de me queixar, não falei ao pai do meu projeto de um novo Tivoli. Talvez fosse um pouco injusto que o resultado de toda a minha inspiração só florescesse na companhia da minha mãe, cada dia mais ciumenta por ter sido o pai a levar-me a Copenhagen.

— Está obcecado com o Tivoli — comentou, uns dias depois de voltarmos. Retorqui que talvez isso se devesse a eu ter sido um grande Tivoli numa encarnação anterior, o que fez a mãe soltar uma gargalhada.

— Quer, talvez, dizer que trabalhou num grande Tivoli numa encarnação anterior — objetou. Neguei com um gesto e esclareci que eu fora realmente o Tivoli inteiro.

Nos meus tempos de criança levei muitas surras, mas nunca dos meus pais.

Creio que os meus pais nunca me bateram devido ao fato de serem divorciados. Como não viviam na mesma casa, nunca conseguiam pôr-se de acordo quanto à necessidade de me aplicarem um corretivo. A mãe sabia perfeitamente que se me tratasse com dureza, o pai seria a primeira pessoa a saber. Por vezes, telefonava ao pai pedindo autorização para ficar acordado uma ou duas horas a mais do que a mãe permitia. Apoiava-me sempre que compreendia poder deixar-me satisfeito e, simultaneamente, irritar a minha mãe. Por conseguinte, eu aproveitava o máximo o que os dois podiam me dar. Também ligava ao pai quando precisava de mais dinheiro do que aquele que a mãe estava disposta a me dar. Ele nunca se zangava. Só nos víamos uma vez por semana. Parecia suficiente, a ambos.

Foram os colegas da escola que me brindaram com as surras, uma tarefa de que não tinham de orgulhar-se por eu não ser grande nem forte. Chamavam-me Petter, ou Aranha. Quando era pequeno, o meu pai levou-me para visitar o Museu de Geologia, onde estava

exposta uma peça de âmbar em cujo interior ficara aprisionada uma aranha, há muitos milhões de anos, e aconteceu que mencionei a aranha durante uma aula. Tínhamos estado a estudar a eletricidade e expliquei que a palavra «eletricidade» provém da palavra grega para «âmbar». Desde esse dia fiquei a ser conhecido como Petter, *a Aranha*.

Embora baixote, era muito fanfarrão, uma boa razão para conseguir umas boas surras. Era especialmente eloqüente quando havia adultos por perto, quando, por exemplo, subia para o ônibus ou abria a porta do prédio onde morávamos. Conseguia sentir-me verdadeiramente inspirado, a ponto de não medir as conseqüências. Não me entendia bem com aquilo a que agora chamam planificação a longo prazo, nunca parava para me perguntar se valia a pena correr certos riscos. É que eu tinha de enfrentar as crianças todos os dias e nem sempre havia um adulto por perto.

Era muito mais hábil a manejar as palavras do que os meus colegas e também muito melhor a contar histórias. Expressava-me com muito maior facilidade do que alguns garotos que estavam três ou quatro anos adiantados em relação a mim. Mas isso também me fez ganhar muitos hematomas. Eram tempos em que não se dava grande importância à liberdade de expressão. Na escola obrigavam-nos a aprender montes de coisas sobre direitos humanos, mas nunca tiveram o cuidado de nos informar que a liberdade de expressão também se aplica às crianças e entre as crianças.

Numa ocasião, Ragnar atirou-me contra um estendedouro que havia no pátio da escola, com tal violência que me provocou um golpe na cabeça. Quando me vi a sangrar encontrei a coragem suficiente para dizer muitas coisas que, noutras circunstâncias, teria guardado para mim. Tornei públicas algumas verdades sensacionais sobre a família do Ragnar, como, por exemplo, o fato do pai dele andar sempre bêbado, na companhia de vagabundos e indigentes. O outro podia ter-se defendido com palavras, mas Ragnar não era muito hábil para falar e, por conseguinte, limitou-se a ficar olhando para mim e a ver o sangue escorrer. Então acusei-o de covardia por não se atrever a fazer-me calar, acrescentando que não se atrevia porque tudo o que eu tinha dito era a pura verdade. Embalado, acrescentei que já o tinha visto a comer caca de cão e que a mãe dele tinha de lavá-lo, como se lava um bebê, porque Ragnar se mijava e borrava as calças. Afirmei que todo mundo sabia que a mãe dele comprava fraldas na loja, que comprava tantas que até lhe davam desconto de quantidade. Continuava a sangrar da cabeça. Quatro ou cinco crianças olhavam-me com grande respeito.

Levei a mão à cabeça e verifiquei que tinha o cabelo empapado. Senti calafrios. Disse que, na nossa rua, todo mundo sabia que o pai de Ragnar era um caipira. Também disse que sabia a razão que o obrigara a vir viver na cidade. Era um segredo que talvez Ragnar não conhecesse e que eu podia revelar-lhe. O pai dele tinha sido obrigado a fugir para Oslo por ter sido preso. E fora preso porque fornicava com as ovelhas. Tanto fornicava com as ovelhas, afirmiei, que muitas adoeceram e uma delas morreu. Ora, tais coisas não eram bem vistas, expliquei, nem mesmo na região de Hadeland, de onde o pai de Ragnar era natural. Depois de ouvirem esta última informação, todas as outras crianças fugiram, não sei se por causa das ovelhas de Hadeland ou devido à visão do sangue que me corria da cabeça e já formava um charco aos meus pés. Surpreendeu-me muito que o sangue que está junto ao cérebro fosse tão viscoso e tão grosso, imaginava que tivesse uma cor mais clara e fosse mais fluído do que o sangue que circula nas outras partes do corpo. Por momentos, fixei os olhos num reclame luminoso que havia sobre a entrada para o porão. Estava escrito, em grandes letras verdes, «Abrigo». Tentei ler a palavra de trás para frente, mas aquelas letras verdes agonizaram-me. De repente, vi o Metro vir disparado da esquina mais próxima. Já lhe levava uma cabeça e meia de avanço em altura. Levantou a vista e olhou para a minha cabeça e ficou de boca aberta, exclamando:

— *Que bonito! E agora?*

Tinha vergonha de voltar para casa, sabia que a minha mãe não gostava de ver sangue, especialmente quando o sangue era o meu, mas não tinha escolha. Logo que entrei em casa a mãe enrolou-me uma toalha em volta da cabeça, fazendo-me parecer um árabe. Chamou um táxi e levou-me ao hospital. Fui costurado com doze pontos. O médico afirmou que eu tinha batido o recorde daquele dia. Pouco depois regressamos para casa e fomos comer panquecas.

O que acabo de lhes contar é realidade recordada. Continuo a ter uma grande cicatriz, por cima do olho esquerdo, no local onde começa o cabelo. Mas não é a única cicatriz que me ficou da infância, tenho outras medalhas de comportamento. Agora, ao menos, já não mencionam este tipo de coisas no passaporte.

Como é natural, a mãe não quis saber o que se tinha passado. Disse-lhe que me tinha

pegado com um desconhecido por ele ter dito que o meu pai era um fornicador de ovelhas. Foi a primeira vez que vi a mãe defender o meu pai. Estava sempre pronta a falar mal dele, mas tudo tem um limite. Creio que apreciou a nobreza da minha tentativa de defender a honra do meu progenitor.

— Petter, compreendo que tenha ficado furioso. Não são coisas que se digam, estou totalmente de acordo contigo.

Nunca fui delator. Delatar era o equivalente de copiar acontecimentos verdadeiros. Era muito comum. Fazer queixas e bater eram qualidades próprias de quem não sabia expressar-se verbalmente.

À medida que a escola nos ia impondo mais trabalhos de casa também passei a levar menos surras, pois comecei a ajudar os outros alunos da minha turma a desembaraçarem-se dos deveres escolares. Não que me sentasse junto deles a ajudá-los, isso nunca, pois seria muito aborrecido. Além disso, sempre receei fazer amigos. Contudo, acontecia com frequência cada vez maior que eu começava por fazer os meus trabalhos, mas acabava por ter de fazê-los mais uma ou duas vezes. Esses duplicados dos trabalhos eram vendidos aos outros alunos por chocolates ou sorvetes, por exemplo.

Por norma, podíamos escolher um de entre três temas de redação. Se, a título de exemplo, eu escolhesse «Algo parecido com um conto», sentia também o desejo de escrever sobre o outro título: «Quando a luz se apagou»; porém, como apenas me era permitida a entrega de uma redação, dava a outra a Tore ou a Ragnar.

Oferecer redações a Tore e a Ragnar foi uma excelente idéia, pois, assim, deixaram de me dar surras, embora não julgasse que eles me ficassem agradecidos; creio que o dissuasor mais poderoso era o medo de eu poder dizer que lhes tinha feito as redações. Pela

minha parte, não teria problema nenhum em dar essa informação ao professor. Não me sentia culpado por só me permitirem entregar um trabalho. Tampouco era eu quem entregava os trabalhos de Tore e de Ragnar porque, na realidade, eles passavam as redações a limpo, com a sua própria letra. Também era melhor que não o fizessem.

Nunca andei pela escola a fazer propaganda desses trabalhos extraordinários mas, pouco a pouco, os crianças começaram a aproximar-se de mim, a perguntar se lhes vendia qualquer pequena ajuda. Foi assim que surgiu o negócio. A troca não envolvia necessariamente a retribuição em dinheiro ou chocolates, pois havia diversas maneiras de ser pago pelos favores que fazia. Às vezes bastava a promessa de alguém pronunciar um par de obscenidades na aula de trabalhos manuais, ou de colocar uma bola de neve na cadeira do professor. Recordo-me de que as ajudas no trabalho de casa continuaram até a uma idade em que uma redação podia ser negociada com um dos rapazes que se comprometia, por exemplo, a soltar o fecho do sutiã de uma das garotas que já usavam essa peça de vestuário e que não eram, a verdade seja dita, as mais bonitas. Os implicados no negócio sabiam o perigo que corriam se não pagassem o favor, pois eu podia eventualmente informar o professor de que tinha ajudado Oivind ou Hans Olav a fazerem os trabalhos de casa.

Esse tipo de ajudas não se limitava aos conhecimentos da língua norueguesa. Também oferecia os meus préstimos em trabalhos de geografia, religião, ciências naturais e matemática. O único cuidado era não fazê-los muito parecidos com os que eu próprio entregava. Primeiro fazia os meus exercícios de matemática sem qualquer erro, para em seguida elaborar mais um par de exercícios, mas obrigando-me a cometer um número adequado de erros em cada um deles. Seria muito improvável que Tore entregasse trabalhos sem quaisquer erros. Se ele se contentava com um 12, eu tinha de elaborar exercícios que merecessem essa classificação. Se outro colega aspirava à mesma nota, tinha de fazer um exercício do mesmo nível mas, como é óbvio, com erros diferentes.

Também era freqüente eu elaborar trabalhos para as classificações mais altas. Nesse nível também não me faltava mercado. Não me custava perceber que a Arne e a Lisbeth não tivessem a mínima vontade de fazer os trabalhos de casa; é que, por mais que se esforçassem, nunca conseguiriam passar da classificação de «suficiente». No entanto, nunca ganhei nada pelos trabalhos para as classificações mais baixas. Algum limite teria de impor. Para mim,

fazê-los já era prêmio suficiente. Gostava, sobretudo, dos trabalhos em que introduzia um grande número de erros, pois requeriam mais imaginação do que os trabalhos sem erros.

Quando precisava mesmo de dinheiro, nas raras ocasiões em que os meus pais se falavam e se negavam a aumentar um pouco a semanada normal, podia dispensar uma cópia que desse direito a distinção. Creio até que cheguei a elaborar um exercício de geografia para a Hege, que praticava danças de salão e entrava em concursos. No momento, todo o seu tempo era pouco para ensaiar o *tcha-tcha-tcha* e o samba. Nessas situações, costumava cometer um ou dois erros de menor importância no meu próprio exercício para não ofuscar muito o trabalho que vendia. Era a altura do professor me chamar a atenção: «Então, Petter, uma pequena falha de concentração?» «Distraiu-se, Petter» ou outra observação deste estilo. Já no princípio dos anos 60 do século XX os professores tinham começado a usar a que depois veio a chamar-se classificação «individualizada». Sustentar que um aluno com a classificação de «Muito Bom + » tivera uma distração, era realmente um comentário individualizado. Se o trabalho fosse da Lisbeth, o professor teria escrito: «Parabéns, Lisbeth! Bom trabalho!» O professor não sabia que tinha me enganado de propósito e que tinha feito trapaça para obter uma nota mais baixa.

Afinal, Hege teve de ler o seu maravilhoso trabalho de geografia para toda a turma, em voz alta. Sem que alguém esperasse, o professor pediu-lhe que subisse para o estrado e que se sentasse na sua cadeira. Ele foi sentar-se na carteira dela, que era ao lado da minha. Sentava-me na terceira carteira, na fila do centro, e Hege ficava sentada à minha direita. Hege começou a ler em voz alta, era das melhores da turma em leitura, mas desta vez começou a ler em voz tão baixa que o professor teve de lhe pedir que lesse mais alto.

Ela elevou o tom de voz mas, um pouco mais adiante, engasgou-se e teve de recomeçar. Olhou para mim por diversas vezes e numa delas fiz-lhe um sinal discreto com o indicador da mão esquerda. Quando ela terminou, o professor aplaudiu, não pela leitura em si, mas pela importância do que fora lido, pelo que também escolhi a altura para aplaudir. Quando Hege desceu do estrado, perguntei ao professor se haveria tempo para que ela nos dançasse um *tcha-tcha-tcha*, mas o mestre comentou alegremente que isso ficaria para outra ocasião. Pareceu que Hege me ia fazer uma careta, mas não se atreveu. Talvez receasse que, de súbito, eu a despojasse daquela honra, proclamando em alto e bom som que fora eu quem tivera a cortesia de ajudá-la nos seus trabalhos escolares, porque ela estava em ensaios para

um concurso de dança. Tal nunca me passaria pela cabeça, pois Hege sempre cumprira pontualmente o que fora acordado entre nós, além de já me ter dado duas coroas e meia. Porém, isso não parecia tranquilizá-la, já que não tinha conhecimento de que ajudar os colegas de turma nos trabalhos de casa era uma situação normal para mim. Não era a primeira vez que ouvia um dos meus trabalhos a ser lido por outro. Eu era um bom Samaritano, ajudava todos os meus colegas.

Hege começou o secundário na mesma turma que eu e no primeiro ano fizemos uma aposta muito engraçada. A professora Laila Nipen, a que ganhara um montão de dinheiro na loteria, comprou um flamejante *Fiat 500*. Creio que fui eu a sugerir que um grupo de alunos seria capaz de fazer passar o minúsculo veículo através das largas portas duplas do liceu, até colocá-lo na aula magna. Hege achou que a idéia era boa, mas não acreditou que nos atrevêssemos a uma aventura tão arriscada. Aproveitei a ocasião para lhe arrancar a promessa solene de que iria comigo dar um passeio romântico pelo bosque se, antes da semana terminar, o *Fiat* fosse parar na aula magna. Caso contrário, comprometia-me a fazer-lhe os exercícios de matemática durante um mês inteiro. Uns dias mais tarde, o automóvel foi encontrado na aula magna. Toda a operação, concluída em apenas dez minutos, fora levada a cabo enquanto se realizava uma reunião de professores. Tivemos o sangue-frio suficiente para atar um laço de seda azul em volta do carrinho encarnado, para que parecesse um verdadeiro prêmio de loteria. Os responsáveis da escola nunca vieram a descobrir o autor daquela pequena travessura, mas a Hege teve de ir comigo dar um passeio pelo bosque. Não tentou fingir que não percebia a segunda leitura implícita na expressão «passeio romântico pelo bosque». Não era nenhuma tola e sabia até que ponto eu podia ser malicioso. E, afinal, por ela eu havia participado no transporte de um automóvel entre a rua e a aula magna do liceu. Além disso, creio que gostava de mim. Encontramos uma barraca vazia nas proximidades da colina de Linderud. Foi a primeira vez que estive junto de uma garota despida. Só tínhamos catorze anos, mas ela já estava totalmente desenvolvida. Pareceu-me a coisa mais maravilhosa que alguma vez pudera tocar.

Por vezes também ajudava os professores. Propunha-lhes temas divertidos para as redações e outros tipos de trabalhos para casa. Certa vez, ofereci-me para ajudar o professor a corrigir os exercícios de matemática da turma. Noutras ocasiões pedia-lhes que explicassem melhor ou que aprofundassem qualquer pormenor da matéria dada. Se tínhamos estado a estudar um tema relacionado com o Egito, por exemplo, pedia ao professor para nos explicar o que era a Pedra de Roseta. A não existir essa pedra, os investigadores não teriam logrado decifrar os hieróglifos, expliquei, e nesse caso não saberíamos grande coisa sobre a forma

como pensavam os egípcios antigos. Quando o professor deu uma lição sobre Copérnico, pedi-lhe que nos falasse também de Kepler e de Newton, pois era um fato bem conhecido que Copérnico não acertou em todas as suas previsões.

Aos onze anos já tinha lido muito; em casa tínhamos a enciclopédia de Aschehoug e também a Salmonsens, num total de quarenta volumes. De acordo com a minha disposição do momento, utilizava um de três métodos de consulta de uma enciclopédia: umas vezes procurava artigos sobre determinado assunto, regra geral relacionado com um tema em que já andasse a pensar havia algum tempo; outras vezes punha-me a ler um tomo qualquer da enciclopédia, durante horas, percorrendo as folhas ao acaso, enquanto que em outros dias me dava para estudar um volume inteiro, da primeira à última página; por exemplo, o volume 12 da enciclopédia da Editora Aschehoug, de *kwan* até *madeira*, ou o volume XVIII da Salmonsens, desde *Nordlandsbaad* a *Perleoerne*. Além disso, nas estantes lá de casa a minha mãe tinha várias dezenas de livros interessantes. Sentia-me especialmente atraído pelas obras que recolhiam todo o saber sobre determinado assunto, com títulos como *O Mundo da Arte*, *O Mundo da Música*, *O Corpo Humano*, *História da Literatura Mundial*, *História da Literatura Norueguesa* ou *Dicionário Etimológico das Línguas Norueguesa e Dinamarquesa*.

Quando fiz doze anos, a mãe comprou-me *My Autobiography*, de Charles Chaplin que, malgrado a sua falta de objetividade, passou a ser uma espécie de enciclopédia para mim.

A minha mãe estava sempre a recordar-me a obrigação de voltar a colocar os livros nos seus verdadeiros lugares, acabando por me proibir de ter mais de quatro livros no quarto.

— Por mais que queira, não pode ler mais de um livro ao mesmo tempo — dizia, sem perceber que muitas vezes essa era a parte mais divertida da leitura, comparar o que os diversos livros diziam sobre o mesmo assunto. Receio que a minha mãe não tivesse uma percepção muito apurada daquilo que eu chamaria o uso crítico das fontes.

Aproveitando a circunstância de na aula de religião termos estado a falar dos profetas, pedi ao professor que abrisse a *Bíblia* no profeta Isaías, capítulo 7, versículo 14. Pretendia que ele explicasse à turma a diferença entre «virgem» e «mulher jovem». Saberia o professor que a palavra hebraica para «virgem», tal como é usada neste versículo, significa apenas «mulher jovem»? Tinha lido aquilo, por puro acaso, na enciclopédia de Salmonsén. E disse também estar convencido de que S. Mateus e S. Lucas não haviam estudado com suficiente profundidade o texto hebraico. Talvez se tivessem contentado com a tradução grega, a chamada *Septuaginta*, um nome que me parecia sumamente divertido. *Septuaginta* é a palavra latina para o número 70, sendo esse o nome dado à primeira tradução grega do *Antigo Testamento*, que foi elaborada por setenta eruditos judeus, em setenta dias. Disse tudo isto ao professor.

O professor nem sempre acolhia com entusiasmo estes complementos das matérias dadas, ainda que eu tivesse sempre o cuidado de não corrigi-lo, mesmo quando ele proferia afirmações completamente erradas. Quando me atrevi a atacar o dogma da Imaculada Conceição, referindo-me ao que considerava ser um erro de tradução na *Septuaginta*, o professor defendeu-se com o seu compromisso em relação aos ensinamentos da Igreja e às normas vindas do Ministério da Educação. Também tentou silenciar-me quando aludi a um pormenor tão inocente como a duração da atividade pública de Jesus Cristo, um período de três anos segundo o evangelho de S. João, ou apenas de um ano segundo os restantes evangelistas. Nas aulas de fisiologia era-me penoso ouvir o professor usar o termo «pilinha» para se referir a uma determinada parte da anatomia masculina, pelo menos quando o tema da lição se relacionava com a procriação. Disse-lhe que a palavra «pilinha» estava fora de moda, especialmente quando se falava de sexualidade.

— Sendo assim, qual é, na tua opinião, a palavra que acha que devo usar? — perguntou o professor. Era um sujeito muito compreensivo, além de ser um homem grande e forte, de quase dois metros de altura. Mas ficara desconcertado.

— Não faço idéia — respondi —, mas terá de encontrar outra. Não obstante, procure evitar o latim — concluí.

Os conselhos deste gênero nunca eram dados durante as aulas. Não se tratava de demonstrar aos colegas que sabia mais do que eles ou que, em certos casos, sabia mais do que o professor. Estes simpáticos conselhos eram sempre dados à entrada das aulas ou à saída. Não pretendia impressionar o mestre, nem mostrar-me mais interessado do que realmente estava no trabalho escolar. Muito pelo contrário, pois muitas vezes mostrava um interesse menor do que o que realmente tinha, uma situação bastante mais divertida. Será que fazia aquilo por pura bondade? Não, nada disso.

De vez em quando dava alguns bons conselhos aos professores por me divertir a observar as reações deles. Gostava de ver as pessoas em ação. Gostava de as ver a dançar ao ritmo da minha música.

Todos os sábados ouvia o programa infantil da Rádio Nacional Norueguesa. E não estava só, pois todas as crianças norueguesas ouviam este programa das tardes de sábado. Há pouco tempo deparei com uma estatística onde se demonstrava que, entre 1950 e 1960, noventa e oito por cento das crianças norueguesas ouviam o programa infantil dos sábados. Creio que a estatística peca por defeito.

Vivíamos no seio daquilo a que os especialistas chamam uma cultura homogênea. Toda a gente de bem escutava as novelas infantis de Astrid Lindren e do jovem lorde Fauntleroy. Todos líamos as histórias dos Cinco. Fomos criados com Lauritz Johnson, Torbjorn Egner, Alf Proysen e Anne-Cath. Todos partilhamos de experiências comuns: os longos programas de previsões metereológicas, as cotações assépticas da Bolsa, os espetáculos de sábado no estúdio grande da Rádio Nacional, os pedidos dos ouvintes, a música para os automobilistas e a série policial *Dickie Dick Dickens*, o terror de Chicago. Todos os noruegueses da minha geração comungam das mesmas referências culturais. Éramos uma grande família.

Para o programa infantil de sábado compravam-nos um chocolate de 50 cêntimos, uma garrafa pequena de suco de laranja, de 1,75 decilitros, e um pacote de bolachas com formas de letras ou, em alternativa, uma caixinha de passas ou um saquinho com amendoins. Por vezes davam-nos as duas coisas, uma boa oportunidade para fazermos misturas. As guloseimas de sábado estavam tão institucionalizadas como o café-da-manhã escolar. O café-da-manhã era fornecido pelas autoridades escolares dos municípios e incluía leite, pão integral com queijo de cabra e pasta de fígado, caviar norueguês e marmelada. Durante essas refeições matinais eu fazia por vezes uns inquéritos para averiguar as guloseimas que os outros recebiam durante o programa infantil de sábado à tarde. Concluí que todos recebiam as mesmas coisas. Recordo-me de ter sentido um calafrio ao pensar que haveria uma conspiração montada pelos pais de todas as crianças. Isso aconteceu antes de me aperceber até que ponto pode chegar uma cultura homogênea.

Às vezes davam-nos uma coroa para que fôssemos ao quiosque e escolhêssemos as nossas próprias guloseimas de sábado. O resultado era muito melhor do que a mistura habitual de amendoins, passas e bolachas de letras. Com uma coroa compravam-se dez chocolates, mas com dez cêntimos podíamos comprar um chiclé, duas bolas de gelatina cobertas de açúcar, uma pastilha de menta, duas barras de chocolate de cinco cêntimos cada ou quatro caramelos de frutas. Podíamos comprar uma barra de chocolate *Riegel* de 25 cêntimos, um refresco e vários doces. Tinha uma grande habilidade para fazer o meu dinheiro render. Além disso, de vez em quando surripiava alguns cêntimos do porta-moedas da minha mãe, enquanto ela estava a regalar-se no banho, a cochilar ou sentada no sofá ouvindo *La Bohème*. Tirar uma ou duas moedas não me provocava problemas de consciência, pois só o fazia quando passava vários dias sem fazer uso do telefone. Quatro chamadas num dia custavam uma coroa; eu era um homenzinho muito organizado. Contudo, pelo respeito que votava à minha mãe, tinha sempre o máximo cuidado para não fazer tilintar as chaves e as moedas quando metia a mão no bolso do casaco que ela deixara pendurado. O Metro apanhava-me a fazer isso com uma certa frequência, mas não me denunciava. Dispondo de uma coroa extra, a escolha das guloseimas de sábado tornava-se muito mais fácil.

Nem todo mundo podia se gabar de ter receptor de rádio de modelo recente, mas eu e a minha mãe tínhamos um. Acabávamos de trocar um *Radionette* antigo por um magnífico *Tandberg Huldra*. Fora colocado na sala de estar, numa estante de teca, e estava ligado a duas colunas. Noutra prateleira, por baixo do rádio e do toca-discos, a minha mãe guardava toda a sua coleção de discos de vinil de 78 rotações, além de uma boa coleção de *LPs* e *singles* modernos. Depois de comprar o saquinho de guloseimas para o programa infantil de sábado,

sentava-me no *puff* persa, muito perto das colunas de som e punha todos os doces numa longa fila, em cima do aparelho de rádio. Nos dias em que comprava mais guloseimas do que as permitidas pelos meus meios financeiros oficiais, colocava uma fileira de chocolates e pastilhas na prateleira dos discos. Nesses casos, começava sempre a comer os doces da fileira de baixo.

Os adultos também costumavam comprar qualquer coisa para acompanhar o café de sábado à tarde. Esse assunto também foi objeto das minhas pesquisas exaustivas durante o café-da-manhã escolar. O resultado encaixava quase sempre na perfeição com a experiência vivida na minha própria casa. Os adultos comiam grandes peças de frutas cristalizadas, que custavam 25 cêntimos, bombons com recheio de conhaque e barras de chocolate com sabor de laranja ou anis. Quando recebiam visitas aos sábados pela manhã, tomavam chá acompanhado de pãezinhos quentes com acepipes ou, quando queriam mostrar-se mais cerimoniais, compravam baguetes, isto é, o chamado pão de Paris, para fazerem grandes sanduíches de carne assada, maionese de camarão, presunto ou pasta de fígado.

A minha mãe acreditava que eu ouvia o programa infantil para me divertir. Nunca percebeu que eu permanecia mergulhado nos meus próprios pensamentos, de que, enquanto me encontrava sentado no *puff*, estava a meditar na forma de melhorar o programa. Parecia-me que, se a rádio monopolizava a atenção de todas as crianças durante uma hora todo sábado, a qualidade da emissão devia ser tida em conta. Elaborei uma longa lista de sugestões de programas, desde concursos de ouvintes, piadas e histórias de terror, histórias de animais, histórias da vida real, contos e peças de teatro radiofônico, tudo criado por mim. Cronometrei cada uma das partes e consegui manter-me sempre dentro dos 60 minutos do programa. Aprendi muitas coisas. Para quem tinha sentido crítico era impressionante o que se podia fazer num espaço de 60 minutos. E eu o tinha, mas, infelizmente, Lauritz Johnson, o eterno diretor desse programa radiofônico, não o tinha. Até um homem como o querido poeta e trovador Alf Proysen deveria ter perguntado a si mesmo quantas vezes é que as crianças norueguesas conseguiriam suportar a sua cantiga sobre o mealheiro... Walt Disney, esse sim, punha sentido crítico em tudo o que fazia, era divino, havia criado o seu próprio universo. Walt Disney e eu tínhamos diversas coisas em comum. Em dado momento, ele também se inspirou no Tivoli de Copenhaga para construir a sua Disneylândia e eu também inventei várias histórias divertidas do *Pato Donald* com o firme propósito de enviá-las a Walt Disney, o que nunca cheguei a fazer.

Tampouco enviei as minhas sugestões para a Rádio Nacional Norueguesa. Se o tivesse feito, certamente elas seriam tidas em conta, não duvido disso, mas não iria querer ouvir um programa infantil na rádio, se eu próprio o tinha idealizado por inteiro dentro da minha cabeça. Por conseguinte, guardei todas as idéias inovadoras para mim. Nem todas as pessoas são capazes de agir com tanta cautela. O desenvolvimento da televisão é uma boa prova do que digo.

Quando a televisão norueguesa inaugurou as emissões oficiais, em 1960, estava na casa de um vizinho e ouvi o discurso do primeiro-ministro, Einar Gerhardsen, que reconheceu haver muitas pessoas temendo que a televisão viesse a repercutir-se de modo negativo na vida das crianças e das famílias. Afirmou que essas pessoas tinham medo de que a televisão fosse prejudicial a certas atividades escolares, como o trabalho de casa, mas também sobre os folguedos ao sol e ao ar livre. «A evolução da televisão poderá ser muito semelhante ao que aconteceu com a rádio», assinalou o primeiro-ministro. «A tendência para o exagero é natural quando existe algo de novo.» Mas Einar Gerhardsen pensava que isso se passaria apenas no início, que acabaríamos por desenvolver critérios pessoais de escolha. «Temos de aprender a seleccionar o melhor», disse Gerhardsen, «temos de aprender a desligar o televisor quando o programa que estiver sendo emitido não nos interessar. Só quando o conseguirmos é que a televisão será um instrumento útil e agradável.» Gerhardsen deu voz à esperança de que a televisão viesse a tornar-se um novo meio de promover o ensino e a cultura do povo, de que se convertesse num novo meio de disseminar conhecimentos por todo o país. Esperava que a televisão fosse a chave para o acesso a novos valores do pensamento e destacou a necessidade de sermos exigentes em relação à qualidade dos programas destinados às crianças e aos adolescentes.

Einar Gerhardsen era dotado de uma fé inquebrantável no futuro. Era também um homem bom e, felizmente para ele, não viveu o suficiente para assistir ao processo de degradação do meio televisivo. Se Einar Gerhardsen ainda fosse vivo, poderia hoje escolher entre uma rica flora de telenovelas e *reality-shows* transmitidos pelas diversas estações, poderia comprovar a grande habilidade que os diversos canais mostram quando se trata de competir com qualidade, especialmente quando os programas se destinam a crianças e jovens, e teria podido ver como somos hábeis a seleccionar aquilo que realmente interessa.

Como ia dizendo, tinha-me feito convidado, sem qualquer objeção, para a casa do vizinho que acabara de comprar um televisor. Tinha oito anos, as férias de Verão estavam terminadas e já havia iniciado o segundo ano do ensino obrigatório. Era indispensável que, desde o início, eu estivesse por dentro deste novo meio de comunicação. O vizinho não tinha filhos, uma excelente situação para mim. Penso que também não tinha mulher; na verdade, nunca o vira na companhia de nenhuma. Mas tinha um grande cão labrador que se chamava *Waldemar*. Cheguei mais cedo, de propósito, para ter tempo de brincar um pouco com o cão antes do início da primeira transmissão oficial da televisão norueguesa. Perguntei ao vizinho se ele acreditava que os cães eram dotados da capacidade de pensar e respondeu-me que sim. Contou-me que, observando os olhos do *Waldemar*, sabia se o cão estava sonhando ou se estava apenas dormindo, o que também se podia comprovar pela agitação da cauda.

— Deve sonhar apenas com ossos e biscoitos para cães, ou talvez com cadelas — objetei —, mas não creio que um cão possa sonhar com uma peça de teatro. Como os cães não são dotados de fala, também não creio que sejam capazes de sonhar coisas interessantes — acrescentei. O vizinho assegurou-me de que *Waldemar* se expressava claramente quando tinha fome ou quando precisava de fazer as suas necessidades; também não era difícil de ver quando estava triste ou alegre, ou quando tinha medo.

— Mas não é capaz de contar uma história — insisti —, não possui a imaginação necessária e, por isso, também não é capaz de chorar.

Quanto a isso, o vizinho deu-me razão. Disse que era obrigado a levar o *Waldemar* a passear para evitar que ele urinasse no meio da sala, mas o que era uma sorte, não tinha de preocupar-se com a possibilidade de que *Waldemar* resolvesse, de repente, transformar os estofados do sofá num palco de teatro ou começar a fazer desenhos do *Pato Donald* nas paredes.

— Os cães não têm as nossas capacidades de comunicação — afirmou —, talvez seja a isso que está se referindo.

Era exatamente o que eu procurara dizer.

— E, mesmo assim, poderão ser tão felizes como os seres humanos — acrescentei.

Não ouve tempo para mais conversas, pois chegara a vez de Einar Gerhardsen. O vizinho e eu participamos de um acontecimento histórico nacional. *Waldemar* dirigiu-se para a cozinha e ocupou-se de outras coisas.

O novo meio de comunicação se transformou depressa num enorme desafio. Um ano depois, mais coisa menos coisa, consegui convencer a minha mãe a comprar um televisor e não levei muito tempo a ficar com a cabeça cheia de idéias para novos programas. Não enviei nenhuma delas à televisão norueguesa, mas telefonava-lhes muitas vezes para dar a minha opinião.

Uma das idéias para um programa consistia em meter dez pessoas numa casa vazia. Ficariam isoladas do resto do mundo e não seriam autorizadas a sair antes de terem criado algo de totalmente novo, uma coisa que fosse importante para todos os habitantes da Terra. Poderiam, por exemplo, redigir uma nova declaração de direitos humanos, criar a história mais bela do mundo ou ensaiar a mais divertida das comédias teatrais. Creio que calculei a estadia em cem dias. Porém, como os participantes eram dez, na realidade os dias seriam mil, isto é, cerca de três anos. Com boa vontade, dez pessoas podem conseguir grandes resultados em cem dias. Em primeiro lugar, teriam de aprender a colaborar, essa seria uma condição indispensável. De cada vez que tivessem algo de importante a comunicar à humanidade podiam entrar em contato com a televisão e, nessa ocasião, Erik Nye e Rolf Kirkvaag, as figuras mais famosas das telas de televisão, iriam à casa grande com uma câmara de filmar para averiguar aquilo que os participantes tinham idealizado e que consideravam ser tão importante para a humanidade. Naquela época ainda não se utilizavam vinte ou trinta câmeras

para gravar um programa de televisão, nem havia tão grande número de câmeras em toda a televisão norueguesa, pois estou falando de um período anterior à descoberta de petróleo no Mar do Norte. Também se pensava que, para falar diante de uma câmera de televisão, era conveniente que a pessoa tivesse coisas importantes para dizer. É óbvio que isso não acontecia com todo mundo; contudo, o fato da pessoa ter alguma coisa importante para contar ainda era visto como uma vantagem. Na época, também se realizavam orgias desenfreadas, mas não haveria possibilidade de filmar uma festa que durasse cem dias. Eram outros tempos, talvez outra cultura, talvez até outra coisa muito diferente, como que uma outra civilização. Não digo isto para me defender, mas não consegui imaginar a cultura televisiva dos nossos dias. Enchi rapidamente um bloco com boas idéias, mas os programas que vieram a conseguir bater recordes de audiência — como as séries de TV com conluios de garotas tontas, rapazes enfadonhos e várias centenas de horas de duração — ultrapassaram as minhas fantasias mais loucas. Também me parece pouco provável que César ou Napoleão fossem dotados de fantasia suficiente para conseguirem imaginar as armas nucleares ou as bombas de fragmentação. Por vezes, poderá ser mais sensato guardar alguns inventos para a posteridade. E o uso de todas as idéias brilhantes não tem de ser um objetivo inadiável.

Em criança passei muito tempo sozinho. E fui passando mais horas sozinho à medida que fui crescendo. Adorava estar só, apreciava muito a meditação solitária. Com o passar do tempo, concentrei-me cada vez mais em imaginar enredos para livros, cinema e teatro.

Desde a infância e da adolescência que me dediquei a acumular notas para centenas de histórias. Tratava-se de esboços para todos os gêneros: contos, romances, novelas, obras de teatro e enredos cinematográficos. Nunca fiz qualquer tentativa de elaboração e desenvolvimento de qualquer dessas idéias; creio que tal nunca me ocorreu. Com uma tão grande quantidade de enredos, como poderia escolher o mais apropriado para um romance?

De qualquer maneira, nunca teria conseguido escrever um romance, pois sempre tive inspiração em demasia. Durante o próprio processo de pensar e tomar notas, a minha

inspiração atingia tais níveis de intensidade que eu era constantemente interrompido por novas idéias que surgiam em cascatas, por vezes muito melhores do que as idéias iniciais. Os romancistas revelam um talento muito especial para se concentrarem numa mesma idéia durante muito tempo, durante anos, por vezes. Para mim, essa fixação parecia-se muito com falta de energia e de lucidez mental.

Mesmo que tivesse sido capaz de me concentrar o suficiente para escrever um romance, não teria sentido prazer em fazê-lo. Nunca teria encontrado motivação suficiente para escrever um romance, uma vez que a idéia tinha sido concebida e encontrava-se a salvo num bloco de anotações ou num arquivo. Para mim, a parte mais importante foi a coleta e a ordenação da maior parte das idéias, aquilo a que depois passei a chamar temas e sinopses. Talvez pudesse ser comparado ao caçador que se compraz na caça de animais raros, embora não tenha necessariamente que se encontrar presente quando se procede o esquiteamento, preparação e consumo da carne. Não há qualquer contradição entre ser bom atirador e vegetariano, devido, por exemplo, a razões de saúde. O mesmo acontece em relação a muitos pescadores esportivos, que não gostam de comer peixe e, não obstante, conseguem permanecer durante horas a manejar varas, linhas e molinetes; e se alguma vez conseguem apanhar um grande peixe, apressam-se a dá-lo a um amigo ou a alguém que passa por ali. A elite dos pescadores vai ainda mais longe: lançam o anzol, retiram o peixe da água para, em seguida, o devolverem ao mar. Graças a Deus, não precisam passar o dia todo pescando com o único fim de aliviar um pouco os gastos domésticos... Para os praticantes desta nobre arte de capturar o peixe para depois devolvê-lo à água, o mais interessante é exatamente a ausência de motivação para consumir, o interesse material da atividade. O indivíduo pesca porque a pesca é uma coisa maravilhosa. Pescar é um jogo sutil, uma arte nobre. A comparação faz-me pensar em Ernst Jünger que, num dos seus diários de guerra, escreveu que ninguém deve sofrer por uma idéia que nos escapa. É como se um peixe se libertasse do anzol e regressasse às profundezas do mar para emergir mais tarde, só que mais crescido... Se, pelo contrário, tiramos o peixe da água para o metermos num saco plástico, o nosso gesto significa um corte definitivo na evolução posterior do peixe. Pode se dizer exatamente o mesmo da idéia que está por trás de um romance e se fixa numa forma, mais ou menos bem conseguida, e pode até chegar a ser publicada. Talvez a vida cultural se caracterize por capturas muito elevadas e um nível muito escasso de publicações.

Existe uma outra razão para a minha falta de vontade de escrever um romance, ou de «começar a escrever», como costuma se dizer: ser escritor pareceu-me uma vaidade excessiva. Desde pequeno, sempre temi tanto a idéia de me mostrar quanto como a idéia do

meu pai começar, de repente, a sussurrar-me palavras inoportunas durante aquela viagem pelo túnel do amor do Tivoli. Os gestos mais odiosos do meu pai eram passar-me a mão pelo cabelo e acariciar-me as faces. Não me parecia natural e não sabia como responder a intimidades daquele gênero.

Não estou dizendo que ser vaidoso seja uma qualidade desprezível, longe disso; gosto de pessoas vaidosas, sempre me divertiram muito. As únicas pessoas ainda mais interessantes do que as vaidosas são as claramente exibicionistas e as satisfeitas consigo mesmas; estas pessoas divertem ainda mais o observador do que as que são apenas um pouco egocêntricas. Nos lugares onde se reúne muita gente costumo topar de imediato os mais pomposos, os que se distinguem com mais facilidade, pois não é difícil descobrir um pavão real quando a ave tem a cauda toda aberta. Acho mais divertido falar com gente ligeiramente vaidosa do que conversar com pessoas cujo ego está oculto, total ou parcialmente, por um interesse artificial pelos outros. Os vaidosos dão sempre o seu melhor para serem os mais engraçados, para entreterem os companheiros. São incansáveis. Só por si, são um espetáculo.

Para meu mal, sempre fui completamente destituído de vaidade. A vida à minha volta deve ter sido um aborrecimento, mas acostumei-me a viver assim. Nunca me atreveria a fazer um espetáculo. Reconheço que esta minha atitude é mesquinha, mas nunca teria concedido dançar ao som de música tocada por outros. Não digo que não seja inteligente, mas nunca teria suportado a idéia de alguém me dizer que o sou.

Serve esta exposição para explicar que nunca consegui fazer uma coisa tão pretensiosa como escrever, e ainda menos publicar e apresentar, um romance ou uma coleção de contos. Para quê? Para subir ao palco e ser recebido por aplausos e reverências? Além do mais, escrever romances tornou-se uma atividade muito comum. Chegará o dia em que a atividade de escrever romances será tão comum quanto antes foi normal o prazer de lê-los.

Ao ver *Luzes da Ribalta* na companhia da minha mãe compreendi como a vida é curta. Percebi que morreria dentro de pouco tempo, deixando tudo para trás. Ao contrário dos vaidosos, tive uma capacidade especial para levar esta idéia até às últimas conseqüências.

Nunca tive dificuldade em imaginar salas de cinema e de teatro repletas, mesmo muito tempo depois de eu ter deixado de andar por aqui. Nem todo mundo consegue. Há muitas pessoas que, de tão embriagadas com as suas próprias sensações, são incapazes de entender que existe um mundo exterior a elas. E, pelo mesmo motivo, são incapazes de reconhecer o contrário: que, um dia, o mundo vai acabar. Quanto a nós, basta a ausência de umas quantas batidas do coração para que sejamos separados da humanidade para sempre.

Jamais tentei embelezar o meu caráter, exibindo-me perante os outros ou fazendo pose em frente ao espelho. Estou neste mundo para uma breve visita. Essa é uma das razões que me têm levado a apreciar a companhia de pessoas vaidosas.

Falar com crianças pequenas ou ver uma comédia de costumes de Holberg ou de Molière é, muitas vezes, o suficiente para me clarear a mente. Na mesma ordem de idéias, encontrar-me com pessoas vaidosas tem sido uma bênção, pois elas são tão cândidas como as crianças pequenas e essa candura é exatamente o que lhes invejo. Vivem como se a sua vida servisse para alguma coisa, como se houvesse alguma coisa em jogo. Mas somos apenas pó. Então, de que serve nos enfeitarmos com penas de pavão? Ou, como diz Mefistófeles ao assistir à morte de Fausto: *De que serve o nosso desejo cego de criar quando tudo o que criamos está condenado a desaparecer?*

A minha mãe morreu em 1970, pouco antes do Natal. Eu estava no último ano do curso secundário. A doença chegou de repente e foi breve, primeiro um mês em casa, com tratamento ambulatorio diário, depois umas semanas no hospital.

Os meus pais reconciliaram-se umas semanas antes da morte dela, nas vésperas da sua

entrada no hospital. O pai confessou que havia destruído a vida da minha mãe e ela disse o mesmo a respeito dele, isto é, que tinha arruinado a vida dele. Contudo, continuaram até o fim com os seus censuras e calúnias. Com uma diferença: tinham deixado de se culpar um ao outro, agora cada um culpava a si mesmo. Não obstante, a soma das censuras e das calúnias não sofreu qualquer alteração. Quanto a mim, pouco me importava que os meus pais se torturassem entre eles ou simplesmente a si próprios.

Foi um funeral esplêndido. O pai pronunciou um longo elogio fúnebre, em que falou da pessoa maravilhosa que a minha mãe havia sido. Também se referiu ao que chamou o grande «pecado original» da vida do casal. Não obstante, na fase final tinham conseguido encontrar-se de novo, houvera um perdão mútuo dos defeitos de cada um, afirmou. Dessa forma, tinham conseguido, apesar de tudo, cumprir o voto que haviam feito perante o altar. Tinham estado juntos, na tristeza e na alegria, e ainda lhes tinha sobrado tempo para se amarem, até que a morte os separou.

Não houve qualquer fingimento nas palavras elogiosas proferidas pelo meu pai, que amou realmente a minha mãe nas semanas que precederam a morte dela. A mim pareceu-me muito tarde e pensei que poderia ter-se absterido de aparecer naquelas semanas finais. Talvez a amasse ainda mais nas semanas que se seguiram à morte da mulher e, ao dizer isso em público, não pretendia apenas que as outras pessoas lhe dessem mais atenção.

Eu também deveria ter pronunciado algumas palavras no enterro da minha mãe, mas não fui capaz. Estava destroçado. Creio que a minha dor foi mais profunda que a do pai; por isso, não consegui dizer nada, aquele não era o momento adequado para dizer coisas inteligentes. Se não estivesse tão afetado pela morte da mãe, certamente teria pronunciado um discurso comovente. Não sabia que o acontecimento me iria afetar tão profundamente. Limitei-me a levantar-me da cadeira e me aproximar do ataúde com um ramo de miosótis. Fiz um aceno de cabeça na direção do meu pai, outro na direção do sacerdote e ambos me devolveram o cumprimento. Quando voltei a me sentar, verifiquei que o homenzinho do chapéu verde de feltro caminhava pelo centro da sala agitando a bengala. Estava de mau humor.

Já tinha dezoito anos e o pai pensou que eu devia continuar a viver no apartamento, ainda que a minha mãe não morasse mais lá. Nos meses seguintes, continuamos a nos ver uma vez por semana. Porém, a partir do início da Primavera, pareceu suficiente que nos víssemos só uma vez por mês. Já havíamos deixado para trás as corridas de velocidade sobre patins, os saltos de esqui e essas coisas todas. Também não houve mais passeios pelo túnel do amor. O pai morreu com mais de oitenta anos.

Recordo que nas semanas seguintes à morte da minha mãe dei comigo a pensar: A mãe já não está aqui para me ver. Quem será que me vê agora?

MARIA

Não me esqueci da minha mãe, ela nunca se apagará da minha memória, mas agradou-me ficar com o apartamento só para mim. Naquela época não eram muitos os rapazes da minha idade que tivessem casa própria.

Durante algum tempo não tive ninguém para acompanhar ao cinema ou ao teatro, o que era de lamentar, mas não tardei a convidar garotas para irem comigo. Não sentia acanhamento, não tinha qualquer dificuldade em acercar-me de uma garota, no intervalo entre duas aulas, a fim de convidá-la a ir ao cinema ou ao teatro. Conheci garotas no ônibus ou numa loja, ou até no centro da cidade. Em vez de fazer o pedido a alguma garota da minha turma, preferia convidar desconhecidas, evitando assim os mal-entendidos de todos os gêneros e a necessidade de dar seqüência ao primeiro convite. Mesmo sem conhecer a garota a quem convidava, procurava sempre ter uma noção de quem ela era através do aspecto, além de conseguir fazer uma idéia aproximada da sua idade.

Como tinha uma certa facilidade em entabular conversa com as garotas, poucas vezes me diziam que não. Riam-se, mas, dada a forma como lhes apresentava a sugestão, não achavam estranho que as convidasse a ir ao cinema ou ao teatro, mesmo sem nos conhecermos. A maneira como a proposta era apresentada fazia-as sentirem-se eleitas. E eram, de fato, porque eu não convidava a primeira mulher que me atravessasse o caminho.

As garotas ficavam satisfeitas por saberem que eu tinha casa própria. Convidava-as a irem a minha casa beber um copo de vinho tinto ou cerveja, a comerem uns ovos mexidos ou um pouco de queijo. Algumas ficavam e dormiam lá, mas raramente convidava a mesma garota mais do que uma vez. É que, se permitisse que a mesma garota viesse mais vezes, ela podia sentir-se frustrada se não fosse convidada com maior freqüência; eu teria criado expectativas que era incapaz de satisfazer, o que me obrigaria a entrar em explicações que preferia não dar. Mas nunca senti dificuldades em me fazer entender.

Nenhuma me guardou rancor por só convidar para uma ida ao teatro, para uma ceia ou para ficar uma noite lá em casa. Os problemas não costumavam acontecer antes de quatro a seis visitas do gênero. Era um paradoxo. Uma garota que passava uma noite em minha casa costumava dar-se por satisfeita. Não ia contar a aventura a toda cidade. Na sua maioria, as garotas não gostavam de contar que tinham dormido apenas uma noite na casa de um desconhecido. Porém, logo que o número de noites tivesse de ser expresso por dois dígitos, começavam a choramingar, a falar do caso às amigas e a dar quase como certo que o número de noites iria converter-se num número de três ou até quatro dígitos.

Nunca enganei uma garota. Nunca lhes prometi a ceia depois da ida ao teatro ou ao cinema, nem uma cama depois da ceia, como também nunca lhes alimentei esperanças de repetir o convite. Era bem mais generoso com os galanteios, isto porque apreciava sobremaneira aquelas visitas femininas, mas nunca dei a entender que desejava, ou que podia, assumir um compromisso mais duradouro. Por vezes, a fim de evitar mal-entendidos, ao emprestar qualquer coisa a uma garota, uma escova de dentes, uma toalha ou um dos velhos roupões da minha mãe, sublinhava que, embora adorasse tê-la na minha companhia até à manhã seguinte, não desejava dar ao encontro mais importância do que a que ele realmente tinha, isto é, que se tratava apenas de uma visita agradável. Se gostava mesmo da garota, se gostava mais dela do que de todas as outras, considerava um dever sagrado avisá-la de que não tinha a intenção de me comprometer com ninguém. Embora ficassem impressionadas pela declaração, nenhuma delas correu para a porta. Entendia que falar-lhes com clareza, como eu fazia, lhes espicaçava a curiosidade por passarem a noite comigo. Por vezes apreciamos mais as coisas que não pensamos repetir do que as coisas que pensamos ter para sempre.

Gostava de receber visitas de muitas garotas porque cada uma delas se interessava por um pormenor diferente da minha casa. Algumas dirigiam-se logo para a estante, pegando nos livros que lhes interessavam. Uma garota chamada Irene pôs-se a folhear *O Mundo da Arte*, enquanto outra, uma tal Randi, começou a ler em voz alta o livro do Dr. Karl Evang sobre a vida sexual. Eu tinha lido fragmentos do livro quando era pequeno, mas achava que a obra já estava bastante ultrapassada. Uma das garotas, penso que chamada Ranveig, apressou-se a sentar-se ao piano verde e tocou, muito mal, um noturno de Chopin; Turid, por sua vez, improvisou alguns acordes de várias melodias do musical *Hair*. Metade delas, ou até mais, contentava-se a pôr um disco a girar logo que entrava na sala. E eu tinha de tudo: Joan Baez, Janis Joplin, Simon & Garfunkel ou Peter, Paul & Mary. Uma ruiva de olhos azuis quis que tocássemos um disco do musical infantil *Karim e Bactus*, mas, até o momento em que voltei a ver Hege, por acaso, em finais de Maio, nenhuma das minhas visitas havia mostrado interesse por Tchaikovsky ou por Puccini.

Hege tinha concluído o curso de música do conservatório e quando a levei em casa, depois de termos visto o filme *A Primeira Noite*, sentou-se ao piano e tocou o *Concerto n.º 2* para piano em dó menor, de Rachmaninov. O concerto durou mais de meia hora e, quando ela chegou ao *adagio*, fiquei por momentos convencido de que a amava; porém, ouvido o *allegro* final, compreendi que fora a música que me tinha seduzido, não a pianista. Ao entrar no quarto, Hege teve um ataque de riso quando lhe recordei o episódio de um certo *Fiat 500* e o romance, o passeio romântico pelo bosque e uma certa cabana abandonada. Agora éramos adultos e não nos víamos desde esses primeiros anos do liceu.

Hege passou três noites seguidas em minha casa; porém, no quarto dia, quando se convenceu de que o nosso caso não tinha futuro, saiu e nunca mais voltou a contactar-me. Compreendi a sua maneira de agir. Conhecíamos-nos desde crianças e fôramos muito amigos para podermos jogar os jogos dos adultos sem que daí resultassem outras conseqüências.

Creio que o Metro era da mesma opinião que eu, pois estive sempre muito mal humorado durante os três dias que Hege passou comigo. Andou às voltas pela sala e pela cozinha, sempre a agitar a bengala de bambu diante dos olhos dela. Que Hege não conseguisse vê-lo era um verdadeiro mistério para mim.

Muitas das garotas pretendiam sair para o terraço. A minha mãe sempre cuidara com desvelo das flores que ali tinha plantado; não me pareceu bom deixá-las perecer mal ela foi enterrada. Cavei, retirei tudo o que ficara do ano anterior nos canteiros, depois voltei a enchê-los de terra e de bolbos. O resultado foi surpreendente, pois os canteiros da varanda encheram-se como nunca de lírios, flores de açafrão e tulipas; muitas das garotas deixaram-se impressionar pelos meus dotes de jardineiro. Quando o tempo estava bom, era freqüente sentarmo-nos no terraço, com um copo de *Martíni* ou de *Dubonnet*, a contemplar a cidade.

Como era natural, tinha de explicar às garotas os motivos que me levavam a viver sozinho e, chegado a esse ponto, mostrava-lhes o guarda-roupas da minha mãe. Em regra, permitia-lhes que levassem um vestido que lhes agradasse. Primeiro, a candidata tinha que provar o vestido para vermos se lhe ficava bem, fazíamos um pequeno desfile de modelos. E em certas ocasiões, só por graça, eu fazia aparecer, como por magia, umas luvas, um xale ou uma elegante bolsa de sair. Gostei especialmente da que levou o casaco de astracã. Chamava-se Therese e os olhos encheram-se de lágrimas quando dobrei o casaco de peles e o meti num enorme saco de papel. Mas não creio que fosse apenas a gratidão que a impressionou daquela forma. Penso que interpretou o meu gesto como uma espécie de declaração, ou pelo menos como uma expressão profundamente sentida de amor, plena de insinuações, o que me obrigou a explicar de novo os meus motivos. Disse ao meu pai que oferecera toda a roupa da mãe ao Exército de Salvação, uma idéia que ele aceitou sem protestar; talvez até se tivesse esquecido de que existia um casaco de peles. A verdade é que as garotas levaram quase tudo. Além disso, algumas delas deram uma preciosa ajuda para me desfazer das velharias. Passados seis meses, toda a roupa da minha mãe tinha desaparecido lá de casa.

Uma vez por outra, alguma garota que tinha passado uma noite em minha casa olhava para o outro lado quando nos cruzávamos na rua; porém, como naquela época havia enorme abundância de garotas em Oslo, nunca tive problemas de recrutamento. No início dos anos 70 do século XX, passar a noite com alguém não era nada de especial. Recordo-me de ter pensado que havia nascido numa boa época, pois, vinte anos antes, por exemplo, não seria tão agradável para um rapaz da minha idade dispor de um apartamento só para si.

Mesmo antes de acabar o curso secundário já conhecia muitas garotas na cidade, mas ainda não me tinha enamorado. Sentia-me muito maduro para as garotas com quem estava relacionado. Havia aqui um certo dualismo em desenvolvimento. Certamente não me sentia muito maduro para desfrutar dos seus corpos. Contudo, como também acontece com os homens, uma mulher não é apenas um corpo. Convencera-me de que um dia ia encontrar uma mulher que pudesse amar de corpo e alma. Talvez por essa razão, havia começado a entregar-me a longos e solitários passeios pelo campo. Alguma vez teria de encontrá-la e, se ela fosse a minha alma gêmea, não ia certamente encontrá-la numa discoteca nem em qualquer organização juvenil. Seria mais provável que a encontrasse em lugares procurados por excursionistas. E, de fato, acabei por encontrá-la, em Ullevålseter, em meados de Junho.

Quando estava no jardim da infância gostava de ficar num canto, vendo os outros meninos brincando. Agora essas crianças eram adultas, ou quase, e contemplar as brincadeiras das crianças grandes já não era tão agradável; muito menos aquela brincadeira a que chamavam festa do final do curso. Sempre apreciei mais as atividades pré-escolares do que as pós-escolares. Durante essas semanas de festas não me foi fácil arranjar companhia para ir ao teatro, nem receber visitas de garotas. A cidade tinha coisas bastante diversas com que se entreter.

Quase todos os dias fazia longas excursões a pé através de Nordmarka, a grande zona de bosques e montes que rodeia parte da cidade de Oslo. Também me entregava a circuitos mais alargados, apanhava o trem até Finse, chegava até ao planalto de Hardanger, descia a pé todo o vale de Aurland e, em Fiam, apanhava o trem de volta a Oslo. Adorava andar de trem, gostava de observar as pessoas e pensar num grande número de coisas, enquanto a visão da paisagem a mudar rapidamente me dava uma enorme satisfação. Tinha acabado o instituto, uns dias depois receberia as notas: aprovado com distinção em todas as disciplinas, com exceção de ginástica; não tinha, portanto, nada que fazer, a não ser passear e viajar de trem. O meu pai cobriria todas as despesas até 15 de Setembro.

Quando saía em excursão pelos arredores da cidade nunca deixava de levar lápis e um bloco para tomar notas. Gostava sobretudo de pensar enquanto caminhava. Nunca dava descanso ao pensamento, mas era-me mais fácil dar largas à imaginação enquanto me movia entre a Natureza do que quando estava sentado no sofá da sala. Schiller assinalou que o ser

humano é livre quando brinca, porque ao brincar segue as suas próprias leis. Era uma opinião, mas o caso podia também ser apreciado numa perspectiva oposta: tornava-se mais fácil jogar com idéias ao passear livremente pelos montes de Hardanger do que dando voltas entre as quatro paredes de um apartamento, como prisioneiro de uma cidade-dormitório. Havia outro pormenor a ter em conta: por norma, o Metro costumava ficar em casa. Também podia aparecer pela cidade, mas raramente se deixava ver nos bosques ou nos montes.

Os meus pensamentos eram mais vivos e mais audazes quando caminhava. Foi dessa forma que consegui alinhar um número infundável de temas e de sinopses. Guardava em casa grandes catálogos e registros de idéias para os meus contos e romances, obras de teatro e roteiros de cinema. Antes de arquivá-las numa pasta, as minhas melhores idéias eram escritas à máquina. Uma vez arquivadas, quase nunca pegava na pasta para voltar a olhá-las. Ainda não sentira a necessidade de passar qualquer das minhas idéias à prática. Construir enredos não passava de um *hobby*, uma espécie de vício ou anomalia. Há quem coleccione moedas ou selos. Eu colecionava as minhas próprias idéias.

Certo dia, uma das garotas resolveu dar uma olhada nos meus arquivos de idéias. Tinha tirado a pasta de uma das prateleiras da minha sala de trabalho e começou a ler em voz alta. Não a deixei passar a noite lá em casa, teve de contentar-se com uma cerveja e uns ovos mexidos. A partir de então as pastas de arquivo passaram a ficar fechadas à chave, num dos sólidos armários que havia por baixo das estantes da sala.

Ocorreu-me uma coisa enquanto descia o vale de Aurland. Uma idéia totalmente nova e relacionada com o fato de, pouco tempo antes, ter conhecido um jovem escritor no Club 7, um rapaz que só tinha quatro ou cinco anos a mais do que eu. Convidei-o a partilhar uma garrafa de vinho comigo e passamos todo o serão a conversar. Era um tipo bastante infantil, apesar dos magníficos óculos à John Lenon, do cabelo comprido, da barba e das calças convenientemente puídas. Não era, contudo, tão infantil como os meus contemporâneos que se encontravam a participar da festa do fim de curso. Saquei de umas notas que tinha esboçado

no dia anterior. Eram três ou quatro páginas escritas em letra bastante apertada, com um enredo bem engenhoso para um romance. Deixei que ele desse uma olhada nas notas e o homem ficou entusiasmado. Olhou-me com inveja, elogiando o que acabara de ler. Não me surpreendeu, pois sabia que tinha acabado de lhe apresentar uma excelente idéia para um romance, mas os seus elogios não me deram qualquer prazer, muito menos por virem de um escritor tão jovem e tão pouco experiente. Não lhe mostrara as notas para que me elogiasse.

— Se pagar o vinho, dou-lhe estas anotações — disse eu. Olhou-me, estupefato. — Você é escritor — expliquei. — Prometo que nunca revelarei a origem da idéia, mas terá que pagar o vinho e dar-me 50 coroas.

Devolveu-me o dinheiro que eu já tinha desembolsado para pagar o vinho e mais uma nota de 100 coroas. No Clube 7 as garrafas de vinho eram pagas antes de serem abertas. No momento em que me era entregue a nota de 100 coroas descobri o Metro, que andava, muito agitado, por entre as mesas do café, até que se voltou de repente para me ameaçar com a bengala de bambu.

Hoje, esse jovem com óculos à John Lenon, que há pouco tempo completou 50 anos, é um dos autores mais importantes do país.

Ainda voltaria a encontrar-me com ele por diversas vezes; e agora recebo dez por cento de tudo o que ganha com os seus livros. Mas só eu e ele sabemos disso.

Num dia em que andava pelo vale de Aurland, parei durante bastante tempo diante de uma cratera profunda, a que chamam o Pequeno Inferno, e, pela primeira vez, percebi que as minhas idéias podiam converter-se numa forma de ganhar a vida. Dispunha de uma aptidão que não era muito comum entre as pessoas. Não era vaidoso, não ambicionava a fama, mas precisava de dinheiro e não me apetecia aceitar um trabalho sazonal de estudante qualquer.

Além disso, a partir de 15 de Setembro deixaria de dispor de meios de subsistência, pois o meu pai tinha deixado perfeitamente esclarecido que fecharia a torneira nesse mesmo dia. O pai supunha que eu iria querer continuar a estudar e que o Estado concedia créditos a todos os estudantes; não podia saber que me era impossível viver somente dos créditos de estudante, pois as visitas das garotas em minha casa obrigavam-me a gastar mais dinheiro do que aquele que poderia levantar do Fundo Estatal de Crédito ao Estudante. E a falta de dinheiro impunha a ausência de liberdade de movimentos. A idéia não me agradava nada mesmo.

Aquela inspiração súbita passou-me velozmente pela cabeça, como costuma acontecer com as inspirações súbitas. Se a menciono é porque sou capaz de assinalar com toda a precisão o lugar e o momento em que a idéia se apresentou pela primeira vez. Foi enquanto estava olhando para o Pequeno Inferno. Recordo-me de ter pensado que era uma boa idéia, uma «meta-idéia», isto é, uma idéia que tinha em conta todas as demais idéias que eu tivera até então e que, a bem dizer, encaixava a todas nos seus devidos lugares.

Em retrospectiva, sou levado a pensar que esse passeio pelo Vale de Aurland constituiu um verdadeiro pacto com o diabo.

Era freqüente recordar o passado enquanto passeava pelos campos. Um ciclo tinha chegado ao fim e outro estava prestes a começar. Teria de descobrir um lugar respeitável, mas anônimo, no seio da sociedade.

Já nessa época, por vezes me era difícil estabelecer a distinção entre realidade recordada e fantasia recordada, uma conseqüência da minha habilidade para manter vivas as memórias resultantes da minha própria imaginação, enquanto as recordações da vida real eram bem mais confusas. Aquilo conseguia assustar-me, punha-me um pouco nervoso, mas era muito simplista concluir que tivera uma infância traumática e que, por isso, me negava a recordá-la. A mãe sempre pensou que eu tivera uma infância infeliz. Eu, pelo contrário, era de opinião de que tinha tido uma infância realmente agradável.

Recordo-me de que costumava voar sobre a cidade. Via todas as casas lá do alto e podia escolher livremente onde descer para observar à vontade os interiores de todas as salas e de todos os quartos de dormir. Olhando pelas janelas, observava como viviam as pessoas e não existia, portanto, qualquer segredo que eu não conseguisse desvendar. Fui testemunha de muitas situações, desde os problemas domésticos de diversas índoles até às variantes mais bizarras da sexualidade humana. Era como estar estudando macacos enjaulados e muitas vezes senti-me envergonhado da minha própria espécie. Uma vez, vi um homem e uma mulher que fornicavam em cima de um tapete espesso e na presença de uma menina de dois ou três anos, que observava tudo de cima do sofá em que estava sentada. Não me pareceu natural. Numa outra ocasião, observei um homem deitado numa grande cama de casal, em brincadeiras libertinas com duas mulheres. Não me senti moralmente indignado com a visão mas houve outras cenas que, essas sim, me deixaram perplexo. Também fui testemunha de uma luta brutal, por causa de uma dívida, em que me revelei incapaz de intervir. Não cheguei a ter certeza, mas pareceu-me que um dos homens ficou estendido no chão, morto, enquanto o outro escapava.

Tudo isto é imaginação recordada, é claro, mas aprendi muito com aquelas fantasias, por vezes carregadas de sabedoria. Dessas viagens pelo mundo da imaginação ficou-me muito material para os romances policiais que concebi mais tarde. Regra geral, um romance policial tem um enredo denso que, no entanto, pode ser resumido numa única página. A arte do autor consiste em manter esse pequeno núcleo de informação escondido do leitor. O detetive precisa de tempo e de engenho para esclarecer os fatos, para solucionar o caso; e o leitor aprecia as dificuldades. Passo a passo, o investigador vai-se aproximando de uma melhor compreensão do sucedido; além disso, deve perder-se a seguir pistas falsas, mas, à medida que a imagem do ocorrido se torna mais nítida e completa, os leitores sentem-se mais espertos, sentem que eles próprios participam da resolução do mistério.

Também aprendi com os sonhos. Um sonho podia ser uma espécie de livro aberto. Naquela época, havia duas ou três passagens que se repetiam constantemente nos meus sonhos e também umas quantas pessoas que apareciam uma vez por outra. Estava convencido de que não se tratava apenas de reflexos de estímulos recebidos do mundo exterior; que, pelo contrário, as situações e as pessoas representavam algo de novo, eram experiências novas que estavam me instruindo e preparando para ser o homem adulto que sou hoje. Mas, os sonhos vinham de onde? Não era capaz de tirar a limpo se todos os meus sonhos e viagens mentais se

deviam a uma antena especialmente preparada para captar tudo o que vinha de fora, ou se possuía uma espécie de sonar, capaz de registrar, um por um, todos os estratos de segredos existentes num profundo abismo existente dentro de mim mesmo.

Já não sonhava com o homenzinho da bengala, embora não me importasse de tê-lo encontrado em sonhos. Teria sido muito mais agradável sonhar com ele do que ter de suportar os seus passeios pela casa o dia todo.

Também fiz viagens mentais espetaculares. Por exemplo: estive na Lua muitos anos antes de Armstrong e Aldrin. Recordo-me de uma vez em que estive na Lua a contemplar a Terra. No alto, lá em cima, encontravam-se os seres humanos. A visão transformou-se, depois, num clichê, mas antes de Armstrong ter dado aquele grande salto em nome da Humanidade, eu tinha estado na Lua observando a tragicomédia de todas as guerras e problemas de fronteiras entre os países. Teria uns doze anos quando fiz essa viagem mental. Desde então, adquiri uma visão cada vez mais aguda de todas essas insignificâncias com que as pessoas enchem as suas vidas. E as mais cômicas de todas pareciam-me ser o elogio e a crítica, a honra e a fama.

Algumas das minhas viagens levaram-me a destinos muito mais afastados no espaço. Uma vez viajei numa máquina do tempo e fui até à Terra, numa época em que o planeta ainda não tinha vida. Voiei sobre as águas e vi a Terra como um casulo prestes a arrebentar, pois sabia que a vida na Terra não tardaria a iniciar-se. Isso aconteceu cerca de quatro milhões de anos antes de Gerhardsen formar o seu primeiro governo.

Também conseguia voar nas asas da alma para ir a diversos pontos da cidade, como, por exemplo, à galeria de um teatro, sentando-me no seu ponto mais alto, quase junto ao teto, de onde poderia contemplar todos os atores. Numa dessas ocasiões, o homenzinho sentou-se em cima de um dos projetores, a cerca de um metro e meio do ponto onde eu estava. Olhou-me de lado e com cara de quem está farto da vida, dizendo-me, com voz pastosa: «Ah, você também veio. Será que não posso fazer nada sem que interfira?» Vindo *dele*, era uma acusação espantosa.

Estava sempre a conceber idéias novas. Sopravam-me pela nuca, manifestavam-se como borboletas a revoltear no meu estômago, doíam-me como feridas abertas. Sangrava histórias e contos, o cérebro bulia de idéias novas, era como se uma lava vermelha saísse em rios ardentes de uma cratera qualquer no meu interior.

Sentia uma necessidade constante de pensar, havia quase sempre aquele desejo de me sentar num lugar sossegado onde, armado de lápis e papel, pudesse libertar-me de todos aqueles pensamentos. Os pensamentos podiam incluir, por exemplo, longas conversas entre duas ou mais vozes que falavam dentro da minha cabeça, muitas vezes acerca de um determinado tema ontológico, epistemológico ou estético. Uma das vozes podia afirmar: *«Para mim é evidente que o ser humano é dotado de uma alma imortal que só por um breve período de tempo procura alojamento num corpo de carne e osso.»* E outra voz podia responder: *«Não, nada disso. O ser humano é um animal como todos os outros. Aquilo a que chama alma está indissoluvelmente ligado ao cérebro; e o cérebro é efêmero. Ou, como disse Buda no seu leito de morte: “Todo o composto é perecível.” »*

Os diálogos deste gênero poderiam encher dezenas de folhas de formato A4 e sentia-me muito aliviado sempre que conseguia libertar-me deles. No entanto, mal acabava de passá-los para o papel, a cabeça voltava a encher-se de diálogos, que davam origem a nova necessidade de me descartar deles.

Os diálogos que passava para o papel também podiam estar relacionados com a vida quotidiana. Uma voz podia dizer: *«Ah, então apareceu. Ao menos podia ter me ligado para dizer que ia chegar atrasado, não é?»* Ao que a outra voz se via obrigada a responder: *«Eu disse que a reunião poderia se prolongar.»* De novo a primeira voz: *«Não está querendo me dizer que a reunião durou até agora? É quase meio-dia!»* Era assim que começavam as discussões.

Nunca conseguia antecipar o que ia se seguir àquelas falas iniciais. Efetivamente, para não ter de pensar nisso, deixava que o diálogo fluísse sem interrupção, para me livrar dele de uma vez por todas. A única maneira de me libertar das insistências de um cérebro hiperativo era registrar os seus impulsos por escrito.

Por vezes encharcava o cérebro em álcool e o álcool voltava a sair em forma de histórias, como se o líquido se tivesse evaporado para se converter em puro espírito. Ainda que o álcool tivesse um efeito estimulante sobre a imaginação, também servia para atenuar o medo que eu tinha dela; isto é, o álcool começava por pôr em marcha o meu motor interior, para depois me dar força para suportar o seu funcionamento. Era freqüente eu ter um montão de idéias dentro da cabeça mas, depois de beber uns copos, sentia força suficiente para enfrentar todas.

De manhã, ao acordar, nem sempre me recordava do que havia anotado na noite anterior, nem ao menos o que tinha rabiscado no bloco de anotações depois de ter bebido um par de garrafas de vinho. Nesses casos, era muito excitante vestir o roupão e dirigir-me ao escritório para dar uma passada de olhos. Podia haver lá algo de interessante e, ao ver-me perante um montão de notas, que não me recordava de ter escrito, sentia-me como se estivesse a receber um documento misterioso, elaborado por um sistema de escrita automática.

Talvez a força que fazia correr a minha imaginação, e que desencadeava as minhas sessões periódicas de bebedeira, fosse aquilo que eu estava sempre a procurar esquecer, mas de que também não conseguia verdadeiramente me recordar. Porquê gastar tantas energias para esquecer uma coisa de que não conseguia recordar-me?

Só os encontros com a Natureza, os meus passeios pelos bosques e pelos montes, para não falar das visitas das garotas, é que me proporcionavam uns breves instantes de tranqüilidade de espírito.

Eu já era um místico natural, mesmo antes de iniciar o instituto. Para mim, o mundo era um lugar onírico e enfeitiçado. Escrevi no meu diário: *«Compreendi quase tudo. Só não consigo compreender o próprio mundo. É muito vasto, muito impenetrável. Há muito que desisti de entender tudo aquilo que se lhe refere. Só ele é que me impede de ter a sensação de compreender o absoluto.»*

Era, além do mais, um romântico. Jamais me teria ocorrido dizer a uma garota que a amava se não tivesse a certeza de que estava dizendo a verdade. Talvez essa fosse uma das razões que me levavam a convidar as garotas. Pensava que, um dia, talvez viesse a ser um amante fiel. Se só dependesse de mim, teria passado toda a minha vida numa cabana no bosque, em companhia de uma mulher a quem amasse de verdade, mas, primeiro, tinha de encontrá-la. Enquanto duravam os meus passeios convencia-me de que ela poderia aparecer a qualquer instante. Talvez estivesse à minha espera no caminho por onde eu seguia, para lá da curva seguinte. Não estou exagerando. Não tinha a menor dúvida de que ela existia.

Não havia quase ninguém passeando por Nordmarka naquela tarde quente de Junho. Talvez por isso, acalentava esperanças muitas especiais naquele dia. Havia percorrido o último trecho, até Skjennungstua, sem encontrar viva alma, o que fazia aumentar as possibilidades de, subitamente, alguém sair ao meu encontro. Se o bosque estivesse cheio de gente, podia acontecer que não nos víssemos; e não teríamos ocasião de parar para conversar.

Entrei no café, comprei um bolo e uma caneca de suco quente de groselha, e fui sentar-me na relva. Num banco, a uma certa distância, encontrava-se uma garota de cabelo escuro, ondulado, que vestia calças de brim e camiseta encarnada. Não havia mais ninguém em Ullevâlseter. Ela também tinha uma bebida e, passado algum tempo, caminhou na minha direção. Por instantes, temi que fosse alguma das garotas que tinham pernoitado em minha casa, lembrava-me de que algumas eram morenas e também tinham cabelo ondulado. Não era fácil me lembrar de todas. Porém, aquela que estava diante de mim no momento tinha de ser mais velha, teria talvez uns oito ou dez anos a mais do que eu. Uma garota da minha idade não teria tomado uma atitude tão desinibida. Sentou-se na relva e disse chamar-se Maria. Falou em sueco. Nunca estivera com uma garota sueca. Convenci-me de que Maria era a garota que andara à procura durante os últimos meses. Como não havia mais ninguém ali, tinha de ser ela.

Estarmos ambos em Ullevålseter, num dia quente de Junho, seria uma coincidência pouco provável se não estivéssemos destinados um ao outro.

Bastou uma conversa superficial de alguns minutos para conseguirmos falar com toda a liberdade, como se fôssemos velhos amigos. Ela tinha vinte e nove anos e acabara de se licenciar em História da Arte na Universidade de Oslo. Antes disso estivera na Itália, a estudar a arte do Renascimento. Estava alojada nas casas para estudantes, em Kringsjå, o que também representava algo de novo e prometedor. Todas as garotas que conhecera até então tinham de ir a minha casa, pois viviam no seio de famílias grandes, com pais e irmãos menores. Maria tinha nascido na Suécia mas, na altura, os pais estavam vivendo na Alemanha.

Era completamente diferente das garotas que conhecera até então e, quanto melhor a conhecia, mais me apercebia das muitas coisas que tínhamos em comum. Maria era encantadora, atraente e divertida. Demonstrava, por vezes, um talento semelhante ao meu para estabelecer associações rápidas. Possuía uma inteligência refinada e, tal como eu, regurgitava de pensamentos, perspectivas e idéias. Era sensível e magoava-se com facilidade, mas também era capaz de se mostrar descarada e rude. De todos os seres humanos que tinha conhecido, Maria foi o primeiro por quem tive uma afeição genuína e com quem quis, e pude, me comunicar. Éramos como duas gotas de água. Éramos duas almas gêmeas.

Apaixonei-me profundamente e, pela primeira vez na vida, não se tratou de uma relação superficial. Tinha conhecido muitas garotas, diria mesmo muitíssimas. Portanto, não foi por falta de experiência que me enamorei assim de Maria. Pareceu-me que tinha construído uma boa base, a partir da qual podia iniciar uma relação séria.

Ainda estávamos sentados na relva, em Ullevålseter, quando comecei a contar-lhe histórias. Foi como se ela pudesse ler nos meus olhos que eu tinha muitas histórias para contar, como se ela soubesse que podia obrigar-me a contá-las todas. Soube sempre distinguir entre as histórias que inventava e as que tinha vivido. Maria era capaz de ver a ironia e para além da ironia, uma condição indispensável para a comunicação autêntica.

Contei-lhe uma pequena seleção das minhas melhores histórias. Maria não se limitava a ouvir, também fazia comentários e apresentava propostas. Não obstante, aceitava sempre a minha maneira de finalizar as histórias. Não o fazia por delicadeza, mas por perceber que não tinha soluções melhores que as minhas. Se eu dissesse alguma tolice, alguma incoerência, aproveitaria a primeira ocasião para me corrigir. Mas não disse nenhuma tolice, não houve incongruências da minha parte, tudo o que contei a Maria durante aquela tarde tinha sido muito bem pensado. E ela entendeu. Maria era adulta.

Começamos a descer para o lago de Sogn. Pareceu-me desnecessário propor-lhe que passássemos o resto da tarde juntos. Estávamos efervescentes, entusiasmados, como se estivéssemos num banho de espuma de champanhe.

Todavia, creio que logo nesse primeiro encontro percebi que Maria, por mais afinidades que tivesse comigo, não parecia com vontade de se precipitar a dar-me garantias acerca do futuro imediato. Quanto a mim, pela primeira vez, estava disposto a dizer a uma garota que admitia para ela o papel de mulher da minha vida. Mas ignorava se Maria estava disposta a permitir que eu viesse a desempenhar um papel de igual importância na sua vida.

Começou a chover no momento em que estávamos chegando ao lago de Sogn. O ar estava sufocante. Procuramos abrigo no bosque, debaixo de uns grandes ramos, não muito longe do caminho. Abracei-a e ela correspondeu. Ela desapertou-me o cinto e ajudamos a tirar as calças um ao outro. Só depois de começarmos com as carícias é que lhe perguntei se tomava pílula. Olhou-me com um sorriso travesso e negou com a cabeça.

— Por que não? — perguntei. Riu-se.

— Está vendo a questão ao contrário — respondeu. Fiquei confuso, era a primeira vez que estava com uma garota que não conseguia entender. Ela acrescentou: — Não tomo contraceptivos porque a idéia de ter um filho não me preocupa.

Respondi-lhe que estava maluca.

Depois dela ter o orgasmo, ejaculei nas moitas. Maria riu-se de novo. Tinha dez anos a mais do que as garotas com quem estava habituado a me relacionar. Não deu qualquer importância ao fato de eu ejacular nas moitas por ela não estar tomando contraceptivos. E creio que o Metro também não. Estava de pé, na chuva, com o chapéu molhado, batendo nas moitas com a bengala fina.

Encontramo-nos todos os dias durante as semanas que se seguiram. Pela primeira vez conhecera uma garota que estava ao meu nível. Também me sentira bem com outras garotas, mas nunca ficara triste por vê-las partir na manhã seguinte. Tinha chegado a odiar aqueles estúpidos cafês-da-manhã. Muitas garotas viam no café-da-manhã uma espécie de prelúdio; eu considerava-o como um final. Mas teria sentido muito a falta de Maria se, acabado o café-da-manhã, ela decidisse ir-se embora. Sendo nós tão parecidos, pensei que ela poderia desaparecer de um momento para o outro. Também pensei que Maria tinha posto um nível muito alto para as pessoas com quem queria relacionar-se. Por agora, ainda me considerava acima do nível.

Depois de fazer amor eu ficava sempre a transbordar de idéias. Maria sabia. Pedia-me que lhe dissesse o que estava pensando e eu lhe contava uma história, regra geral uma narrativa nova, criada no mesmo momento em que começava a contá-la. Por vezes tinha a sensação de que Maria ia comigo para a cama por saber que essa era a maneira mais eficaz de me obrigar a contar uma história emocionante. Não teria nada a objetar de um arranjo deste tipo, sempre e quando se tratasse de um acordo tácito. Nunca me portara mal com as garotas com quem tinha estado e a Maria não podia ser acusada de portar-se mal comigo. Éramos

iguais. Partilhávamos a mesma entrega erótica desavergonhada, a mesma ternura cínica. Saciávamo-nos mutuamente. A questão estava em saber-se qual de nós seria o primeiro a agradecer o jantar e a deixar a mesa.

Uma noite fomos à Ópera, ver *Madame Butterfly*. Também apreciei o fato de Maria gostar de Puccini. Era como que o encerramento de um ciclo. Haviam passado muitos anos, mas estávamos de novo na Ópera, a ver de novo a *Madame Butterfly*, com a única diferença de que agora ninguém pensava em recusar-me uma taça de *Cinzano* entre o primeiro e o segundo atos. A traição de Pinkerton era tão horrível como antes, pois destroçou o coração daquela pobre mulher de Nagasaki, mas nem Puccini nem os autores do libreto podiam suspeitar de que umas décadas mais tarde os americanos voltariam a arrasar Nagasaki. Estávamos em plena Guerra do Vietnam; depois do espetáculo, fomos a um restaurante e concluímos que naquele momento haveria muitos milhares de Pinkertons em Saigon — e ainda mais «mariposas» [*butterflies*].

Não fiquei surpreendido quando, em finais de Agosto, Maria veio a minha casa para me dizer que a nossa relação tinha chegado ao fim. Só fiquei triste. Senti-me tão desolado como aquelas garotas que pensavam que as quatro ou seis noites passadas comigo lhes davam direito a sonhar com uma relação permanente.

Não me surpreendeu que Maria me deixasse de repente, porque havia algum tempo que afirmava sentir medo de mim. Certa ocasião, disse-me que tinha medo de me olhar nos olhos. Quando lhe perguntei a razão desse medo desviou o olhar e disse que todas aquelas histórias que eu lhe contava a punham nervosa, que se assustava com aquilo a que chamava a minha imaginação delirante. Surpreendeu-me que fosse tão assustadiça. Explicou, mais tarde, que continuava a gostar de me ouvir contar histórias, que não eram as histórias propriamente ditas que a enervavam, mas duvidava de que, a longo prazo, conseguisse manter uma relação íntima com alguém que vivia mais no seu próprio mundo de fantasia do que na realidade. Tinha cometido a estupidez de lhe falar do homenzinho da bengala de bambu e em algumas ocasiões tinha-lhe assinalado a presença dele na sala onde estávamos. A honestidade absoluta nem sempre é a melhor política.

Informou-me de que tinha se candidatado a um lugar de conservadora num dos grande museus de Estocolmo.

Continuamos a nos encontrar, mas apenas uma ou duas vezes por semana. Éramos bons amigos, entre nós nunca foram trocadas palavras azedas. Lembrei-me de que também continuara a ser simpático para as garotas que haviam passado algumas noites em minha casa.

Íamos ao cinema e ao teatro, além de darmos alguns passeios demorados por Nordmarka. Continuei a contar-lhe histórias, mas só a pedido dela. Deixamos de fazer amor entre as moitas de mirtilo e na cama de Maria, na Cidade Universitária. Os mirtilos tinham amadurecido e eu sentia a falta do corpo dela.

Numa cálida noite de finais do Verão sentamo-nos na erva, em frente de Frognerseteren, e passei horas contando-lhe a história de um jogo de xadrez com peças vivas. Comecei a narrativa depois de uma conversa com um casal de escoceses que apontavam para o fiorde de Oslo e diziam que a Noruega tinha grandes semelhanças com a Escócia. Fui construindo a história, que tinha um grande número de personagens, à medida que ia contando e o que mais impressionou a Maria foi minha capacidade de inventar todos os nomes escoceses. A estrutura básica do conto era mais ou menos a seguinte:

Lorde Hamilton, que ainda jovem ficara viúvo, morava numa grande propriedade nas Terras Altas escocesas. Era, desde criança, um apaixonado jogador de xadrez, e como também gostava de estar no exuberante jardim que havia por trás do edifício principal da propriedade, mandou construir um enorme tabuleiro de xadrez ao ar livre, num espaço

aberto entre o labirinto de sebes finamente recortadas e um grande tanque com carpas. O tabuleiro era composto por sessenta e quatro placas quadradas de mármore com dois metros por dois, brancas e pretas, enquanto as peças, talhadas em madeira, mediam entre sessenta e noventa centímetros de altura, de acordo com o valor e o estatuto de cada uma delas. Nas tardes de Verão os criados da casa ficavam nas janelas, a ver o amo mover as enormes peças de madeira por entre os quadrados de mármore. Por vezes passava uma hora sentado num cadeirão do jardim, para em seguida se levantar e executar o movimento seguinte.

Lorde Hamilton tinha uma campainha que fazia soar sempre que pretendia que o mordomo lhe levasse uma bandeja com água e uísque. O mordomo, às vezes, perguntava se não seria melhor que o amo voltasse para dentro de casa; fazia-o por estar preocupado com a saúde do seu senhor, mas talvez tivesse também em mente que a dor sentida pelo lorde quando da morte da esposa, juntamente com a sua paixão pelo xadrez, podiam fazê-lo perder o juízo. Essa preocupação inicial do mordomo não diminuiu quando uma tarde lorde Hamilton lhe pediu que fosse colocar-se no tabuleiro para fazer de cavalo preto, pois que essa figura fora mandada para a oficina, para ser reparada depois de um temporal forte. O mordomo teve de permanecer no tabuleiro, de pé, durante quase duas horas e, durante o tempo que durou a partida, lorde Hamilton entrou várias vezes no tabuleiro de placas de mármore para fazê-lo avançar duas casas para diante e uma para o lado, ou uma para trás e duas para um lado. Quando, por fim, o mordomo foi comido pelo bispo branco e foi autorizado a entrar em casa (muitas horas antes da partida terminar) estava enregelado e de mau humor, mas naturalmente, ficou muito aliviado.

Quando o lorde movia as peças brancas e pretas não se sabia se tomava partido por qualquer das cores em jogo, pois, na realidade jogava tanto a favor como contra si próprio, isto é, tanto ganhava como perdia, exceto nos casos em que as partidas acabavam empatadas. Era cada vez mais freqüente ver-se o lorde tirar todas as peças do tabuleiro e alinhá-las no extenso relvado. Nesses casos permanecia sentado durante horas, sem tirar os olhos das placas de mármore. Entre os criados murmurava-se que o amo via as peças no tabuleiro, ainda que estas não se encontrassem lá; podia, assim, jogar xadrez consigo mesmo, sem ter de se levantar do cadeirão em que estava sentado.

Durante muito tempo o mordomo fez o que pôde para que o amo deixasse de pensar

no tabuleiro e nas peças de xadrez, e numa noite sugeriu a lorde Hamilton que organizasse uma festa de Verão, como nos velhos e felizes tempos em que a senhora ainda era viva. Tal sucedeu numa das raras noites em que o senhor, que costumava preferir estar só, tinha convidado o mordomo para beber um uísque na sua companhia, estando os dois de frente para o tanque das carpas, com um copo numa das mãos e um charuto na outra. Lorde Hamilton permaneceu silencioso durante algum tempo, a observar uma das carpas, antes de se dirigir ao mordomo para lhe dizer que a festa era uma excelente idéia. Tinha, porém, de ser uma espécie de baile de máscaras.

Passaram as horas seguintes a elaborar a lista de convidados, mas quando lorde Hamilton disse que convidaria exatamente trinta e uma pessoas, o mordomo começou a ficar preocupado, pois sabia muito bem que o xadrez é jogado com trinta e duas peças e tinha uma recordação muito recente de como se tinha visto obrigado a permanecer durante um par de horas, de pé, em cima do tabuleiro, só para satisfazer os desejos insensatos do patrão. Este também não se coibiu de informá-lo de que uma das razões por que aceitara a realização do baile de máscaras era o desejo de jogar uma partida de xadrez com peças vivas, uma espécie de espetáculo para o final do banquete. Uns dias depois foram enviados os convites em que era anunciada uma festa dedicada ao xadrez, a ser realizada na mansão de lorde Hamilton, rogando-se aos convidados que aparecessem disfarçados de rei, rainha, torre, bispo, cavalo e peão. Na verdade, os peões eram camponeses da região, oito camponeses e oito camponesas, enquanto os outros eram oficiais da Armada, funcionários superiores e representantes da nobreza e da aristocracia.

O mordomo não ficou surpreendido quando verificou que todos os convidados confirmaram a sua presença porque, embora nos anos mais recentes lorde Hamilton se tivesse convertido num indivíduo permanentemente irritado, tanto ele como a sua casa gozavam de grande prestígio na região. Com exceção do duque de Argyll, a quem tinha sido solicitado que se apresentasse mascarado de rei, o estatuto de lorde Hamilton era superior ao de todos os outros convidados. Para os camponeses, serem convidados para casa de lorde Hamilton era um acontecimento para recordar, para não dizer uma oportunidade quase única, pois que, fora do tabuleiro de xadrez também vigorava um sistema rígido que marcava as diferenças de estatuto e de classe.

O baile de máscaras que iria realizar-se na noite de São João foi tema único de conversa em toda a região durante as semanas que se seguiram. Um dos camponeses comunicou com muito pouca antecedência a sua impossibilidade de estar presente devido à doença de um familiar chegado, mas não houve qualquer dificuldade para encontrar outro casal de camponeses para a grande festa. Havia camponeses em abundância e os disfarces não eram problema, bastava-lhes irem mascarados de si mesmos.

Chegou o grande dia e, ainda no decurso do banquete, iniciaram-se muitas amizades entre membros das diferentes classes e entre pessoas de estatuto social distinto. Acabada a ceia, a sobremesa e o café foram servidos no jardim; passado pouco tempo, lorde Hamilton fez soar a campainha para chamar a atenção dos convidados. Todos sabiam que ia ser jogada uma partida em cima das placas de mármore, com os convidados a servirem de peças vivas, mas o dono da casa tinha de informá-los primeiro sobre o lugar que cada um devia ocupar no tabuleiro.

A mesa, a distribuição das pessoas tinha sido muito mais informal e, na aparência, resultara do acaso. Lorde Hamilton começou por colocar os peões — oito homens e oito mulheres. O camponês MacLean foi colocado como peão branco em A2. Tinha, à sua direita, em B2, a camponesa MacDonald, a qual, por sua vez, estava em frente do marido, peão preto, em B7. O sistema fora muito bem concebido e permitia que todos os cônjuges se vigiassem mutuamente enquanto estivessem no tabuleiro; além do mais, podiam controlar o comportamento do marido ou da mulher com o peão (homem ou mulher) que estava à sua direita ou à sua esquerda. A mesma técnica servia de base para todas as outras pessoas. O cavalo branco (o comissário MacLachlan) foi colocado em BI, atrás da camponesa MacDonald; e a esposa, o cavalo preto, estava em B8, atrás do camponês MacDonald, em B7. No tabuleiro estavam dezesseis mulheres e dezesseis homens, eram duas equipas, com os membros dos casais a enfrentarem-se mutuamente e os dois sexos intercalados. A simetria só era perturbada pela colocação do rei e da rainha. O próprio lorde Hamilton chamou a si o papel de rei e colocou-se em E1, como rei branco; tinha a duquesa à sua esquerda, em D1, como rainha branca e em frente o duque de Argyll, em E8, no papel de rei preto. Porém, como lady Hamilton já não estava entre os vivos, o papel de rainha preta, em D8, foi entregue à viúva de MacQueen, de quem lorde Hamilton gostava bastante e com quem falava, na cidade ou no cemitério, nas raras ocasiões em que se encontravam.

Só os dois reis podiam decidir em qualquer momento quais as peças que se moveriam; nesse aspecto formal do jogo, os demais convidados não eram mais do que figurantes. Lorde Hamilton não havia ocultado que a partida de xadrez poderia vir a prolongar-se até tarde, talvez até à madrugada, porque tanto o duque como ele próprio eram jogadores de xadrez muito experientes. Por outro lado, a partida devia constituir uma brincadeira na qual todos os participantes poderiam ter oportunidades de se conhecerem. Cada peça era um ser vivo e os convidados foram exortados a conversarem uns com os outros da melhor maneira possível, enquanto esperavam que lorde Hamilton e o duque decidissem os movimentos das peças. Além disso, à medida que os participantes iam sendo comidos, podiam continuar a festa no grande jardim.

Lorde Hamilton iniciou a partida ordenando ao peão MacArthur que se movesse duas casas para diante, de E2 para E4, ao que o duque de Argyll respondeu movendo a senhora MacArthur duas casas para diante, de E7 para E5; e com estes dois movimentos a partida estava em marcha. O mordomo, que corria de um lado para o outro do tabuleiro de xadrez com bebidas para todos que as pediam, foi quem melhor testemunhou tudo o que veio a acontecer. Pessoalmente, não sentia grande inclinação pelo xadrez, mas cedo se deu conta da tensão crescente que reinava sobre as placas de mármore. Aqui vamos centrar-nos apenas num dos muitos dramas que ali se viveram, porque, além do mais, este foi o mais importante.

Mary Ann MacKenzie, de uns vinte e cinco anos, era mulher de um encanto fora do comum. No tabuleiro fazia de peão branco, em D2, de frente para o marido, Iain MacKenzie, em D7. Iain era muito mais velho do que ela e durante anos fora conhecido como um grande mulherengo. Mesmo depois de casado tinha tido diversas amantes, além de ter arrastado a asa a várias mulheres da região, duas das quais se encontravam naquela noite no tabuleiro de lorde Hamilton, cada uma com um copo de vinho doce na mão.

Todo mundo que estava ali sentia dó da bela Mary Ann. Dizia-se que MacKenzie, além de lhe ser infiel, era um verdadeiro tirano em casa. Os dois cônjuges eram, portanto, verdadeiros antagonistas. De Mary Ann dizia-se que era talvez a jovem mais bela e de melhor feitio de todas as Terras Altas escocesas. Era tão encantadora que não exageramos se dissermos que todos os que a conheciam ficavam quase de imediato apaixonados por ela,

o que não acontecia só com os homens. Havia algo de estranho em Mary Ann, qualquer pormenor fazia que muitas mulheres passassem noites em claro, a pensar nela com grande ternura.

Iain era um elemento perturbador e em certas alturas tinha ameaçado a estabilidade de mais do que um casal daquela zona, o que não ocorria com Mary Ann, embora tal pudesse parecer um paradoxo. Quando num casal tanto a mulher como o marido se sentiam atraídos pela mesma pessoa, não havia desavenças, pelo que aquela misteriosa mulher não fazia senão reforçar os laços entre os dois cônjuges. Podia até acrescentar-se que o amor físico entre eles deveria ser estimulado pelo desejo que ambos alimentavam em relação a Mary Ann MacKenzie.

A primeira peça a ser comida na partida de xadrez jogada naquela noite no jardim de lorde Hamilton foi Mary Ann. Deste modo, desde o início gozou de liberdade para caminhar pelo belo jardim, passear pelo complexo labirinto de sebes ou sentar-se junto ao tanque das carpas para jogar migalhas aos peixes. Era evidente que Iain não ficara nada satisfeito por ver a mulher em liberdade numa fase tão prematura do jogo. Não deixou de segui-la com os olhos desde o primeiro momento.

Quem abandonou em seguida as placas de mármore foi Aiken MacBride, que era o peão preto em G1. Mary Ann ficara tão embriagada pelo grande jardim, pela formosa noite de Verão e pela grande quantidade de vinho doce bebido, em doses seguidas, que, de imediato, pegou na mão da senhora MacBride e pôs-se a dançar com ela no gramado. Passado pouco tempo desataram a correr de mãos dadas e desapareceram no interior do labirinto; algumas das figuras do jogo de xadrez conseguiam ver como as duas mulheres se beijavam e se acariciavam. Hamisch MacBride também pressentiu o que estava acontecendo entre os arbustos e ficou muito satisfeito, por causa da esposa, pois sabia muito bem que, tivesse ele a oportunidade, não teria deixado de acariciar Mary Ann. E, passado pouco tempo, houve outros convidados que puderam abandonar as placas de mármore.

Convém que se diga que esta história é muito complicada; de fato, foi objeto de um sem número de comentários e análises, mas aqui está reduzida ao mínimo.

Foi uma noite encantada, como se os elfos e os anjos da guarda tivessem organizado tudo o que aconteceu ali, naquela noite de Verão. Lorde Hamilton e o duque estavam cada vez mais concentrados no jogo, enquanto a partida se encaminhava lentamente para o desenlace, pelo que o jardim não tardou a ficar cheio dos alegres convidados que foram sendo libertados das placas de mármore. Todos se juntaram em volta de Mary Ann, incluindo os de classe mais alta e as respectivas mulheres, pessoas que não a conheciam até àquela noite, mas agora revolteavam em volta dela, cheios de adoração e de desejo.

Pela primeira vez na vida, Mary Ann sentiu-se livre para ser ela mesma e para dar o seu amor sem fronteiras. E embora não houvesse nela o mais leve resquício de maldade, estava encantada por ver o marido, Iain, continuamente empurrado pelo duque de um lado para outro do tabuleiro, pois Iain MacKenzie foi obrigado a permanecer em jogo até que o duque de Argyll deu xeque-mate em lorde Hamilton, já quase de madrugada. Mary Ann tinha boas razões para pensar que o marido a castigaria logo que chegassem em casa, mas não pensava nele no momento, recordava as infidelidades que ele cometera durante anos e alimentava a esperança de que ainda houvesse justiça neste mundo. Agora, a noite era sua.

Gradualmente, à medida que iam ficando menos peças no tabuleiro, a festa tornou-se mais tumultuosa e disse-se que Mary Ann partilhou o seu amor com todas as pessoas presentes naquela noite nos jardins, Iain MacKenzie foi obrigado a permanecer sobre as placas de mármore do tabuleiro, vendo a sua mulher converter-se na rainha da festa e em objeto de desejo quase coletivo, um jogo sensual que Mary Ann estava mais do que disposta a jogar naquela noite. MacKenzie ficou, portanto, reduzido a mero espectador da sua própria vergonha. Não tinha qualquer possibilidade de intervir, por ser evidente que não poderia abandonar o tabuleiro de xadrez antes de terminada a partida. Fazê-lo equivalia a rejeitar a hospitalidade de lorde Hamilton. Não obstante, levantava o braço com frequência crescente, pedindo ao mordomo que lhe voltasse a encher o copo de uísque, que nunca largou. Horas depois, a sua firmeza já não era a mesma do início, mas, sempre com o copo na mão, continuava a observar uma Mary Ann alegre que, uma e outra vez, se aventurava

por entre os arbustos do labirinto com uma nova mulher, um novo homem ou um casal. Todos amaram a Mary Ann e, dessa forma, todos se amaram entre si.

Logo que lorde Hamilton admitiu a derrota perante o duque de Argyll e o cumprimentou com um aperto de mão, Iain MacKenzie disparou, a cambalear, na direção do jardim para procurar a mulher. Encontrou-a, sentada na relva, a abraçar apaixonadamente o casal MacIver. Separou-a deles com violência e aplicou-lhe uma bofetada mas, numa questão de segundos, viu-se rodeado por uma dezena de peças do jogo de xadrez e o comissário MacLachlan, que já tinha terminado a sua função de cavalo branco, deu-lhe voz de prisão.

Mary Ann não deixou o palácio de lorde Hamilton naquela manhã. Como era natural, vira desfazer-se qualquer possibilidade de continuar casada com Iain, além de que lorde Hamilton, no momento precisando de uma governanta, lhe ter oferecido guarida.

Lorde Hamilton recordava-se de todos os movimentos da partida de xadrez contra o duque de Argyll, mas como por acaso, anotou-os para poder estudar a fundo as causas que acabaram por conduzir à sua derrota. Passava muitas horas no jardim, repetindo os movimentos, um por um, da partida jogada no tabuleiro de mármore. Mary Ann sentava-se por vezes junto do tanque das carpas, a conversar com ele.

Durante algum tempo circularam elogios entusiasmados sobre a noite de Verão passada nos jardins de lorde Hamilton e ninguém lamentou que, por fim, Mary Ann tivesse conseguido vingar-se dos muitos anos em que fora insultada por Iain. Porém, se foram os elfos e os anjos da guarda que a protegeram nos jardins de lorde Hamilton naquela noite, quem se encarregou do epílogo foram os elfos negros e os anjos da morte. Pouco tempo depois, começou uma série de assassinatos na região e, após o terceiro, o comissário MacLacblan verificou que, semanas ou meses antes, todas as vítimas tinham estado no tabuleiro de xadrez de lorde Hamilton. Foi o mordomo quem se pôs em contato com o comissário depois do quinto assassinio, comunicando-lhe um pormenor terrível: as vítimas tinham sido mortas pela ordem de saída do tabuleiro, depois de terem sido comidas. Foram

dois peões, dois bispos e um cavalo, com uma única exceção: a primeira pessoa a abandonar o tabuleiro naquela noite foi Mary Ann MacKenzie. MacLachlan, que nunca mais se esquecera da etérea Mary Ann, registrou todas estas informações com grande interesse. Não lhe custou muito a perceber o motivo que levava aquele assassino cruel a poupar a vida da preciosa jovem. Pelo contrário, era fácil adivinhar que o criminoso (ou os criminosos) queria eliminar todos os possíveis rivais que o impedissem de ficar com a maravilhosa deusa só para ele. Isto queria dizer que os candidatos a suspeitos eram numerosos.

Foi cometido o sexto crime de morte, depois o sétimo, sempre segundo a ordem macabra de saída daquele fatal jogo de xadrez. A polícia conhecia a identidade da vítima seguinte e proporcionava alguma proteção à pessoa em causa, mas não foi capaz de impedir que os assassinatos prosseguissem.

As vítimas sucumbiram quase sempre num bosque ou num prado, a arma do crime foi sempre a mesma: uma afiada faca de açougueiro. Passado algum tempo, metade dos participantes da festa de mascarados de lorde Hamilton estavam mortos, com o assassino em série a aproximar-se do lorde e do duque, para não falar do comissário, que sabia perfeitamente que tinha abandonado o tabuleiro em 16º lugar.

Iain MacKenzie, que durante aquela noite nefasta fora objeto de uma humilhação irreparável por parte da mulher, a quem, além do mais, havia perdido para sempre, era um dos principais suspeitos. Como não podia deixar de ser. Excluindo lorde Hamilton e o duque, MacKenzie fora o último convidado a abandonar o tabuleiro, um fato que lhe permitia, teoricamente pelo menos, recordar todos os movimentos da partida. Porém, como os 13º e 14º assassinatos aconteceram enquanto MacKenzie estava detido pelas autoridades, estas tiveram de soltá-lo, pedindo-lhe desculpas com uma palmada amistosa no ombro.

Lorde Hamilton também foi interrogado na esquadra. Foi ele quem perdeu a

partida de xadrez e não se coibiu de esboçar alguns gestos de contrariedade. Além disso, conhecia a partida, movimento por movimento. As autoridades quiseram saber as razões que o tinham levado a organizar uma festa de mascarados tão bizarra.

Quando o mordomo foi chamado a prestar declarações na esquadra, ressaltaram algumas divergências entre ele e o patrão, mas nada que chegasse para o homem passar a ser considerado suspeito. Por outro lado, informou a polícia de que, tanto antes como depois daquela nefasta noite, se sentira preocupado com a saúde mental de lorde Hamilton.

O casal de camponeses que tinha declinado o convite uns dias antes da festa também não foi incluído no rol dos suspeitos.

Por fim, foi apanhada em flagrante delito, depois de ter entrado nos estábulos de MacIver e lhe cravar uma faca de açougueiro em pleno peito.

Para Mary Ann fora fácil acessar às granjas das redondezas, aos escritórios de advogados e às casas nobres. Também não teve de fazer grandes esforços para atrair as mulheres e os homens da localidade ao bosque.

O comissário MacLachlan era um policial com larga experiência, mas viu-se obrigado a perguntar a Mary Ann o motivo que a tinha levado a cometer a mais cruel série de assassinios da História da Escócia.

A bela Mary Ann respondeu que fizera tudo por vergonha.

Fora uma noite encantada e ela recordava perfeitamente todos os lábios que tinha beijado e todos os abraços a que se havia entregado com desejo e com ternura. Todavia, mais tarde sentira-se envergonhada daquelas cenas de libertinagem. Poderia ter escolhido o suicídio, mas com isso não teria contribuído em nada para a melhoria da situação. Mary Ann não suportava a idéia de que alguns dos convidados vivessem com a recordação daquelas suas correrias por entre os arbustos do jardim de lorde Hamilton, a entregar-se à metade da Escócia.

Uns meses mais tarde, muita gente acorreu a Glasgow, para chorar desconsoladamente aquele dia em que Mary Ann foi enforcada.

No mês de Setembro comecei a estudar História na universidade. Por vezes convidava alguma colega para minha casa, para bebermos vinho ou cerveja, acompanhando uns ovos mexidos. Também servia uns bifés grelhados, carneiro com repolho, sopa de peixe ou arenques com pickles.

Estava à espera de que Maria me anunciasse que tinha conseguido o lugar a que concorrera, em Estocolmo. Telefonou-me, uma noite, perguntando se podia passar lá em casa. Chegou com um grande ramo de rosas amarelas, o que achei estranho. Pareceu-me que estava tramando alguma coisa, só faltava descobrir o quê.

Estávamos sentados, de mãos entrelaçadas, junto da mesa da cozinha. Tinha apagado

todas as luzes, deixando apenas uma vela acesa em cima da mesa. Bebemos uma garrafa de vinho tinto, do mais barato.

Estava satisfeito por ter a Maria outra vez em casa, mas pedi-lhe que fosse direto ao assunto. Começou por me contar que tinha conseguido o lugar em Estocolmo e que tencionava partir em Dezembro. Disse para mim mesmo que não me importaria nem um pouco de viver na Suécia; porém, antes que o dissesse em voz alta, Maria falou-me de maneira a convencer-me de que eu nunca iria ser convidado para Estocolmo.

Olhou-me nos olhos e disse que tinha um pedido a fazer-me, um pedido para toda a vida.

Senti um arrepio percorrer-me o corpo todo. Pela primeira vez na minha vida estava prestes a ter de me preocupar com qualquer coisa que poderia durar toda a vida. Agradou-me o som do verbo «durar», achei que era uma palavra bonita.

Maria disse:

— Quero levar uma criança comigo para Estocolmo.

Tive de novo aquela sensação de que, de todas as mulheres que havia conhecido, Maria era a única a quem não nunca conseguiria compreender. Era precisamente isso que tanto me agradava nela.

— Quero que me engravide, Petter.

Ainda não compreendia as conseqüências do que ela estava me pedindo, pois continuava a encarar a possibilidade de me mudar para Estocolmo. Devia vender o apartamento de Oslo? Ou seria melhor alugá-lo?

Mas Maria apressou-se a dizer que não pretendia ficar toda a vida com o mesmo homem. Era exatamente como eu, acentuou. Maria conhecia-me bem, eu lhe tinha falado das visitas das garotas. Tive a sensação de estar a me ver no espelho.

Maria queria ter um filho meu. Disse que eu era o único homem de quem queria ter um filho; que o tinha sabido desde a primeira vez que nos encontramos em Ullevâlseter, mas que era incapaz de se prender a mim. Só queria que eu a inseminasse.

Desatei a rir. Pareceu-me uma idéia retorcida, embora do meu estilo. O meu estilo era exatamente procriar sem me comprometer.

Ficamos muito tempo sentados a debater o assunto, embora a discussão não fosse muito séria. Maria queria que voltássemos a ir para a cama, uma idéia bem tentadora. Podíamos continuar a fazer amor até ela ficar grávida. Teria, então, de mudar-se para Estocolmo.

Não estava preparado para ter um filho. Pergunto-me se alguma vez o estive. A simples idéia de olhar o meu filho nos olhos parecia-me repulsiva. Nunca gostara que me acariciassem a cabeça ou que me fizessem festas nas faces. Assim sendo, como é que poderia ver-me a acariciar um filho?

Tive em consideração uma série de aspectos deste tipo: não queria ter filhos, mas podia perfeitamente ajudar a Maria a tê-los. Quanto mais falávamos, mais convencido eu ficava de que se tratava de uma idéia excelente. Ela falou da necessidade de estabelecermos um pacto. Teríamos de prometer que, depois da sua ida para Estocolmo, não faríamos quaisquer diligências para nos encontrarmos. Nunca mais tornaríamos a nos ver. Nem sequer me daria o seu endereço. E, ainda mais importante, teríamos de prometer solenemente um ao outro que a paternidade seria sempre um segredo nosso. Não obstante, eu teria o direito de saber se era menino ou menina.

Estava tão fascinado pela idéia que nem me dei conta de que o meu batimento cardíaco se tinha acelerado. Maria não era apenas a minha igual, pois superava-me no talento e na audácia.

Engravidar uma mulher com um filho que nunca seria meu, servia-me perfeitamente. Sempre estivera interessado na diversidade e em ceder parte de mim. Nunca senti a necessidade de obter aplausos pelo que consigo realizar e pelo que deixo atrás de mim; fui sempre assim, desde pequeno. Não recebi nenhum elogio pelos táxis que consegui reunir daquela vez de que já lhes falei, uma idéia excelente que ninguém me agradeceu.

Além disso, eu e a Maria íamos nos ver com freqüência nos dias seguintes. Esse era um forte argumento a favor da pretensão dela. Sempre tive uma certa dificuldade de programar a minha vida para além de uns dias. Olhei para trás e para os lados, mas nunca me preocupei muito com os dias futuros. Disse à Maria que aceitava as condições; seria um prazer. E rimo-nos durante um bom tempo. Um riso descarado. E cada vez nos sentíamos mais entusiasmados.

Seguiram-se umas semanas maravilhosas. Ainda hoje tenho a impressão de que aquelas semanas foram as únicas em que vivi verdadeiramente.

Pusemos àquela relação tão especial o nome de romance *ad hoc*, mas não podíamos estar sempre na cama fazendo crianças, embora passássemos juntos as vinte e quatro horas do dia. Demos grandes passeios pela cidade e por Nordmarka, e aproveitei a oportunidade para lhe contar algumas das minhas histórias mais loucas. Maria mostrou uma predileção especial por uma narrativa complexa sobre um joalheiro que cometeu um triplo assassinato póstumo, tudo meticulosamente premeditado. E, sem pensar muito no assunto, contei-lhe também a história que vendi àquele escritor do Clube 7; afinal, Maria estava prestes a sair do país.

Algumas das histórias tiveram de ser contadas duas ou três vezes. Maria disse que tentaria memorizá-las. Só havia um problema: era-me muito difícil contar uma história exatamente da mesma forma como a havia contado da primeira vez. Nesses casos, Maria intervinha como anotadora. Nunca entendeu como é que podia recordar melhor do que eu, quase com as mesmas palavras, os enredos que eu próprio lhe tinha contado. Expliquei-lhe que a arte de improvisar era a única que eu dominava na perfeição.

Não tardou a chegar o dia que tínhamos estado a aguardar, Maria com alegria, eu com tristeza. A análise resultou positiva e Maria ficou exultante. Com ar divertido, afirmou que eu daria um «papai maravilhoso». E voltamos a rir com grande descaramento.

Maria foi-se embora. Telefonou antes de partir. Não a acompanhei à estação.

Portanto, eu era o homem ideal para fazer a uma mulher um filho que não ia ser meu. E

por que não dar à Maria aquele filho que ela desejava? Era fácil. Era grátis. Não me custou nada. Pareceu-me que era eu quem teria de lhe agradecer. Mas toda a moeda tem duas faces; nunca pensei que o preço a pagar acabasse por ser tão elevado.

Contudo, passaram alguns anos até que o pacto solene tivesse de ser aplicado. Maria fez um total de quatro viagens a Oslo com a menina. Tratava-a sempre por *Boneca*, mas creio que devia ter outro nome. Pensei que Maria a chamava assim para evitar que eu soubesse o verdadeiro nome da filha. Na última vez que a vi, a menina tinha quase três anos. O pacto solene foi renovado nessa ocasião e decidiu-se que aquela seria a última vez que eu a veria. Maria era de opinião que a menina não devia formar qualquer imagem do pai. Nem eu deveria ter uma verdadeira imagem dela, pois também não era um verdadeiro pai.

A menina era muito bonita. Na minha opinião, não se parecia comigo nem com a Maria, mas via-se perfeitamente que era parecida com a minha mãe, herdara dela as mesmas maçãs do rosto altas e a mesma distância entre os olhos. Imaginei que a minha mãe tinha nascido de novo e era eu quem lhe dera aquela nova oportunidade. Como é evidente, tinha consciência de que se tratava de pura imaginação.

Foi numa cálida tarde de Junho de 1975 que vi Maria e a menina pela última vez. Só estivemos juntos umas horas, que foram passadas no lago de Sogn. Levamos camarões cozidos, baguetes e vinho branco.

Maria e eu recordamos os velhos tempos e a menina entreteve-se a chapinhar na água com um cisne inflável. Sequei-a com uma toalha quando ela saiu da água para pedir um suco e bolachas; a mãe e a filha deixaram que fosse eu a fazer aquilo. Também a ajudei a se vestir, era o mínimo que podia fazer. Em certa altura, Maria tinha dito que eu seria um «papai maravilhoso».

A *Boneca* sentou-se em cima de uma toalha, entre mim e Maria, e contei-lhe uma grande história, uma *lenda*, como lhe chamei. Começou a rir antes de eu começar a narrativa. Não sei se não entendia o que lhe dizia, talvez fosse essa a razão do riso, mas tentei usar vocabulário sueco a fim de lhe facilitar a tarefa.

Falei-lhe de uma menina da sua idade, chamada Panina Manina, filha do diretor do maior e mais maravilhoso circo do mundo. O circo era originário de um país longínquo e, uma vez, havia muito, muitíssimo tempo, ia a caminho de Estocolmo para montar a grande tenda em Grona Lund, no centro da capital sueca, de acordo com o convite que recebera dos reis do país. Os carros do circo formavam uma longa fila, que seguia pelas regiões de Skâne e de Smâland. A caravana incluía elefantes e leões marinhos, ursos e girafas, cavalos e camelos, cães e macacos. Nos carros viajavam palhaços e malabaristas, faquires e equilibristas, domadores, músicos e prestidigitadores. Panina Manina era a única menina de toda a companhia. Era tratada como uma princesa por ser a filha do diretor e era voz corrente que um dia chegaria a ser uma famosa artista de circo.

A *Boneca* era toda ouvidos ao escutar a minha narrativa, mas mantinha-se calada, não me permitindo saber se estava compreendendo. Pensei que poderia, pelo menos, captar uma parte do ambiente do conto. Olhei para a Maria, que me fez sinal para que continuasse. Creio que desejava que a menina ficasse ao menos com um conto; e ela também. O Metro instalara-se junto de uma árvore para ouvir o resto da história. Tirou o chapéu verde ao sentar-se, olhando-me amistosamente, só com um olho. Pareceu-me que estava de excelente humor. Talvez sentisse, pela primeira vez, que fazia parte de uma família.

Contei que todos os carros do circo se detiveram à porta do café que havia junto de um grande lago, no meio dos profundos bosques suecos; enquanto os adultos estavam dentro do café, a filha do diretor do circo foi brincar na água. O diretor do circo estava convencido de que os palhaços tomariam conta da filha, mas os palhaços não tinham entendido bem e pensaram que era o domador o encarregado de vigiar a Panina Manina, dando tempo a que os adultos assassem carne de javali, numa grande fogueira. Umás horas mais tarde, quando a caravana se dispunha a continuar a marcha para Estocolmo, ninguém encontrou a menina. Procuraram-na durante toda a tarde e durante toda a noite, até soltaram animais que poderiam encontrá-la pelo faro, mas todos os esforços foram em vão. No final do dia seguinte, depois de

buscas incessantes, todo mundo se convenceu de que Panina Manina tinha morrido afogada no lago. Dois camelos permaneceram durante horas a beber na margem do lago e muitas pessoas foram da opinião que os camelos sentiam o odor de Panina Manina na água. Talvez bebessem sem cessar, na tentativa de esvaziarem o lago. Contudo, os camelos saciaram finalmente a sua sede e a filha do diretor do circo continuou desaparecida. Disse-se que, durante anos, o diretor não conseguia dormir sem chorar a filha, pois a Panina Manina era a menina dos seus olhos e queria-lhe mais do que queria a todo o circo.

Fingi que limpava uma lágrima e creio que a menina olhou para mim. Tive a sensação de que ela tinha entendido pelo menos a última parte, pois ela própria tinha estado a brincar na margem do lago até há pouco tempo e, por isso, apressei-me a continuar.

Mas Panina Manina não tinha se afogado, havia apenas dado uma volta para conhecer os arredores, enquanto os adultos bebiam vinho e comiam carne de javali junto da fogueira. Seguiu por um bonito caminho que penetrava no bosque e não tardou a sentir as pernas tão cansadas que teve de sentar-se entre as árvores. Ali sentada, a ouvir o arrulhar dos pombos e o piar dos mochos, caiu num sono profundo. Quando despertou pareceu-lhe que tinha dormido apenas alguns minutos, mas efetivamente, tinha dormido durante toda a noite e parte do dia seguinte, pois o Sol já estava alto. Panina Manina voltou pelo caminho, sempre à procura da fogueira, mas como se tinha perdido no bosque, não conseguiu encontrar as caravanas do circo. Já de noite, chegou a uma pequena propriedade onde havia uma casa pintada de vermelho e um pau onde flutuava a bandeira sueca. Diante da casa vermelha estava uma caravana cor-de-rosa. Por ser muito parecida com as do circo, talvez fosse a caravana que despertou a atenção de Panina Manina. Embora tivesse apenas três anos, conseguiu pôr-se na ponta dos pés e bater na porta. A porta abriu-se para dar passagem a uma anciã. Panina Manina, talvez por ser uma artista de circo, não teve medo. Olhou a desconhecida e disse-lhe que se tinha perdido do pai, mas falou numa língua que a velha senhora não entendia, porque Panina Manina vinha de uma terra distante, onde a anciã nunca tinha estado. A menina não comia há quase dois dias e levou a mão à boca para indicar que tinha fome. Então, a velhinha compreendeu que a menina se tinha perdido no bosque. Deixou-a entrar e deu-lhe arenque e almôndegas, pão e suco de arandos, e Panina Manina tinha tanta fome que comeu e bebeu como um adulto. Ao chegar a noite a mulher preparou-lhe a cama e, como não falavam a mesma língua, sentou-se e cantou-lhe uma canção de embalar sueca, *Byssan lull*, até que a pequena adormeceu profundamente. Como desconhecia o nome da menina chamou-lhe «Menina de Ouro».

A *Boneca* tornou a olhar para mim, talvez por eu estar a mostrar-lhe, com as mãos, a maneira como a Panina Manina comera os arenques e as almôndegas, ainda que a atenção dela também pudesse ter sido despertada por eu ter chamado Menina de Ouro à criança de que se falava no conto. Também podia acontecer que ela não estivesse entendendo grande coisa do conto propriamente dito, mas prossegui.

Panina Manina ficou vivendo na propriedade. Ninguém, em toda a Suécia, conseguiu averiguar quem era o seu pai ou a sua mãe e, com a passagem dos anos, a lembrança do diretor do circo desvaneceu-se cada vez mais. Conseguiu aprender a falar o sueco perfeitamente, ao mesmo tempo que foi esquecendo a sua própria língua, pois não tinha ninguém com quem pudesse falá-la. Contudo, e neste ponto levantei o dedo indicador para mostrar que me esquecera de um pormenor muito importante, a dona da propriedade tinha, escondida, uma bola de cristal, pois muitos anos antes costumava ganhar a vida como vidente, num grande parque de diversões de Lund.

Voltou a consultar a bola de cristal e previu que a Menina de Ouro chegaria a ser uma famosa equilibrista; por isso, começou a treiná-la para que melhorasse o seu equilíbrio em cima de várias coisas: tábuas, cordas, cubos e recipientes diversos, até que um dia ela se sentiu preparada para mostrar as suas habilidades a um verdadeiro diretor de circo, treze anos depois de ter chegado à propriedade. A vidente lera no jornal que acabava de chegar a Estocolmo uma grande companhia de circo proveniente do estrangeiro e, certo dia, ambas se deslocaram à capital sueca para tentarem a sorte. O diretor do circo do país longínquo era o mesmo que tinha estado em Estocolmo treze anos antes, mas Panina Manina já não se recordava de ter vivido num circo. O diretor do circo estrangeiro ficou impressionado com a destreza da menina sueca e contratou-a. Nem Panina Manina nem o diretor sabiam que os dois eram pai e filha.

Maria lançou-me um olhar interrogador. Sempre mostrara um interesse muito especial pelo final dos meus contos. Desta vez estava mais alerta do que nunca, porque entre nós dois havia umas orelhinhas bem pequenas.

Segundo um velho ditado, prossegui, o sangue é mais espesso do que a água e, talvez por isso, o diretor do circo e Panina Manina gostaram um do outro desde o início. Panina Manina decidiu acompanhar o circo até às terras longínquas de onde ele viera. Ali, passado pouco tempo, converteu-se numa famosa equilibrista. Uma noite, quando dançava sobre uma corda, junto à cúpula que cobria a pista, olhou o diretor do circo de relance, quando ele estava diante da orquestra empunhando um bastão e, nesse preciso instante, deu-se conta de que o diretor do circo era o seu pai, o que mostrava que não se tinha esquecido dele por completo. Uma ocasião deste gênero costuma ser designada por «momento da verdade», expliquei. Na sua confusão, Panina Manina perdeu o equilíbrio e caiu na pista. Quando o diretor do circo se precipitou para a equilibrista para verificar se ela se tinha machucado, Panina Manina abriu os braços e gritou, numa voz de cortar o coração: «Papai! Papai!»

A *Boneca* olhou-me com espanto e riu-se, mas supus que não tivesse entendido muita coisa daquilo que eu acabara de lhe contar. Maria sim, entendera perfeitamente e lançou-me um olhar furioso, dando-me a entender com toda a franqueza que não apreciara o último parágrafo do conto.

O sol estava quase a deixar a pequena reunião familiar às escuras. Recolhemos as nossas coisas e fomos apanhar o trem. A menina caminhava à nossa frente pelo caminho. «Papai, papai!», murmurou. Então, Maria pegou-me a mão e apertou-a. Vi que tinha os olhos marejados de lágrimas. De volta à cidade, fomos cada um para seu lado. Foi a última vez que vi Maria e a menina. Nunca mais soube nada delas.

¹ Dupla de cômicos do cinema americano. Vindos do *vaudeville*, foram muito populares durante os anos 40 e 50 do século XX. (NT)

² *Troll* — ser sobrenatural da mitologia escandinava, inicialmente um gigante e depois um duende travesso. (NT)

³ Macaco da Abissínia, notável pela beleza do pêlo esverdeado e pela ponta amarela da cauda. (NT)

⁴ Professor de fonética pedante, protagonista da peça *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw. (NT)

⁵ Dos que morrem nada se diz a não ser bem. (NT)

O CONTO ESCRITO NA PAREDE

Foi nessa época que comecei a estabelecer-me seriamente no estrangeiro. Era o momento certo, pois no meu país a rede tornara-se muito frágil. A Noruega é um país pouco povoado, embora registre uma grande densidade de escritores por habitante. Não tardou a ser conveniente que fizesse viagens freqüentes pela Alemanha, Itália, França, Espanha e Inglaterra.

Primeiro, teria de procurar obter lugar numa editora, uma decisão considerada necessária havia algum tempo. Muitos dos editores tinham percebido que eu era um tipo útil, que fornecia idéias e sugestões de todos os gêneros aos escritores, junto de quem gozava de grande prestígio. Os pedidos de assessoria, agora feitos às claras, eram cada vez mais freqüentes. Foi uma mudança interessante e senti-me bem por desempenhar uma função que justificava os meus rendimentos. Por vezes, experimentava sérias dificuldades para convencer o fisco de que algum do dinheiro que ganhava não estava sujeito a impostos.

Durante um ano ocupei o lugar de editor de literatura estrangeira numa das grandes casas editoras. Embora houvesse diversos candidatos, o lugar foi meu desde o momento em que manifestei interesse por ele. Nem sequer me exigiram um pedido formal, por escrito. Não fizeram nada de mais, pois eu tinha a minha reputação, todo mundo conhecia o Petter. Tinha-me tornado a eminência parda da vida literária.

O fato de um homem como eu querer trabalhar para uma editora não tinha nada de especial; estranho era que não o tivesse tentado mais cedo. Também não se verificaram objeções por eu não ter títulos universitários, além do bacharelado. Era um autodidata, não me sentia nada envergonhado por não ter qualquer qualificação universitária, pois limitara-me a saltar esse obstáculo. Há pessoas que aprendem mais trabalhando sozinhas do que com a frequência de cursos regulares.

A editora que me abriu as portas podia considerar-se feliz. Eu era capaz, sem sombra de dúvida, de fazer um bom trabalho, mas era também o único a saber que, com o pretexto de trabalhar para uma editora, poderia estabelecer contatos muito valiosos com o estrangeiro, contatos que viriam a revelar-se decisivos para a projeção da Ajuda ao Escritor.

Trabalhei durante quatro anos na editora e, passado o primeiro ano, muitos dos dirigentes das grandes editoras estrangeiras sabiam quem era a pessoa que melhor conhecia a vida literária dos países nórdicos. A minha tarefa consistia em localizar títulos estrangeiros merecedores de serem traduzidos para o norueguês. Era fácil. Os agentes sabiam com quem tinham de estabelecer contato e perseguiam-me pelos corredores da Feira do Livro de Frankfurt. Era engraçado, um verdadeiro divertimento. Beijavam-me em ambas as faces e inundavam-me de cartões de visita. Sabiam que os títulos que eu não elegeisse tinham poucas possibilidades de serem publicados nos países escandinavos; dessa forma, transformei-me numa espécie de pitonisa. Antes de apresentar um título no mercado norte-americano ou japonês, qualquer editora alemã ou italiana vinha procurar o meu veredito. Respondia-lhes, na volta do correio, quais os títulos que, segundo o meu parecer, tinham possibilidades de êxito nos países em questão. Fornecia-lhes o nome da pessoa com quem deviam contatar, além de lhes indicar as condições contratuais mais convenientes. Por essa razão, era freqüentemente consultado para dar parecer acerca de assuntos sobre os quais não tinha qualquer responsabilidade. Contudo, sendo responsável pela edição de literatura estrangeira, estava numa situação privilegiada para introduzir a literatura escandinava nos outros países. Nunca afirmava nada de que não pudesse assumir a responsabilidade. Se comunicava a um editor alemão que um determinado romance dinamarquês ou sueco poderia tornar-se um grande êxito de vendas na Alemanha, esse editor sabia que eu tinha fundadas razões para emitir o meu parecer, um ponto importante para quem faz dos contatos com os outros a sua maneira de viver. A confiança é algo que só se constrói com o tempo.

Naturalmente, gerou-se uma certa confusão naquela manhã em que bati à porta do gabinete do diretor da editora para lhe comunicar a minha demissão. Tinha que evoluir. Desde a década de 1980 que eu trabalhava como analista para algumas das grandes editoras internacionais. Como analista, a minha tarefa era acompanhar de perto as publicações escandinavas e em língua alemã; se topava com títulos que considerasse interessantes, devia contatar de imediato as editoras que representava. Esta função foi para mim uma nova rampa de lançamento, pois, passado pouco tempo, representava editoras prestigiosas de muitos países, que visitava com frequência.

Durante as viagens ia congeminando novos temas e idéias para romances. Quando era jovem, gostava de pensar enquanto caminhava pelos montes ou quando viajava de trem pela planície de Hardangervidda. Não se pode dizer que as condições fossem menos propícias quando viajava a uma altitude de quarenta mil pés, a caminho de Nova Iorque, São Paulo, Sidney ou Tóquio. Conceber a idéia que podia dar origem a um novo romance era tarefa para uns minutos, além de que precisava de pensar em qualquer coisa, porque o meu cérebro funciona assim. Não conseguia limitar-me a olhar fixamente o que se passava nos corredores que dividem as filas de cadeiras, a perguntar-me quando chegaria o pessoal de cabina para me oferecer outra xícara de café. Tinha a profissão ideal para quem faz grandes viagens de avião; podia dar graças por não ser um homem de negócios comum, muito menos um romancista. Um bloco de anotações ocupa menos espaço que o manuscrito de um romance ou um computador portátil, além de não dar tanto na vista. No seu tratado de estética, Hegel defende com uma certa ênfase que, quanto mais nobre e brilhante for uma forma de arte, menos espaço físico exige.

Ninguém estranhava a minha presença nas feiras de livros e em festivais literários do mundo inteiro, pois eu era pago para manter os olhos bem abertos. Numa situação ideal, devia ter conhecimento da existência de um romance importante ainda antes dele ser publicado na editora original. O que ninguém podia adivinhar era que, em certos casos, eu conhecia o romance muito antes do livro ter sido escrito, ou até antes de o próprio autor saber que ia escrevê-lo. Encontrava-me na posição sonhada por qualquer analista. Consegui colocar títulos importantes. Dizia-se que eu dispunha de um sexto sentido.

Para a empresa Ajuda ao Escritor foi um grande alívio não ter que viver na dependência dos autores escandinavos. Traduzi algumas das sinopses mais importantes para inglês, alemão, francês, italiano e espanhol. Deu-me um bocado de trabalho, mas nada de muito difícil. Sempre me agradou a leitura de qualquer obra na língua original, é quase uma condição indispensável. Desde os princípios dos anos 70, aprender línguas transformou-se para mim numa segunda ocupação. A Ajuda ao Escritor foi dispondo de um repertório cada vez mais amplo, à medida de todos os gostos. Um escritor norte-americano ou brasileiro não considerava arriscado comprar um enredo de um norueguês. Foi assim que comecei a amearhar uma fortuna.

Uma boa parte do meu dia de trabalho era gasto em manter contatos estreitos com agentes, editoras e escritores, pelo que não tardei a ser um homem com quem muitas pessoas desejavam ser vistas. Ninguém se envergonhava de comer à minha mesa nas feiras de Frankfurt, Londres, Bolonha ou Paris; pelo contrário, ser visto na minha companhia podia considerar-se uma honra. Era uma pessoa cortejada; ter um caráter simpático também não era uma desvantagem profissional e passei muitos serões agradáveis na companhia de colegas do sexo feminino. Os únicos competidores no meu terreno eram os outros analistas, pois o mesmo *best-seller* não podia ser colocado simultaneamente na Seuil e na Gallimard, por exemplo.

Quando, na Primavera passada, cheguei à Feira Internacional de Literatura Infantil e Juvenil de Bolonha, logo senti que poderia estar em curso a minha última visita àquela cidade. Logo na primeira manhã senti que a atmosfera estava diferente. Sempre fui muito sensível aos ambientes, tanto aos amigáveis como aos hostis.

Logo que a feira abriu, entabulei conversa com um editor francês, que acabava de conseguir grande êxito com uma história baseada numa das minhas sinopses. O autor, com quem tinha me encontrado num bar, durante o Festival de Literatura de Edimburgo, uns anos atrás, havia seguido as minhas instruções e o romance ostentava uma linguagem elegante. Eu tinha recebido um adiantamento substancial e estava combinado que receberia cinco por cento de todos os direitos futuros, tanto da edição francesa como das traduções. O livro ganhara diversos prêmios e já estava traduzido em sete ou oito línguas. A confirmação destas condições estava gravada num cassete, guardado no cofre de um banco, juntamente com o

justificativo da transferência do dinheiro. Além disso, havia a confirmação registrada pelo gravador do telefone da minha casa de Oslo. Nunca receei dar o número do meu telefone particular aos escritores com quem estava em contato, pois o gravador era silencioso e, com o fim de evitar mal-entendidos, adquirira o hábito de resumir todos os pontos acordados.

Não foi preciso muito tempo para ter a certeza de que o editor francês sabia da origem do romance premiado. A informação teria partido do próprio autor? Em caso afirmativo, porquê? Seria o homem totalmente desprovido de caráter?

O francês não o disse diretamente, mas pela maneira com que me falou, percebi que também suspeitava de que a ajuda que prestara ao seu autor não fora um caso isolado. Até teve a desfaçatez de me perguntar se tinha outros negócios em mãos. Quando quis pôr termo à conversa, dizendo-lhe que não me agradava ouvir as bobagens que ele estava dizendo, peguei no copo de plástico com café e dirigi-me para o corredor que dava para o pavilhão alemão; mas ele agarrou-me por um braço.

— Petter, tenha cuidado — avisou. Disse-o num tom amável, mas não acredito que a intenção fosse. Para mim, foi uma ameaça. Talvez o homem temesse pela reputação do seu autor e, por acréscimo, pela reputação de toda a sua atividade editorial.

Estive um tempo falando com um dos diretores de uma das grandes editoras alemãs. Disse-me que nesse ano trazia à feira uma lista muito forte de títulos. Ao servir-me uma taça de champanhe, aquele homem não fazia idéia de que o trabalho original de dois dos títulos mencionados por ele tinha sido feito em Oslo, muitos anos antes.

Andei toda a manhã a vaguear pelos pavilhões da feira. Estava a trabalhar, as feiras sempre me tinham encantado, agradava-me passear por entre os livros. Os pavilhões e corredores das grandes feiras de livros da Europa eram os meus palácios imperiais; a

residência primaveril de Bolonha era a minha preferida. Bolonha era a cidade onde se comia melhor, onde havia mais mulheres.

Adorava ir de país em país, percorrendo todo o circuito das feiras, cumprimentando colegas de todo o mundo. A Bolonha não iam muitos escritores, mas apreciava ver os meus livros nas prateleiras. Num percurso de muitos anos, tinha inspirado dezenas de livros infantis e juvenis; só eu conhecia a minha fecundidade. Adorava falar com os editores acerca dos livros concebidos por mim. Dava a minha opinião, parecia-me necessário fazê-lo, mas, se os achava mal escritos, não hesitava em dizer mal dos meus próprios romances. Por vezes, afirmava que o autor tinha desperdiçado um bom enredo, que não tinha sabido aproveitar todas as potencialidades da idéia. Depois, diria, com as minhas próprias palavras, o que considerava ser a essência do romance em questão. Eram situações muito engraçadas. As minhas palavras davam que pensar a muitos editores, pois eram poucos os que conseguiam explicar tão bem como eu a intriga subjacente. Nem sempre dispusera de tempo para ler os livros do princípio ao fim antes do início da feira, mas, mesmo assim, era capaz de contar, em grandes linhas, o conteúdo de todos aqueles em que interviera numa fase inicial. Não havia dúvidas de que conhecia muito bem o meu material.

Contudo, na Feira de Bolonha deste ano pressenti uma mudança em relação à Feira de Frankfurt, realizada seis meses antes. No decurso da manhã cumprimentei uns cem conhecidos. Não era nada do outro mundo. Cumprimentar cem pessoas, durante uma manhã inteira passada numa feira de livros, não é grande façanha; pelo menos para mim.

Cada vez estava mais convencido de que tinha havido conversas entre eles. Não entre todos, claro. Reunir todos aqueles com quem tivera um qualquer contato no decurso de muitos anos teria sido tão impensável como reunir todas as formigas do bosque no mesmo formigueiro. Porém, se o assunto tivesse sido falado entre alguns, isso poderia querer dizer que o meu tempo se acabara.

Um agente italiano agarrou-me por um braço, exclamando da forma mais espontânea:

— Então, *também* veio à feira este ano? — uma pergunta curiosa, por duas razões; ele via com os seus próprios olhos que eu estava lá e, além disso, nos últimos dez anos nunca deixara de ir à Feira de Bolonha. Um pouco mais tarde encontrei Cristina, de um dos grandes grupos editoriais italianos. Conhecíamos-nos de há muitos anos. Cristina tinha os olhos mais bonitos do mundo, além da voz mais excitante do mundo, depois da de Maria. Porém, ao ver-me ali, Cristina levou a mão à testa, como se estivesse a ver um fantasma em pleno dia.

— Petter! — exclamou. — Não leu o artigo do *Corriere delia Sera*?

Não teve tempo para me dizer mais nada, antes de ser arrastada por um português que eu mal conhecia. Era um dos novos. Também era uma espécie de analista. Senti-me atordoado.

Está bem, pensei. Deveria ter lido um artigo do *Corriere delia Sera*. Geralmente estava bem informado, mas havia muito tempo que não me encontrava a sul dos Alpes. Não me agradava a mudança repentina de ambiente no império, alguém tinha começado a conspirar. Haveria uma revolução em marcha?

Já tinha a minha conta para aquele dia, ainda que não tivesse feito nada de útil. Quando me dirigia para a saída dei de cara com um escritor dinamarquês que acabara de publicar um romance juvenil em italiano. Não me pareceu muito bem escrito, mas o enredo baseava-se numas notas que o autor me tinha comprado durante um encontro literário realizado em Toronto. Quanto a mim, acho que lhe devia merecer pelo menos um cumprimento de cabeça, mas o dinamarquês desviou os olhos mal me viu, agindo como se tivesse ficado surpreendido por eu ainda estar vivo. Talvez não haja nada de estranho em não se querer olhar de frente para alguém que se pensava já estar morto. Também pensei que deve ser difícil olhar um velho amigo nos olhos se faltam apenas algumas horas, ou poucos dias, para ele desaparecer, sobretudo se se tem um papel a desempenhar no seu desaparecimento. A minha

imaginação andava à solta. Estava de mau humor. Tinha começado a elaborar o enredo do romance da minha própria morte.

Fui direito à saída e apanhei um táxi para o Hotel Baglioni, onde estava alojado, no quarto piso. Logo que entrei no quarto fui buscar uma garrafa de água mineral ao minibar, deixei-me cair em cima da grande cama de casal e adormeci com a garrafa na mão. Quando acordei abruptamente, depois de um sono longo e profundo, receei que, na minha idade, tivesse começado novamente a molhar a cama.

Uma hora mais tarde, sentei-me na Piazza Maggiore para beber uma cerveja. Não conseguia sossegar. Em quase todas as mesas havia pessoas ligadas a atividades editoriais, conhecia quase toda a gente de vista. Alguns cumprimentaram-me com delicadeza, mas nessa noite também houve quem não me cumprimentasse. Parecia-me sentir os olhares deles pregados nas minhas costas. Sentia-me olhado com maus olhos.

Quando me apetecia, aquele era o lugar onde costumava ir procurar uma amiga para passar o serão, fosse alguém já conhecido ou uma mulher que acabasse de conhecer. Não havia casais numa feira do livro e, embora era Bolonha os dois sexos tivessem representações semelhantes, não havia cônjuges. Quando ficava no Baglioni pedia sempre um quarto duplo. Muitos dos editores e agentes levavam uma vida bem mais austera do que a minha.

Descobri Cristina e Luigi sentados num café próximo. Além de excelente editor, Luigi era ainda o filho do lendário Mário. Uma vez, em Milão, Mário emprestou-me o seu camarote no La Scala, onde assisti a uma versão aceitável de *Turandot*.

Ao ver Luigi no café do lado, recordei-me da minha mãe. Teria ficado encantada por ocupar aquele camarote do La Scala, ter-se-ia comportado como uma rainha. Se a minha mãe não tivesse morrido, talvez a Ajuda ao Escritor nunca chegasse a existir e, nesse caso, eu

nunca teria conhecido o Mário. Se a minha mãe tivesse vivido um pouco mais, talvez eu nem chegasse a conhecer a Maria.

Voltei a recordar-me de *Das Schachgeheimnis*. Tinham decorrido alguns anos desde a sua publicação. Logo que aconteceu, retirei de imediato a sinopse de uma das pastas que continha material para venda e deitei-a para o lixo. Qual seria a próxima jogada de Maria? Senti-me muito cansado.

Numa mesa próxima falava-se uma língua eslava que eu desconhecia, mas tive a sensação de que falavam de mim. Também ouvia vozes nas minhas costas, tinha a sensação de que todos os clientes do café estavam a falar da *Aranha*. Recordei-me do conto de H. C. Andersen *A verdade Pura*. «Conta-o!» «Conta-o!» Desde sempre, as feiras do livro fervilhavam de rumores, a situação não era nova, mas neste caso o alvo dos rumores era eu. Senti medo, não sabia o motivo, mas estava nervoso. Talvez a recordação de H. C. Andersen e os olhares tensos dirigidos às minhas costas não fossem apenas fruto da minha imaginação. Quem estiver prestes a desenvolver uma mania da perseguição, não deve permanecer muito tempo numa feira do livro.

Decidi voltar ao hotel e tomar um comprimido para dormir, mas recordei-me de uma coisa que a Cristina me tinha dito na feira. Deixei o pagamento da cerveja junto da caneca e naveguei por entre as mesas até ao lugar onde a Cristina e o Luigi estavam sentados. Não me tinham visto. Toquei a Cristina num ombro e perguntei:

— *O Corriere delia Sera?*

Sobressaltaram-se ambos. É provável que também estivessem a falar de mim. Cristina consultou o relógio e disse que tinha de se ir embora. Estranhei que tivesse de sair no preciso

momento da minha chegada. Antes, nesse mesmo dia, havia-se precipitado para junto de um português, mas agora limitou-se a oferecer-me a cadeira, acenou um adeus e atravessou a praça em direção à catedral. No momento em que Cristina se levantou, ela e Luigi trocaram olhares. Foi como ele lhe dissesse: «Podes ir. Eu encarrego-me do Petter.»

Olhei para o Luigi.

— O que é que dizem no *Corriere delia Sera*? — perguntei. Recostou-se na cadeira e tirou um maço de cigarrilhas do bolso do casaco. O gesto queria dizer que a conversa ia ser demorada. Começou:

— Já ouviu falar da Aranha?

— Claro — respondi —, estou sempre a par desse tipo de coisas.

— Pois é — continuou, bebendo um trago de cerveja. Luigi era um homem de poucas palavras, muito ponderado.

— O *Corriere delia Sera* traz alguma coisa sobre a Aranha?

Luigi assentiu com um gesto de cabeça.

Não creio que tivesse notado o meu estremecimento. Tentei recompor-me.

— Talvez seja a primeira vez que se imprime seja o que for acerca dele — comentei.
— O que é que dizem?

Não respondeu diretamente.

— Conheço bem o autor do artigo. Também escreve para *UEspresso*, e creio que está preparando um artigo de maior fôlego.

O homem estava me irritando. Fiz um gesto com a mão:

— Perguntei o que diz o artigo.

Só o Luigi era capaz de um sorriso daqueles.

— Stefano crê que a Aranha é um norueguês — disse ele.

— Indica algum nome?

Negou com a cabeça. Eu começara a falar baixinho. Tinha a sensação de que à nossa volta havia dezenas de ouvidos interessados.

— Tanto pode ser norueguês como qualquer outra coisa — sussurrei, e Luigi notou que eu estava a falar baixo. Prossegui: — A Aranha está por todo lado, em todos os lugares e em lugar nenhum. Não creio que possa ajudá-lo, Luigi.

— Petter, não será você? — perguntou. Ri-me.

— Obrigado pela confiança que deposita em mim mas, como já te disse, não posso ajudá-lo. Diga isso ao teu amigo e dê-lhe meus cumprimentos.

Esubalhou os olhos.

— Penso que está vendo tudo ao contrário — objetou. — Talvez seja você que precisa de ajuda. Stefano envia-lhe cumprimentos e pede que te avise. Se é a Aranha, aconselho que desapareça o quanto antes.

Ri-me de novo. Não via qualquer razão para estar acabrunhado. Era importante manter a conversa num tom ligeiro e alegre. Olhei para a esquerda e para a direita e sussurrei:

— Mas, porquê? No fundo, essa Aranha é acusada de quê?

Luigi tinha acendido uma cigarrilha e iniciou um longo discurso. Nada daquilo era característico de Luigi.

— Imagine que existe uma fábrica de fantasias, com uma única pessoa a dirigir o negócio, que essa pessoa é um homem, sempre na sombra, elaborando elegantes tramas para romances e peças de teatro de todos os gêneros. Imagine que o homem não pretende publicar a sua obra, uma situação que pode parecer incompreensível e enigmática, mas é possível. Talvez lhe repugne assinar um poema ou um conto, talvez por ter o raro desejo de viver no anonimato, talvez não possa deixar de elaborar fábulas e histórias, pois é incapaz de fazer parar o seu motor mental. Suponhamos que, no decurso dos anos, tenha criado uma extensa rede de contatos dentro do setor livreirterário, tanto no seu país como no resto do mundo. Conhece centenas de autores, muitos deles a sofrerem periodicamente daquilo a que chamamos bloqueio do escritor. Agora imagine, e neste ponto devem existir algumas almas dispostas a revelar a verdade, imagine que essa fábrica de fantasias começa a vender produtos semimanufaturados a escritores frustrados. Está entendendo?

Lançou-me um olhar penetrante. Enquanto ele falava eu tinha feito um sinal ao empregado de mesa e pedira uma garrafa de vinho branco. Irritou-me que Luigi pensasse estar melhor informado do que eu.

— É claro que estou entendendo — respondi. — E creio que tem razão, que está para acontecer alguma coisa. Eu mesmo já notei isso.

— Ah, sim? — exclamou Luigi. Continuei:

— E depois? Estou de acordo contigo, o fenômeno que descreves é curioso, mas não crês que os escritores em questão devem estar gratos pela ajuda que recebem dessa fábrica de fantasias? E o público leitor, não estará também satisfeito? Quando chove e faz frio, e se torna muito difícil acender a lareira, toda a gente fica satisfeita por ver aparecer alguém que traz consigo um pacote de acendalhas.

Luigi riu-se.

— Sim, sim, mas não creio que compreenda muito bem este país.

Pareceu-me um comentário ridículo, pois eu não deixava de ser um cidadão da Europa.

— Quanto a títulos, sabe alguma coisa?

Mencionou cinco romances publicados na Itália durante os anos mais recentes. Quatro deles eram meus. O quinto, que curiosamente tinha por título *Seta*, ou *Seda*, era uma pérola de um escritor italiano, que não tinha recorrido aos meus serviços mas que eu já lera.

— Bravo! — exclamei. Nem sei a razão que me levou a fazer um comentário tão estúpido.

Luigi continuou a falar:

— Dada a sua natureza, essa fábrica de fantasias pôde funcionar durante muitos anos sem percalços, mas suponhamos que os escritores começam a se sentir nervosos. Tornaram-se dependentes de uma fonte externa de inspiração e começam a ter medo de serem apanhados num controle *antidoping*. Pode se descobrir, quando menos esperarem, que fizeram batota. E já não confiam na Aranha, que um dia pode despojá-los de todas as honras e da fama que os livros lhes trouxeram. Ora bem, supõe que chega uma altura em que sentem tanto medo que começam a falar uns com os outros.

Voltei a olhar à minha volta. Estaríamos sendo ouvidos? Aquele olhar cauteloso também foi uma estupidez. Sussurrei:

— E a Aranha tem de se preocupar com isso? Ele não fez nada de ilegal e, para mim, a sua atividade não é reprovável. Com certeza estabeleceu acordos com cada um dos autores com quem fez negócios.

— Você não é italiano — repetiu Luigi. — Talvez seja muito ingênuo. Agora supõe que esses escritores devem muito, muitíssimo dinheiro à Aranha.

Odiava que me tomassem por ingênuo. Para mim, não havia pior situação do que estar sentado a uma mesa com pessoas que se julgavam mais espertas do que eu. Não que tivesse medo de ser identificado como a Aranha, mas não me agradava nada a idéia de haver alguém a pensar que me podia reduzir ao silêncio.

Limitei-me a dizer:

— Não vejo que isso seja um grande problema. Por certo que não ficará indigente, mesmo que não consiga cobrar todas as dívidas. Continuo a não ver razões para você ou eu ficarmos preocupados, nem que isso interesse aos leitores.

Estava irritado por não conseguir expressar-me melhor, falava como se tivesse a boca cheia de areia.

Luigi olhou-me nos olhos.

— O que é que eles podem estar tramando, Petter? Pense nisto como um enredo. Use a imaginação.

— É evidente que estarão pensando em matá-lo — respondi. Ele assentiu.

— Contratarão alguém para matá-lo. Nada de difícil, neste país. A garrafa de vinho branco fora posta sobre a mesa havia bastante tempo, eu já tinha bebido metade. Perguntei:

— Acredita que a Aranha não levou todos esses pormenores em consideração?

— Certamente que sim — respondeu Luigi —, não tenho a menor dúvida, basta pensar em todas as excelentes tramas que ele urdiu. Pode ter-se servido de câmeras ou microfones ocultos e, se o matarem, talvez o mundo fique sabendo quais as obras literárias de que ele é responsável. Qualquer frase que tenha fornecido será exposta ao público, talvez posta na *Internet*, e muitos escritores morrerão de vergonha. Talvez por isso tenha conseguido sobreviver durante tantos anos, pois o cerne da sua atividade mexe com o sentido de honra dos escritores seus clientes. E, de qualquer modo, não devemos nos esquecer de que lhe devemos muita coisa boa. Podemos até vir a sentir falta dele, sobretudo os editores.

Aquilo fez-me rir, desta vez com vontade.

— Então, estamos falando de quê? Acredita realmente que existam pessoas capazes de matar para depois «morrerem de vergonha»?

— Então, Petter, estou ficando decepcionado contigo! A Aranha não tem que temer os humilhados; esses continuam controlados.

Fez-se luz. Não suportava a idéia de decepcionar alguém. De imediato, optei por reparar os danos.

— Tem razão. A Aranha deve certamente proteger-se contra os que não têm vergonha. Pois é certo que também existe um mercado para os desavergonhados, cujo número não pára de crescer. Quando eu era jovem, praticamente não existia, mas os tempos mudaram. Os próprios japoneses deixaram de praticar haraquiri, o que me parece vergonhoso, decadente. Há cada vez mais gente que engorda com a falta de vergonha que lhes proporciona atenções dos jornais e os torna ainda mais famosos. Bem pensado, Luigi, muito bem pensado.

Assentiu, e logo continuou:

— Enquanto estiverem vivos, devem-lhe direitos de autor, talvez dez ou vinte por cento de tudo o que ganham. E não se esqueça de que os escritores também não cometeram qualquer ilegalidade, não irão parar na cadeia por terem aceitado idéias para um romance, mas, com o passar dos anos, tornaram-se mais mesquinhos e a Aranha não conseguirá cobrar dívidas se já estiver no outro mundo. Ou pensa que ele terá nomeado um herdeiro legal? Crê que também terá se acautelado essa situação?

Não, não se acautelou. Tinha cometido um grave erro, fiquei embaraçado. Não tinha contado com os que não têm vergonha.

— Mas ele ainda dispõe de uma oportunidade — sugeri.

— Pode anunciar que renuncia a todas as dívidas dos escritores. Assim, o perigo deixa de existir e os escritores deixam de ter motivos para mandarem matá-lo.

Luigi encolheu os ombros. Estava a sorrir, ou não?

— Receio que as coisas já tenham ido longe demais — disse.

— Segundo parece, já existem planos para ele ser apanhado. *Agarre-o! Agarre-o!* Vieram-me à mente todas as vezes que, em pequeno, fui alcançado pelos outros garotos, todas as situações em que fui apanhado; lembrei-me de Ragnar, que me fez uma brecha profunda na cabeça e me fez ir para o pronto socorro, onde me costuraram com doze pontos.

Fiquei a olhar a praça, a sua sólida basílica e, em seguida, descobri o homenzinho da bengala de bambu e chapéu de feltro. O pequeno homúnculo passeava pela praça, a tentar atingir os transeuntes com a bengala, como se empunhasse uma espada bem afiada. Mas ninguém parecia notá-lo. Pensei que ele deveria mudar de estilo e que, se não mudasse, o Metro corria o risco de se tornar uma paródia de si mesmo.

Luigi parecia ter mudado de assunto, pois, de súbito, perguntou-me:

— Sabe alguma coisa acerca de um romance com o título *Triplo Assassínio Post mortem?*

Sobressaltei-me. Ele deve ter percebido a minha reação. Era o romance policial de Robert, publicado, anos antes, em Oslo.

— Existe um romance norueguês com esse título — respondi. — Mas não acho que seja adequado para o teu país.

Riu-se, como que resignado, mas logo acrescentou:

— Sim, sim, também já ouvi falar desse romance norueguês e por isso é que o menciono. Mas estava, de fato, a referir-me a um romance alemão recentemente traduzido para italiano. O responsável pela edição italiana contou-me que ficou um tanto consternado quando verificou que a mesma história também constitui a base de um romance norueguês, que se publicou no mesmo ano que o alemão. Segundo parece, as histórias são tão semelhantes que não pode se tratar de mera coincidência.

Senti um novo rubor nas faces. Maria tinha atacado de novo. Tentei que Luigi não notasse o tremor das minhas mãos.

Recordei com todos os pormenores o dia em que Maria e eu estivemos juntos no seu quarto da cidade universitária, na época em que concebemos a menina. Tínhamos ido à cozinha comunitária fritar ovos com *bacon*, para depois voltarmos ao sofá-cama do quarto. Foi nesse dia que lhe contei a história do triplo assassinio *post mortem*. A história foi criada naquele exato momento e naquele lugar. Ao regressar para casa anotei algumas palavras essenciais, mas logo me esqueci por completo delas, até voltar a mostrar as notas a Robert, muitos anos mais tarde. Situei a história num ambiente flamengo porque a mãe de Robert era flamenga.

— E como se chama esse autor alemão? — perguntei.

— Wittmann — respondeu Luigi —, Wilhelmine Wittmann.

Luigi tinha acabado a cigarrilha e ficou olhando a Piazza Maggiore. Depois, acrescentou:

— Segundo parece, com a passagem dos anos a Aranha desorientou-se um pouco.

O meu interlocutor não sabia como as suas palavras me magoavam. Passara todos aqueles anos me esforçando ao máximo para ter a certeza de que não haveria duplicatas. Só Maria tinha desfrutado de uma posição especial de confiança, mas isso se passara a quase trinta anos, muito tempo antes da criação da Ajuda ao Escritor. Havia vinte e seis anos que não sabíamos um do outro e agora, de repente, ela começara a mostrar que estava viva. Tinha que saber onde ela estava, o contato tornara-se inevitável. Porém, de repente, ocorreu-me uma idéia que nunca me tinha ocorrido: nunca me preocupara em perguntar-lhe o sobrenome. Talvez pareça estranho, mas só andamos juntos uns meses e o uso de sobrenomes não era muito comum na década de 1970. Maria colocara um azulejo na porta do seu quarto da cidade universitária; tinha uma única palavra: MARIA, pintada em grandes letras vermelhas. Logo que se começou a falar da hipótese de gravidez, procurei evitar que eu soubesse o seu sobrenome e o endereço. Apenas me disse que tinha conseguido um lugar de conservadora num museu de Estocolmo. Pensei que embora o mundo seja realmente pequeno, um palheiro é um espaço enorme quando se trata de encontrar uma agulha nele, ainda mais enferrujada.

— Nesse caso, avizinham-se tempos emocionantes — disse eu. — Temos de nos manter alerta. Eu não sou a Aranha, mas garanto-lhe que vou andar de olhos bem abertos. E logo que souber qualquer coisa, eu...

Luigi não me deixou continuar.

— Bem, muito bem, Petter.

Senti-me estúpido. Estava cansado. Nunca deixara de estar cansado desde a morte da minha mãe. Olhei-o de frente.

— Luigi, que acha que devo fazer?

— Saia de Bolonha — respondeu —, quanto mais depressa melhor.

Disse aquilo sorrindo, mas com um sorriso ambíguo. Ri-me.

— Acho que anda lendo muitos romances policiais.

O sorriso dele aumentou. Luigi sempre fora um brincalhão. Poderia estar fazendo graça quando dizia que havia quem quisesse me ver morto?

Talvez a Cristina e o Luigi tivessem conjecturado que eu era a *Aranha* e depois se tivessem entretido a adivinhar coisas, e que Luigi estivesse apenas se divertindo comigo. Podia ser que tivesse ouvido falar do *Triplo Assassínio Post mortem* de algum editor norueguês, que quisesse obter os direitos de publicação do livro e achasse estranho ver a mesma história publicada duas vezes e escrita por autores diferentes. Eu nem sequer tinha certeza do assunto ter sido tratado num artigo do *Corriere della Sera*.

— É provável que necessite de proteção — adiantou.

Um guarda-costas, pensei. Uma idéia nova, mas muito desagradável.

Senti-me ainda mais estúpido. Pela primeira vez, em toda a minha vida, senti-me traído pela imaginação. A pressão exterior pusera uma tampa sobre a força que emanava de dentro. Não conseguia encontrar palavras. Num momento daqueles, a idéia mais inteligente que me ocorreu foi rir-me. Uma reação perfeitamente idiota.

— Olha que o caso não é para rir — disse Luigi. Irritei-me. Estava furioso por não ter certeza dele estar ou não rindo às minhas custas. Levantei-me e deixei em cima da mesa o dinheiro para pagar o vinho.

— Está no Baglioni? — perguntou Luigi. Não respondi. — Para onde é que vai? — Como também esta pergunta ficou sem resposta, apontou-me o dedo indicador. — Talvez devesse ter cuidado com as mulheres.

— Que quer dizer com isso?

Sorriu com a boca toda.

— Tem fama de mulherengo. Diz-se que é a tua única fraqueza. O que é que me diz?

Não pensei que esperasse resposta para uma pergunta daquelas. Não respondi. Ele percebeu. Luigi não tinha nada de tolo. Dois homens como nós não iam ficar ali no café discutindo a maneira como procediam com as mulheres. Não era um tema interessante, seria até repugnante.

— Eles podem mandar-lhe uma mulher como isca. Talvez uma velha amiga.

Respirei fundo.

— Não devia ler tantos romances de espionagem — respondi, tentando rir-me. Quem me dera saber qual era a verdadeira posição de Luigi!

Deu-me o seu cartão.

— Tem aqui o número do meu telefone.

Peguei no cartão e li-o. Sempre fui um especialista em reter números na memória. Apressei-me a rasgar o cartão e joguei os pedacinhos no cinzeiro. Olhei Luigi nos olhos, com a sensação de que, provavelmente, não voltaria a vê-lo.

— Obrigado.

Virei-lhe as costas por sentir que as lágrimas teimavam em querer saltar-me dos olhos.

Não foram as ameaças de conspiração contra mim que me provocaram toda aquela tristeza. Bem no fundo, pensava que Luigi não tinha certeza do que estivera me dizendo. Talvez contasse que no dia seguinte voltássemos a nos encontrar para bebermos um copo. Eu, porém, sabia que a Ajuda ao Escritor já pertencia ao passado. Não me pareceu uma libertação, senti-me coagido.

Segui para o hotel, com a sensação de que andava nas nuvens, de que os meus pés tinham perdido o contato com o chão. Talvez o problema estivesse aí, talvez eu nunca tivesse tido os pés assentados no chão. Tinha atuado como um cérebro desligado de todo o resto. Houvera apenas duas esferas: o mundo e o meu cérebro, o meu cérebro e o mundo.

O mundo não necessitava de toda a minha fantasia. Jamais vivera na vida real, a falta da realidade fora compensada com a imaginação. Não sabia se tinha sido punido pela minha mãe, por Maria ou por mim mesmo.

Dormi umas horas e, ainda era madrugada, já me encontrava no Vestíbulo. Lá fora, a Via Indipendenza estava tranqüila, mas enquanto pagava a fatura, reparei que estava sendo observado por um jovem. Estava sentado num sofá, parcialmente escondido por um jornal. Não seria fácil saber se acabava de acordar ou se ainda não tinha se deitado. Seguiu-me quando saí e apanhei um táxi. Não o vi apanhar outro táxi, mas creio que o vi de relance no aeroporto. Tinha um fone no ouvido, o que não lhe dava um ar nada elegante. Acho que me adiantei a obter o cartão de embarque.

Quando cheguei à porta, o embarque já tinha começado; cerca de vinte minutos mais tarde, o avião pôs-se em marcha e levantou vôo. Ia sentado na cadeira IA. Tinha insistido naquele lugar. Apreciava mais a vista do lado direito. Ia para Nápoles. O primeiro avião a sair de Bolonha naquela manhã tinha Nápoles como destino. Vinte minutos depois saía o avião para Frankfurt, com ligação a Oslo.

Logo que atingimos a altitude de cruzeiro, baixei as costas do assento e senti-me invadido por uma certa tranqüilidade. Não tardei a recordar uma história da infância. Era uma recordação real, mas era um episódio em que não voltara a pensar desde menino. A vida tinha passado muito depressa, já tinha a idade da minha mãe quando morreu. Esta é a minha história.

Aprendi a ler e a escrever quando tinha quatro anos. A minha mãe não me ensinou, pois achava que era melhor esperar até que chegasse a idade de ir para a escola. Aprendi sozinho. Se bem me lembro, sem ajuda de ninguém, consegui tirar um velho ABC da estante.

Não encontrei dificuldades para aprender as vinte e quatro letras do alfabeto norueguês.

Num dia em que fiquei sozinho em casa peguei num lápis vermelho e entrei no quarto da minha mãe. Numa das paredes havia duas grandes janelas com cortinas azuis, de onde se desfrutava uma bela vista da cidade. Ao longo de outra parede havia uns armários brancos e as duas restantes estavam forradas de papel branco. Uma monotonia. Creio que senti pena da minha mãe. Pelo menos, eu tinha fotografias do *Pato Donald* no meu quarto.

Tinha inventado uma bela história para contar à minha mãe, havia dias que estava trabalhando nela, sem dizer nada. O conto seria uma surpresa. Peguei no lápis vermelho e comecei a escrever na parede forrada de papel branco. Para começar, tive de subir numa cadeira, precisei da parede toda, isto é, precisei das duas paredes livres. Só terminei umas horas depois. Deitei-me em cima da cama da minha mãe e li o grande conto que tinha escrito na parede. Senti-me orgulhoso. Agora, todas as noites, antes de dormir, a minha mãe podia ler aquela divertida história. Sabia que lhe agradaria, era uma história bonita, que talvez ainda lhe agradasse mais por saber que eu a tinha criado especialmente para ela. Se a tivesse inventado para mim, a história seria completamente diferente, e se fosse para o meu pai também não poderia ser igual. Mas o meu pai já não vivia em casa, não vivia em casa desde os meus três anos.

Fiquei deitado na cama até a minha mãe chegar. Estava encantado. Era freqüente preparar-lhe surpresas, mas esta era diferente, era uma grande surpresa.

Sentado no avião com destino a Nápoles recordei, com um sobressalto, o barulho que a minha mãe fez ao abrir a porta com a chave, naquela tarde tão especial.

— Estou aqui! Estou aqui, no quarto!

Ficou furiosa. Ficou furiosa mesmo antes de ler o que eu tinha escrito na parede. Arrancou-me da cama e fez-me levantar, deu-me duas bofetadas, arrastou-me pelo corredor e fechou-me no banheiro. Não chorei. Não disse uma palavra. Ouvi-a ligar para o meu pai, também se irritou com ele e disse-lhe que ele tinha de ir lá em casa para substituir o papel das paredes, o que ele fez uns dias mais tarde. O cheiro da cola permaneceu na casa durante várias semanas. Uma situação humilhante.

Tive de ficar muito tempo fechado no banheiro. A minha mãe só me libertou depois de ter jantado, tomado café e escutado os primeiros acordes de *La Bohème*. Mandou-me para a cama. Obedeci sem dizer nada. Não lhe falei durante muitos dias. Por fim, teve de rogar-me que voltasse a falar com ela. Disse-lhe que nunca mais voltaria a escrever na parede, que tampouco escreveria em papel, jurei, nem sequer em papel higiênico. Era muito senhor do meu nariz e, de certa forma, cumpri o que havia prometido. Depois daquele episódio a minha mãe nunca mais foi autorizada a ler nada escrito por mim, nem uma letra. Nunca deixei que desse uma olhada nos meus trabalhos de casa. Cheguei a discutir o assunto com os professores, que me deram razão. Eu era tão aplicado, os trabalhos eram tão bem feitos, que, diziam, não era necessário que a minha mãe me fiscalizasse. Era o que faltava!

Não quero afirmar que foi por causa deste episódio que nunca quis ser escritor, mas aquela foi, sem dúvida, a razão de ter deixado de desenhar. Que sentido fazia desenhar se não tinha a quem mostrar os desenhos? Creio recordar que, numa dada ocasião, pensei que seria impossível evitar que a minha mãe lesse qualquer escrito meu desde que estivesse publicado em livro, de que se tivessem tirado uns milhares de exemplares. Jamais me daria a conhecer através de qualquer material escrito. Dera-me a conhecer uma vez, no quarto da minha mãe, quando escrevera na parede. Não queria que ela tivesse a oportunidade de entrar por acaso numa livraria e comprar um livro que ostentasse o meu nome.

Rejeitei o café-da-manhã que a assistente de bordo me ofereceu e tentei dormir, mas, depois de ter dormido uns minutos, voltei a despertar em sobressalto. Dei uma olhada na planície da Umbria. Tinha quarenta e oito anos, já vivera metade, setenta e cinco por cento ou

talvez mais da minha vida, pois recusava-me a pensar que já tivesse vivido noventa e nove por cento do meu tempo. A vida é indescritivelmente curta. Talvez fosse uma razão para não querer o meu nome no frontispício de um livro. Essa fina camada de cultura, de glória e de vaidade humana parecia-me insignificante perante a imensidade da aventura que eu estava a viver fugazmente. Aprendera a ignorar as insignificâncias. Desde criança tive acesso a uma escala de valores que nada tinha a ver com revistas da moda e êxitos editoriais. Quando era pequeno contemplei, na companhia do meu pai, um pedaço de âmbar com milhões de anos, dentro do qual estava aprisionada uma aranha da mesma idade. Eu estava na Terra quatro ou cinco milhares de milhões antes do início da vida, sabia que o Sol não tardaria a transformar-se numa gigante vermelha e que muito antes disso acontecer a Terra já se teria tornado um planeta árido e sem vida. Quem sabe todas estas coisas não se inscreve em cursos de trabalhos manuais. Tampouco se inscreve num curso qualquer para «escritores». Não se passeia de café em café, a anunciar que «está escrevendo umas coisas». Talvez seja verdade que escreve, isso não tem nada de mal, mas ninguém se senta para «escrever». Só escreve quem pensa que tem qualquer coisa a comunicar, algumas palavras que possam servir de consolo a outras pessoas, mas ninguém se senta num dos braços da Via Láctea para «escrever» só por «e»«s»«c»«r»«e»-«v»«e»«r» ou para «e»«s»«c»«r»«e»«v»«e»«r». Mas os poetas pavoneiam-se pelo palco da vida. Entrem, senhoras e cavalheiros! Bem-vindos à coleção de poesia de Suhrkamp para a nova temporada! Certamente que temos a criação que vai interessá-lo. Um esquisito romance de Armani, único no seu gênero!

Sentia-me esgotado. A empresa Ajuda ao Escritor estava acabada e, com a sua morte, terminava uma época literária. Não voltaria a visitar qualquer feira do livro; tinha decidido salvar a vida.

Quando aterramos em Nápoles fui o primeiro passageiro a sair do avião. Atravessei o terminal de chegada correndo, saltei para dentro de um táxi e pedi ao taxista que me levasse a Amalfi. Não creio que lhe aparecessem clientes assim com frequência.

Nunca tinha estado na costa amalfitana, mas no decorrer dos anos a região tinha-me sido recomendada por muitas pessoas, que nessa encantadora cidade da península de Sorrento haviam encontrado o lugar ideal para passar uns dias de descanso. Maria também me tinha falado de Sorrento; passara lá umas férias com amigas. E Robert, antes de Wenche tê-lo deixado, falava muito das suas viagens pelo Sul de Itália.

Passamos por Pompéia e tentei imaginar os habitantes da cidade, segundos antes da erupção vulcânica. Formei na mente uma imagem precisa e clara, mas logo fiz o possível para apagá-la da memória. O que tinha visto podia resumir-se a uma única palavra: *Vanitas* [Vaidade]. Houve uma explosão. E seguiu-se a ira do Vesúvio, que desceu velozmente para cobrir todas as vaidades com o seu manto.

Depois de termos atravessado as montanhas, seguimos para a costa através de pomares de limoeiros e pedi ao taxista que me conduzisse ao Hotel Luna Convento, de que ouvira falar. Não fazia idéia se havia quartos disponíveis, mas ainda faltavam sete dias para a Semana Santa.

Havia muitos quartos livres. Pedi o número quinze; estava livre. Disse que ficaria uma semana e passado pouco tempo já estava sentado diante de uma grande janela, a contemplar o mar. O quarto tinha duas janelas enormes e, diante da outra, o Metro também já estava imerso na contemplação do mar. O Sol ainda estava baixo, ainda só passavam quinze minutos das nove horas.

Inclinei-me sobre uma velha escrivaninha. Sabia que Henrik Ibsen se alojara no mesmo quarto e estivera sentado a escrever naquela mesma escrivaninha, naquele velho albergue que já fora um convento franciscano do século XIV. Foi ali que Ibsen terminou *A Casa das Bonecas*. Agora, havia uma fotografia dele pendurada da parede.

De súbito, ocorreu-me a idéia de que também eu fora criado numa casa de bonecas. Recordei-me de outra coisa que sempre tentava esquecer e que não era o conto de fadas escrito na parede do quarto da minha mãe; era um pesadelo enterrado ainda mais fundo. Sentia o horror da profundidade escura e fria, que havia por baixo da placa de gelo sobre a qual tinha

estado a patinar.

Conjecturei que fora naquele quarto que Ibsen tinha ensinado a Nora a bailar a sua louca tarantela, que, na verdade, não é mais do que uma dança da morte. Quem fosse mordido por uma tarântula podia ter que dançar até morrer. A aranha era o procurador Krogstad, claro, nunca me tinha ocorrido. Não consegui evitar o sorriso. Tinha aterrado em Nápoles por mera casualidade. Se o destino existia, não podia deixar de ser um destino irônico.

Estive a observar o mar e depois voltei a passear os olhos pelo quarto. O Metro caminhava sem cessar pelo chão de mosaico. Numa ocasião parou e encarou-me com olhos autoritários, enquanto acenava com a bengala de bambu e dizia: «E agora, que é que vai acontecer? Chegou a hora de confessarmos os nossos pecados?»

Desembalei o computador portátil, sentei-me à escrivaninha e comecei a escrever a história da minha vida.

A «AJUDA AO ESCRITOR »

Vinte e seis anos depois, encontro-me sentado diante de uma grande janela, a contemplar o oceano. O Sol já está baixo e a baía parece coberta por um finíssimo manto de ouro. Um barco com muitos turistas está se dirigindo para o cais, regressando da visita às grutas verde-esmeralda que ficam a uns quilômetros daqui.

Acabo de voltar de um longo passeio pelos pomares de limoeiros e pelo Valle dei Mulini, na parte alta da cidade. A gente daqui é hospitaleira e simpática. Uma senhora debruçou-se da janela e ofereceu-me um copo de licor de limão.

Tenho de ver por onde ando. No vale não encontrei viva alma e, mesmo assim, ou talvez por isso, não me senti em segurança. Parei várias vezes para olhar para trás. Se realmente tivesse alguém me seguindo desde Bolonha, aquele vale estreito e cheio de ruínas das velhas instalações de fabricação de papel teria sido considerado o lugar perfeito para acabarem comigo.

Por razões de segurança mantenho a porta do meu quarto sempre fechada à chave. Se alguém entrasse agora, poderia empurrar-me pela janela sem qualquer dificuldade. As janelas

chegam quase ao chão e há muitos metros de queda livre até se chegar à estrada que corre ao longo da costa, onde o tráfego é intenso. A queda poderia passar por suicídio ou por acidente.

Não há muitos hóspedes no hotel; hoje, ao jantar, só havia três casais, um alemão da minha idade e eu. Isto estará certamente muito mais movimentado dentro de alguns dias, pois a Semana Santa está chegando.

O alemão olhou para mim por diversas vezes; queria, talvez, entabular conversa comigo por sermos os únicos que jantávamos sem companhia. Tentei descobrir se já o tinha visto antes. Falo alemão com fluência.

Mais tarde, quando fui deitar-me, tive o cuidado de verificar se a fechadura da minha porta funcionava bem. Evitei o bar. Tenho as minhas próprias bebidas no quarto. Num dos cantos já há uma garrafa vazia. Para o caso de me sentir só, posso sempre recorrer a Metro; nunca deixa de andar em minha volta quando anseio por companhia. Já dormi aqui quatro noites.

A Aranha foi apanhada na sua própria teia. Começou por tecer uma teia de fios finíssimos, depois perdeu o pé e ficou prisioneira da sua própria trama.

Agora, no momento em que escrevo, ocorre-me pensar que Maria me traiu. De certo modo, pode se dizer que me superou em cinismo. Sabia que eu jamais conseguiria amar outra mulher, além de se ter assegurado de que não havia forma de voltarmos atrás. Tinha colocado uma barreira entre nós.

É a primeira vez que penso em Maria nestes termos. Estou surpreso. É como se só agora começasse a conformar-me com a morte da minha mãe. O meu pai morreu há um ano. Creio que ele gostava muito da minha mãe.

Continuo a alimentar este sentimento de ter esquecido um pormenor importante qualquer. Quase diria que tenho andado toda a minha vida a esforçar-me para não recordar qualquer coisa que me aconteceu em criança, um episódio que ainda não desapareceu de todo, que continua a nadar nas profundezas escuras, por baixo da fina camada de gelo sobre a qual tenho andado a patinar. Quando quero descontraí-me, tentando entender aquilo que estou tentando esquecer, logo me ocorre uma boa idéia e no momento seguinte ponho-me a inventar uma nova história.

A minha consciência prega-me novas partidas em cada dia que passa, é como um fantasma sobre o qual não exerço qualquer domínio.

Foi esta minha imaginação que assustou Maria. Ficou fascinada, mas assustou-se.

Quando Maria se foi embora, senti que tinha um mundo todo para descobrir, e achei que o desaparecimento dela era também uma forma de libertação. Tardei a restabelecer os contatos com as garotas e, além disso, tinha abandonado os estudos universitários; sentia-me muito adulto para continuar a ser estudante. Nunca, desde a morte da minha mãe, o mundo me parecera tão desmesuradamente amplo.

Pensava muito naquele jovem escritor que pagou uma garrafa de vinho e uma nota de 100 coroas pela sinopse de um romance. Lá em casa, tinha centenas de enredos semelhantes. O romance dele saiu alguns anos depois e foi bem recebido pela crítica.

Freqüentava o Club 7, o casino, o Tostrupkjelleren e a Casa dos Artistas. Tinha facilidade em relacionar-me com as pessoas. Não tardei a conhecer todo mundo com quem interessava conversar. O meu problema nessas etapas iniciais era a permanente falta de dinheiro.

Era considerado um jovem despachado e inteligente, o que não deixava de ser verdade. Conversava sempre com pessoas mais velhas do que eu, muitas delas sonhadoras e ociosas, a maioria com ambições artísticas, várias a darem a si mesmas o nome de artistas. A mim pareciam-me pessoas de fraco entendimento. Alguns tinham publicado coletâneas de poemas, outros diziam que «estavam escrevendo» ou que «queriam escrever». Sentiam que lhes faltaria legitimidade se não falassem assim. Foi nesses círculos que iniciei as minhas atividades.

Quando alguém estava a beber um copo comigo e me dizia, ele ou ela, que «escrevia» ou que «queria escrever», nunca deixava de lhe perguntar sobre que assunto escrevia ou gostaria de escrever. Não era freqüente obter resposta, o que me deixava perplexo. Já nessa época me parecia que a cultura estava a produzir seres que sabiam e queriam escrever, mas não tinham nada a oferecer, uma idéia que o tempo só veio a acentuar. Por que querem escrever, se reconhecem com toda a sinceridade que não têm nada para dizer? Não poderiam fazer qualquer outra coisa? Que necessidade era aquela de porem as coisas em marcha estando inativos? Para mim, a situação fora sempre o oposto: sempre grávido de idéias, mas sem sentir a necessidade de ter filhos. E digo-o em sentido literal.

O episódio com a Maria teve um caráter bastante diferente. Ela era a pessoa de que eu necessitava.

Naquela época escrevia um diário que não tinha intenção de publicar; as entradas não passavam demigalhas destinadas a mim mesmo, isto é, constituíam uma espécie de espelho

em que me revia. A dada altura, escrevi:

Jamais escreverei um romance. Seria incapaz de me concentrar numa única história. Quando começo a desenrolar uma fábula, esta absorve em seguida mais quatro ou oito. Consigo, no final, um grande enredo, com diversos níveis de histórias por base e uma infinidade de histórias intercaladas, com diversos narradores, em níveis diferentes de narração, ou aquilo a que algumas pessoas chamam caixas chinesas, pois não sou capaz de deixar de pensar, não sou capaz de deixar de elaborar enredos. Trata-se de algo orgânico, de coisas que aparecem e desaparecem por sua própria iniciativa. Afogo-me na minha própria fecundidade, estou sempre prestes a reinventar qualquer coisa. O meu cérebro destila constantemente novas idéias. Talvez seja por isso que começo a gostar dos bancos altos dos bares. Neles, consigo esvaziar-me.

Foi assim que se desenvolveu uma simbiose. Para mim, era fácil conceber novas idéias e pensamentos. Mais difícil era deixar de fazê-lo; o contrário do que acontecia com aquelas pessoas que desejavam «escrever». Muitas delas passavam anos a fio sem conseguirem ter uma única idéia original sobre a qual pudessem escrever. Estava rodeado de gente com uma enorme necessidade de se expressar, de pessoas em que a necessidade é muito maior do que a mensagem. Antevi um mercado quase ilimitado para os meus serviços. Só me faltava encontrar a fórmula de organização da minha atividade.

No mesmo dia em que Maria partiu para Estocolmo, dirigi-me ao centro com umas notas. Tratava-se de uma coleção de aforismos, de idéias. Queria investigar o mercado e também desejava pôr à prova os meus procedimentos. A idéia era vender os aforismos por peça, pelo preço, por exemplo, de uma cerveja cada um. As idéias eram boas, muito boas mesmo, não vou dizer o contrário. Estava disposto a desfazer-me de uma, um aforismo especialmente elegante, por meio litro de cerveja e a esquecer-me para todo o sempre de que fora eu o autor da idéia. Era, antes de mais nada, uma questão de encontrar a pessoa adequada, porque o resto dependia da minha habilidade para entabular uma conversa em tom

confidencial. Além disso, havia um objetivo que tinha de ser alcançado a muito curto prazo, pois havia gasto as minhas últimas coroas com Maria e não me ficara nada com que pagar uns copos.

Naquela tarde encontrei-me com um escritor, quinze anos mais velho do que eu, no parque de Studenterlunden. Vamos chamar-lhe Johannes. Tínhamos conversado em diversas ocasiões e sabia que ele tinha percebido que eu era um gênio. Creio que tinha percebido que talvez lhe fosse útil, como escritor, conversar comigo. Até me tinha perguntado, num encontro anterior, quando é que eu pensava publicar o meu primeiro livro. Empregou um tom de voz porventura mais apropriado para me perguntar quando é que eu pensava iniciar-me nas relações sexuais. Tinha-lhe respondido que nunca publicaria nada, afirmação que o deixou muito impressionado. Naquela época não havia muita gente capaz de dar uma resposta daquelas.

Perguntei a Johannes se podia convidá-lo para beber uma cerveja. Não lhe disse que não tinha dinheiro. Se aquilo corresse mal, teria de sair antes da chegada da conta. Nunca, até então, fora apanhado numa mentira e esperava que tudo corresse bem, uma vez mais. Decidi oferecer-lhe a coleção inteira de aforismos; não era o que tinha planejado, mas lembrei-me, de repente, de que Maria se fora embora e que não podia permitir-me ao luxo de me arriscar a passar todo o serão sem beber absolutamente nada. Para Johannes aquelas vinte idéias poderiam converter-se numa fortuna. Se lhes desse o uso mais adequado, acrescentando qualquer coisa da sua lavra, aquelas idéias poderiam proporcionar-lhe uma nova identidade literária. Tinha publicado dois romances, com seis anos de intervalo, que não eram grande coisa. No início dos anos 70 do século XX era muito raro que um romance contivesse vinte idéias.

Fomos para o casino. Por sorte, não havia muita gente, mas todos os presentes eram atores ou escritores, a que se juntavam os clientes habituais, isto é, pessoas que pretendiam tornar-se atores ou escritores.

Passado algum tempo, de memória, recitei um dos aforismos.

— Quem é que escreveu isso? — perguntou Johannes. Apontei para mim mesmo. — Estupendo! — exclamou. Li um terceiro. — Mas não me disse que não escrevia? — voltou a perguntar. Fiz um gesto de negação e esclareci que lhe dissera que nunca publicaria nada. Fui ainda mais preciso: disse que não queria ser escritor. Foi a vez de ele acenar com a cabeça. Naqueles meios era improvável que alguma vez aquela frase — «não quero ser escritor» — tivesse sido pronunciada.

Cada capelinha, cada subcultura, tem as suas verdades evidentes. Nos círculos que Johannes freqüentava não havia memória de alguém dizer que não queria ser escritor; quando muito, poderia haver alguém que acabasse por reconhecer que não conseguia sê-lo. Não é assim por todo o lado. Ainda existem por esse mundo determinadas comunidades rurais, de zonas atrasadas, em que a afirmação contrária seria considerada igualmente louca. Não há dúvida de que ainda existem camponeses que veriam como uma provocação que o filho mais velho, o herdeiro, ao regressar dos campos num fim de tarde declarasse, num repente, que queria ser escritor.

Na sua maior parte, os alunos do ensino secundário dos nossos dias dizem que aspiram a ser famosos; e não o dizem por brincadeira. Há apenas vinte anos, uma afirmação deste gênero seria considerada bastante vergonhosa. As normas culturais aceites podem transformar-se por completo no decurso de uma geração. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, ninguém poderia andar impunemente a dizer que, depois de crescido, queria ser famoso; teria de contentar-se com a idéia de ser médico ou bombeiro. Quem declarasse que queria ser famoso, teria de explicar, com todos os pormenores, em que área queria ser famoso; dessa maneira, os méritos tinham de anteceder a fama. Agora já não é assim. Primeiro, decide-se ser famoso; como consegui-lo é secundário e saber se a pessoa merece ou não a fama que conseguiu é praticamente irrelevante. Na pior das hipóteses, essa pessoa contenta-se com umas migalhas em qualquer palhaçada televisiva, ou, ainda pior, comete um crime que dê brado. Mas eu antecipei esta fase, como se sempre tivesse sabido que, um dia, ser famoso passaria a ser coisa comum. Sempre odiei a vulgaridade.

Johannes disse:

— Petter, você me saiu mesmo um tipo esquisito.

Pus-lhe diante dos olhos as folhas de papel com as vinte idéias e Johannes as leu. Transbordava inveja.

— Foi você que escreveu isto? — perguntou. — Tem certeza de que não roubou estas notas de alguém?

Estremeci. A simples idéia de apoderar-me de qualquer coisa escrita por outra pessoa e apresentá-la como minha era tão repelente que tive dificuldade em conter os vômitos, eu que nem sequer reclamava como minhas muitas das coisas que tinha escrito.

Tinha despertado o interesse dele, isso era evidente, mas continuava a ter de executar uma manobra complexa. Tinha de fazer tudo na perfeição, pois a primeira vez era especialmente importante. Tinha consciência de que estava prestes a criar uma empresa de longa duração. Estava a ser submetido a um teste, aquele iria ser o meu ganha-pão. Se falhasse agora, na primeira tentativa, as dificuldades seriam ainda maiores no futuro.

Disse-lhe que, satisfeitas certas condições, podia ficar com as idéias e tratá-las como suas. Ficou boquiaberto.

— Que bobagem é essa que está dizendo, Petter?

Fiz-lhe um breve discurso. Fi-lo compreender, de uma vez por todas, que falava a sério quando dizia que não queria ser escritor. De repente, foi como se Johannes se apercebesse de que eu sofria de uma forma rara de timidez. Disse-lhe que não suportava a idéia de viver como uma figura pública, que me sentia melhor nos bastidores e que jamais trocava o meu anonimato por qualquer soma de dinheiro. Fui ao ponto de fundamentar a minha opinião com um argumento político da época.

— Cheguei à conclusão de que não é politicamente correto sobressair. Que direito tem uma elite a elevar-se acima das massas só por ter facilidade no manejo das palavras? Não seria melhor que todo mundo trabalhasse com um verdadeiro espírito coletivo?

Também balbuciei qualquer coisa acerca das bases e deixei cair umas palavras sobre o anonimato dos artistas da Idade Média.

— Não sabemos nada sobre os autores dos velhos mitos nórdicos. E, sinceramente, Johannes, acha que alguém se importa com isso?

Fez um gesto negativo com a cabeça. Johannes era marxista-leninista. Apressei-me a afirmar que tudo o que ele acabava de ouvir tinha caráter estritamente confidencial. Disse-lhe que tinha lido os seus romances, que achava muito útil que alguém, desde que não fosse eu, chamasse a si a função de porta-voz do povo.

Johannes começava a perceber que estava prestes a tornar sua a coleção de vinte aforismos. Mas havia ainda muito que discutir e comecei pelo aspecto pecuniário. Disse-lhe que andava mal de dinheiro e que estava disposto a vender as idéias por 50 coroas cada uma, mas que, se ficasse com toda a coleção, as venderia todas por 800 coroas. A princípio pensei que teria pedido muito. Naquela época, 800 coroas era muito dinheiro, tanto para estudantes como para escritores. No entanto, Johannes não pareceu assustar-se. Por outro lado, estávamos perante vinte aforismos sumamente inspirados; tinha gasto uma manhã inteira para criá-los. Disse-lhe que lhe dava a oportunidade de escolher aqueles de que gostasse mais e de pagá-los por peça, mas que seria uma pena dividi-los. Pensara especialmente em Johannes, além de não me agradar a idéia de ceder a propriedade intelectual de escritos meus a mais de uma pessoa.

— Muito bem — concordou Johannes. — Fico com todos.

Apressei-me a dizer que me sentia um pouco envergonhado quanto ao aspecto econômico, mas também não deixei de lhe recordar que vivíamos numa sociedade capitalista, em que a propriedade intelectual era considerada como uma simples mercadoria.

— Não é uma situação muito diferente da do pintor que vende os seus quadros — continuei. — Os quadros também mudam de mãos e o pintor nunca mais poderá invocar quaisquer direitos de propriedade sobre as obras que tenha vendido.

Creio que Johannes apreciou o fato de lhe ser lembrado que se tratava de uma transação normal. Disse:

— Não excluo a possibilidade de vir a utilizar algum deste material num romance que estou escrevendo...

— Por mim, tudo bem — respondi. — Vai ganhar dinheiro com o livro, talvez bastante, mas merece-o. Não é raro que um quadro seja vendido por um preço significativamente superior ao que se pagou por ele de início. Chama-se a isso um bom investimento.

Felizmente foi ele quem trouxe à baila a parte mais delicada do nosso acordo. Apontou para as folhas que tinha à sua frente e disse:

— Mas como é que posso ter certeza de que nunca vai revelar que estas frases são de sua autoria?

Respondi que ficava satisfeito pelas frases serem publicadas e reiterei a afirmação anterior de que não pretendia ser uma figura pública. Disse que tinha outras coisas guardadas e que talvez, mais tarde, pudéssemos voltar ao assunto. Se não guardasse silêncio sobre o material que ele agora levava, perderia a possibilidade de lhe vender outras coisas no futuro.

Esse foi o argumento decisivo. Tive de dar garantias de que não pensava oferecer coisas escritas por mim a outras pessoas. Esta era a condição mais importante para criar uma verdadeira rede de vendas com muitos clientes. Teria de dar a cada um a garantia de que ele ou ela era o único eleito, que ele ou ela era o sujeito único da minha preferência.

Tinha razões para crer que poderia manter aquela estratégia. Os escritores não costumam admitir que têm um «clandestino» escrevendo para eles. Todos pretendem apresentar-se como pessoas originais e autênticas.

Se o negócio fosse bem conduzido não existiria perigo dos clientes começarem a desmascarar-se uns aos outros. Não havia razões para temer que a teia se desmanchasse, sempre que os seus fios fossem tecidos só entre mim e cada um dos clientes. Não existiriam fios de ligação entre os clientes.

Johannes olhou demoradamente à sua volta, inclinou-se sobre a mesa e sussurrou:

— Dou-lhe 200 coroas em dinheiro e um cheque de 600. De acordo?

Assenti. Agradou-me receber uma parte em dinheiro e não só por causa das cervejas que me competia pagar. O banco já estava fechado e a noite mal começara. Com movimentos discretos, como se os gestos fizessem parte de um balé clássico, tirou as notas e o livro de cheques do bolso. Preencheu o cheque com a mesma lentidão de gestos com que se assina a declaração de rendimentos, para logo fazê-lo deslizar, junto com o dinheiro, para o meu lado da mesa; eu dobrei as folhas com os meus escritos e as fiz deslizar na direção dele. Voltou a dar uma olhada pela sala, mas não conseguiu topar com o homenzinho de bengala de bambu, que quase tropeçava num dos garçons. Johannes apressou-se a meter as folhas dobradas no bolso do casaco.

— Vamos? — perguntou.

Respondi que pretendia beber mais uma cerveja.

— Obrigado, Petter — acabou por dizer. E, sem mais, levantou-se e dirigiu-se para a saída. Vi que ao dirigir-se para o roupeiro levou a mão direita ao peito, talvez para se assegurar de que os preciosos papéis continuavam a salvo. Ocorreu-me que poderia fazer uma fotocópia do cheque antes de descontá-lo no banco. Nem soube porquê, mas pressenti que me seria útil guardá-lo como recordação.

Johannes fez uma boa compra. Graças aos aforismos conseguiu multiplicar várias vezes o montante investido, mas isso passa-se com todos os tipos de valores; não se sabe os lucros que podem vir a proporcionar. Além do mais, eu precisava do dinheiro naquele momento. E Maria estava no trem, a caminho de Estocolmo.

Johannes morreu há pouco tempo. Será recordado pelas suas frases precisas, quase lapidares.

Já, então, tinha decidido que a um mesmo autor não seria fornecido material de gêneros diferentes. Não seria minimamente admissível que, de repente, a cidade fosse inundada de obras literárias plenas de inspiração. Havia apenas uma mãe, cujo seio era suficiente para alimentar uma legião de escritores.

Com uma única exceção, só forneci a Johannes máximas, aforismos, palavras de ordem, ou «condimentos», como ele lhes chamou numa ocasião. Como ele era um dos inspiradores das manifestações marxistas-leninitas do Primeiro de Maio, dei-lhe, no decurso dos anos, várias sugestões inteligentes para palavras de ordem e *slogans*, pelos quais nunca lhe cobre nada.

A exceção foi o enredo para uma história passada no Vietnam. Na nota que lhe forneci, e que me valeu uma nota de 100 coroas, escrevi qualquer coisa como:

Dois gêmeos nascem no princípio da década de 1950, com poucos minutos de intervalo, numa pequena aldeia do delta do Mekong. A mãe é violada e assassinada por um soldado francês antes dos meninos atingirem os seis meses de idade, sendo as crianças adotadas por duas famílias diferentes, pelo que crescem sem se conhecerem. Um dos gêmeos junta-se ao Exército de Libertação Nacional e o outro às forças governamentais, apoiadas pelos Estados Unidos. Depois da ofensiva do Tet, os dois gêmeos enfrentam-se na floresta virgem. Ambos são batedores, homens que precedem as forças que vão travar uma batalha importante. Estão sós, são iguais e cada um percebe que encontrou o seu irmão gêmeo. No entanto, um deles tem de morrer. Mas ambos são dotados de igual destreza no manejo do punhal, pois ambos transportam a mesma herança genética, e conseguem ferir-se de morte um ao outro.

Algumas idéias úteis: escreve detalhadamente acerca da escolha que os dois homens tem de fazer quando se encontram, sobre a lógica da guerra. O que não matar o seu irmão corre o risco de ser morto por ele. Será que os irmãos conseguem trocar algumas palavras antes de expirarem? Será que descobrem algo de novo? (Aqui talvez seja conveniente inserir um pequeno diálogo.) Não se esqueça da cena do combate, desses dois gêmeos que durante um tempo viveram em paz no ventre materno, que se alimentaram ao mesmo tempo dos peitos da mãe e que agora se matam um ao outro. Encerrou-se o ciclo. Nascerem na mesma hora para, agora, o sangue de ambos confluir no mesmo charco. Quem encontra os gêmeos? Que reação provoca a sua descoberta?

Johannes redigiu a história, mas contentou-se com uma narrativa genérica, não chegou a escrever um romance. Li a história numa revista literária, um ano mais tarde, e pareceu-me bem escrita. Também fiquei impressionado pelos seus extensos conhecimentos sobre armamento e com as descrições dramáticas do ambiente vivido no Vietnam. Mas não deixei de me sentir deprimido.

Na versão de Johannes a história acaba, como não podia deixar de ser, com o gêmeo que representa o exército de libertação a sentir-se incapaz de matar o seu próprio irmão, apesar deste se ter deixado recrutar para lacaio do imperialismo americano. E, por isso, é brutalmente liquidado. O autor recorre com frequência às palavras «astuto» e «heróico», mas nunca para o mesmo gêmeo. Johannes soube aproveitar o fato dos irmãos serem gêmeos, utilizando a história para demonstrar que a componente genética é pouco importante para o desenvolvimento do caráter.

Não digo que tivesse ficado muito surpreendido com as alterações introduzidas por Johannes. Boa parte da literatura da década de 1970 foi escrita daquela forma. O objetivo não era pôr problemas em discussão: a literatura tinha de ser edificante.

Com o passar dos anos a minha empresa alcançou nível nacional, além de procurar estabelecer contatos com outros países nórdicos. O salto para a internacionalização, a etapa seguinte, levou um pouco mais de tempo a preparar.

Um dos princípios fundamentais era não vender o mesmo material mais de uma vez. Teria sido o bom e o bonito se, no mesmo ano, fossem publicados dois romances policiais baseados exatamente no mesmo enredo! Por vezes, a idéia passava-me pela cabeça, era sedutora, porque seria interessante verificar o que dois escritores conseguiriam extrair da mesma idéia.

Além disso, tinha que ter cuidado com as histórias que contava durante as pândegas. Não podia me arriscar a que um crítico presente assinalasse que um dos romances do ano se baseava numa história «já velha», dessas que passavam de boca em boca, e que ele ouvira numa noite, ao beber uma cerveja no Tostrupkjelleren. Obriguei-me, por isso, a estabelecer uma distinção nítida entre as histórias que podia contar e as que reservava para os clientes. Tive de reprimir os meus ímpetos de expressão oral, que me levavam a constantes criações de novas imagens.

Não obstante, desde o início tive que me defrontar com uma exceção bastante significativa. Como tinha contado uma enorme quantidade de histórias à Maria, não era possível recordar-me de todas elas. Se Maria tivesse lido romances noruegueses das décadas de 1980 e 1990, teria desatado a rir por mais de uma vez. E, se nos anos mais recentes leu romances estrangeiros, é provável que tenha voltado a sonhar com o passado, com os tempos que passou comigo. Também fiz alguns roteiros destinados ao cinema, bons ou maus, conforme as opiniões. Agrada-me a idéia de saber que Maria, ao ir ao cinema, possa ver um filme baseado numa das muitas histórias que criei para ela, depois de termos feito amor. Nunca senti necessidade de qualquer outro tipo de reconhecimento da minha propriedade intelectual.

Desse modo, Maria é a única pessoa que, desde o início, poderia ter-me apontado como a *Aranha*. Nunca lhe disse nada acerca dos escritores, nem falei dela a qualquer um deles, ainda que já estivesse em atividade na última vez em que nos encontramos. Mas Maria não representava qualquer perigo, tinha certeza disso, pois ela própria tinha feito uso dos meus serviços. A menina dos seus olhos foi concebida pelo Espírito Santo? Não lhe interessava nada que essa história fosse conhecida. Talvez Maria tenha tanto medo como Johannes teve de que se soubesse quem escreveu os vinte aforismos com que condimentou o seu primeiro grande romance. Nesse aspecto, mas apenas nesse, Maria e Johannes estavam na mesma situação.

Quando o material era vendido, logo me esquecia dele. Desfazer-me do que criava nunca constituiu problema. Jamais pensei que algum dia poderia ficar sem idéias; essa era a

única idéia que não era capaz de conceber. Passei muito tempo sozinho quando era pequeno, tive a minha própria casa desde os dezoito anos; para ser o que sou, estou em formação desde o tempo do jardim de infância.

Não obstante, procurava sempre ficar com uma fotocópia de tudo o que vendia. As notas eram arquivadas em pastas com a etiqueta «VENDIDAS». Na parte superior de cada página anotava o nome do comprador e o valor da venda. Este foi, nos primeiros tempos, o meu único sistema de registro. Isso foi antes de imaginar que um dia podiam surgir pressões externas tão fortes como as que sentia internamente, antes de esconder um gravador no bolso interior do casaco a cada vez que ia falar com escritores e antes de começar a gravar as conversas telefônicas. Mesmo assim, continuei a guardar fotocópias de todos os cheques recebidos desde o início da minha atividade. E, como já adivinharam, estão guardadas num cofre de segurança do banco, juntamente com as fitas das gravações.

A época em que a minha atividade estava a entrar em velocidade de cruzeiro coincidiu com a divulgação das fotocopiadoras. Durante algum tempo dependi das máquinas da universidade, mas mais tarde comprei uma *Rank Xerox* só para mim. Na década de 1980, com a chegada dos computadores pessoais, a parte administrativa tornou-se muito mais simples e, depois que comecei a operar em grande escala no estrangeiro, levava sempre comigo um potente computador portátil.

Fui obrigado a rodear-me de um círculo amplo de conhecidos. Às vezes a tarefa era dura, mas não era difícil. Eu era um indivíduo sociável, as pessoas gostavam de mim e raramente pagava a minha parte da despesa nos restaurantes. Não sabia muito bem porquê mas, chegada a hora de pagar, verificava quase sempre que alguém pagara por mim. Acontecia assim, sem mais nem menos.

As pessoas consideravam-me um verdadeiro manancial de idéias. Se elas soubessem... Ninguém conseguia ver mais do que a ponta do iceberg. Como poderia manter o negócio se todos os clientes tivessem descoberto que, na realidade, eu estava a tecer uma teia de malhas tão finas que, um dia, se revelaria tão grande quanto frágil e com tantas pontas

soltas que estava condenada a arrebentar?

Por vezes, quando me encontrava à mesa de um café, podia acontecer que vários dos presentes fossem meus clientes; contudo, cada um deles se julgava o único, pelo menos durante os primeiros anos. Acreditavam que eu era monógamo; sempre achei muita graça neste aspecto da minha profissão, já de si tão rara. De início, nenhum dos meus clientes fazia a menor idéia de que eu era, na realidade, extraordinariamente promíscuo. Por vezes sentia-me como um polígamo que se servia dos favores de várias mulheres ao mesmo tempo. Eu sabia deles e eles sabiam de mim, mas nenhum deles sabia nada acerca dos outros.

Se éramos um grupo de seis ou oito pessoas, era possível que umas três me tivessem comprado um ou dois enredos, mas cada uma das três se julgava numa situação especial; e assim era mantido o respeito mútuo; por isso continuavam vivos, pois muitos deles já tinham perdido o respeito por si próprios. Naqueles tempos a falta de auto-estima era tão rara que não pude deixar de notá-la. Hoje, talvez nem reparasse nisso. Auto-estima é o nome que se dá a um estado emocional cada vez menos conhecido. A auto-estima, pelo menos como virtude, está completamente fora de moda.

Como é natural, ninguém proclamava, assim de repente, que no mês seguinte ia publicar um romance baseado num enredo que me tinha comprado, mas em várias ocasiões detectei um certo nervosismo, o receio de que eu pudesse dar com a língua nos dentes e contasse que aquele romance policial muito bem construído que, por exemplo, Berit acaba de publicar tinha por alicerce uma sinopse de seis páginas, que eu lhe havia vendido por 4 mil coroas. Esse mal-estar traduzia-se em risos nervosos e em saídas rápidas e freqüentes.

Na noite em que nos reunimos no Theatercafé, a celebrar o prestigioso prêmio concedido ao seu último romance, a Karin nunca tirou os olhos de mim. Não se sentia descansada. Por meu lado, sentia-me muitíssimo bem. Entre as razões que levaram à atribuição do prêmio era assinalada, de forma muito especial, a elegância da construção da história. Uma referência mais que justa, na minha opinião. Estava contente com a Karin, por

ela ter cuidado tão bem daquilo que eu lhe confiara; fazia justiça ao talento.

Dispunha de um poder considerável nas celebrações daquele tipo, o que me dava muito prazer. Não via nada de reprovável no fato de me sentir poderoso. Não se deve abusar do poder e eu era um bom exemplo disso. Repartia o meu poder com os outros. Sempre revelara excesso de imaginação, de tal forma que comecei a repartir em grande escala essa capacidade de fantasiar. Talvez tivesse sido descarado, ou mesmo um pouco ousado, mas sentia-me sobretudo generoso. Nos meios de comunicação era Berit quem tinha poder, não era eu. Se eu tivesse pretendido ocupar um lugar nos meios de comunicação, teria me sentido um sacrificado; porém, nunca pretendia ocupar um lugar entre os famosos.

Divertia-me ver o que os escritores conseguiam fazer com as sinopses que lhes fornecia, mais nada. Eu tinha a minha função e, por conseguinte, tinha de funcionar. Também precisava de meios para viver, tinha de chamar a mim algumas das mais-valias de um setor que dependia cada vez mais dos meus esforços.

Sempre que os resultados eram aceitáveis, desfrutava da agradável sensação de estar rodeado da minha própria corte de escribas. Por vezes sentia-me como o rei de um estado autocrático inteligente. Eu era um hábil jogador de xadrez, tanto melhor por jogar com peças vivas. Gostava de manejar os cordões, divertia-me a observar o comportamento daqueles orgulhosos autores. Ficava encantado por eles dançarem ao som da minha música.

Ainda que não estivesse inscrito em qualquer registro de profissões, cheguei à conclusão de que o negócio merecia um nome de empresa. Nas grandes pastas onde arquivava as cópias do material vendido, escrevi: «AJUDA AO ESCRITOR.» Pareceu-me um bom nome.

A atividade dependia do contato bilateral com escritores, tanto em minha casa como

em cafés e restaurantes da cidade. Tive que cultivar a arte de cortejar vários «melhores amigos», um de cada vez, o que me proporcionou muitos (eu diria muitos) convites para jantares, festas e excursões de fim-de-semana.

Depois de estabelecido o contato, nunca mais tinha que me esforçar para vender novas mercadorias aos clientes. Voltavam por conta própria, sempre que tinham necessidade de mais material vinham até junto do tio Petter. Desse modo, ficavam cada vez mais dependentes dos meus fornecimentos. Alguns deixaram definitivamente de pensar pela própria cabeça. Quando viam a quantidade de boas idéias que o meu caleidoscópio mental tinha capacidade para lhes entregar, sentiam que o próprio cérebro lhes escapava da cabeça. Afirmavam que se sentiam ociosos. Para mim, não era alegria nenhuma saber que as pessoas dependiam de mim, mas vivia disso. Viviam dos peixes que mordiam o meu anzol. Não vendia marijuana nem ácidos, nem sequer tabaco a preços mais baixos ou bebidas de contrabando, só vendia fantasias, produtos inofensivos da imaginação. Mas descobrira a chave para a estima civilizada, a chave de qualquer coisa tão complexa como é a identidade pós-moderna.

Se me encontrava com um cliente necessitado, numa festa importante ou num jantar, por exemplo, era freqüente ser levado para um canto, uma varanda ou até para o banheiro, onde o cliente me sussurrava: «Petter, tem alguma coisa?», «Trouxe alguma coisa contigo?», ou até: «O que é que pode me arranjar por uma nota de mil?»

Tinha um amplo sortimento para oferecer, quanto a gêneros e quanto a preços. Uma pequena idéia, ou uma conversa, custava muitíssimo menos do que, digamos, o enredo completo de um grande romance, para não falarmos de uma sinopse bem desenvolvida para um roteiro de cinema. Também vendia poesia meio acabada, ou quartas partes de narrativas. Uma vez escrevi uma narrativa completa, que dividi em três partes e vendi a três autores diferentes. Não o fiz para ganhar mais dinheiro, fiz apenas para me divertir. Também era freqüente elaborar material destinado a um certo cliente. Um desses enredos feitos por medida foi vendido, por uma boa importância em dinheiro, àquele jovem que tinha conhecido uns anos antes no Club 7 e que já conseguira um certo êxito com o material que lhe havia confiado nessa altura. Como tantas outras pessoas da época, tinha-se deixado influenciar pelo movimento *hippie* e pelo interesse que os Beatles demonstravam em relação ao misticismo oriental; além disso, o homem era antropósofo. Também achei muito interessante que estivesse

familiarizado com o materialismo filosófico desde Demócrito, Epicuro e Lucrecio, até Hobbes, La Mettrie, Holbach e Büchner. Havia-me confessado que, no momento, não tinha nada sobre que escrever, mas que aproveitava a espera para estudar o *Bbagavad Gita*, à procura de uma provável ponte entre uma cosmogonia materialista e outra espiritualista. A trama que elaborei para ele girava em torno dessas questões, dei-lhe o título provisório de *A Constância da Alma* e, resumida, a idéia era como segue:

Afinal, os espiritualistas acabaram por ter razão, mas os materialistas também. Tampouco faltaram bons motivos de satisfação aos dualistas e aos adeptos da transmigração das almas.

Quando a população mundial atingiu cerca de 12 milhares de milhões de almas, nasceu um menino muito especial num pequeno povoado das montanhas da Bolívia, junto às margens do grande lago Titicaca. Pablo, como se chamou o menino, era excepcionalmente belo mas, quanto ao resto, não se distinguia de uma criança normal do sexo masculino. Chorava como os outros meninos, dispunha de todos os instintos e capacidades, além de estar um pouco adiantado quanto ao desenvolvimento da fala e dos movimentos. Conforme foi crescendo, verificou-se que o menino era desprovido de sentimentos. Foi submetido a diversos exames neurológicos, mas sempre se concluiu que não tinha qualquer lesão cerebral física, nem sequer qualquer transtorno sensorial; até aprendeu a ler e a calcular mais depressa do que a maioria das crianças da sua idade. Mas não tinha alma. Pablo era uma espécie de cápsula vazia, uma casca sem fruto, um porta-jóias sem pedras preciosas. Não seria correto dizer-se que tinha «as faculdades mentais insuficientemente desenvolvidas», um conceito que, certamente, contém uma forte carga ideológica, pois presume que as faculdades mentais são algo que pode «desenvolver-se» da mesma forma que os processos físicos ou outros processos mecânicos. O problema do Pablo era não possuir qualquer faculdade espiritual, com a conseqüência de estar crescendo como um animal humano desprovido de consciência ou de consideração pelos outros. Nem sequer revelava o mínimo interesse pelo seu próprio bem-estar; pelo contrário, vivia cada momento como se fosse um robô minuciosamente programado.

Desde os dezoito meses de idade, Pablo passou a viver amarrado, apesar do desgosto que a situação provocava aos pais. Não obstante, o sacerdote do povoado insistiu que lhe deveria ser dada a oportunidade de ir à escola, como as outras crianças. Aos seis anos, começou a ser levado à escola numa caminhonete e na aula era preso a uma carteira sólida, que por sua vez estava aparafusada ao chão. Não sofria com a situação, pois era incapaz de sentir vergonha ou de se desprezar a si mesmo. Pablo mostrou ter uma assombrosa — para não dizer alarmante — capacidade de aprendizagem, além de possuir uma memória privilegiada, a ponto de um dos professores lhe chamar «menino prodígio». Porém, como já se disse, com o passar dos anos constatou-se que não tinha alma. Na realidade, era a sua única falha.

Poucos segundos depois de Pablo nascer, nascia em Londres uma menina parecida com ele. Puseram-lhe o nome de Linda e ela também tinha uma beleza excepcional. Nos minutos seguintes nasceram um menino sem alma na cidade de Boppard, na margem ocidental do Reno, outro em Lilongwe, capital do Malawi, doze na China, dois no Japão, oito na Índia e quatro no Bangladesh. Em todos os casos, decorreram vários anos antes que as autoridades sanitárias locais conseguissem descrever aquela rara síndrome. Empregou-se, regra geral, o termo «lesão cerebral», mas a questão foi discutida de modo exaustivo pelos especialistas, pois os seres sem alma pareciam ser mais inteligentes do que a média.

Quando Pablo tinha vinte anos e já havia cometido várias violações e assassinado diversas pessoas, entre elas a mãe, que matou com um machado, a OMS publicou um relatório internacional que recolhia dois mil casos do que se designava por — a designação era provisória — LSD, ou Lack of Soul Disease (Doença da Ausência de Alma). O pormenor mais assombroso desse relatório das Nações Unidas estava na afirmação de que as crianças LSD nasciam sempre dentro de períodos de tempo breves e muito precisos. Em mais ou menos metade dos cerca de dois mil casos registrados, as crianças haviam nascido num período restrito de apenas vinte e quatro horas; a seguir passaram-se quatro anos até nascerem mais seiscentas crianças LSD, também elas no decurso de poucas horas. Oito anos passados, chegou uma nova fornada de quatrocentos casos, aproximadamente. Quanto à hora dos nascimentos havia, como pôde se verificar, uma clara relação entre as crianças LSD. Contudo, não se registrou qualquer conexão geográfica entre elas. Poucos segundos depois do nascimento de Pablo na Bolívia, nascia Linda, em Londres, não se tendo depois disso registrado mais nenhum caso, quer em Londres quer na Bolívia, o que

permite excluir qualquer possibilidade razoável de contágio. As causas genéticas foram igualmente postas de lado. Alguns astrólogos apressaram-se a interpretar o nascimento das crianças LSD como a prova última, decisiva, da influência dos astros, mas depressa se verificou que esta conclusão tinha tanto de precipitada como de inconseqüente.

Um grupo de investigadores indianos, recorrendo a uma complexa estatística da população, chegou à conclusão de que as crianças LSD nasciam sempre que a população do mundo tivesse ultrapassado, alguns meses antes, um determinado nível. E observaram também que, depois de epidemias mortíferas, grandes catástrofes naturais ou guerras que provocassem perdas numerosas em vidas humanas, passava sempre um determinado período de tempo até que voltassem a nascer crianças LSD. Os investigadores indianos foram claros nas suas conclusões. Existe no universo um determinado número de almas e tudo indica que esse número é de doze milhares de milhões. Cada vez que a população mundial ultrapassa esse número, aparece um novo contingente de crianças LSD, que se mantém até que a população mundial volte a descer abaixo desses doze milhares de milhões de almas.

Esta informação caiu como uma bomba no mundo inteiro e deu origem a novas políticas em diversos setores. A favor da Igreja Católica deve se dizer que ela tomou de imediato um novo caminho no que respeita a uma série de velhas polémicas, como, por exemplo, a proibição oficial do uso de contraceptivos. O Papa e a Cúria Romana aderiram logo a um movimento internacional que apresentava os seus objetivos sob um slogan breve e conciso: Make love, not worms! {Faça amor, não faça vermes!}

Além do mais, a Igreja opôs-se em absoluto que as crianças LSD fossem batizadas. Seria um sacramento tão blasfemo como o batismo de um cão.

Também no que respeita ao direito penal houve necessidade de trilhar novos caminhos. Em alguns países os delinqüentes LSD continuaram a ser sujeitos às mesmas leis que regulavam a vida dos outros cidadãos, mas a maior parte das sociedades haviam reconhecido que uma pessoa LSD é tão susceptível de ser responsabilizada pelos seus atos

como um maremoto ou um vulcão. Também se realizaram debates apaixonados para discutir se a sociedade — ou o indivíduo — teria o direito moral de matar uma criança LSD, desde que existisse um meio seguro de diagnóstico. Lamentavelmente, não é possível detectar um LSD no líquido amniótico. A falta de sentimentos da alma não tem nada a ver, como é sabido, com os genes.

Em anos recentes reuniram-se algumas das crianças mais velhas para se observar que tipos de relações estabeleceriam quando se conhecessem. Entre as primeiras a serem apresentadas estavam o boliviano Pablo e a britânica Linda. Quando se encontraram, e depois de os libertarem das algemas e das cordas que os prendiam, atiraram-se um ao outro e começaram a fazer amor de uma forma tão selvagem e crua que converteram o Kamasutra num catecismo próprio para escolas de monjas. Nem Pablo nem Linda tinham alma que pudessem entregar ao outro, mas eram um homem e uma mulher, com todos os seus instintos sexuais intactos. Não tinham quaisquer sentimentos de vergonha, nenhuma inibição, porque sem alma não havia nada que fosse capaz de lhes aplacar o desejo, ou de o incluir num contexto mais alargado.

Do encontro de Pablo com Linda resultaram uma gravidez e um parto. No entanto, o mais notável foi que do encontro nasceu uma criança perfeita, normal, com corpo e alma. Mas, como se perguntou: o que haveria de tão estranho no fato de uma alma disponível ter vindo alojar-se numa menina que nascera de dois progenitores sem alma? Não era isso que se esperava? Para criar uma pessoa completa basta que uma dos doze milhares de milhões de almas do universo se aloje num feto. Porém, o equilíbrio cósmico tinha sido alterado, pois acontecera que, durante breves períodos, a oferta de almas não chegou para satisfazer a procura.

À filha de Pablo e Linda puseram o nome de Cartesiana, em honra do filósofo francês René Descartes, porque a menina tinha demonstrado a todo o mundo que a alma não é um fenómeno carnal. É evidente que a alma não se herda. O que herdamos são as características físicas. Metade dos nossos componentes genéticos são herdados do pai, a outra metade é herdada da mãe, mas os genes estão exclusivamente relacionados com a pessoa humana enquanto ser biológico, ou com a pessoa vista como um organismo. Não herdamos metade da alma do nosso pai e a outra metade da nossa mãe. Uma alma não pode

dividir-se em duas, da mesma maneira que duas almas também não conseguem unir-se. A alma é uma unidade indivisível, ou mónada.

Não foi a primeira vez que se estabeleceram paralelismos entre filósofos do Ocidente, como Descartes e Leibniz, e escolas de pensamento da Índia, como a filosofia estritamente dualista, samkhya. Tanto Platão como toda uma série de pensadores indianos já haviam assinalado, dois séculos e meio antes, que a alma encarna e reencarna num número infinito de corpos humanos. Quando todas as almas existentes no universo se encontram ao mesmo tempo no mundo carnal, surge um estado de interrupção total da reencarnação, até que voltem a morrer mais seres humanos do que aqueles que são concebidos.

Cartesiana, que era uma menina encantadora, dada a manifesta incapacidade dos pais para se ocuparem dela, foi colocada de imediato sob a alçada das instituições de proteção de menores. Nenhum dos pais, que puderam continuar a viver juntos, se importou com isso. Muita gente, inchada de preconceitos, era de opinião de que seria grotesco, além de eticamente reprovável, que mais pessoas LSD tivessem a possibilidade de conceber filhos. Por conseguinte, na sua maioria, a pedido da Igreja, essas pessoas foram esterilizadas de acordo com a lei.

Há um outro fato que não pode separar-se desta história: desde então, os seres humanos que habitam a Terra passaram a mostrar um respeito mais profundo entre si, como seres espirituais que são. As pessoas não se exaltam nem amaldiçoam com a mesma ligeireza de antigamente uma alma que poderão voltar a encontrar, dentro de cem anos ou de cem milhões de anos.

A população mundial tem-se mantido — depois do último surto de LSD — bastante abaixo dos doze milhares de milhões de almas, ainda que nem todo mundo esteja satisfeito com esta tendência. Há quem saliente que alguns milhares de seres LSD podiam ser separados do resto da sociedade e mantidos em acampamentos, ou plantações de corpos, para produção de órgãos para transplantes. Também houve quem falasse da utilidade de

manter alguns adonis e afrodites sem alma em bordéis públicos para alegria de todos aqueles que vivem em celibato involuntário.

Nos nossos dias, os que opinam que devemos voltar a aumentar a população mundial acima dos doze milhares de milhões constituem uma minoria de expressão muito reduzida.

Por vezes, a fim de captar novos clientes, desfazia-me de bagatelas deste tipo, nem sempre a troco de dinheiro. Nos estabelecimentos de venda de artigos de alimentação também é comum depararmos com representantes dos produtores desses artigos, que estão ali só para nos oferecerem provas de comidas apetitosas. Numa ocasião em que me fosse pedida uma sinopse mais elaborada, poderia sempre recuperar aquele pequeno prejuízo.

Em troca de uma viagem de táxi para casa, podia desenvolver uma idéia, em qualquer tira de papel ou num guardanapo. Por uma corrida de táxi até o bairro de Tonsenhagen, cedi uma breve descrição, redigida no verso da fatura do restaurante, como segue: *Livro infantil (com cerca de cem páginas) que consta só de perguntas ordenadas por categorias e subcategorias*. Parecia pouco, mas era o suficiente acelerar a circulação sangüínea dos mais falhos de imaginação. O cliente do dia foi de opinião de que recebera uma idéia genial. Eu tinha acentuado a idéia de que se tratava apenas de um livro comum. O objetivo era que as crianças a quem se destinava fossem capazes de, sozinhas e apelando ao seu próprio raciocínio, encontrarem as respostas.

— Terá que se dedicar pelo menos um ano ao projeto — disse eu, ao meter-me no táxi —, é uma das cláusulas do contrato.

Sabia que tinha diante de mim um cliente escrupuloso. Também sabia que o sujeito não era muito rápido para pensar.

Muitas vezes dei comigo a reunir pequenos escritos, que tinha guardados em casa havia muitos anos, formando um pacote surpresa; por exemplo, uma coleção a que dei o título *26 Alegorias de A a Z*, um material que me valeu a soma de 10 mil coroas. Não tive pudor em pedir uma tal importância por um montão de notas que, na realidade, eram suficientes para alguém iniciar uma carreira literária.

Também trouxe para o mercado uma herança da época em que tinha de livrar-me das vozes que me enchiam a cabeça; tratava-se de *52 Diálogos*, um lote que poderia ser considerado o passaporte para uma carreira literária completa, graças ao qual embolsei 15 mil coroas. O preço não foi exorbitante. Entretanto, dois desses diálogos passaram no teatro radiofônico, outro foi recentemente estreado num teatro de Bergen, três outros viram a luz do dia como diálogos literários. É verdade que todos os diálogos foram desenvolvidos e receberam a sua dose de polimento, como não podia deixar de ser. Um constava de uma longa conversa ou, melhor dizendo, o desfiar de recordações de uma vida inteira, entre duas gêmeas siamesas, com um relevo muito especial no uso dos pronomes pessoais «eu» e «nós». As gêmeas siamesas foram um autêntico fenômeno científico, pois viveram ligadas uma à outra mais de sessenta anos e, mesmo assim, cada uma foi adquirindo a sua visão pessoal da vida, quase oposta à da irmã gêmea. Ao escrever o diálogo pensei que talvez tivesse havido vantagem em que uma delas tivesse nascido com a síndrome LSD, pois assim teria sido mais fácil separá-las; o problema difícil era precisamente a existência de um pedaço único de tecido corporal, mas habitado por duas almas individuais. Dizzie e Lizzie eram duas mentes autônomas, condenadas a conviver num mesmo corpo. Assim, de vez em quando, discutiam acaloradamente e passavam dias sem dirigirem a palavra uma à outra. Nessas ocasiões passavam mal as noites, dormiam mal, mas nunca se magoaram fisicamente.

Se me tivesse passado pela cabeça que algum escritor teria paciência para passar anos a escrever um grande romance, coisa para sete mil páginas, ter-lhe-ia entregado uma

sinopse de umas trinta páginas. Um desses projetos foi vendido por 30 mil coroas a um escritor já consagrado. Dei-lhe o título de *A Pequena Humanidade*. Em forma extremamente resumida, continha elementos como:

Depois que o terrível vírus Amazonas, provavelmente proveniente de um macaco calítrico³, deixou o mundo quase vazio no decurso de poucos meses, a Humanidade compõe-se agora de apenas trezentos e trinta e nove indivíduos. Contactam entre si através da Internet.

Toda a Humanidade se trata por você. Na atualidade, há uma colônia de oitenta e cinco pessoas no Tibete, outra de vinte e oito numa das ilhas Seychelles, outra de cinqüenta e duas no Norte do Alasca, uma de cento e vinte e oito indivíduos no arquipélago de Svalbard, onze no local onde existiu a cidade de Madrid, uma família de seis membros, em Londres, treze na cidade mineira de Chuquicamata, no Chile, e dezesseis em Paris.

Isto quer dizer que, na sua maioria, os sobreviventes habitam zonas mais ou menos isoladas, como o Tibete, o Alasca, as Svalbard e uma pequena ilha do oceano Índico, um indício de que nunca estiveram em contato com o agente infeccioso. Não obstante, como existe também um punhado de sobreviventes em Madrid, em Londres e em Paris, temos de considerar a hipótese de que pelo menos algumas dessas pessoas conseguiram produzir anticorpos eficazes. Além disso, pode ser que existam outros grupos de pessoas que ainda não conseguiram estabelecer contato com o resto da sociedade internacional e pode ser que haja um ou outro indivíduo isolado (a quem talvez fosse possível localizar no decurso do romance). Os sobreviventes deram o nome de «Vingança do Amazonas» ao vírus que quase destruiu a Humanidade, uma praga que associaram ao corte descontrolado da floresta tropical. A partir de agora os seres humanos passaram a integrar o grupo das espécies animais ameaçadas de extinção.

Os recursos profissionais e intelectuais dos sobreviventes são limitados. Existem apenas oito médicos, entre os quais um neurologista, um cardiologista e um ginecologista. Em Paris vive uma mulher de oitenta e cinco anos que, antes da epidemia, era uma das microbiologistas mais distintas de todo o mundo. Agora é a única. No Alasca, vive um catedrático jubilado de astronomia e em Svalbard um especialista em geleiras e quatro geólogos, um dos quais é também um paleontologista eminente.

Depois de um período de trinta anos de quarentena entre as comunidades, em que não houve quaisquer contatos físicos, os especialistas estão de acordo em afirmar que o mundo está de novo aberto às migrações. Alasca, Svalbard e Tibete podem suportar o isolamento durante duas ou três gerações, mas, para evitar as conseqüências negativas da consangüinidade, as comunidades menores têm absoluta necessidade de mesclar o seu sangue com o de indivíduos vindos de fora das respectivas reservas. De Londres chegaram notícias de um pai desesperado que se viu obrigado a engravidar a própria filha, numa tentativa de evitar o desaparecimento da sua comunidade.

Uma boa parte da rede de estradas continua intacta e existem uns cem milhões de automóveis em bom estado. Arrumados nos aeroportos, há milhares de aviões em condições de voar. Além disso, a pequena humanidade conta com muitos depósitos atestados de combustível, mas em todo o mundo só há um técnico aeronáutico, que vive no Tibete, e dois pilotos, um no Alasca e outro em Longyesrbyen, no arquipélago Svalbard. Imagens obtidas por satélite mostram que algumas cidades foram reduzidas a cinzas, mas, na sua maior parte, encontram-se no estado em que estavam antes da tragédia de há trinta anos. Restam alguns animais domésticos, mas a maioria deles extinguiu-se. Por outro lado, o meio ambiente da Terra registrou melhorias rápidas. A camada de ozônio está quase restabelecida e as condições climáticas do planeta são agora bastante mais estáveis do que em décadas anteriores.

É neste cenário que você entra, na sua qualidade de autor. Como vai processar-se a segunda colonização do planeta? O que vai ocorrer na primeira fase? A que desafios os indivíduos vão ter de fazer frente? Em resumo: o que é que se sente quando se pertence a

uma humanidade reduzida? Haverá algum sentimento de libertação?

Você mesmo terá que escolher os episódios que pretende relatar; as possibilidades são em número infinito, os limites serão os que a tua própria imaginação definir. Será conveniente dar-lhes nomes e caracterizar a quase totalidade dos trezentos e trinta e nove sobreviventes, ainda que não tenha espaço para incluir a todos na tua história. Estes trezentos e trinta e nove destinos humanos constituem o teu material.

Como é que cada um dos indivíduos viveu essa epidemia que fez desaparecer quase todos os habitantes da Terra? Que entes queridos perderam e como ocorreram as mortes deles? Não evite a descrição dos momentos mais dramáticos e comoventes. E não deixe de ter em conta que a totalidade dos sobreviventes deve ter tido que enfrentar a possibilidade de ser vítima da epidemia.

Como é que vive agora cada um deles? Quantos irmãos se viram obrigados a gerar filhos do incesto, a fim de evitarem a extinção da espécie? Como vive um pai com a idéia de ter de engravidar a própria filha? E como é que a filha sobrevive a isso?

Um desafio essencial será explicar a forma como os seres humanos mantêm o contato através dos continentes. Ocupe-se longamente do primeiro contato, desde o exato momento em que foi conseguida a primeira comunicação, entre as pessoas do Alasca e do Tibete, por exemplo. Que espécie de equipamento usam? Em que condições está se dando o fornecimento de energia nas respectivas comunidades? É conveniente consultar engenheiros e especialistas de informática.

Vai escolher um número reduzido de protagonistas e urdir a teia do romance em volta deles, ou vai cultivar o episódico e recorrer a uma galeria mais ampla de personagens? Desde que fiquem bem caracterizadas no enredo, não será inconveniente

maior se incluir as trezentas e trinta e nove pessoas no romance. Isso pode até concorrer para dar um ar de monumentalidade a narrativa.

As perguntas são muitas, dar-lhes resposta é uma obrigação tua, como autor e como Deus. Conte todas as histórias, mas não perca de vista a idéia dramática central, a própria direção e o motor desta narrativa épica. Ao chegar ao fim do romance, o leitor deve estar lavado em lágrimas por ter de se separar de todos esses personagens com quem conviveu durante semanas ou meses de leitura, a ponto de se sentir intimamente ligado a cada um deles.

É provável que o material te obrigue a escrever vários volumes. Não caia na tentação de escrever muito pouco. É a única pessoa que sabe os pormenores do segundo grande capítulo da História da Humanidade.

Não perca de vista essa alegria quase inconcebível que é proporcionada pela chegada de uma criança a este mundo. Quando acabar a narrativa é quase certo que terão passado pelo mundo várias gerações e a população mundial terá certamente se multiplicado.

Ou talvez opte por extinguir o gênero humano. Tem o direito de fazê-lo. O que pensa o último habitante da Terra? Afinal, ele ou ela encontra-se completamente isolado no seio do cosmos...

Apenas um conselho, para terminar: não escreva uma única palavra sem antes ler as sagas islandesas sobre as espécies. E um refrão: o caminho se faz caminhando.

Boa Sorte!

Para mim, era fácil fazer uma idéia daquilo que cada cliente desejava, isto é, da quantia que cada um estaria disposto a pagar, mas também era obrigado a analisar cuidadosamente o tipo de material que cada um deles teria capacidade para desenvolver. Antes de mais nada, tinha que ter a certeza de não estar dando pérolas aos porcos. Dar uma sinopse *Rolls Royce* a um mau escritor era a mesma coisa que jogá-la na lata de lixo. Além do mais, o cheiro de óleo queimado não tardaria a se fazer sentir. Ainda pequeno, quando ajudava os meus colegas a fazerem os trabalhos de casa, tinha aprendido que não podia entregar um trabalho que valesse um «Muito Bom» ao candidato típico a um «Suficiente». Portanto, nem tudo dependia da bolsa do cliente, pois tinha de avaliar devidamente a qualidade do material que vendia, mas sem deixar de me preocupar com a qualidade do escritor a quem o vendia. A Ajuda ao Escritor era uma instituição com nível.

Em certas ocasiões também era possível desfazer-me de material valioso em troca de recompensas de outros gêneros. Se uma escritora me agradava, podia fornecer-lhe alguns temas em troca de uns momentos bem passados. Nessas circunstâncias sentia-me generoso porque, daquela forma, a escritora não tinha que sentir que me comprara fosse o que fosse; por dinheiro, entenda-se. Eu podia fazer-lhe uma proposta, mais ou menos assim:

— Se te oferecer este tema, e desde que o queira, não fica mais uma hora comigo?

As mulheres são bem melhores em trocar prendas e serviços do que para cuidar dos seus negócios. Costumam tornar-se muito mais afetuosas depois de receberem o projeto de

uma peça de teatro ou de um romance. Nesses casos, não importa se são casadas ou se estão envolvidas numa relação com outro homem; as perspectivas de fama e poder sempre serviram para tornar as mulheres fogosas e sedentas de amor.

Mesmo nessas ocasiões a discrição por parte da escritora estava assegurada. Quando usam o sexo como moeda de troca, as mulheres dão provas de uma impressionante capacidade de dissimulação. Não era eu quem vendia um material àquelas senhoras; muitas vezes ocorria o contrário: eram elas quem me vendiam qualquer coisa.

Tinha deixado de assediar as garotas na rua; era muito velho para isso, mas continuava a pensar que era mais prático aceder a uns momentos de prazer sem ter a obrigação de misturar sentimentalismos de índole diversa. Não havia necessidade de exagerar a importância daqueles momentos de prazer.

Um dos segmentos muito importantes do mercado era constituído pelos escritores que, seis ou oito anos antes, tinham publicado um romance ou uma coleção de contos e depois não conseguiram publicar mais nada. Eram os frustrados. Continuavam a freqüentar os círculos literários e revelavam as depressões que os roíam. Contudo, se de um momento para o outro lhes aparecia pela frente a sinopse muito bem elaborada de um romance, animavam-se rapidamente e dispunham-se a pagar bem. Para os casos mais difíceis, a sinopse era acompanhada de um esboço das quatro ou cinco páginas iniciais, a fim de pôr o escritor no rumo certo.

Outro grupo era constituído por pessoas que escreviam bem, que dominavam o estilo na perfeição, mas se sentiam frustradas por não terem nada sobre o que escrever. Era o grupo com que me dava mais gosto trabalhar. Não era preciso muito para estimular aquela gente, pelo que não podia permitir-me nenhum excesso. Não podia limitar-me apenas a pegar num montão de notas, literalmente encharcadas de imaginação ou de conhecimentos, para entregá-las a alguém conhecido pelas suas pesadas descrições de personagens e nada mais. Mas ter alguma coisa para contar, uma boa história, um enredo, podia ajudar este tipo de escritores a conquistar novas metas. Dizia-se de alguns deles que haviam atingido a «consagração» da sua

carreira literária. A palavra agradava-me. Há nela algo de profundamente libertador, algo que nos diz que podem começar a acontecer coisas, que qualquer coisa pode florescer de repente e alterar tudo.

Digo que me agradavam os representantes desse grupo; agradavam-me sobretudo porque costumavam cuidar bem do material que lhes confiava. Levavam o seu tempo, não desperdiçavam o que lhes tinha sido confiado. Talvez não fossem bons escritores mas eram bons artífices, eram profissionais da escrita. A Ajuda ao Escritor encaixava-se perfeitamente nesse grupo, operava-se uma verdadeira simbiose, pois também não pretendo negar que os escritores dispunham de uma aptidão de que eu carecia por completo: possuíam a tranqüilidade mental necessária para se sentarem a trabalhar durante dois, três ou quatro anos num único romance e faziam-no com grande prazer, para não lhe chamar um enorme deleite. Alguns eram estetas esquisitos, encantados com a bordadura do idioma, com a descrição precisa dos personagens e dos respectivos sentimentos. Para mim, aquele retocar minucioso da língua parecia-me bastante artificial e algo pedante. Em contraste com aquele sensualismo levado ao extremo, eu contentava-me com a escrita dos próprios enredos, nada que tivesse necessidade de inventar ou de construir, pois as idéias mais pareciam bandos de pássaros a que eu abria os braços e recebia com grande entusiasmo.

Era precisamente nesse encontro do espontâneo com o artificial que estava a verdadeira simbiose entre os escritores e a empresa Ajuda ao Escritor. Os enredos nasciam na minha imaginação de uma maneira absolutamente espontânea, natural, enquanto passeava, por exemplo; aos profissionais da escrita cabia a tarefa de colori-los. E nisso eram muito melhores do que eu.

Cada um tinha as suas limitações pessoais, mas eram muitos, com vários a executarem trabalhos em simultâneo e todos a trabalharem para mim. Gostava de pensar que, quando se esgotasse o meu tempo de permanência na Terra, deixaria de haver histórias para contar. Nessa altura dispararia todos os meus foguetes, dispararia tudo de uma vez. Depois de mim, o silêncio tomaria conta da Terra. Não haveria nada mais para inventar, não restaria mais nada para alimentar a especulação. Eu dirigia uma grande fábrica, organizava o maior festival de literatura de todos os tempos e conseguia fazer tudo isto em segredo.

Um terceiro grupo de compradores incluía os que ainda não tinham publicado nada e que, mesmo assim, estavam convencidos de que o seu destino era serem escritores. A princípio, constituíam o grupo mais numeroso e não se sentiam frustrados. Tinham a fama por objetivo e a mente cheia de esperança. Eram novos escritores potenciais. A frustração não os atingia até perceberem que tinham pago bem cara uma sinopse bem elaborada, para um romance que jamais escreveriam. Deste modo, a minha mão invisível contribuía para pôr muitos enganados a descoberto. Essa também me parecia uma função importante, pois contribuir para revelar que alguém tenta fugir à realidade é, sem sombra de dúvida, uma boa ação. A empresa Ajuda ao Escritor funcionava em parte como catalisador do autoconhecimento. Tive de secar muitas lágrimas que não eram minhas. Os meus conhecimentos de psicologia revelaram-se, por isso, muito úteis.

Sempre me considerei um bom psicólogo. Para um psicólogo, o mais importante é, por definição, o conhecimento do ser humano. Acreditei que dispunha de muitos conhecimentos, em grande parte adquiridos quando era jovem, na minha qualidade de espectador assíduo de teatro e cinema, e que podia valer-me deles. Além disso, naqueles meus vôos sobre a cidade, a espreitar pelas janelas o que se passava nas casas das pessoas, aprendera muito sobre a vida dos seres humanos. Tinha olhado para o interior dos lares de milhares dos meus concidadãos. Nem todo mundo pode se gabar do mesmo.

Além do mais, um psicólogo tem de saber confortar os outros e isso aprendi com o passar dos anos. Confortar é conseguir encontrar as palavras certas, uma tarefa intimamente ligada com a capacidade de fantasiar. Quando, no início de *Luzes da Ribalta*, Calvero conforta Terry, recorre ao seu manancial de perspectivas e de pontos de vista. Calvero é um bêbado e um palhaço fracassado, o que tem de se considerar uma magnífica combinação. Quem já sentiu o mais negro dos desesperos tem, a princípio, maior capacidade para consolar outra pessoa.

Terry está caída em cima da cama de Calvero, com a cabeleira negra a destacar-se sobre a brancura dos lençóis. O médico já partiu e a garota está a despertar da tentativa de suicídio. Calvero volta-se para ela e pergunta:

— *Uma dor de cabeça?*

Terry: — *Onde estou?*

Calvero: — *Está em minha casa. Vivo dois andares acima do seu.*

Terry: — *O que aconteceu?*

Calvero: — *Esta noite, ao chegar a casa, notei que se escapava do seu quarto um cheiro de gás; por isso, arrombei a porta, chamei um médico e, os dois, conseguimos trazê-la para cá.*

Terry: — *Por que não me deixaram morrer?*

Calvero: — *Porquê essa pressa toda? Dói-lhe alguma coisa? (Terry nega com a cabeça.) Isso é o que importa. Todo o resto é fantasia. A consciência humana levou milhares de milhões de anos a evoluir e você quer apagá-la com um simples gesto? E o que é que me diz do milagre da existência? É mais importante do que todo o universo. O que é que as estrelas sabem fazer? Nada mais do que rodar sobre os seus eixos. E o Sol, cuspidor chamuscas a mais de trezentos milhões de quilômetros de altura, para quê? Para esgotar todos os seus recursos naturais. Será que o Sol sabe pensar? Tem consciência? Não, mas você*

tem. (Terry voltou a adormecer e ressona ruidosamente.) Perdão, enganei-me!

No decorrer do filme, Calvero luta para despertar o gosto de viver da infeliz bailarina, que continua de cama, com as pernas paralisadas; certo dia, diz-lhe:

— Escute! Quando era pequeno costumava queixar-me ao meu pai por não ter brinquedos. E ele me respondia (Aqui, Calvero apontava a cabeça.): — Este é o melhor brinquedo jamais inventado! É aqui que reside o segredo de toda a felicidade!

Era freqüente que os novos escritores potenciais alimentassem expectativas exageradas acerca daquilo que a Ajuda ao Escritor podia fazer pelas suas futuras carreiras literárias. Logo que conseguiam por as mãos num bom tema para um romance, pensavam que o resto se resolveria por si mesmo. E as coisas não se passam assim, como se sabe. Não basta ter uma boa idéia, nem sequer uma sinopse pormenorizada e bem elaborada. Talvez até nem convenha que contenha muitos pormenores ou uma elaboração definitiva. Também é necessário ter capacidade para contar a história, de criar uma narrativa crível, para não falarmos de certos truques elementares de estilo. E, contudo, não é aí que habitualmente reside o problema. Se alguém não conseguiu aprender a escrever nos doze anos que passou na escola, nunca é muito tarde para essa pessoa freqüentar um curso de escrita. Existem vários no mercado. O problema está na falta de assunto, em não ter nada sobre o que escrever, e isso não se ensina nas escolas. Não existem cursos para arranjar idéias sobre as quais se possa escrever. Para isso, existia eu, essa era a necessidade que eu podia satisfazer.

Muitos dos futuros escritores careciam de algo tão fundamental como a simples experiência da vida. Pensar que se pode escrever primeiro e pensar depois é um erro pós-moderno. De fato, muitos jovens desejam ser escritores porque querem fazer vida de

escritores. Primeiro vive-se e depois, quem quiser, poderá avaliar se tem qualquer idéia para transmitir; e isso vai ser decidido pela própria vida. A literatura é fruto da vida, não é a vida que nasce da escrita.

A fim de dirigir a Ajuda ao Escritor da forma mais racional possível, a certa altura tive de elaborar um código, a que pus o título de *Dez Conselhos Para o Aspirante a Escritor*. Eu não era um comum mestre-escola. Parecia-me indigno ter de estar constantemente a repetir as mesmas instruções. Por isso, achei conveniente entregar um conjunto de normas que servissem de padrão para os clientes que claramente precisassem dele. Isto também era feito com total discrição. Nunca deixava de referir que aqueles dez conselhos tinham sido especialmente elaborados para o escritor em questão e que, naturalmente, ele não iria exibi-los na universidade ou nas ruas. No cabeçalho da circular não escrevia «Dez Conselhos Para o Aspirante a Escritor», preferia escrever «Meu caro Anders» ou «Cara Anne Lise».

Também fui assumindo, pouco a pouco, uma certa responsabilidade como confessor daqueles que não tinham qualquer futuro como escritores. Muitos jovens careciam de orientação e para eles escrevi: *Dez Conselhos Para Quem Escolheu Não Ser Escritor*. Também essa era uma decisão respeitável. O primeiro parágrafo começava assim: *É possível viver uma vida plenamente realizada num planeta do Universo sem ser escritor. Não é o primeiro que se viu na necessidade de procurar uma outra profissão.*

Nunca tentei insinuar-me junto dos grandes escritores. Quando não tem nada para contar, um grande escritor faz qualquer outra coisa, como rachar lenha. Um grande escritor não tenta inventar o assunto sobre o qual quer escrever, pois só escreve quando sente necessidade de fazê-lo. Eu não era um grande escritor. Tive de arranjar um processo permanente de aliviar os meus pensamentos, o que me obrigou a viver como uma espécie de incontinente mental, mas nunca me senti forçado a escrever um romance. Por outro lado, também nunca cortei lenha.

Chegado o momento de captar um novo cliente, atuava com a máxima cautela. Tinha que evitar dizer que tinha a intenção de lhe vender uma idéia literária, antes que ele ou ela tivesse uma possibilidade razoável de se arrepender. Tinha de ser capaz de retirar a

mercadoria antes que a outra parte se desse conta de que estávamos falando de um contrato de compra e venda. Nesses casos movia-me com a agilidade de um gato; era capaz de dar a volta no assunto em menos de um segundo e fazer crer que a minha única intenção fora pedir a opinião do escritor sobre um trabalho que eu tinha em mãos. Sem dúvida que lhe tinha perguntado: «Quer comprar?», mas só com a intenção de saber se a peça que eu lhe permitira que lesse tinha agradado. Muitas vezes era esta a solução para inverter o caminho que as coisas estavam a tomar. Era eu quem tinha de ouvir os comentários de um autor experimentado. Que situação humilhante!

Tinha uma grande facilidade para inventar subterfúgios. Havia-me especializado nisso nos meus tempos de jovem, quando abordava garotas desconhecidas para convidá-las a irem comigo ao cinema ou ao teatro. Rodear as questões é uma forma espontânea de representar, ou pode equiparar-se ao equilibrismo sem rede de proteção. A altura da queda pode chegar a ser enorme, mas é uma maneira excelente de estimular a criatividade.

No entanto, algumas vezes vi os meus serviços rejeitados depois de tê-los apresentado de forma perfeita. Alguns alçavam as sobrancelhas, outros abanavam a cabeça e outros protestavam com veemência, não por lhes ter desagradado o que acabara de lhes mostrar, muito pelo contrário; na verdade, creio que gostavam muito daquilo que lhes fora oferecido, compreendiam o seu valor e como poderiam obtê-lo com facilidade e rapidez, para depois o apresentarem como seu. Via-os dilacerados pela tentação, ainda que apenas durante um ou dois segundos. Mas, para mim, esses eram momentos de grande júbilo. Porém, numa perspectiva a longo prazo, os escritores incorruptíveis chegaram a representar um risco considerável para a empresa Ajuda ao Escritor.

Os incorruptíveis eram puros. Não tinham nada a perder se mencionassem a minha oferta perante outros escritores. Depois destes episódios, alguns deles exigiam muitas atenções, durante muito tempo, e eu também cultivava esse tipo de atenções para com o escritor. Todavia, creio que foi destes círculos que saíram os primeiros rumores acerca da minha atividade. E provável que a alcunha de *Aranha* tivesse saído de uma daquelas bocas imaculadas. Desta vez, o nome não tinha nada a ver com aquele pedaço de âmbar que eu e o meu pai havíamos contemplado no Museu de Geologia. Mas era a segunda vez na minha vida em que me era posto o codnome de *Aranha*. Afinal, é muito provável que eu seja mesmo uma

aranha.

A aranha tece tudo a partir de si mesma. Ou, como diz a poetisa Inger Hagerup: «Que coisa estranha ser uma aranha, ter um novelo no interior do corpo e passar o tempo a tecer.» É o que fazem todos os escritores. Alguns são como formigas, que recolhem coisas daqui e dali, para logo considerarem tudo o que foi recolhido como seu. Os críticos costumam pensar que todos os escritores pertencem a esta categoria. Assinam que determinado livro revela a «influência de», «deve a» ou «imita» certos títulos ou tendências, contemporâneos ou históricos, mesmo que o escritor nunca tenha posto os olhos nas obras mencionadas. Com efeito, é freqüente vermos que os críticos consideram todos os escritores tão eruditos e falhos de imaginação como eles próprios. Parece que nos tentam fazer crer que já não se produz nada de original, pelo menos nos países pequenos e muito menos no nosso. Mas há uma terceira categoria. Os escritores que recorriam aos serviços da Ajuda ao Escritor eram como as abelhas. Colhiam o néctar no roseiral da *Aranha*, assim adquirindo a matéria-prima, mas muitos davam-se ao trabalho de melhorar e desenvolver o que tinham colhido. Digeriam o néctar do roseiral e convertiam-no no seu próprio mel.

Alguns escritores consagrados não suportavam a idéia de me verem andar pelos círculos literários a prestar auxílio a outros escritores, sob a forma de conselhos. Para mim, não passavam de uns puritanos. Conheci escritores que se irritavam com colegas que procuravam a inspiração numa garrafa de vinho, a fumar um charuto ou a fazer uma viagem ao estrangeiro. O pior, na opinião de muitos deles, era verem futuros escritores matriculados em cursos de literatura. Os escritores não costumam gabar-se de se terem inspirado em coisa alguma, além de si mesmos.

Em épocas de esplendor literário, os escritores aplicam grande parte da sua capacidade intelectual a demonstrarem que os colegas não estão à altura da tarefa. Em finais da década de 1970, havia muitos problemas de falta de espaço nos catálogos das editoras e, quando há população a mais, os animais começam a comer-se uns aos outros. Quando os agricultores produzem manteiga a mais ou cereais em demasia, costumam destruir os excedentes. Quando os escritores produzem textos em demasia, começam a menosprezar-se entre si.

Como é óbvio, nem todo o material que vendi foi transformado em livros, mas reconheço a minha quota-parte de responsabilidade na inflação literária dos últimos 25 anos do século XX. Afirmou-se que se publicavam muitos livros na Noruega. Nos finais da década de 1970 importaram um crítico dinamarquês que leu todas as coletâneas de poesia saídas num ano. O crítico concluiu que quase nenhuma delas tinha um mínimo de qualidade. No entanto, o problema nem sempre esteve no excesso de livros publicados, pois algumas vezes também foi provocado pela publicação excessiva de bons livros. Pertencemos a uma espécie muito palavrosa. Produzimos mais cultura do que aquela que somos capazes de digerir.

Durante os últimos anos temos vindo a travar uma batalha obstinada contra os *graffits* nas paredes das estações do metrô, ao mesmo tempo que gastávamos milhões de coroas na construção da nova Biblioteca Nacional. Mas a memória nacional também é abastardada pelos *graffits*. Nietzsche comparou o ser humano que se empanturra de cultura à serpente que engole uma lebre e fica cochilando ao sol, incapaz de se mover.

Já não estamos na era dos epigramas. Debaixo dos velhos molhes do porto de Bergen foi encontrado um pequeno poste de madeira com uma inscrição, em caracteres rúnicos, que diz: «Ingebjorg me amou quando estive em Stavanger.» Foi um evento que deve ter causado uma profunda impressão ao autor, como também causa ao leitor, oito ou nove séculos mais tarde. Se vivesse hoje, este poeta tão parcimonioso de palavras teria «grafitado» a memória das gerações futuras com um romance de quatro centenas de páginas, onde descreveria o seu breve romance de amor com Ingebjorg. O paradoxo é que, se nesses oito séculos se tivessem escrito tantos romances como nos anos 70 do século XX, não teríamos sido capazes de abrir caminho por entre essa enorme massa de tradição escrita, para chegarmos a esta história simples mas divertida sobre Ingebjorg: «Ingebjorg — me amou — quando — estive — em — Stavanger.» Esta apaixonante história de amor está reduzida à expressão mínima e, mesmo assim, permite-nos todo tipo de extrapolações. Além disso, deixa ao leitor a possibilidade de adivinhar. Tem uma base sobre a qual podemos tecer as nossas conjecturas. Não há nada que adivinhar depois de concluída a leitura de um romance de quatro centenas de páginas.

Escrever livros tornou-se muito fácil, além dos computadores não dificultarem em

nada o trabalho. Autores que ainda escreviam à maneira antiga, isto é, à mão ou na máquina de escrever, opinavam que, pelo simples fato do processo de escrever se ter tornado muito simples, os livros escritos num processador de texto eram literatura de segunda ordem. As máquinas foram encaradas como uma ameaça à arte e à literatura, e o chamado «tratamento eletrônico de texto» foi visto como o verdadeiro demônio. Já no Renascimento tinha surgido outro demônio; naquela época houve muita gente expressando a opinião de que a cultura manuscrita estava ameaçada pela imprensa. Mas os livros impressos também podiam ser lidos e cada vez eram em maior número as pessoas que os queriam ler. Não obstante, durante muito tempo a obra impressa continuou a não ser considerada um verdadeiro livro, era vista como um mero sucedâneo.

Como era natural, alguns escritores não conseguiram fazer nada com o material que lhes vendi. Também eles provocaram um certo desgaste na minha empresa. Tinham de culpar alguém e encontraram em mim o conveniente bode expiatório.

Os principiantes não foram os únicos a sentirem-se frustrados por não conseguirem converter em livro uma das minhas sinopses. Também se registraram grandes frustrações entre autores que já tinham publicado qualquer coisa. Muitos projetos encalharam, como é normal, nas editoras, nas quais, de início, eu não exercia qualquer influência. A percentagem de manuscritos rejeitados é da ordem dos noventa por cento e permanece praticamente inalterada. Mas muitos fracassaram antes de chegar aí. Alguns clientes voltavam, queriam desfazer o negócio. Era um desejo infantil que, além do mais, contrariava totalmente as condições acordadas, mas não era um problema grave; é certo que eu saía perdendo, pois não podia vender de novo o material devolvido, mas não tinha outra solução. Devolvia-lhes o dinheiro. Já desfrutava de uma sólida situação econômica e via-me obrigado a pensar em termos de estratégia. Tinha que cuidar da reputação da Ajuda ao Escritor.

Dada a natureza do negócio, não podia deixar que os clientes analisassem demoradamente o material antes de o comprarem. Não podia conciliar uma política de devoluções ao fim de dez dias. Logo que deixasse o cliente ler a primeira página de uma sinopse, a situação tinha de conduzir a uma venda; do contrário, a sinopse em questão teria de ser retirada definitivamente do mercado. E assim, uma vez mais, eram necessárias diversas manobras antes do ataque final, o que me agradava sobremaneira. Tinha aperfeiçoado a arte de propor às mulheres que fossem para a cama comigo sem que elas percebessem o que lhes

estava pedindo, mas de maneira que, mais adiante, fossem elas próprias a darem sinais de que cederiam às minhas propostas; em caso contrário, interrompia o processo.

Quando, anos mais tarde, já estava bem estabelecido no estrangeiro, podia vender a um escritor alemão ou francês uma sinopse que, muito tempo antes, já tivesse sido lida por um escritor norueguês. Em algumas ocasiões, poucas, isso provocou pequenos incêndios que tive de apagar. Era muito hábil em apagar incêndios. Apagar incêndios pode comparar-se ao gesto de confortar.

Estávamos no início dos anos 80 quando tive de tomar uma decisão importante: percebi, na altura, de que já não era justo contentar-me com um único pagamento por uma sinopse que, em teoria, podia acabar por dar origem a um *best-seller*. Comecei a negociar com base no direito a uma parte dos futuros direitos de autor do livro, no caso de serem vendidos, por exemplo, mais de dez mil exemplares. Fixei limites entre os dez e os trinta por cento dos respectivos direitos de autor, com o valor certo a ser determinado pelo grau de elaboração da sinopse e pela probabilidade de, depois de tratado pelo escritor, aquele enredo poder vir a tornar-se um êxito de vendas. Esta inovação representou num considerável progresso económico e fez de mim um homem abastado. Mas também viria a revelar-se perigosa.

Quando me decidia a negociar direitos de autor levava sempre um gravador no bolso do casaco. Achava que aquela era a melhor maneira de defender os interesses do cliente. Um acordo oral tem, obviamente, o mesmo valor que um acordo escrito, só que, para serem eficazes, os acordos orais dependem da boa memória de ambos os intervenientes. Nesse contexto, os gravadores tornaram-se indispensáveis e, em certas ocasiões, tive de mencioná-los. Raramente me vi obrigado a recordar ao cliente a dívida que tinha em aberto comigo, mencionando que, desde há muitos anos, tinha um pequeno gravador acoplado ao meu telefone. Era um homem metódico, algumas pessoas me chamariam pedante.

Um dos escritores frustrados veio um dia a minha casa; vamos chamar-lhe Robert. Era

uns dez anos mais velho do que eu, meio flamengo e já tivera alguns problemas no passado. A sua carreira de escritor não tinha sido muito brilhante e, acima de tudo, ainda muito jovem foi pai de uma criança que nasceu com uma pequena lesão cerebral. A circunstância tinha complicado as suas relações com Wenche, que decidiu partir para uma nova relação, com outro escritor. Wenche e Robert continuaram a viver juntos, mas, por causa do filho deficiente, o casamento tinha-se deteriorado irremediavelmente. Embora ignorasse se Robert estava a par da relação de Wenche com Johannes, eu conhecia toda a história. O círculo literário era muito transparente.

Robert figurava entre os autores que tinha ajudado e esperavam que eu assumisse maiores responsabilidades em todos os aspectos das suas vidas. Também figurava entre os que estabeleciam uma ligação muito íntima entre a sua auto-estima e o mérito literário. Uns meses antes tínhamos estado juntos no casino e, durante a conversa, queixou-se de que a relação com Wenche sempre tinha funcionado como um reflexo das suas próprias vitórias e derrotas. Quando tinha sorte com um livro, era bem aceito no leito conjugal; porém, quando as críticas lhe eram desfavoráveis, tinha de se contentar com uma cama de solteiro. Respondi-lhe que isso era um problema de Wenche, não dele.

Não gostei nada de vê-lo aparecer em minha casa sem avisar; e manifestei-lhe, sem rodeios, o meu desagrado. Antes de deixá-los entrar em casa, por vezes bastante desarrumada, gostava de arrecadar as pastas de arquivo e coisas semelhantes. No entanto, deparei com um Robert tão agitado que o deixei entrar. Antes de passarmos para a sala, perguntei-lhe:

— O que é que se passa, Robert? Está novamente atolado?

Robert foi direito ao assunto.

— Tenho a sensação de que ajuda outros escritores, além de mim — adiantou.

Não vi razão para negar.

— Pois bem — disse —, talvez haja muitos mais que vêm a minha casa. O que é que tem a ver com isso? Não está satisfeito com o que te dei?

Recordei-me da parábola de Jesus sobre os trabalhadores que cultivavam a vinha. Robert era um dos primeiros a quem eu ajudara e os nossos acordos sempre tinham sido muito claros. Ele não tinha de se preocupar com os acordos que eu fazia com os outros cultivadores da vinha.

Fiz com que se sentasse num sofá e fui buscar umas cervejas. Depois fui até junto da instalação de alta fidelidade.

— Chopin ou Brahms? — perguntei.

Não respondeu, limitou-se a duas inspirações profundas, antes de dizer:

— Garantiu-me que eu era o único.

Fingi que parava para pensar.

— É verdade que te disse isso?

Não conseguia manter os ombros quietos. Eram largos.

— Petter, acreditei que éramos só você e eu — murmurou.

— Ouça — disse eu. — Está possivelmente se referindo a um comentário que eu fiz há dez ou doze anos. Então tudo era diferente, não nego que o tenha dito.

— Mas eu acreditei que éramos só você e eu — repetiu.

Não tinha muita paciência para este tipo de choradeira. Era muito tarde para lamentar-se de haver mais participantes na maior pirâmide literária de todos os tempos, em que as pessoas se tinham tornado dependentes dos dotes da *Aranha*. Mas de «gente mal agradecida o Inferno está cheio». Depois do professor Higgins⁴ ter ensinado uma vendedora de flores comum a falar bem, ela passa a exigir ser a única eleita do coração dele.

— Pensa que teria gostado de saber que eu alimentava metade da comunidade de

escritores com o material que lhe permitia ir escrevendo? Se o soubesse, teria aceitado esta cooperação?

— É claro que não — respondeu, a corroborar a negativa com movimentos de cabeça.

— Mas agradaram-te as boas críticas que o teu último romance recebeu e Wenche também gostou delas. Dei-lhe uma sinopse de oito páginas, vendi-a por pouco. É certo que estou de acordo com o crítico que acha que, por vezes, recorre a uma linguagem bastante descuidada. Deveria ter me pedido que revisse o manuscrito, está farto de saber que não recebo exorbitâncias pelas revisões.

— A quem mais está ajudando? — perguntou Robert, que tentava recompor-se.

Pus o indicador sobre os lábios.

— Está maluco? — redargui.

Encarou-me com uma expressão inocente. Segundo parecia, continuava a querer acreditar que partilhávamos um segredo.

— Gostaria que falasse de você a Berit e a Johannes? — perguntei.

— Também ajuda o Johannes?

— Então, Robert, que pergunta. Acho que está cansado. Diga-me quais são as novidades. Como é que vão as tuas coisas?

— Estou acabado — respondeu.

Não estava com bom aspecto. No último ano tinham-lhe aparecido muitos cabelos brancos. Além disso, era daquele tipo de homem que conserva a cabeleira abundante até tarde e, de repente, começam a perder rapidamente o cabelo.

— Falou com alguém a meu respeito? — inquiriu.

— É evidente que não — respondi. Estava dizendo a verdade e ainda acrescentei: — Sou a discrição em pessoa. Sou adepto convicto dos acordos bilaterais. Não tem razões para se preocupar, pelo menos enquanto se comportar de maneira decente.

Voltou umas semanas mais tarde, outra vez sem avisar. Fiquei irritado. Não tolerava que alguns escritores comessem a interferir com a minha vida privada. Sentia uma enorme aversão por aquela barulheira à minha porta, já desde aqueles tempos em que uns garotinhos queriam que eu saísse para brincar com eles. Poderia ter me apanhado com visitas em casa, no

meio de um convívio agradável com alguma escritora. Ou poderia encontrar-me em profunda concentração. Antes de receber visitas, costumava fechar o Metro no quarto. É curioso que ele aceitasse a imposição sem protestar.

Desta vez, percebi que tinha havido conversas entre alguns deles. Deduzi que teriam comentado que eu dirigia uma espécie de assessoria em grande escala. Supus também que, entre os que tinham falado, todos teriam negado que estivessem incluídos na minha carteira de clientes. Sempre gostei de me pôr a adivinhar; conjecturar qualquer coisa não é muito diferente de inventar histórias plausíveis.

Pela primeira vez, ocorreu-me que, um dia, alguém conseguiria me fazer mal. Senti-me tão pressionado que fui obrigado a informar o Robert da existência das fitas gravadas. Ele me entregara cheques em diversas ocasiões, que eu, por acaso, tinha fotocopiado. Conte-i-lhe que idealizara um mecanismo que faria a porta do meu cofre no banco abrir-se logo que me acontecesse qualquer coisa. Supus que a informação fosse suficiente para acalmá-lo. Começou por se enfurecer. Era um homem forte, bem mais alto que eu. Além disso, já vira com os meus próprios olhos que ele era dotado de um gênio incontrolável. Mas depressa se deixou invadir pela calma própria dos resignados, o que me agradou bastante. Nunca é agradável viver com a esperança vã de que tudo pode vir a correr bem quando nos encontramos em situação desesperada. Nestas ocasiões, tentar alimentar a esperança irrealista de que vai acontecer um milagre capaz de resolver a situação só serve para piorar as coisas, sendo preferível eleger a apatia como o estado mental adequado. Falei-lhe com simpatia e amizade, o que também fazia parte do protocolo de ajuda ao escritor. Assegurei-lhe que ninguém viria a saber o que ele me tinha comprado. Ofereci-lhe umas doses generosas de uísque e perguntei-lhe como iam as coisas com a Wenche.

Voltei a vê-lo uns anos mais tarde; estava macilento e afirmou-se muito bloqueado para conseguir escrever. Disse que o seu maior desejo era escrever um romance policial e entreguei-lhe duas sinopses para ele escolher uma. Muito generoso da minha parte. Robert sabia que a sinopse que leu e não escolheu perderia logo ali todo o seu valor; tinha de ser mudada de local, saía da pasta do material vendável para a das histórias para utilizar nas festas. Como nunca fui capaz de não contar histórias, era sempre útil ter abundância de enredos armazenados.

A sinopse que Robert escolheu tinha por título *Triplo Assassinio Post mortem*, sendo, talvez, de assinalar que se inspirava ligeiramente numa canção dos Beatles: «Lucy in the Sky with Diamonds.» As anotações enchiam quase quinze páginas mas, resumida, a história era assim:

Na cidade flamenga de Antuérpia viviam três irmãos. Wim, Kees e Klas. Wim tinha um grande sinal de nascimento na cara e lembrava-se de que, desde muito pequeno, os irmãos zombavam dele. Quando, aos vinte anos de idade, conheceu a mulher da sua vida, Lucy, uma jovem muito bonita, Kees, um dos irmãos, conseguiu roubar-lhe a noiva quando faltavam poucas semanas para o casamento. A situação familiar não melhorou com o desaparecimento dos pais, que morreram com pouco tempo de intervalo. Deixaram um testamento muito pormenorizado e a repartição dos bens não deixava dúvidas de que Wim era o prejudicado. Dizia-se que isso se devia a ardis e manipulações dos outros irmãos. Klas, que era advogado, ajudou os pais a redigir o testamento e nos anos que se seguiram à morte dos pais foi para Antuérpia, onde se gabava da forma fácil como havia conseguido que os pais fizessem tudo como ele queria.

No entanto, Wim conseguiu estabelecer-se e fazer fortuna no comércio de diamantes. Com o passar dos anos amealhou uma enorme fortuna. O seu maior desgosto era não ter constituído família, já que, depois de Lucy, não houve mais mulheres na sua vida. Não tinha, portanto, herdeiros. O único consolo da sua vida eram as visitas espaçadas de Lucy. Com o passar do tempo, ela começara a pedir-lhe conselhos em questões matrimoniais, pois Kees não era homem com quem fosse fácil partilhar cama e mesa.

Se o mais jovem dos irmãos morresse antes dos outros dois, Kees e Klas herdariam

parte da fortuna de Wim e como este, ainda bastante jovem, contraiu uma doença incurável, pôs no testamento que Kees e Klas tinham de abrir, juntos, o seu grande cofre-forte. Corria em Antuérpia o rumor de que o cofre estava cheio de diamantes polidos, no valor de muitos milhões.

Wim morreu poucos meses depois de ter assinado o testamento na presença de testemunhas. Kees e Klas, acompanhados por um advogado conhecido, acudiram juntos a abrir o cofre-forte. Quando, cegos pela ganância, abriram o precioso cofre, arreventou uma grande carga explosiva e os três homens morreram de imediato. Não havia diamantes no cofre-forte, nem dinheiro em notas ou papéis de valor. A única herança de Kees e Klas fora uma armadilha, mas, em jeito de recompensa, a bomba era de milhares de quilates e muito bem construída.

A imprensa chamou a este episódio grotesco um triplo assassinio post mortem e o acontecimento teve conseqüências legais importantes. Segundo o testamento, Wim deixava a Lucy, a esposa de Kees, todos os seus bens, com exceção dos que se encontrassem no cofre-forte. Porém, como podiam os tribunais ter a certeza de que ela não tinha colaborado no triplo assassinato? Não havia dúvidas de que, nos últimos anos, ela visitara Wim regularmente na loja de diamantes e que, no ano anterior, as visitas se tinham tornado muito mais freqüentes. Lucy podia ter tido acesso ao cofre-forte. As autoridades também descobriram que Lucy tinha recentemente consultado um advogado especialista em divórcios, que tinha a intenção de se separar de Kees, porque, segundo alegava, o casamento estava frio e morto, além de não ter gerado filhos.

Foi nomeado um advogado para que houvesse também uma entidade a defender os interesses do falecido comerciante de diamantes. Quem podia assegurar que Lucy não teria colocado a bomba no cofre-forte, com o fim de matar Wim? O que é que havia acontecido a todos os diamantes? Não era duvidoso imputar ao falecido comerciante todas as culpas pelo triplo assassinio, antes que os fatos fossem convenientemente analisados por um tribunal?

Lucy nunca foi formalmente acusada mas, perante todas as dúvidas suscitadas pelo caso, o tribunal proibiu que o falecido comerciante fosse referido como autor do triplo assassinato. Ou, como declarou o juiz, o homem era «inocente até prova em contrário». E, ao dar por finda a audiência, declarou: «De mortuis nil nisi bene⁵.»

Devido aos problemas judiciais, a tudo o que foi dito pela imprensa e talvez por ter perdido o marido e o cunhado, Lucy decidiu sair de Antuérpia. Uns dias antes de tomar o avião para Buenos Aires, onde ia viver com uma prima, fez trinta anos e, no mesmo dia do aniversário, apresentou-se à sua porta um senhor muito bem-vestido. Entregou-lhe o cartão de visita e disse estar ali em representação de uma conhecida firma de advogados. Transportava uma pequena maleta que o cliente lhe havia pedido que fosse entregue a Lucy van der Heijden, em pessoa, no dia do seu aniversário. Lucy assinou um recibo e, depois que o homem foi embora, abriu a maleta. Estava cheia de diamantes lapidados. Junto dos diamantes estava uma nota escrita à mão: «Minha querida Lucy, Parabéns pelo seu aniversário. Viva por nós dois. Teu Wim.»

A rede tinha mudado de carácter. A partir daquele momento os fios da meada começaram também a ligar os clientes entre si, o que tornou a teia cada vez mais densa e também mais perigosa. Gradualmente, os sintomas de desgaste começaram a ser repartidos entre quatro grupos diferentes.

Um dos grupos era formado pelos escritores que não conseguiam acabar o projeto começado e que, por conseguinte, podiam aparecer a queixar-se da qualidade do material que lhes fora entregue. Enfrentei muitas cambalhotas intelectuais desse tipo. Divertiam-me muito. É ridículo dizer que as prestações de um *Jaguar* não satisfazem, se o verdadeiro problema está no condutor, que não tem capacidade para conduzir um carro daqueles. Nesse caso, o problema reside na aptidão do condutor, não na qualidade do *Jaguar*.

Um outro grupo era constituído pelos incorruptíveis. Como não tinham nada a temer, eram os mais imprevisíveis. Eles também se sentiam nervosos e intranquilos com a ajuda que eu prestava a outros escritores. Alguns apresentavam sinais de um temor quase paranóico em relação ao que poderia vir a acontecer. Faziam pesquisas, mas acabavam imersos num mar de rumores, sem conseguirem apanhar um único peixe. Estes incorruptíveis também viviam na ilusão de que as minhas ofertas eram muito seletas, o que os deixava ainda mais desconfiados, pois passavam o tempo a questionar-se sobre quem seriam os escritores que eu ajudava. Não seria àquele novato, àquele principiante descarado que, de um dia para o outro, aparecera para lhes arrebatam o Prêmio da Crítica?

O terceiro grupo era o dos que me deviam dinheiro e nem sempre estavam dispostos a pagar. Em certos casos, poucos, estavam em jogo somas consideráveis. Nem ao meu cliente, nem a mim, agradava a idéia de vir a saber-se que um dos maiores êxitos do ano se baseava num conjunto de notas que não tinham sido coligidas pelo próprio autor. Não agradava a ninguém que me visse obrigado a lembrar a existência das fitas gravadas, mas às vezes tinha de fazê-lo. Sempre surtia efeito. Quanto mais desorganizada pudesse parecer a empresa Ajuda ao Escritor, mais importante se tornava que houvesse uma certa ordem no que se referia às cláusulas dos contratos.

O último grupo era formado por todos aqueles que tinham tirado bons proveitos da Ajuda ao Escritor, em termos econômicos e artísticos, mas se sentiam inseguros por saberem que havia mais animais aprisionados na rede. Quanto mais proveitos tivessem tirado dos meus serviços, maior seria a altura da queda e mais medo tinham de vir a perder a reputação. Tinham vergonha da ajudinha que tinham aceitado, de se terem deixado apanhar. Um receio compreensível. Mas eles é que tinham se deixado tentar.

Mesmo depois dos clientes terem percebido que eu operava em larga escala, alguns voltaram a cair na tentação e fizeram novos contratos. Sabiam que andavam sobre areia movediça, mas já haviam provado o material, tinham gostado e queriam mais. Como acontece com qualquer toxicodependente, talvez estivessem apenas retardando o momento da verdade. Perguntei a um deles se não tinha medo de que o desmascarassem depois de morto. Mas

limitou-se a abanar a cabeça e a dizer que, de qualquer forma, já não estaria aqui para ver. Pareceu-me uma resposta bem cínica, mas não deixava de ser sintomática. Uma das características mais típicas da civilização pós-moderna é a ausência quase absoluta de respeito pela honra dos mortos. A vida é um parque de diversões e a reflexão não se prolonga para além da hora de encerramento do parque.

A idéia de que estes clientes viessem a me odiar era coisa totalmente distinta. Não é obrigatório que haja contradição entre ser heroinômano e odiar o traficante.

Conservei a serenidade até que um dia li um pequeno artigo, na revista *Der Spiegel*, sobre um estranho romance, recentemente publicado na Alemanha sobre uma partida de xadrez. Consegui o livro, li-o de uma assentada e me senti profundamente chocado.

O romance estava construído em volta da história que, muitos anos antes, eu contara a Maria, em Frognerseteren, umas semanas antes dela ficar grávida. Muitos dos pormenores da versão alemã eram diferentes, todos os nomes eram novos e a ação desenrolava-se num ambiente tipicamente alemão. No entanto, a história em si era idêntica à que eu inventara, até em detalhes insignificantes. A autora era uma tal Wilhelmine Wittmann, pessoa que eu desconhecia em absoluto.

Maria era a única pessoa a quem eu contara a história da partida de xadrez; tinha certeza disso. A única razão por que não a vendera foi não ter encontrado a pessoa que me parecesse capaz de escrevê-la. As hipóteses eram apenas duas: Maria tinha contado a história de lorde Hamilton a algum conhecido, a uma escritora, por exemplo, ou melhor — e esta era a possibilidade que me agradava menos — era a própria Maria quem se escondia por trás do pseudônimo de Wilhelmine Wittmann. A história estava bem contada, o resultado era satisfatório, ainda que, para mim, aquela narrativa estivesse indissolavelmente ligada às Terras Altas escocesas.

Aquele repentino sinal de vida de Maria deixou-me muito indignado. A sinopse de *Das Schachgeheimnis* era apenas uma de dezenas de histórias com que eu presenteara a Maria mas, várias delas, tinham sido convertidas em romances já publicados. Haveria possibilidades de aparecerem mais romances da autoria de Wilhelmine Wittmann? Em caso afirmativo, a Ajuda ao Escritor poderia vir a ter graves problemas.

Até o momento Maria havia demonstrado possuir uma excelente memória. Agora, começara também a jogar xadrez.

BEATE

Há duas garrafas vazias de uísque, no canto junto da lareira. Não entendo o motivo do pessoal de limpeza deixá-las ali, mas, amanhã, antes de descer para tomar o café-da-manhã, ponho-as no cesto de papéis.

Há dez dias que estou alojado aqui; nos últimos três dias não escrevi uma linha. Não havia nada para dizer. Agora sim, há mais alguma coisa.

Pela primeira vez, desde a partida de Maria, conheci uma mulher com quem me entendo perfeitamente. Voltei a encontrar aqui uma amiga; damos longos passeios juntos pela costa amalfitana. Veste-se como uma garotinha, sandálias brancas e um vestido amarelo, de Verão, e vai vestida assim para as montanhas. Sempre de bom humor, não retrocede ante a perspectiva de uma boa chuva. Hoje fomos surpreendidos por uma tormenta séria.

Pensei muito na advertência de Luigi, mas não posso crer que Beate seja uma espiã. Já estamos profundamente ligados um ao outro. Mesmo que a tenham enviado a Amalfi para me montar uma armadilha, terá certamente mudado de idéia durante a viagem. Ainda não avistei qualquer fulano com fones nos ouvidos e já estivemos duas vezes sozinhos no Valle dei

Mulini.

De qualquer maneira, estou convencido de que Beate também guarda um segredo. Esta noite, quando descíamos da pequena povoação de Pogerola, teve uma reação estranhíssima. Deu-lhe um ataque de angústia, pôs-se a chorar desconsoladamente e disse que não voltaríamos a nos ver.

No entanto, amanhã faremos uma excursão pela montanha, até Ravello. Beate não está presa a ninguém, talvez a convide a acompanhar-me ao Pacífico. Já lhe contei várias histórias e tenciono falar-lhe da Ajuda ao Escritor. Não preciso me conter mais, libertei todas as sinopses, agora todas as histórias são minhas e de mais ninguém.

Deixarei que Beate leia o que tenho estado a escrever, aqui no hotel. Não creio que se escandalize pelas minhas histórias de mulheres, talvez até a façam rir. Depois das lágrimas que derramou nesta noite, bem merece uma boa gargalhada. Também terá tido uma vida cheia, mas não lhe fiz perguntas sobre o passado, que não tem importância para nós. Ainda não sabe que sou muito rico, vou pedir-lhe que venha comigo para o Pacífico antes de informá-la de que não preciso trabalhar para viver. Já comecei a colher informações sobre vôos. Na quarta-feira há um vôo de Munique para Singapura e, para maior segurança, reservei duas passagens. Pedi os assentos 1D e 1G, na primeira classe.

Depois disso, veremos.

Podíamos viajar de ilha em ilha, até encontrarmos um lugar para ficar. Na realidade, podíamos comprar uma casa, talvez uma vivenda com vista para o mar. Já tenho idade para viver como pensionista e Beate podia pintar as suas aquarelas.

Estou de novo a imaginar coisas. A minha mente salta com tal facilidade...

Quando acabei de escrever uma espécie de resumo da história da minha própria vida — até à precipitada partida de Bolonha — passei umas horas sentado diante da janela, a contemplar as ondas que irrompem pela Torre Sarracena. Isto passou-se na Sexta-feira Santa, um dia antes de encontrar Beate. Nem sequer dei um passeio pela cidade para ver a grande procissão do Senhor dos Passos.

Tinha decidido pedir a ajuda do pessoal do hotel para enviar a Luigi, por correio eletrónico, as notas que acabara de escrever. Podia ser conveniente deixar uma cópia num local diferente daquele onde me encontrasse. Luigi poderia, se o desejasse, entregar a minha história ao seu amigo jornalista que escreve para o *Corriere della Sera*, um material a que ele daria o destino que quisesse. Interessava-me que os dados fossem tornados públicos o mais depressa possível. Depois poderia sair do país, pois um proscrito não deve passar muito tempo no mesmo lugar.

Não obstante, ao despertar na manhã seguinte, decidi passar mais um dia em Amalfi. Era o Sábado da Aleluia, fazia um tempo estupendo e ainda não tinha visitado o Museu do Papel. Depois da primeira refeição desci para comprar o *Corriere della Sera*, como sempre fizera desde a minha chegada. Uns dias antes, o jornal tinha publicado um breve artigo sobre a Feira do Livro de Bolonha, em que se comentava que na edição deste ano não havia nenhum título de arromba, daqueles que todos os editores tentam conseguir: não aparecera qualquer novo Harry Potter. Este ano circulava outro tipo de rumor, dizia o artigo, rumores sobre a *Aranha*. Por trás desse ser misterioso havia uma moderna fábrica de fantasias que, segundo parecia, vendia idéias literárias e romances por acabar a escritores de todo o mundo. O autor do artigo, um tal Stefano Fortechiari, assinalava que já fora atribuída a um ilustre escritor da Antigüidade a autoria de uma gama muito ampla de livros que, na realidade, tinham sido escritos por diversos autores. Segundo parecia, a fábrica em apreço funcionava ao contrário: dezenas de romances, talvez centenas, estariam baseados em idéias e esboços provenientes de uma única pessoa. Sorri ao ler aquelas linhas. Tinha deixado a minha marca.

O autor do artigo conseguira uma idéia interessante, mas o fenômeno que descrevia não era tão estranho como poderíamos ser levados a pensar, pois os doutores da Igreja sempre haviam considerado que algo de semelhante teria acontecido com os diversos livros da *Bíblia*. Como é natural, a *Bíblia* foi escrita por diversos autores, mas os teólogos sempre exprimiram a opinião de que, por trás de todos eles, havia um «meta-autor», um inspirador de toda aquela biblioteca. Não pensaram que Deus tivesse inspirado qualquer uma das palavras da *Bíblia*, Deus não trabalhava assim. Limitara-se a dar uma pauta a cada um dos autores: havia-lhes fornecido idéias para pô-los a pensar.

Senti-me bastante identificado com a maneira como Deus lidava com as pessoas. Também Ele reclamava certas recompensas, exigia tudo, de orações a penitências. Mas fora mais longe do que eu: todos os que não acreditavam na Sua doutrina foram ameaçados de destruição, mas o homem moderno recusa viver sujeito a essas condições. Deus estava morto agora, fora assassinado pela conspiração dos frustrados.

Então, este Stefano, constituía uma espécie de prova de que Luigi não esteve me enganando, ainda que fosse apenas um indício. No artigo não havia nada a provar que o jornalista em questão tivesse feito qualquer referência anterior a «uma fábrica de fantasias». Pelo contrário, parecia que o artigo que estava na minha na frente poderia ser conseqüência da longa conversa que eu e Luigi mantivemos em Bolonha. No artigo não havia uma única palavra sobre as versões norueguesa ou italiana do *Triplo Assassínio Post mortem*.

Não estava totalmente convencido de que tivessem planejado assassinar-me, mas não podia dar aos suspeitos o benefício da dúvida.

Atravessei a movimentada estrada costeira e fui sentar-me num restaurante na praia. Pedi uma salada de tomate, uma *pizza* e uma cerveja.

Mantinha-me em alerta permanente. Não por temer que alguém tivesse me seguido desde Bolonha, mas não era impensável que algum editor inglês ou escandinavo tivesse aproveitado a vinda à Feira do Livro de Bolonha para passar as férias da Semana Santa no Sul da Itália. A Feira de Bolonha realizava-se sempre uns dias antes ou depois da Semana Santa.

Enquanto esperava pela comida fui lendo o jornal, mas não deixei de reparar numa mulher encantadora, com um vestido de verão e sandálias brancas. Estava sozinha, numa mesa próxima da minha, e teria uns trinta anos. Tentava acender o cigarro com um isqueiro vermelho, mas sem resultado. De repente, levantou-se, acercou-se de mim e pediu-me fogo. Falava italiano mas notava-se que não era italiana. Disse-lhe que não fumava mas, nesse exato momento, descobri um isqueiro em cima da mesa contígua. Peguei nele, sem pedir autorização, acendi-lhe o cigarro e voltei a pô-lo no lugar de onde o tirara, fazendo um gesto de agradecimento com a cabeça. Acabei de comer, paguei a conta e antes de sair fiz um gesto de despedida à mulher. Estava desenhando num bloco, deu um sorriso enigmático e devolveu-me o cumprimento. Era a primeira vez que a via, pois se a tivesse visto antes não teria esquecido um rosto tão especial.

Atravessei a cidade e fui visitar o Museu do Papel, instalado numa velha fábrica. Amalfi foi uma das primeiras cidades da Europa a produzir papel. Um senhor já idoso ensinou-me como se preparava a pasta, antes de prensar e secar as folhas molhadas. Pelo que me contou, continuava a fazer papel à maneira antiga, segundo uma tradição que remontava ao século XII. Mostrou-me o esquisito papel de carta que acabava de fabricar e o processo de colocação da marca d'água.

Estava calor, mas eu estava decidido a dar um último passeio pelo Valle dei Mulini antes de deixar Amalfi. Embora já tivesse feito a subida num dia anterior, comecei a ter dificuldades para encontrar as veredas que conduziam aos arredores da cidade. Por fim, consegui deixar a civilização para trás. De ambos os lados do caminho havia exuberantes pomares de limoeiros. As árvores estavam cobertas com redes pretas e verdes de náilon, que protegiam os limões do vento e do granizo. Cumprimentei uma menina que brincava com uma

velha roda de *hula-hoop*, mas não vi a anciã que na semana anterior tinha assomado a uma das janelas para me oferecer um copinho de licor de limão. O sol primaveril tinha feito centenas de pequenas lagartixas abandonarem os seus esconderijos. Uns animais muito assustadiços, talvez por não passar muita gente por ali.

Deixei a última casa para trás e atravessei um velho aqueduto. O caminho era coberto de cascalho e chamava-se Via Paradiso, um nome bem apropriado, pois a vereda convertera-se num caminho idílico para o gado atravessar o vale luxuriante, a caminho do rio.

Da primeira vez que passei por ali não encontrei viva alma, mas hoje, de repente, ouvi um esmagar de ramos à minhas costas. A mulher de vestido amarelo apareceu junto de mim.

— Olá! — cumprimentou em italiano, brindando-me com um enorme sorriso, como se já esperasse encontrar-se comigo. Tinha olhos castanhos, escuros, e cabelo espesso, ondulado e louro escuro.

— Olá! — respondi. Olhei a vereda, mas tinha vindo sozinha.

— Este lugar é maravilhoso — assinalou. — Já tinha estado aqui antes?

— Uma vez — respondi.

Era óbvio que ainda não descobrira que eu era estrangeiro. Apontou para uma cascata, a uns cinqüenta metros de distância.

— Vamos tomar um banho?

Bastou aquela pergunta para me convencer de que tinha encontrado a mulher da minha vida. Nunca tínhamos nos visto, ela usava sandálias brancas e só um vestido ligeiro de verão. Estava muito calor e, ainda que nenhum de nós parecesse muito formal, sugerir que fôssemos tomar banho juntos era levar longe demais a informalidade.

«Vamos tomar um banho?» As palavras estavam carregadas de segundas intenções. Diziam e não diziam que fôssemos juntos para a cascata. Queriam dizer que o sol queimava. Fizera a pergunta para ver como eu reagia. As palavras queriam dizer que gostara de mim e queria saber qual seria a minha resposta. Queria saber como eu encarava a sugestão. Dava a entender que não tínhamos de nos envergonhar.

Lembrei-me da advertência de Luigi. Por isso, respondi:

— Talvez amanhã.

Pôs a cabeça ligeiramente de lado. Pusera-me à prova e eu tinha lhe dado a melhor resposta que ela poderia esperar. Foi uma resposta salomônica. Se tivesse começado logo a tirar a camisa e a desapertar o cinto, teria me coberto de ridículo. O convite não era para ser assim tomado à letra. Se tivesse respondido que não tomava banho numa cascata na companhia

de uma mulher que não conhecia, tampouco teria sido aprovado no exame a que ela estava me submetendo. Teria parecido muito emproado se me tivesse defendido com normas tão genéricas, teria sido o mesmo que dizer-lhe que me deixasse em paz.

Estendeu-me a mão.

— Está bem, amanhã — disse, a rir-se. — Espero que venha!

Recomeçamos a andar, ela um passo adiante de mim. Chamava-se Beate e era de Munique. Também estava a uma semana em Amalfi, mas informou-me de que ficaria até o fim do Verão. Pintava aquarelas e alugara um quarto na casa de uma viúva muito simpática. Em finais de Setembro haveria uma importante exposição em Munique. Convidou-me a ir vê-la. Respondi que iria. Que outra coisa poderia dizer? No ano anterior, continuou Beate, tinha realizado uma pequena exposição em Praga, depois de ter vivido uns meses na capital checa.

Tínhamos começado a falar alemão. Era-me mais fácil falar alemão do que era para Beate exprimir-se em italiano. Disse-me que não nascera na Baviera e pensei que teria as suas razões para não me dizer onde tinha nascido. Não sei o motivo que me levou a pensar que poderia ser filha de alemães dos Sudetas, talvez fosse por isso que dissera ter vivido uns meses em Praga.

Não lhe disse o meu nome verdadeiro, inventei um pseudônimo adequado e olhei-a nos olhos quando o disse. Tinha de pô-la à prova. Não reagiu ao pseudônimo.

Eu não era tolo. Talvez me tivesse enamorado, mas não me considerava um

irresponsável. Não podia deixar de pensar na advertência de Luigi. Como não me perguntou o sobrenome, disse-lhe que era dinamarquês e que vivia em Copenhagen. Também não reagiu a esta informação. Acrescentei que dirigia uma editora dinamarquesa, o que me pareceu plausível. Expliquei que trouxera o meu computador portátil para Amalfi e algum trabalho, mas que precisava me afastar de tudo durante algum tempo. Creio ter conseguido parecer crível, mas tinha-a subestimado.

— Trabalho? — perguntou.

— Trabalhos para a editora — respondi. Não se deixou convencer.

— Não creio. Ninguém vem da Dinamarca para o Sul de Itália a fim de fazer uns «trabalhos para a editora». O mais certo é estar escrevendo um romance.

Não era possível mentir-lhe. Era muito esperta.

— Está bem. Estou escrevendo um romance — confessei. — Admiro-me que não tenha acreditado.

Encolheu os ombros.

— De que trata o seu romance?

Recusei a informação, por gestos, e disse que havia imposto a mim mesmo a norma de não falar acerca do que estava a escrever, antes de acabar o livro.

Aceitou a resposta, mas continuei sem ter a certeza de que tivesse acreditado em mim. Seria possível que soubesse quem eu era? Nunca perdoaria Luigi se as suas insinuações sobre a existência de uma conspiração fossem uma brincadeira.

Passamos pelas ruínas de diversas moendas de fabricação de papel, agora cobertas de musgo. Beate ia apontando flores e árvores cujos nomes conhecia. Falamos da atração dos românticos de Jena pelas ruínas e pelas antigas paisagens culturais. Falamos de Goethe e Novalis, de Nietzsche e Rilke. Falamos de tudo. Beate era um conto de fadas. Não era uma pessoa fácil de entender, continha em si várias personalidades. Tive a sensação de que se parecia comigo.

Não é freqüente deixar-me enfeitiçar por uma mulher, mas quando isso acontece, um fenômeno raro, não preciso de muito tempo para conhecê-la. São as pessoas de quem não gostamos que levamos mais tempo para entender.

Deixamos para trás uma velha instalação de fabricação de papel chamada Cartiera Milano e tomamos um caminho à nossa direita. Beate perguntou-me se já tinha ido a Pontone. Sabia que era uma pequena vila situada nas colinas que rodeiam Amalfi, mas nunca tinha estado lá.

— Venha! — disse, chamando-me com um sinal da mão. De mapa em punho, indicou-me que o caminho para Pontone se chamava Via Pestrofa. Fiquei irritado por não poder lhe dizer nada sobre a etimologia daquele nome.

Deixamos o vale para trás e entramos num caminho empedrado, bordejado de muros de pedra. Paramos várias vezes e ficamos a contemplar o vale que se estendia a nossos pés. Ainda conseguíamos ouvir o rugido profundo da cascata em que, no dia seguinte, íamos tomar banho. Porém, passado pouco tempo o ruído deixou de se distinguir do suave murmúrio que nos chegava desde o rio, que corria lá em baixo, no Valle dei Mulini.

Estávamos ofegantes quando, uma hora mais tarde, chegamos a Pontone. Seguíamos calados e já nos conhecíamos tão bem que ambos tínhamos percebido que cada um de nós ocultava um segredo sobre a sua vida. Tinha medo de que ela descobrisse os meus segredos e ela parecia igualmente ansiosa porque eu começara a remexer nos seus.

Beate disse que perdera a mãe, com quem sempre mantivera uma boa relação, havia pouco tempo. Tinha caído fulminada, tivera uma morte inesperada. Aconteceu no dia do seu aniversário, quando estava no Bayerischer Hof, celebrando a data do nascimento com uns amigos. A mãe estava de muito bom humor e, de repente, com uma taça de champanhe na mão e a preparar-se para se sentar à mesa, caiu desamparada. Havia um médico entre os convidados, mas não foi possível salvar-lhe a vida. Não tinha morrido de ataque cardíaco nem de qualquer outra causa demonstrável. Abandonou o mundo, pura e simplesmente.

— E o seu pai? — perguntei.

— Prefiro não falar dele — respondeu, numa voz algo cortante. Depressa se arrependeu e disse, agora num tom mais doce: — Deixemos para amanhã.

Olhou para mim e riu-se. Talvez estivesse pensando na cascata.

Por vezes, nos pontos em que o caminho era mais inclinado e por causa das sandálias, pegava-me no braço. Porém, depois de passarmos pela porta da muralha de Pontone já não me soltou e assim, como se fôssemos marido e mulher, entramos na Piazzeta di Pontone. Tudo fácil, como se tratasse de um jogo divertido, como se estivéssemos a enganar o mundo inteiro. Algumas pessoas precisavam de anos para se conhecerem, mas nós éramos de outra estirpe. Havíamos descoberto algumas formas diligentes de nos conhecermos melhor. No entanto, também não deixamos de respeitar os pequenos segredos de cada um.

Depois de contemplarmos a paisagem durante algum tempo, entramos num bar e tomamos café no balcão. Beate pediu também um licor de limão e um brande. Falamos muito pouco. Beate sacou de um cigarro e tirei-lhe a caixa de fósforos da mão para ser eu a acendê-lo. Inclina-mo-nos sobre o balcão do bar e olhamo-nos com ares provocadores. Ela estava sorrindo; parecia sorrir por diversos motivos em simultâneo. Disse que ela não regulava bem da cabeça.

— Eu sei — respondeu. Acrescentei que era mais velho que ela. — Apenas um pouco — admitiu.

Nenhum de nós revelara a idade.

O caminho de regresso a Amalfi fazia-se por uma descida muito inclinada, com mais de mil degraus. Em determinado ponto tivemos de cruzar com um homem e uma mula, houve

necessidade de nos cingirmos contra o monte e assim ficamos, apertados um contra o outro. Ela cheirava a ameixas e cerejas. E a terra.

Sentamo-nos num banco para descansar. Uns segundos depois, chegou o Metro e sentou-se numa das pedras que ladeavam o caminho. Olhou para mim e perguntou, apontando-me a bengala, se me importava que ficasse por ali. Não tive forças para protestar, pois sabia que, de uma forma ou de outra, ele faria o que lhe apetecesse. «O Metro é quem decide» era o seu discurso constante, quando eu era criança. Fosse como fosse, estando ali sentado na companhia de Beate, não podia irritar-me com ele. Se me irritasse e quisesse fazê-lo se calar poderia tê-la assustado e posto em dúvida a minha sanidade mental. Por isso, decidi contar uma história a Beate; assim, estava indiretamente a dirigir-me ao homenzinho. Os pontos fundamentais do conto foram os seguintes:

Há muito tempo, nasceu em Praga um menino chamado Jin Kubelík. Vivia, com a mãe, numa casa muito pequena. Era órfão de pai e, quando tinha três anos, costumava sonhar com um homenzinho que usava chapéu de feltro, de cor verde, e uma fina bengala de bambu. No sonho, o homenzinho era da mesma altura de Jin mas, quanto ao resto, era um homem de aspecto normal, só que era muito baixo, e também mais eloqüente do que a maioria dos homens.

Nos sonhos, o homenzinho procurava convencer Jin de que ele é que decidia tudo o que o menino dizia e fazia, não só durante a noite como também durante o dia. Quando, por vezes, Jin fazia coisas sem permissão da mãe, era normal que pensasse que fora o homenzinho a instá-lo para que fizesse. Com freqüência crescente, Jin empregava palavras e expressões de adultos, que deixavam a mãe intrigada por não saber onde é que o filho poderia tê-las aprendido. Além disso, Jin contava-lhe histórias estranhíssimas, pequenos fragmentos de grandes narrativas que o homem tinha declamado enquanto ele dormia.

Os sonhos com o homenzinho eram efetivamente alegres e divertidos; Jin despertava sempre com um sorriso nos lábios. Nunca protestava quando a mãe o mandava para a cama. Os problemas começaram numa manhã em que o homenzinho não desapareceu com o sonho, pois, quando Jin abriu os olhos para um dia ensolarado, viu com toda a clareza o homenzinho do chapéu verde de feltro ao lado da cama e, ato contínuo, o homem em miniatura saiu do quarto e dirigiu-se para a sala. Jin levantou-se apressado e correu também para a sala. Ali encontrou, como suspeitava, o homenzinho a passear por entre os móveis e fazendo a bengala rodar no ar. Estava bem vivo, cheio de vigor.

Quando, um pouco mais tarde, a mãe de Jin saiu do seu quarto, o menino apressou-se a apontar-lhe o homenzinho, que nesse instante se encontrava num canto da sala a folhear um livro com a bengala de bambu. A mãe teve de confessar-se incapaz de vê-lo, o que pareceu estranho a Jin, pois, para ele, o homenzinho era tudo menos invisível. Os contornos da sua figura eram tão nítidos como os do grande jarrão que estava no chão ou os do piano que a mãe pintara recentemente de verde, porque a antiga cor branca tinha começado a ficar amarelada.

No entanto, em certas coisas o comportamento do homenzinho tinha mudado muito em relação ao que era habitual nos sonhos. Uma vez por outra ainda se dirigia a Jin para lhe dizer qualquer coisa, mas era raro. Tratou-se, portanto, de uma mudança de vulto na relação entre ambos, pois, enquanto o homenzinho vivera nos sonhos de Jin, pouco mais fizera do que brincar com as palavras. Foi como se, a partir de um dado momento, houvesse renunciado quase totalmente ao uso da língua para fazer progredir o pequeno Jin. Além disso, nos sonhos encantava-se a colher ameixas e cerejas, que logo metia na boca e comia com grande prazer, ou conduzia Jin a um armazém de refrigerantes que havia no porão e abria garrafa atrás de garrafa de bebidas doces, que levava à boca e esvaziava de um trago, antes de ter tempo para perguntar ao menino se ele queria um gole para matar a sede. Pelo contrário, no mundo real nunca pegava em qualquer objeto, exceto no chapéu e na bengala, que mantinha sempre girando no ar. Também não bebia nem comia fosse o que fosse. No mundo real não passava de uma sombra de si mesmo, em contraste com o ser vivo e ágil que era na imaginação de Jin. Talvez fosse o preço que o homenzinho teve de pagar por passar do sonho para a realidade; tratava-se, afinal, de um salto considerável.

Jin cresceu e o homenzinho continuou a segui-lo para todo o lado, sem nunca crescer um milímetro que fosse. Quando Jin atingiu os sete anos já era quase uma cabeça mais alto do que homem em miniatura, pelo que, desde então o menino começou a chamá-lo Metro, por só medir um metro de altura.

Desde que o Metro passou a viver na realidade e apareceu na casa de Jin pela primeira vez, o menino não voltou a sonhar com ele. Teve, portanto a certeza de que o homenzinho havia deixado o mundo dos sonhos, por sua própria vontade ou porque, sem querer, se tinha afastado do país dos sonhos de onde viera e não conseguia encontrar o caminho de volta. Jin sentiu-se culpado pelo homenzinho ter se extraviado e nunca perdeu a esperança de que, um dia, o Metro encontrasse o caminho para regressar ao seu país de origem. Afinal, era aonde pertencia; e todas as pessoas devem esforçar-se por não se afastarem muito da realidade das suas raízes. Às vezes, conforme ia crescendo, Jin cansava-se e ficava nervoso por ter o homenzinho sempre junto de si.

Durante toda a vida de Jin, Metro seguiu-o, como se fosse a sua sombra. Parecia persegui-lo, mas o homenzinho não deixava de protestar que era o contrário, isto é, que era ele quem empurrava o menino, que era ele quem tomava todas as decisões sobre a vida de Jin. Alguma verdade haveria nesta afirmação, pois Jin nunca decidia quando e onde o Metro ia aparecer. Era sempre o homenzinho quem decidia aparecer junto de Jin, o que o levava a mostrar-se nos momentos menos oportunos da vida do rapaz.

O Metro nunca foi visto por mais ninguém, além de Jin, nem em casa nem nas ruas de Praga. O que nunca deixou de espantar o nosso herói.

Fez-se homem e um dia conheceu o grande amor da sua vida; chamava-se Jarka e, como Jin queria partilhar a própria alma e a vida com ela, fez algumas tentativas para fazê-la reparar em Metro, quando este aparecia no quarto, para que a namorada também pudesse ver o milagre, ainda que fugazmente. Porém, Jarka pensava que Jin poderia estar

prestes a perder a razão e afastou-se pouco a pouco, até chegar o dia em que o trocou por um jovem engenheiro, por acreditar que Jin vivia mais num mundo de fantasia do que no mundo real habitado pelas outras pessoas.

Jin continuou isolado, na solidão, e quando morreu ocorreu uma transformação extraordinária. Desde o dia em que Jin foi libertado da escravidão do tempo, isto é, desde que saiu do nosso mundo, começaram a circular em Praga rumores de que algumas pessoas haviam visto um homúnculo a passear, ao cair da tarde, pela grande praça do bairro antigo, fazendo voltear furiosamente uma pequena bengala de bambu. O homenzinho também era visto de vez em quando no cemitério, sempre junto da mesma tumba, em cuja lápide estava escrito JIN KUBELÍK.

Andava por ali uma anciã, que por vezes se sentava num banco pintado de branco, de onde cumprimentava o homenzinho com um aceno simpático da mão, quando este fazia as suas raras visitas ao cemitério e se sentava em cima da pedra tumular de Jin. Era Jarka que, muitos anos antes, tinha recusado a mão de Jin por pensar que ele estava perdendo o juízo.

Dizia-se que a anciã era a viúva de Kubelík. Talvez por se sentar sempre naquele mesmo banco pintado de branco, a olhar fixamente a lápide de Jin, ou talvez não fosse.

Falei de Jin e de Jarka durante quase uma hora e, quando acabei, o homenzinho já não estava sentado na pedra, já deixara de me vigiar. Talvez o tivesse assustado.

Beate pareceu ter ficado repentinamente pensativa.

— É um conto de fadas checo? — perguntou.

Assenti, não havia necessidade de lhe dizer que acabara de inventar a história.

— Uma obra literária?

Assenti uma vez mais, mas não tive a certeza de que tivesse acreditado em mim. Não fazia idéia dos conhecimentos que ela tinha sobre literatura checa.

Eram quase cinco horas da tarde quando regressamos a Amalfi. Perguntei-lhe se queria jantar comigo no hotel. Fui muito eloqüente a descrever a comida e a vista, sem esquecer o excelente vinho do Piemonte que serviam no hotel. Mas Beate desculpou-se com um assunto que tinha para resolver.

— Amanhã vamos a Pogerola? — perguntou. Assenti.

— E vamos tomar banho na cascata.

Deu-me um ligeiro beliscão no braço e riu-se.

Ficamos de nos encontrar diante da catedral, às dez e meia de Domingo de Páscoa.

Fiquei de pé, a refletir sobre o encontro com Beate, até altas horas da noite. Um encontro estranho, daqueles que só acontecem uma ou duas vezes na vida.

Teria talvez a mesma idade de Maria quando estivemos juntos. Maria era dez anos mais velha do que eu, agora era eu o mais velho. Levaria uns quinze ou vinte anos de avanço em relação a Beate, mas mantinha-me jovem. Tinha quarenta e oito anos, uma idade que me metia medo, mas os últimos oito anos não tinham provocado grandes transformações. «Um pouco mais velho do que eu», fora o comentário de Beate. Recordei-me de que nunca me deixara impressionar com os dez anos que Maria tinha a mais do que eu, da mesma forma que ela não se preocupara por eu ser mais jovem do que ela.

Não queria acreditar que Beate pudesse desempenhar o papel de engodo por conta de um assassino contratado. Porém, se o fosse, talvez se tivesse comportado exatamente como fizera naquela tarde. Estava em Amalfi ao mesmo tempo que eu. Talvez eu fosse uma vítima fácil. No dia seguinte atravessaríamos o vale e subiríamos a montanha até Pogerola. O itinerário fora escolhido por Beate, que já fizera essa excursão pelo Valle dei Mulini. Não quisera jantar comigo por ter um assunto a resolver. Era possível que tivesse de fazer alguns contatos, pensei, sendo provável que no dia seguinte, o Valle dei Mulini enxameasse de homens com fones nos ouvidos. Imaginava-os, via-os com os olhos da mente a tomarem posições entre as ruínas das velhas moendas de papel. Ouvia o riso de Beate e via com toda a nitidez o maço de notas com que lhe pagariam o serviço. Jamais conseguiria pôr freio nesta minha imaginação.

Levantei a cabeça e olhei a fotografia de Ibsen. Também podia acontecer que Beate e eu fôssemos dois náufragos à procura de abrigo. Pensei nos personagens da peça *A Casa de Bonecas*, na senhora Linde e no procurador Krogstad, que pareciam fazer parte das paredes daquele quarto. Estava convencido de que Beate também carregava um pesado fardo. Seria impensável que pudéssemos ter um futuro comum? Ela vivia num quarto alugado na cidade, era pintora. Não sabia que eu era muito rico; deixaria esse pormenor para o fim.

As 10h30 da manhã seguinte estava sentada na escadaria da catedral. Vestia o mesmo vestido amarelo da tarde anterior e pensei que, pelo menos, éramos parecidos num aspecto tão trivial da vida, como é a atitude em relação ao vestuário. Quando viajava usava as mesmas roupas até haver necessidade de lavá-las. Era provável que, no caso presente, ela tivesse uma predileção especial por aquele vestido. Eu também gostava dele. Além do mais, o amarelo era a cor típica da Semana Santa, talvez tivesse lavado o vestido na noite anterior; quem sabe se não seria esse o assunto que tivera de resolver. Mas tinha trocado as sandálias por um par de cômodas sapatilhas esportivas. Íamos em excursão.

Levantou-se e dirigiu-se para mim. Subimos a escadaria e ficamos à porta da catedral a ouvir os cânticos da missa da Ressurreição. Beate conseguia ser solene e, ao mesmo tempo, brincalhona.

Encontramos os caminhos estreitos que conduziam aos arredores da cidade e, enquanto subíamos as encostas empinadas entre os pomares de limoeiros, Beate disse-me que nunca encontrara um homem com quem se identificasse tão depressa. Devolvi-lhe aquele sinal inesperado de simpatia e acrescentei que, embora tivesse tido algumas relações de curta duração, desde os meus tempos de jovem nunca mais gostara verdadeiramente de ninguém. Com um brilho nos olhos, disse-lhe que tinha estado à sua espera. A nossa conversa incluiu, uma vez mais, uma certa dose de ironia e de exagero, mas agora havia nela um fundo mais sério. Informara-a de que deixaria Amalfi na quarta-feira seguinte.

Perguntei-lhe se o pedido de fogo do dia anterior fora um mero acaso. Brindou-me com um sorriso divertido, mas assentiu com um gesto inocente. E não me havia seguido até ao Valle dei Mulini? Negou com a cabeça, mas confessou que tinha previsto que eu iria passear pelos arredores e que não lhe fora difícil adivinhar aonde iria, pois só havia aquele vale para passear.

— Resumindo — disse eu —, embora o pedido de um fósforo tivesse sido fortuito, o fato de me seguir pelo caminho que eu tinha tomado não o foi.

— Creio que não — respondeu, com um ar misterioso.

Eu queria chegar ao fundo da questão e não só por estar pensando em Luigi.

— Nem sequer tínhamos falado um com o outro, só houve uma troca de olhares.

Começou por se rir mas, em seguida, deu-me uma versão em tudo diferente.

— Pode ser um bom observador, mas creio que conhece mal a si mesmo. Primeiro, entrou no restaurante com o *Corriere della Sera* debaixo do braço, o que me fez pensar que era italiano e até um intelectual, uma espécie bastante rara por estas paragens. Depois sentou-se e olhou para mim, um olhar que não revelou grande coisa, mas que, pelo menos, me confirmou que não era homossexual. Pediu *pizza* e cerveja, fazendo-me pensar que, afinal, poderia ser estrangeiro, ainda que parecesse dominar a língua italiana. Voltou a dar uma olhada na minha direção, mas creio que nessa ocasião só reparou nas minhas sandálias

brancas. Pareceu-me um pormenor importante, porque nem todos os homens se detêm a olhar os pés de uma mulher. Você o fez, olhou-me os pés, examinou as minhas sandálias. Depois, abriu o jornal e procurou de imediato a seção cultural, o que me fez pensar que também era uma pessoa com interesse pelas questões culturais. Olhou-me uma vez mais, apenas durante um segundo, mas com um olhar fixo e firme. Talvez não tenha reparado mas, dessa vez, correspondi ao seu olhar. Ainda que só por um instante, foi a primeira vez que nos olhamos nos olhos, foi o nosso primeiro momento de intimidade, pois olhar alguém nos olhos, sem desviar o olhar, que é o normal quando dois olhares se encontram por acaso, pode ser algo de bastante íntimo. Foi um olhar recíproco. Suspeitei que com aquele olhar tentava avaliar a minha idade, mas posso estar equivocada. Acabara de comer a minha lasanha e tentei acender um cigarro com um isqueiro sem gás. Estava a observar-me, mas não creio que tivesse reparado que eu tinha certeza de estar a ser observada. No total, isto durou uns cinco segundos, tempo suficiente para se ter aproximado da minha mesa para me dar fogo, se o tivesse, pelo menos se fosse o cavalheiro que eu pensava que era. Mas fui eu quem tive que me levantar, para me acercar da sua mesa e pedir fogo. Entendeu o meu italiano mas, pelo sotaque, logo percebeu que eu era estrangeira. Disse-me que não fumava mas, em dois segundos, pegou num isqueiro que estava na mesa ao lado e acendeu-me o cigarro. Não me mandou à outra mesa, você mesmo se encarregou disso ou, melhor dizendo, não viu nenhum inconveniente em acender-me o cigarro; pelo contrário, ficou satisfeito por eu lhe ter pedido o favor. O modo de agir convenceu-me de que não era a primeira vez que acendia o isqueiro para uma mulher. Quando lhe agradei o gesto, o seu rosto revelou-me que estava atravessando uma dificuldade qualquer, que andava em busca da confiança de outra pessoa e que essa pessoa poderia ser eu. Dei a volta e regresssei à minha mesa, levei nisso um segundo e meio, mas senti o seu olhar cravado na nuca, embora possa admitir que a sensação fosse puramente imaginária. Deixou o dinheiro em cima da mesa e levantou-se para ir embora; nesse momento olhou-me com uma espécie de nostalgia e despediu-se de mim com um aceno. Esse gesto foi uma espécie de indicação de que não voltaríamos a nos ver. Tinha-o desenhado no meu bloco porque o seu rosto me agradava, mas você estava tão distraído que nem percebeu que eu o estava desenhando. E, não obstante, sorri, com um sorriso carregado de intenções. Um sorriso com que quis dizer-lhe que as nossas vidas eram estranhas; e foi-se embora, mas eu tive a sensação de que levou consigo qualquer coisa que tinha visto nos meus olhos. O modo como abandonou o restaurante fez-me pensar que iria subir o Valle dei Mulini; podia estar enganada, mas depois descobri que não estava. Pensei que, se a ocasião se apresentasse, você seria uma pessoa que eu gostaria de conhecer melhor.

Detive-me no estreito caminho e aplaudi.

— Bravo! — exclamei. Senti-me nu e indefeso, mas agradou-me a sensação de ser apreciado e conhecido, foi como um regresso para casa. Havia muito, muito tempo, que não tinha ninguém em casa à minha espera. — Acrescentei: — Antes dizia que me tinha pedido fogo por acaso, mas acabou agora mesmo de dizer que sabia que eu não tinha isqueiro.

A pequena observação fê-la rir. Era uma garantia de que eu a tinha ouvido com toda a atenção.

— Houve um acaso, pelo menos: o de se ter acabado o gás do meu isqueiro, mas você não é uma pessoa que olhe por acaso, é como um livro aberto, um livro que eu já tinha começado a ler.

Ou estava bem informada de antemão, pensei. Mas repeli a idéia depressa.

Foi por outros motivos que perguntei:

— Não tem mais isqueiros? — Não entendeu a razão da pergunta. Acrescentei: — Não costuma andar com um isqueiro que funciona e outro sem gás?

Olhou para mim e bateu-me levemente na bochecha. Talvez o tivesse merecido.

Continuamos a andar lentamente. Quanto mais se têm a dizer uma à outra, mais lento é o caminhar de duas pessoas. Beate falou-me das suas aquarelas e da exposição. Também me contou que já havia ilustrado alguns livros infantis, além de uma edição de luxo dos contos dos irmãos Grimm. Nos últimos anos, começara também a escrever.

Uma informação que me surpreendeu. Estranhei que até então não me tivesse dito que era escritora, mas, como disse aquilo com uma certa timidez, resolvi não fazer comentários. Muitas pessoas sentem uma certa vergonha ao confessarem que escrevem; a timidez não lhe permitira, talvez, dizer-me aquilo no dia anterior.

Contei-lhe que tinha estado na Feira do Livro de Bolonha e que de lá viera para Amalfi. Observei-a com atenção, mas não reagiu de modo especial. Achei que deveria deixar de pensar em Luigi.

— Também publica livros infantis? — perguntou Beate. Disse-lhe que sim e fiz-lhe uma carícia na cabeça. Não disse nada.

Ao chegarmos a Via Paradiso, meia hora mais tarde, vimos umas enormes nuvens negras que, vindas das montanhas circundantes, se dirigiam, ameaçadoras, para o vale. O ar abafava. Ouvimos os sinos das igrejas de Amalfi e, uns segundos mais tarde, os de Pontone, logo seguidos dos de Pogerola, vindos da colina que fica do outro lado do vale. Anunciavam o meio-dia do Domingo de Páscoa.

Ao ouvir a primeira badalada, Beate pegou-me na mão. Perguntei-lhe se queria que voltássemos para trás, mas ela estava decidida a continuar. Podia estar combinada com alguém que se encontrasse lá em cima à nossa espera, pensei, reconhecendo que estava a imaginar coisas. Desde que saíra de Bolonha tinha previsto a minha própria morte de vinte ou

trinta maneiras diferentes. Mas Beate não estava envolvida em nenhuma conspiração; pelo contrário, eu é que teria razões para pensar que ela me protegeria de todas as minhas fantasias. Havia começado a alimentar a esperança de que ela pudesse ensinar-me a viver como um ser humano.

O dilúvio começou quando já estávamos perto da cascata. Beate apontou as ruínas de uma velha moenda, para onde fugimos à procura de proteção. Ria-se como uma menina pequena e o seu riso provocava um som grave naquele espaço estreito. Estávamos protegidos por uns poucos metros quadrados de telhado, mas o chão estava seco.

Era a pior trovoada que jamais assistira, ou talvez devesse dizer que era a melhor, pois depressa nos pusemos de acordo: ambos apreciávamos os trovões. O efeito era emocionante.

O temporal durou mais de duas horas. O dilúvio não dava sinais de abrandar, mas encontrávamo-nos a salvo e no seco.

— Estamos na Idade da Pedra — sentenciei. — Neste lugar não há passado nem futuro, tudo existe aqui e agora.

A voz soava-me em falsete. Beate sentara-se e pus-lhe um braço em volta dos ombros. Voltou a perguntar-me do que é que se tratava o meu romance. Agora podia dizer-lhe, pois, como não deixou de acentuar, dispúnhamos de tempo. Deixei-me convencer. Escolhi outra das sinopses que tinha para venda antes da Ajuda ao Escritor ter se desmoronado. Tratava-se de uma tragédia familiar. Tinha a trama toda na cabeça e descrevi-a assim:

Ao terminar a guerra, uma família rica, a dos Kjcergaard, vivia numa antiga mansão de Silkeborg, uma pequena cidade dinamarquesa. Tinham acabado de contratar uma nova empregada doméstica, uma garota chamada Lotte que, segundo parecia, não tinha sobrenome, pois era órfã e não lhe fora atribuído nome de família. Tinha pouco mais de dezessete anos de idade. Dizia-se que a garota era uma beldade, pelo que não seria de estranhar que o único filho dos Kjceergaard não tirasse os olhos dela, embora a moça trabalhasse duramente para contentar os patrões, pessoas muito exigentes. Perseguiu-a pela casa e, embora não passasse de um rapazinho, um dia conseguiu apanhá-la no porão, onde ela lavava a roupa, e seduziu-a. Aconteceu apenas uma vez, o suficiente para a garota ficar grávida.

Nos anos seguintes circularam diversas histórias sobre o que tinha acontecido no porão durante aquela tarde fatídica. Dizia-se que o rapaz, que se chamava Morten, tinha violado a garota enquanto ela estava ocupada com a roupa, que fervia numa enorme caldeira. Por sua vez, a família Kjoergaard sustentava que fora a garota quem se portara de forma inconveniente e seduzira o rapaz. Havia testemunhas em número suficiente, dispostas a jurar que ela ria e se comportava de um modo indecente na frente do rapaz.

Em segredo, a família procurou uma nova colocação para a garota, tendo-a enviado para uma casa no Sul da Jutlândia. Não obstante, uns meses depois de Lotte dar à luz, tentaram apoderar-se da criança que tinha nas veias o nobre sangue de tão distinta família que, embora abastada de bens materiais, não abundava em crianças; não devia, portanto, desperdiçar-se uma só gota de sangue de tão nobre estirpe. Lotte opôs-se e chorou amargamente quando lhe tiraram a criança, escassas semanas depois do parto, pois a mãe foi considerada incapaz de cuidar do menino, tanto por carências econômicas como por razões de ordem espiritual. E, acima de tudo, o menino não tinha pai.

Como era de esperar, Morten não quis saber do recém-nascido, era muito jovem para reconhecer a paternidade e, por outro lado, os seus pais eram muito velhos para o adotarem como filho do casal. Porém, como Morten tinha um tio casado e sem filhos, seriam os tios a assumirem a paternidade do pequeno, a quem puseram o nome de Carsten.

À medida que ia crescendo, era freqüente que Carsten pensasse que os pais já eram muito velhos quando ele nasceu — a mãe teria quase cinquenta anos —, mas nunca suspeitou que Stine e Jakob, assim se chamavam os tios de Morten, não fossem os seus pais biológicos. Nos aniversários recebia sempre cartões de felicitações do «primo Morten», que também lhe enviava, pelo correio, um pequeno presente de Natal. Contudo, como era natural, nunca lhe ocorreu que o primo, dezoito anos mais velho do que ele, pudesse ser o seu pai biológico. Tratava-se de um muito bem guardado segredo de família, que nunca lhe foi revelado.

Jakob comandava um grande navio mercante e, desde pequeno, Carsten acompanhava-o com freqüência em grandes viagens até ao cabo do mundo. Carsten manteve sempre excelentes relações com os pais, que só tinham aquele filho e o amavam acima de tudo. Porém, quando ele estava no último ano do curso secundário, Stine e Jakob morreram com poucos meses de diferença e, de súbito, Carsten ficou sozinho no mundo; sozinho e sem família, porque os quatros avós já tinham morrido. No entanto, já no leito de morte, Jakob confiou ao filho a velha história passada no porão entre a empregada e o primo Morten que, na realidade, era o seu verdadeiro pai.

Por essa época, Carsten não tinha qualquer contado com o primo, com quem não se encontrava havia muitos anos. Porém, um dia, quando Carsten estava a estudar Filosofia e Letras na Universidade de Arhus, viu-se sem dinheiro. No seu desespero, fio visitar Morten, que evidentemente sabia que Carsten era seu filho, ainda que pensasse ser a única pessoa que sabia da história, uma vez que Stine e Jakob já tinham falecido.

Morten tinha-se tornado um médico muito respeitado do hospital de Árhus. Era

casado com a bela Malene, filha de um juiz do Supremo Tribunal de Copenhagen. O casal tinha duas filhas encantadoras, que cantavam no coro da igreja e Morten não tinha intenção de deixar que o primo entrasse na sua vida sem mácula de burguês.

Sem revelar o que sabia, Carsten pediu um empréstimo ao primo rico, ou melhor ainda, uma bolsa de estudos de cinco ou dez mil coroas, porque estava a par de que ele desfrutava de uma excelente situação econômica. Mas Morten recusou terminantemente o humilde pedido do jovem estudante. Serviu-lhe um bom uísque, fez uns comentários divertidos sobre os bons velhos tempos e deu-lhe quinhentas coroas, antes de conduzi-lo à porta com algumas frases feitas e votos de que ele fosse bem sucedido nos estudos. Nesse momento, Carsten — que já odiava o pai biológico devido àquela farsa de tantos anos — voltou-se para o primo, olhou-o nos olhos e disse-lhe:

— Não lhe parece vergonhoso negar ao seu próprio filho um empréstimo de uns poucos milhares de coroas? É provável que, na próxima vez, tenha que falar com Malene...

Morten sobressaltou-se, mas Carsten já lhe havia virado as costas e, ao sair, limitou-se a acrescentar:

— No momento, é melhor que fiquemos por aqui!

Depois de uns anos pouco brilhantes como estudante, Carsten conheceu Kristine que, a partir de então, iria monopolizar toda a sua atenção. Nos anos seguintes só telefonou duas vezes a Morten e a Malene, mas em ambas as ocasiões foi Morten quem atendeu o telefone. Uma coisa era certa: Carsten jamais voltaria a pedir dinheiro ao primo. No entanto, recebeu um ou dois cheques e, quando se casou com Kristine, recebeu um de 5 mil coroas do primo Morten, Malene, sua mulher, e das filhas Maren e Matilde. Mas isso não foi suficiente para diminuir a amargura que Carsten sentia em relação ao seu pai

biológico e, ao casar-se com Kristine, adotou o sobrenome da mulher, cuja família o havia acolhido calorosamente.

Carsten amava Kristine e desde que a conheceu não voltou a preocupar-se com quaisquer outras relações de família. Mas o destino não perdoa e não é possível resistir-lhe: Carsten sempre tivera um sinal de mau aspecto na nuca e, quando o sinal começou a sangrar, Kristine insistiu que ele tinha de ir mostrá-lo a um médico. O médico extraiu-lhe o sinal e enviou uma amostra do tecido ao hospital de Århus para uma análise de rotina; mas, infelizmente, o resultado da biopsia nunca foi enviado ao médico de Carsten. Como passaram semanas, e depois meses, sem terem notícias, nem Carsten nem Kristine voltaram a se lembrar do sinal de mau aspecto. Contudo, chegada a Primavera, Carsten adoeceu; foi-lhe diagnosticado um câncer com várias metástases, de pronto associado com a amostra de tecido que tinha sido enviada ao hospital uns meses antes.

No hospital confirmou-se, muito tempo depois, que a amostra de tecido de Carsten tinha sido recebida e que a análise tinha confirmado a existência de um mieloma maligno. Mas nunca se descobriu o motivo por que o médico de Carsten não recebeu qualquer comunicação do hospital. A responsabilidade formal recaía sobre o diretor clínico, Morten Kjcergaard, que, aparentemente, não tivera nada a ver com a análise em questão. O mais provável foi que algum dos ajudantes de laboratório se tivesse descuidado com o caso. No jornal de Århus foi publicada uma pequena notícia sobre «o diretor clínico que não foi avisado», pelo que «não teve possibilidade de salvar o próprio primo». Mas o caso não tardou a cair no esquecimento.

Carsten morreu poucas semanas depois de adoecer. Durante a maior parte do tempo que ainda viveu, teve de permanecer acamado; com a ajuda dos pais, Kristine fez o pôde para lhe minorar o sofrimento, tanto físico como moral. Também contaram com o auxílio de uma enfermeira que vinha todos os dias ajudá-los a cuidar do enfermo. Chamava-se Lotte. Quando esta teve conhecimento do lugar exato onde havia estado o sinal maligno de Carsten, voltou a analisar a data do nascimento do doente. Isso aconteceu uns dias antes dele falecer mas, desde esse momento, nunca mais se afastou do leito de Carsten, ficava com as mãos do enfermo apertadas nas suas, mostrando por ele um grande carinho. A última coisa que Carsten disse, ao abrir os olhos e ver Lotte e Kristine, foi: «No

momento, é melhor que fiquemos por aqui! »

Levei mais de uma hora para contar a história e durante todo esse tempo não tirei o braço dos ombros de Beate. Ela não disse uma única palavra, apenas a ouvia respirar. Quando acabei de falar, olhou-me e disse que a história tinha tanto de maravilhoso como de terrível; que era simultaneamente maravilhosa e horrível. Era uma ouvinte agradecida. Como já dispunha de uma trama bem elaborada, não tive nenhuma dificuldade no desenrolar da narrativa, sobretudo estando sentado com Beate nas ruínas de uma velha moenda de fabricação de papel, suportando a força e o dramatismo de uma intensa trovoadas. Beate repetiu que a história daria um romance fantástico e tinha certeza de que seria traduzido para alemão. Disse ainda que aguardaria com ansiedade a oportunidade de lê-lo.

Os trovões, os relâmpagos e a chuva torrencial não tinham parado, mas a história que acabava de contar dava tanto que pensar que não me pareceu oportuno começar uma nova. Além disso, não encontraria uma explicação crível para o fato de estar a escrever dois romances simultaneamente.

Comentamos alguns pormenores da história. Deixei que Beate tivesse a impressão de estar me dando excelentes conselhos que, aliás, me teriam sido muito úteis se realmente resolvesse escrever o romance. Chegou-se mais para mim, pegou-me na mão e beijou-me o pescoço, uma e outra vez. Talvez fosse eu quem começou os beijos mais apaixonados, mas ela deixou-me continuar.

— Não estamos sendo duas crianças travessas? — perguntou, ao desnudar-se por completo. A luz azulada da tormenta, parecia um nu de Magritte. Deitamo-nos com cuidado no chão de pedra.

Não tínhamos escolha. Encontrávamo-nos indefesos perante os elementos. Não fazer amor no meio daquela trovoadá tremenda teria sido uma prova de mau gosto. Teria sido o mesmo que desobedecer às ordens da Natureza. Teria sido o mesmo que impedir o curso da vida natural.

Permanecemos deitados, muito juntos, até que os trovões cessaram. Ela cheirava a ameixas e a cerejas, as palavras não faziam falta nenhuma. Só quando parou de chover é que se levantou.

— Vamos tomar uma ducha! — anunciou. Parecia um paradoxo, pois o chuveiro acabava de cessar e parecia que se tinha gasto a água toda. Mas levantou-se e eu a segui. Não estava frio e corremos nus pelo caminho. Beate conduziu-me até à cascata e recordou-me o que nos tínhamos prometido. Uns segundos mais e estávamos debaixo da cascata, a cantar. Beate começou; cantou a «Plegaria» da *Tosca*. Pareceu-me uma escolha bem estranha e respondi-lhe com a «Ária de la Torre», muito mais adequada. *Perché, perché. Signore?* Agradou-me que tivesse conhecimentos de ópera. Não me surpreendeu, mas agradou-me. Não sei porquê, de repente dei comigo a cantar uma velha canção infantil, talvez por me sentir feliz. Não havia pensado nela desde os meus tempos de menino, mas a letra era assim:

O pequeno Petter, a Aranha,

o meu chapéu escalou,

surgiu a tormenta e do chapéu ele tombou.

O Sol no meu chapéu voltou a brilhar,

Petter reanimou-se e o chapéu voltou a escalar.

Quando voltamos ao caminho, o sol já brilhava outra vez. Chegamos às ruínas e nos vestimos. Não sentíamos vergonha. O único pormenor que me fez sentir um pouco mal foi o de ter cantado a lengalenga sobre Petter, *a aranha*. Felizmente, Beate não me pediu explicações, talvez nem tivesse ouvido bem; mas me arrependi da imprudência. Voltei, uma vez mais, a recordar-me da Piazza Maggiore de Bolonha.

Atravessamos o rio e começamos a subir uma ladeira muito inclinada. Uma hora mais tarde chegamos a um miradouro chamado Lucibello, de onde se podia contemplar Amalfi e uma grande extensão da península de Sorrento. Beate agachou-se, apanhou um grande ramo de comichão e me deu.

— Toma, as flores da Semana Santa — disse.

Contei-lhe que em algumas línguas essas flores amarelas se chamam «sapatos dourados de Nossa Senhora». Em inglês também são conhecidas por «sapatinhos de bebê».

Começamos a descer para Pogerola; segurava as flores com uma das mãos e Beate com a outra. Beate disse que podíamos nos casar e ter filhos. Não o disse a sério mas, de qualquer forma, achei a idéia bonita. Não falara de maneira mais séria do que no dia anterior, quando da sugestão para tomarmos banho juntos na cascata. Respondi-lhe dizendo que tinha a intenção de convidá-la a me acompanhar ao Pacífico. Limitou-se a olhar para mim e a rir-se. Mas, pelo menos, a idéia estava lançada.

Em Pogerola, entramos num bar e pedimos sanduíches e uma garrafa de vinho branco. Sentamo-nos a contemplar a paisagem e bebemos café, licor de limão e brande. Pedi um copo com água para pôr as flores.

Ao iniciarmos a descida pela escadaria abrupta que conduz a Amalfi, Beate perguntou:

— Então, ao mesmo tempo que escreve romances também trabalha para uma editora? Não é difícil conciliar as duas coisas?

Já não estava a conversar; agora queria saber quem eu era.

Optei por dizer-lhe o suficiente para que, no caso de ter ouvido falar do assunto, ela poder identificar-me como a aranha. Disse que ajudava outros autores a escrever e, de passagem, disse-lhe que por vezes lhes proporcionava temas que eles depois podiam desenvolver, além de lhes facilitar sinopses sobre as quais podiam construir as suas histórias.

— Sempre tive mais imaginação do que a necessária — disse eu —, é uma matéria-prima barata.

Sim, eu disse isso. Disse que a imaginação é uma matéria-prima barata.

Beate reagiu da maneira mais óbvia: não disse nada e ficou a refletir sobre o que acabara de ouvir, o que podia interpretar-se de várias maneiras. Podia acontecer que me tivesse identificado como a aranha, o que, apesar de tudo, poderia querer dizer que estava envolvida na conspiração. Poderia, pelo menos, querer dizer que lera o pequeno artigo publicado no *Corriere della Sera*. Ela mesma havia assinalado a importância de ler esse jornal para quem se quisesse manter bem informado e mencionara especialmente as páginas de cultura. Por outro lado, pela sua reação não podia concluir-se que já tivesse ouvido falar da *Aranha*. Beate dispunha de matéria para reagir de uma forma ou de outra, pois acabara de ouvir descrever uma profissão bem estranha.

Falei-lhe um pouco mais de fantasias e da ajuda aos escritores. Por vezes ficava de cabeça inclinada para um dos lados, como se cada vez tivesse mais dúvidas. Tomei uma decisão radical. Disse que gostaria que ela lesse o que eu estivera escrevendo durante os últimos dias passados no hotel; também disse que lhe podia fazer uma tradução para a língua alemã. Não queria ter segredos para Beate, os fingimentos teriam de acabar de uma vez por todas. Vóltei a pensar que poderíamos ir para outro continente, deixando para trás aquilo de que andávamos a fugir, ainda que ela tivesse feito planos para passar o Verão no Sul de Itália. Estava decidido a passar o resto da minha vida na companhia de um ser humano decente. Só tinha uma vida, queria aproveitar o tempo que me restava.

Eram seis da tarde. Doíam-me as pernas, de tanto beber e de tanto andar. Sentamo-nos numa pedra para contemplar o pôr do Sol. Beate falava pouco, mas eu comecei a narrar-lhe um longo conto. Quase não olhei para ela durante a narrativa, talvez por que a história ia tomando forma à medida que ia contando. Não recordo todos os pormenores, mas o essencial era assim:

Na cidade de Ulm, nas margens do Danúbio, existiu, há muito tempo, um grande circo. O diretor do circo era um homem bonito que se apaixonou perdidamente por Terry, uma trapezista muito bela. Um dia declarou-se e, no ano seguinte, ela deu-lhe uma filha que recebeu o nome de Panina Manina. A pequena família vivia feliz na sua caravana cor-de-rosa, mas a felicidade durou pouco, pois, um ano depois da menina nascer, Terry caiu do trapézio e morreu. O diretor do circo nunca aceitou a perda da mulher. Porém, à medida que ela ia crescendo, amava a filha cada vez mais. Como era natural, sentia-se feliz por Terry, antes de morrer, ter tido tempo para lhe dar uma filha. Durante toda a sua vida manteve bem viva a memória da esposa, pois a filha cada dia estava mais parecida com a mãe. Desde a idade de dezoito meses, a menina sentava-se todas as noites num dos melhores lugares do circo, de onde seguia o espetáculo com a máxima atenção. Durante os intervalos era freqüente que qualquer dos palhaços lhe trouxesse algum doce com que ela se regalava e, antes dos três anos, já ia para o seu lugar sem ajuda nem vigilância. Passou a ser considerada a mascote do circo, tanto pelos artistas como pelo público. Por vezes, havia pessoas que já tinham visto o espetáculo, mas voltavam só para verem a Panina Manina, pois ela reservava uma surpresa para cada noite, nunca se sabia o que ia fazer. Assim, o público conseguia ver dois espetáculos pelo preço de um: viam o programa de circo e também o de Panina Manina.

Não era raro ver-se a menina trepar pela mureta que delimitava a pista para ir participar no espetáculo. O diretor consentia-lhe tudo isso por ter muita pena de ver a filha ser criada sem a mãe, queria que ela desfrutasse de toda a felicidade do mundo. Essas participações extraordinárias no espetáculo aconteciam sempre de forma espontânea: de

repente, a menina integrava-se ao grupo dos palhaços ou, no intervalo entre dois números, entrava pela pista a correr para fazer o seu próprio número, com uma bola que pedira emprestada ao leão marinho, um par de massas indianas dos malabaristas, um aro, um pequeno trampolim ou uma engraçada pistola de água que tinha encontrado entre os adereços. Esses números extraordinários valiam sempre grandes ovações a Panina Manina. Com o tempo, a expectativa que antecedia o espetáculo passou a dever-se mais ao que faria a filha do diretor dos que aos números que constavam do programa normal.

O único descontente com esta situação era o palhaço Piotr Ilyich. Não lhe agradava que Panina Manina interviesse nos seus números e ainda lhe agradava menos que os aplausos mais vibrantes fossem sempre para ela. Decidiu cortar o mal pela raiz e, um dia, durante um intervalo, conseguiu raptá-la. Como sempre fazia, Panina Manina acercou-se do palhaço quando ele estava a vender algodão doce no exterior da tenda principal, mas naquele dia ele tinha uma cúmplice, uma mulher russa que estava de visita à cidade. Chamava-se Marushka e tinha sido paga por Piotr Ilyich para levar a Panina Manina para a Rússia. Foi assim que a pobre menina foi criada numa granja modesta de uma pequena povoação, perdida nos confins da tundra russa. A velha russa nunca maltratou a Panina Manina, pois sempre desejara ter uma filha, mas a menina gostava tanto do pai e da vida do circo que durante um ano inteiro chorou todas as noites ao ir para a cama. Até que numa noite se esqueceu da razão por que chorava, embora continuasse a chorar, pois Panina Manina estava tão triste como antes, com a única diferença de agora não saber a que se devia toda aquela tristeza. Já não tinha a mais remota recordação do circo de onde viera, tinha-se esquecido do cheiro da serragem da pista, nem se lembrava de que tinha um pai num país longínquo.

Quando cresceu, Panina Manina transformou-se na mulher mais bela que habitava a leste dos Urais. Tudo isto se passou enquanto Stalin governava a Rússia, mas a mãe adotiva de Panina Manina era membro de confiança do Partido Comunista e um dia mudaram-se para Moscovo, onde ela, durante vários anos, ganhou a vida a servir de modelo de um dos maiores pintores da União Soviética. Graças aos acasos da vida — e é de acasos que esta história é construída — num dia de Verão chegou a Munique, que não fica muito longe de Ulm. No momento, o circo do pai encontrava-se ali instalado e, enquanto passeava pela capital bávara, encontrou-se subitamente diante da grande tenda do circo. Dirigiu-se para ela, qualquer pormenor a atraía naquela enorme tenda, ainda que continuasse a não se recordar de que já fora uma verdadeira filha do circo. A tenda estava agora instalada numa cidade diferente e, mesmo assim, sentia qualquer coisa dentro de si, tênue, muito tênue, que lhe recordava os palhaços e os desfiles, as cavalgadas desenfreadas

e os leões marinhos. Havia muita gente diante da tenda, faltava pouco para o início do espetáculo da noite. Panina Manina dirigiu-se à bilheteira e comprou o melhor lugar ainda disponível, pois tinha vindo de muito longe e naquela época era uma grande experiência para uma garota russa visitar um circo moderno em Munique. No caminho coberto que conduzia ao interior da grande tenda comprou um algodão doce, embora os outros espectadores achassem um pouco estranho que uma senhora tão elegante se sentasse na primeira fila a comer uma daquelas guloseimas. Mas Panina Manina estava firmemente decidida a provar o doce, que não era comum no seu país. O espetáculo começou com o grande desfile de todos os artistas de circo, a que se seguiram temerários números de trapézio, palhaços, malabaristas, cavalos e elefantes. De repente, num breve período de descanso entre dois números, ocorreu um caso muito estranho. Panina Manina perdeu o domínio de si mesma, trepou numa mureta e colocou-se no centro da pista, com o algodão numa das mãos e um chapéu de abas largas na outra. Começou a saltar e dançar, não como dança uma mulher adulta, mas dando saltos e cambalhotas pela pista, tão entusiasmada como uma criança que descobre a graça de dar saltos e se atirar para o chão. Por pensar que estava a presenciar o início de um novo número com palhaços, o público começou a rir; porém, quando os burgueses de Munique, que sempre gozaram da fama de serem muito afetados, se convenceram de que a senhora do chapéu estava louca ou bêbada, ou talvez drogada, começaram a vaiá-la. Panina Manina prolonga aquele êxtase durante mais alguns segundos, até que, de súbito, se vê diante de um homem imponente que está diante da orquestra e empunha um chicote de montar. É o diretor do circo. Panina Manina deixa-se cair sobre a serragem da pista e chora amargamente, pois nesse instante percebeu que estava se comportando de uma forma vergonhosa. Contudo, naquele exato momento, o diretor do circo compreende que aquela mulher histérica é a sua própria filha. Atravessa a pista em largas passadas, a garota olha para ele; e agora também Panina Manina se recorda de que é a filha do diretor do circo, pois nem sempre é possível calar a voz do sangue. O diretor do circo decide cancelar o resto do espetáculo, olha para o chefe da banda e pede-lhe que toque «Smile», do filme Tempos Modernos, de Chaplin. Depois manda o público para casa. Crê que está acabado como diretor de circo, porque a burguesia de Munique raramente perdoa um deslize seja de quem for, mas está feliz. Voltou a encontrar a filha e quer passar o resto da vida na companhia dela.

Beate não disse palavra enquanto durou a narrativa, estava como paralisada e, quando ao terminar olhei para ela, pareceu-me muito triste. Tentei animá-la, afinal o conto tinha um final feliz, mas não serviu de nada. Antes de começar a narrativa Beate tinha-me pegado na mão, mas não tardara a largá-la. Surpreendeu-me que pudesse ficar tão emocionada com um simples conto.

Estava taciturna e só abriu a boca quando, por fim, se decidiu a perguntar-me a idade. Respondi que tinha quarenta e oito anos.

— Quarenta e oito certos? — insistiu, num tom gélido, a sublinhar as palavras. Sentia-me incapaz de compreender que importância teriam uns meses a mais ou a menos, pensei que se interessasse por astrologia. Disse-lhe que era do signo do Leão e que fazia anos no final de Julho.

Começamos a caminhar em direção à cidade. Beate mostrava uma expressão resignada, ou, melhor dizendo, magoada.

— Tinha esperança de que eu fosse mais jovem? — perguntei. Ela negou com a cabeça. Disse que tinha vinte e nove anos. Justamente a idade de Maria naquele Verão de 1971, pensei. Maria estava agora de regresso. Era Domingo de Páscoa, o dia da Ressurreição, e Maria tinha ressurgido. Era uma idéia sedutora.

O estado de espírito de Beate tinha mudado completamente. Podia não fazer parte de uma conspiração, pensei, mas de qualquer forma devia ter ouvido falar da *Aranha*. Também estava ligada ao mundo dos livros e, além disso, confessara-me que escrevia. Provavelmente, não ouvira nada de lisonjeiro a meu respeito. Podia até ser filha de um dos escritores a quem eu tinha ajudado; recordei que um, pelo menos, vivia em Munique, um homem de uns cinqüenta e tal anos, de cuja família eu não sabia nada.

Uma situação difícil, que havia piorado, mas estava convencido de que poderíamos ultrapassá-la desde que descobrisse o que lhe causara aquele desgosto. Não era a primeira vez que tinha de superar dificuldades. Beate dissera que a mãe tinha falecido uns meses antes

e que mantivera com ela relações muito amistosas. Não era de estranhar que o seu estado de espírito se tivesse alterado. Também eu perdera a minha mãe, ainda que há muito mais tempo.

Passamos defronte de uma granja, onde havia um par de cães que não paravam de ladrar. Antes de descermos os últimos degraus que conduziam à estrada principal, Beate deteve-se e, olhou-me de frente.

— Não devia ter me contado essa história! — disse, e começou a chorar. Tentei consolá-la, mas afastou-me com um gesto brusco.

— Foi assim tão triste? — perguntei. Beate repetiu:

— Não devia ter me contado essa história. Foi uma estupidez, uma enorme estupidez!

Olhou-me, mas em seguida desviou os olhos. Estava a portar-se comigo como se eu fosse um fantasma. Ficara assustada e a culpa era toda minha.

Não entendia nada do que estava acontecendo. Gostava de estar com mulheres que não compreendia, mas a situação presente não tinha nada de agradável. Tive a certeza de que lhe havia remexido nalguma ferida. Como não conhecia o passado de Beate, admiti que talvez se tivesse sentido identificada com a filha do diretor do circo. Não era freqüente que um conto provocasse um efeito daqueles, mas o dia fora longo, um dia de muitas emoções.

Olhou-me de novo; desta vez os olhos dela dardejavam chispas.

— Temos que esquecer este encontro. Não devemos falar dele a ninguém!

Não entendi o que poderia motivar uma emoção tão forte. Já assistira a arrependimentos imprevistos antes, depois de alguns momentos de prazer, e considerara-os próprios do caráter feminino, mas aquilo era outra coisa. Beate não era do gênero de mulher que se envergonhasse de se ter deixado levar por uma trovoada. Se sentisse um arrependimento verdadeiro, teria guardado para si e não me atribuiria a culpa. A mulher que conhecera em Amalfi não era qualquer Mary Ann MacKenzie.

Repetiu, sem deixar de chorar:

— Temos que nos esquecer de tudo. Entende? Temos que prometer que jamais voltaremos a nos ver, jamais! — Como não respondi, continuou: — Será que não percebe nada? Ainda não percebeu que é um monstro?

O medo dela era contagioso. Talvez eu fosse um monstro, essa possibilidade não me era totalmente estranha. Já me tinha ocorrido que todos aqueles enredos e sagas familiares não eram mais do que partes do meu próprio tango macabro, que dançava com uma alma assustada.

Havia qualquer coisa que estava me escapando, algo de importante e de grave, de que

tinha me esquecido...

Beate deixara de chorar. Era valente, não era pessoa que chorasse para dar espetáculo. Tornara-se dura e fria. Não a conhecia, não sabia que cruz arrastava e agora se resguardara por trás de uma armadura impenetrável.

— Tenho medo. Tenho medo por nós dois — disse ela.

Talvez fosse aquela a chave. Talvez estivesse por dentro da conspiração contra mim, só que até então não soubera que eu era a *Aranha*, só descobriu quando lhe falei da ajuda que prestava aos escritores. Não o soube até que lhe contei aquela longa história da filha do diretor do circo e só tivera certeza depois que lhe disse a minha idade exata. Tinha olhado a *Aranha* nos olhos, e não vira apenas um par de olhos, vira vários. Sabia que a *Aranha* era um monstro, mas deixara-se seduzir pelo monstro antes de ter tido tempo de identificá-lo. Sabia da conspiração montada para o meu assassinio e agora sentia medo pelos dois.

Passamos diante da esquadra de polícia e atravessamos a cidade em silêncio. Das janelas e das pequenas varandas que davam para a rua pendia a roupa lavada dos amalfitanos: camisetas e sutiãs tremulavam ao vento como bandeiras de uma vida simples e normal. Para mim, todo este ambiente era tranquilizador, mas Beate caminhava cada vez mais depressa, a ponto de eu sentir dificuldade em acompanhá-la. Não se deteve até chegarmos à praia. Não sabia onde ela morava, mas os nossos caminhos iam ser diferentes a partir dali.

Pus-lhe a mão no ombro, mas senti-a gelar.

— Não entendo.

— Se não entende, também não vou repetir o que já te disse — retorquiu ela, fugindo da mão que eu lhe pusera em cima do ombro.

— Não voltaremos a nos ver? — perguntei.

— Nunca mais — respondeu. E acrescentou: — Talvez um de nós tenha que morrer. Não *compreende* isso?

Neguei com a cabeça. Ela estava fora de si. Vóltei a recordar-me de Mary Ann MacKenzie. Não sabia que demônio pusera à solta.

— Então, nunca mais — acentuei. Mas ela pensara melhor, porque disse:

— Talvez *tenhamos* que nos ver novamente. Nesse caso, terá de ser amanhã e essa será, sem margem de dúvidas, a última vez.

A frieza com que falou deixou-me assustado.

— Muito bem — anuí. — Vem almoçar comigo no hotel?

Fez um gesto de negação com a cabeça. Estava amargurada, muito amargurada, e acrescentou:

— Só daremos um passeio...

— De acordo.

— Podemos ir pelos montes... até Ravello.

Já tinha ouvido falar de Ravello. Foi numa velha mansão do povoado que Wagner compôs o *Parsifal*, pouco antes de morrer. O *Parsifal* foi a última obra de Wagner.

Tentei tirar-lhe mais alguma informação, pois ela estava muito afetada por aquilo. A mim também não sobravam mais forças. Já no funeral da minha mãe não consegui dizer nada, foi uma falha imperdoável. Desde então tinha vivido encerrado num labirinto. Eu mesmo tinha construído o labirinto, mas *agora* não sabia como sair dele.

Eu disse:

— Vivi uma vida miserável, vazia. É a única pessoa por quem senti alguma coisa, é a única pessoa de quem realmente gostei.

Teve um novo ataque de pranto. As pessoas já estavam a olhar para nós.

Tive uma idéia, talvez fosse a minha tábua de salvação.

— Ontem você disse que ia me falar do teu pai. Recorda-se?

Estremeceu. Pensou durante uns segundos e limitou-se a dizer:

— Já disse o suficiente.

Por um instante apoiou-se em mim, deixando que a cabeça repousasse junto ao meu pescoço, da mesma maneira que um cachorro se aninha junto da mãe, porque o mundo que o rodeia é muito grande para ele. Depois de tantas lágrimas e emoções senti-me cheio de ternura por ela. Abracei-a e beijei-a na testa, mas afastou-se com um empurrão e deu-me uma grande bofetada, logo seguida de outra. Não consegui ver se estava taciturna ou se sorria. Afastou-se de mim e desapareceu.

Não jantei. Nem conseguia encarar a idéia de me sentar na sala de jantar, mas, felizmente, tinha uns biscoitos e um pacote de amendoins no quarto. Sentei-me à escrivaninha para continuar a história da minha vida. Uma maneira de ordenar as idéias e, além disso, de me acalmar. Escrevi sobre o encontro com Beate em Amalfi e sobre os nossos passeios a Pontone e a Pogerola.

Estou a escrever há muito tempo; agora são duas horas. Passei um bocado à janela, a ver as ondas que se abatem sobre a Torre Sarracena. O homenzinho continua a passear pelo quarto. Enquanto agita a bengala de bambu, vai dizendo: *Chhh! Chhh!* Procuo não ligar, mas não consigo impedir que o Metro me contagie com a sua intranqüilidade.

São 2h30. Repasso uma vez mais pela mente tudo o que ocorreu nestes últimos dias, e sobretudo o que aconteceu no início da noite com Beate. Tenho frio.

São três horas. De súbito, ocorre-me uma idéia terrível. Sinto-me como se tivesse cometido um assassinio, como se despertasse depois de ter atropelado uma criança ao conduzir embriagado. Tenho frio. Estou agoniado.

Não sei se a imaginação está novamente a pregar-me peças. Tento tomar nota das idéias, mas tremem-me as mãos. Beate disse que a mãe dela faleceu de repente, no dia do próprio aniversário, limitou-se a deixar-se cair. E umas semanas depois encontro-me com a filha em Amalfi.

Não pode ser, a imaginação está de novo a brincar comigo.

O pulso bate-me muito depressa. Fui ao banheiro e bebi água da torneira, mas continuo a sentir náuseas.

Por que disse que eu era um monstro? Por causa da Ajuda ao Escritor? Ou foi por outra razão? Não me atrevo a concluir o pensamento. Jamais teria acabado uma das minhas sinopses de uma maneira tão terrível. Teria ultrapassado as minhas próprias fantasias.

Qual o motivo de não podermos nos ver nunca mais? Não o disse diretamente, mas insinuou que um de nós teria que morrer. Pensei que estava fora de si. Pedi-lhe que me falasse do pai só para ganhar tempo, mas ela estremeceu e respondeu-me que já tinha dito o suficiente.

Sinto náuseas, não por pensar em Beate; também não é por causa do encontro amoroso no Valle dei Mulini que me sinto mal. Sou o motivo da minha própria náusea, sinto-me enjoado de mim mesmo.

Voltei ao banheiro para beber água da torneira. Fiquei um bom tempo a contemplar o meu rosto no espelho. Tive de fazer esforços para não vomitar no lavatório. Também tenho as maçãs do rosto altas. Também herdei traços dos olhos de minha mãe.

São quatro horas. Tenho suores frios. A minha vida desmoronou-se por completo, só ficaram os ossos e a pele.

Tinha posto toda a minha esperança num futuro com Beate. E agora já não tenho qualquer futuro.

Beate só ficou verdadeiramente tensa depois de ouvir a história da filha do diretor do circo. Disse-me que não devia ter-lhe contado essa história, que havia sido uma estupidez, uma enorme estupidez da minha parte. Não disse que já a ouvira antes, mas talvez fosse isso que quis dizer, insinuou que eu não devia ter contado a história da filha do diretor do circo daquela outra vez, há muitos, muitos anos. Ainda que ela não se recordasse, era provável que a mãe lhe tivesse falado daquele estranho senhor que lhe havia enfiado o vestido enquanto lhe contava a história da menina que se perdeu nas profundezas dos bosques suecos e que, por isso, não conseguiu voltar para junto do pai.

A pobre Maria já não está viva, morreu no dia 19 de Fevereiro, no dia em que completou cinqüenta e oito anos. Não estava doente, mas o destino não quis que ela vivesse mais. Tinha vinte e nove anos quando Beate foi concebida e Beate tinha agora vinte e nove anos; não podia tratar-se de um mero acaso.

Maria só viveu até a idade em que a filha tivesse o mesmo número de anos que ela tinha quando, de um modo tão frívolo, permitiu que a Aranha a engravidasse. Então, tanto ela como a filha teriam encontrado o merecido castigo. O castigo pela vergonha, tão lógico quanto inevitável. Ao mesmo tempo, também eu me encontraria com a minha humilhação. Dessa maneira, os três voltaríamos a estar unidos na ignomínia e na desonra. Como se eu não soubesse que os elfos e os anjos da morte trabalham em estreita colaboração.

É provável que amanhã venha a saber mais acerca de Wilhelmine Wittmann, mas suspeito de que é Beate quem se esconde por trás desse curioso pseudônimo.

Maria dispunha de abundância de contos que pôde repartir com a filha durante os anos que viveram juntas. Talvez alguns servissem de histórias para antes de dormir, pois algumas das histórias que contei a Maria eram verdadeiros contos de fadas. Portanto, as histórias que contei a Maria não tardaram a conhecer um novo destino e agora Beate estava a servir-se delas, uma por uma, começando por *Das Schachbgeheimnis*, a que se seguiu *Dreifach Mord post mortem*. Maria não dera sinais de vida até a filha ser adulta e começar a escrever.

Beate sentira-se um pouco envergonhada por me contar que escrevia e eu devia ser o maior especialista do mundo nesse tipo de vergonhas. Não é de estranhar que alguém se sinta envergonhado por publicar como sua uma história que ouviu da boca de outra pessoa.

Triplo Assassinio Post mortem. Sinto um calafrio, assustado pelo meu próprio título. De certo modo, todos os três já recebemos um açoite do chicote da morte. Mas restamos dois, três se contarmos com o Metro.

Terei de pedir permissão para levantar a pobre menina que acaba de cair na pista. Caiu sobre a serragem e ali foi ultrajada pelo diretor do circo. Depois de todos aqueles anos de exílio tinha regressado para junto do seu próprio pai, mas este interpretou tão mal os ditames do destino que a ultrajou. Já tinha fugido de Bolonha, do grande circo do livro. Não haveria mais espetáculos.

É provável que, dentro de poucas horas, ouça a história de uma mãe e da sua menina de quase três anos de idade que, durante algum tempo, viveram na Suécia e que mais tarde foram viver na Alemanha. Ou talvez nem chegassem a viver na Suécia; talvez a filha de Maria tenha nascido na Alemanha, pois era aí que os seus pais viviam na altura; também tinha me esquecido disso.

O mal foi eu não ter sido mantido informado do que se passava. A tragédia foi a tentativa que Maria fez de se afastar da monstruosa teia de fios de seda, para evitar que a *Aranha* voltasse a abocanhá-la com as suas presas. Eu nem sequer devia saber o nome da menina, talvez o mais terrível dos equívocos. Qualquer pai deve saber o nome da sua própria filha.

Havia um erro mais recente e fora meu: tinha-me deixado cegar pelo palavreado de Luigi acerca de uma conspiração de escritores atraíçoados. Por isso não me havia apresentado devidamente a Beate. Não me havia ocorrido a possibilidade de voltar a encontrar-me com a *Boneca*. Nunca tinha imaginado aquela menina como mulher, tampouco me ocorrera pensar na idade que ela teria agora.

É noite, mas ainda ouço uma ou outra moto a passar pela estrada que corre ao longo da costa. Fico um bocado diante da grande janela, a olhar as luzes de um barco que navega ao longe, que desaparece de repente na cava de uma onda, para logo voltar a aparecer. A Lua está no minguante, mas desenha uma ampla franja prateada sobre a água.

Voltei a sentar-me à escrivânia. Estou a observar um ridículo cabide de pé alto que existe no quarto, parece um espantalho e faz-me sentir um pequeno pássaro.

Tudo o que desejo é viver como um ser humano. Desejo olhar para os pássaros e para as árvores, escutar os risos das crianças. Quero fazer parte do mundo, quero deixar para trás todas as fantasias e limitar-me a fazer parte do mundo. Para começar, tenho de pedir autorização para uma coisa tão comum como ser o pai da minha própria filha. Talvez o único desejo dela seja cortar relações comigo, o que não me será difícil de compreender. Sou culpado, mas não haverá uma ligeira diferença entre culpa subjetiva e culpa objetiva? O que fiz à *Boneca* foi uma imprudência, não foi intencional.

São cinco horas. Já não tenho forças. Não importa, porque não tenho mais nada que defender.

O gelo começou a estalar e já está a abrir-se a escura profundidade que existe abaixo da superfície. A partir de agora tenho de aprender a ser um peixe de águas profundas.

O Metro está defronte da lareira, exibindo uma expressão quase solene. Pôs a bengala no ombro, pela primeira vez, como se ela constituísse uma carga muito pesada. Olha para mim e diz:

— *E agora? Vamos começar a desfiar as recordações?*

Mas não penso que seja possível recordar-me com clareza de qualquer coisa que aconteceu quando tinha apenas três anos. Olho para o homenzinho e digo:

— Não consigo exprimi-lo em palavras. Já me esqueci da língua que falava na altura. Há uma criança pequena que grita numa linguagem que já não entendo.

O homenzinho pergunta:

— *Mas recorda-se de alguma coisa?*

— É como um filme — respondo. — É como se tudo não passasse de uns metros de película.

— Então, escreveremos a sinopse a partir desses metros de película — decidiu o Metro.

Engulo a saliva. Esta será a última de todas as sinopses, penso eu, ao começar a datilografar.

Oslo, meados da década de cinquenta, Outono. Petter, de três anos, vive com os pais numa casa moderna, num bloco de apartamentos. O pai trabalha no depósito central da garagem de carros elétricos, no bairro de Grefsen, e a mãe trabalha na Câmara Municipal, com horário reduzido.

Imagens de uma idílica vida familiar, doze a quinze minutos de um piquenique nas margens do lago de Sogn, excursão de domingo a Ullevålseter, etc. Imagens do pai e da mãe a cumprimentarem o novo vizinho do andar inferior. O vizinho tem um cão labrador.

Manhã cedo: Petter e o pai estão junto à entrada, preparados para sair. A mãe (de

robe) sai da cozinha com dois embrulhos: almoço para os dois. O de Petter é metido numa pequena mochila azul, que é colocada aos ombros do menino, que a fecha com um fio. A mãe brinca com Petter, abaixa-se e beija-o. Endireita-se, dá um breve beijo na boca do pai e deseja-lhe um bom dia.

Petter e o pai sentados no ônibus. Petter pergunta ao pai o motivo de ter que ir para o jardim da infância. O pai diz que tem de ir trabalhar, fazer o possível para que todos os carros elétricos circulem em boas condições, que a mãe tem de ir à lavanderia e depois ao cabeleireiro. Petter diz que podia acompanhar a mãe à lavanderia e ao cabeleireiro, mas o pai contrapõe que Petter também tem de ir trabalhar. O seu trabalho consiste em ficar no jardim da infância e em brincar com as outras crianças. O pai fica uns instantes pensativo e assegura ao filho que as brincadeiras das crianças são tão importantes como o trabalho dos adultos.

Quando chegam ao jardim da infância encontram um aviso colado na porta, em que se diz que o jardim da infância está fechado porque as duas professoras estão doentes. O pai lê o aviso em voz alta para Petter, lhe pega pela mão e diz que vai acompanhá-lo até em casa. Passam por uma charutaria e compram pãezinhos acabados de fazer, umas fatias de presunto, um pacote de pepinos pequenos em vinagrete (marca NORA) e cem gramas de salada russa. O pai diz que não vai dispor de tempo para comer todas aquelas coisas boas, que as comprou para Petter e para a mãe.

Petter e o pai de novo no ônibus. Estão ambos de bom humor, Petter esmaga a face contra a janela e vai observando as pessoas, os automóveis (pelo menos um táxi), as bicicletas e um cilindro compressor (isto é, o grande mundo que está para lá do círculo familiar).

No caminho desde a paragem do ônibus até casa, o pai assobia a melodia «Smile», do filme *Tempos Modernos*, de Chaplin.

Sobem a escada. Petter está satisfeitíssimo por voltar para casa, para junto da mãe. O pai abre a porta do apartamento com a chave. Assustada, a mãe sai precipitadamente do quarto, a cobrir-se com o robe, pois está nua. Pânico.

Ponto de observação de Petter, a um metro de altura: os pais gritam e dizem coisas terríveis. Petter também grita, tentando fazer com que os adultos falem mais baixo. Refugia-se na sala, onde encontra o novo vizinho a levantar-se do grande tapete, também está sem roupa, que se encontra abandonada em cima do puff persa que está diante da estante, onde se vê um velho aparelho de rádio (marca Radionettej, mas o homem cobre-se com uma partitura musical (por exemplo: a antologia Ópera Sem Palavras).

Uma cena tipo cinema mudo, com muitos gritos (vista do ponto de observação de Petter), mas sem palavras compreensíveis. Os pais entram na sala de estar. O pai esbofeteia a mãe e esta cai e parte a cabeça ao bater no velho piano branco. Começa a sangrar da boca. O vizinho tenta intervir, mas o pai arranca o telefone da parede e atira-o na cara; o vizinho leva a mão ao nariz. Todos gritam, incluindo Petter. Só se ouvem palavras feias, muito feias. Petter tenta sobrepor-se aos adultos e grita as obscenidades mais fortes que conhece.

Petter desata a chorar. Sai, escada abaixo, a correr. Toca todas as campainhas, sem parar de gritar: POLÍCIA!, BOMBEIROS!, AMBULÂNCIA!, POLÍCIA!, BOMBEIROS!, AMBULÂNCIA!

Volta a entrar pela porta principal e desce ao porão. Sobre a porta que conduz ao porão lê-se «Abrigo», em letras verdes fosforescentes. Abre a porta e esconde-se atrás de umas bicicletas. Fica sentado, imóvel.

Petter continua enroscado atrás das bicicletas. Passou muito tempo.

A mãe entra no porão e encontra-o. Choram ambos desconsoladamente.

O menino não se recorda de mais nada e eu não posso forçá-lo. Nem posso ter certeza de que as suas recordações sejam autênticas.

O Metro deixou cair a bengala, ou largou-a para sempre, pois não faz qualquer gesto para recuperá-la. Fica a olhar para mim, com uma expressão nostálgica, triste. E depois diz:

— No momento, é melhor que fiquemos por aqui!

No mesmo instante desapareceu. E não voltei a vê-lo.

O pavimento que estou a olhar é feito de mosaicos verdes e encarnados, e ponho-me a contá-los.

Delimitei um quadrado de quatro mosaicos. Destacam-se de tal maneira que parecem obscurecer o resto do pavimento, mas são muito monótonos para que me concentre neles durante muito tempo. Isolo nove mosaicos, três vezes três são nove. Também esta combinação resulta muito pobre, pois como é que nove mosaicos me vão dizer seja o que for? Delimitei um quadrado de dezesseis mosaicos, com cada unidade cerâmica a fazer parte de um conjunto superior, que eu conheço, mas eles não. O que também não interessa porque, entretanto, isolei um quadrado composto por vinte e cinco mosaicos. Escrevo B, E, A, T e E nos cinco mosaicos de cima, tentando configurar um quadrado mágico com as cinco letras. Também tento com M, A, R, I, e A, mas ambas as idéias me parecem tão complicadas que decido deixar a solução para mais tarde.

O chão é tão grande que não tenho dificuldade para formar um quadrado com trinta e seis mosaicos, bastando para isso afastar um par de sapatos. Os trinta e seis mosaicos pertencem ao hotel, mas o seu significado profundo só a mim diz respeito. E provável que nenhum dos hóspedes que já ocuparam este quarto tenha reparado neste quadrado tão harmonioso, só eu consegui elevá-lo a um plano superior, aos domínios do espírito e da contemplação. Esse plano superior não está no pavimento, pois se encontra a salvo dentro da minha cabeça. Os trinta e seis mosaicos do pavimento podem pedir de empréstimo um quadrado imaginário à minha alma. E julgo-me generoso por me prestar a manter este gênero de contabilidade. Corro os olhos pelos trinta e seis mosaicos, na vertical, na horizontal e longitudinalmente. Os mosaicos não se apercebem de que estão a ser analisados. Comecei por concentrar-me no mosaico número treze, o primeiro da terceira fila. Tem uma pequena fissura no canto inferior esquerdo, o que não deve preocupá-lo nada, penso eu, pois é difícil encontrar um mosaico que não tenha um ou outro defeito. Os mosaicos estão tombados de costas, com o nariz a apontar para o teto, de modo que não conseguem verem-se uns aos outros; juntos, cobrem toda a divisão, mas não precisam manter relações entre si; neste preciso momento, a sua única relação é comigo e eu, pela minha parte, contemplo-os um por um. Se fizer uma diagonal no mosaico número treze e o dividir em duas partes iguais, obtenho dois triângulos retângulos — isósceles, sem dúvida —, mas não mexo um dedo, não sou o gênero de pessoa que mexa no que está, embora pense que se continuar a olhar este mosaico com intensidade suficiente possa fazer que ele rache. Concentro-me de novo na totalidade do tabuleiro de seis por seis mosaicos. Podemos fazer muitas coisas com seis por seis mosaicos, muitíssimas; poder-se-ia, por exemplo, escrever um conto para cada um deles; acho que não seria difícil.

Afasto uma cadeira do caminho e passo a poder concentrar-me num conjunto de quarenta e nove mosaicos. Posso vê-los todos de uma vez, sem necessidade de desviar os olhos; creio que devo ter um talento especial para observar mosaicos. Estou particularmente satisfeito com este último quadrado, pois sete por sete mosaicos constituem a verdade absoluta, nada menos do que a solução da própria existência. A essência da vida é um quadrado composto por quarenta e nove mosaicos verdes e encarnados, no quarto número quinze do Hotel Luna Convento, em Amalfi. Dou uma olhada no cabide, mas logo tenho de desviar os olhos para o chão, para voltar a olhar o quadrado, que entretanto não se deslocou nem um milímetro, o que acontece porque tenho aquela forma firmemente gravada na mente, uma forma que não existe no chão, pois que é criada no espírito de quem olha para ela. Mesmo que alguma vez seja metido numa prisão, não penso que me aborreça desde que possa voltar a recordar-me deste quadrado de quarenta e nove mosaicos. Se traçar uma diagonal imaginária desde o canto superior direito, isto é, do extremo do mosaico número sete, até o canto inferior esquerdo, onde se encontra o mosaico número quarenta e três, fico com dois triângulos, isso já foi dito, pois é exatamente como dividir um mosaico, um quadrado é um quadrado. Cada um dos triângulos tem dois catetos iguais à soma de sete comprimentos de mosaico. A soma dos quadrados dos dois catetos é de noventa e oito comprimentos de mosaico, mas não sou capaz de calcular a raiz quadrada de noventa e oito. Vou à mala e procuro a calculadora. A raiz quadrada de noventa e oito é 9,8994949. A hipotenusa dos dois triângulos é, portanto, 9,8994949 comprimentos de mosaico. Bom, ficamos sabendo qualquer coisa, mas parece-me esquisito que a diagonal de sete por sete mosaicos possa produzir um número tão feio. Quase diria que é uma emboscada, mas o caos sempre mostrou a tendência para destruir o mundo a partir de dentro. Além disso, noto agora qualquer coisa que não se ajusta, como se houvesse fantasmas em atividade por entre os mosaicos, que certamente não é mais do que o espírito que voa sobre eles, mas não posso dividir quarenta e nove por dois. Então, como é que os mosaicos se dividem em igual número de verdes e encarnados? Sinto-me confuso, começo a duvidar da minha própria sanidade mental.

Sou salvo por uma ordem ainda mais elevada: um quadrado de sessenta e quatro mosaicos, mas para consegui-lo tive de desviar um pouco a escrivãzinha de Ibsen, muito pesada, cujo arrastamento provocou um barulho que, no meio da noite, se assemelhou ao de um trovão. Como não tenho dúvidas de que oito vezes oito são sessenta e quatro, agora disponho de trinta e dois mosaicos encarnados e trinta e dois mosaicos verdes no quadrado, pelo que, sem mexer um dedo, consigo restaurar o equilíbrio absoluto entre o verde e o encarnado. Além do mais, a partir de agora poderei jogar xadrez. Talvez essa sempre tivesse sido a minha intenção: jogar xadrez. Sou bom em jogar xadrez contra mim mesmo, sempre fui: primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima e oitava filas. Coloco as peças brancas na primeira fila: a, b, c, d, e, f, g e h. É fácil, controlo todo o tabuleiro, consigo ver todos os quadrados num só olhar. Coloco as peças, uma a uma, sobre o tabuleiro, não tardo a

vê-las nitidamente, são feitas de alabastro negro e branco, bastante grandes, com as maiores — os reis e as rainhas — a medirem mais de trinta centímetros de altura.

Sou o rei branco e estou colocado na primeira fila. Indicam-me o meu lugar, numa casa encarnada, 1E, como está escrito no meu bilhete, um ótimo lugar na primeira fila de poltronas, como não podia deixar de ser. No grande palco que está à minha frente estão dispostas todas as demais peças e irrita-me um pouco a fileira cerrada dos meus próprios peões; estão muito perto de mim e cheiram mal, mas mais acima, à esquerda, vislumbro a rainha preta, em 8D; também lhe foi dado um mosaico vermelho para se colocar, igualmente bem localizado, penso. Cumprimento-a com um gesto da mão esquerda e ela devolve-me discretamente a saudação. Na cabeça traz uma coruscante coroa de ouro maciço.

As peças já estão nos seus lugares; é dado início à partida. Saio com uma abertura normal de peão de rei: e2-e4 e ela dá a resposta adequada, com e7-e5. Movo o cavalo para proteger o peão: b1-c3, para dar lugar a um movimento surpreendente dela, pois leva a rainha de d8 para f6. Porquê? É agressiva. Que atrevida! Movo o peão de d2 para d3 com o objetivo de proteger o peão de e4, e ela responde movendo o bispo: f8-c5. Em que é a senhora estará pensando? Volto a mover o cavalo e ameaço a rainha, faço-o para forçá-la a recuar: ce-d5. É então que aquilo acontece, sem que eu tenha possibilidades de evitá-lo: a rainha move-se e toma um peão, f6 toma f2. A rainha preta está muito perto e põe-me em cheque, cheira a ameixas e a cerejas, mas não posso tocar-lhe, o que é terrível. Cometi o maior dos erros que o jogador de xadrez pode cometer, não programei o movimento seguinte e, além disso, não tive em conta os movimentos anteriores. Esqueci-me de que a rainha tem um passado, que é de linhagem nobre, que a sua casa é forrada de seda e que dispõe de um bispo secreto na diagonal de c5, e que ele, chegado o momento da verdade, protege a rainha e evita que seja derrotada. Deu-me xeque-mate!

Foi uma partida curta, muito curta. A rainha preta derrotou-me. Sou culpado, não por vontade própria, mas devido a uma grave imprudência. Sinto vergonha. É isso, sinto vergonha; eu que sempre afirmei que as pessoas já não têm vergonha, na primeira oportunidade cometo o ato mais vil que um homem pode cometer.

Deixei-me cair na cama e dormi umas duas horas. Ao abrir os olhos foi como se despertasse para o primeiro, ou para o último, dia da minha vida. Tive um bonito sonho, em que uma menina vinha ter comigo, trazendo na mão um grande ramo de flores. Estava no lago de Sogn, ou foi na Suécia, junto a um dos grandes lagos? Mas tudo não passou de um sonho.

Voltei a sentar-me à escrivaninha; são nove horas. A mala está feita e dentro de minutos vou descer para pedir a fatura. Se Beate não me permitir que deixe a sacola de mão em seu poder, irei à esquadra para ver se posso deixar ali. Não o deixarei no hotel. Não gostaria de ter que voltar aqui.

Sinto que estou esquecendo de um pormenor importante. Ah, já me recordo! A que horas, e onde, tinha de me encontrar com Beate? Não chegamos a combinar nada. Seja como for, tenho que sair daqui, tenho de fugir da minha própria consciência.

Deixo o computador portátil no quarto. Vou dá-lo como perdido, ou deixo-o simplesmente, de forma a que as pessoas perguntem porquê. Apaguei todos os ficheiros que devem desaparecer, mas não apaguei aqueles que têm de ficar. São muitos. Há muitas obras completas, sinopses e idéias em abundância, suficientes para dezenas de obras, ou mais. Posso colocar uma nota junto do computador, a dizer que as idéias pertencem a todos os escritores do mundo. Por favor, sirva-se, é tudo de graça! Pelo que me diz respeito, podem fazer o que quiserem, podem continuar a entreterem-se como lhes apetecer.

Mas mudo de idéia. Escrevo: «Para Beate» num papel amarelo que prendo ao computador. Quanto a mim, apenas desejo converter-me num ser humano normal. Só desejo contemplar as aves e escutar as risadas das crianças.

Alguém bate à porta.

— Um momento — peço, mas logo a seguir ouço a voz de Beate. Diz que me espera em baixo, no jardim.

É o primeiro, ou será o último, dia da minha vida. Não sei se deva esperar que suceda o milagre. Assino isto e saio. Está tudo pronto. Pronto para o maior dos saltos.